

No Solar dos Ritmos

Maracatu Cearense



Catherine Furtado
Pingo de Fortaleza

No Solar dos Ritmos

Maracatu Cearense

Catherine Furtado
Pingo de Fortaleza

Premiado no Edital Ceará da Cidadania e Diversidade Cultural
Área: Museus comunitários: memória e patrimônio - SECULT-CE

No Solar dos Ritmos: Maracatu Cearense

Copyright © João Wanderley Roberto Militão (Pingo de Fortaleza), 2023

© Catherine Furtado dos Santos, 2023

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Idealização e Coordenação Geral: Pingo de Fortaleza

Textos: Pingo de Fortaleza e Catherine Furtado

Partituras: Catherine Furtado e Jean Brito

Foto Capa: Chico Gomes

Foto Contracapa: Papinha Rodrigues

Fotos Internas: Acervo Solar

Revisão de texto: Rodrigo Oliveira

Produção Executiva: Arnobio Santiago

Apoio: Tieta Pontes e Cláudia Gomes

Programação Visual: Léo de Oliveira

Produção: Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR

Impressão e acabamento: Expressão Gráfica e Editora

arte@expressaografica.com.br

(85) 3464-2222

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F 992 n Furtado Catherine

No solar dos ritmos: maracatu cearense / Catherine Furtado,
Pingo de Fortaleza - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora /
Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR, 2023.

192 p.

ISBN: 978-65-5556-700-7

(Pingo de Fortaleza pseudônimo usado para João Wanderley
Roberto Militão.)

1. Maracatu cearense 2. História e memória 3. Festas
folclóricas I. Militão, João Wanderley Roberto II. Título

CDD: 394

Programa

“...o meu tambor ainda toca, dentro e em qualquer lugar, pra seguir e caminhar, viver e se curar..”

Pingo de Fortaleza

<i>Aos que caminharam nessa luz, oferecemos em memória: ...</i>	5	<i>Pra solar bem forte a bola no Solar em 2014.....</i>	89
<i>Aos que fizeram Ecoar Esse Solar Dos Ritmos, agradecemos:.....</i>	6	<i>Solar entra na fase dos orixás em 2015 com "Oxum de Mim".....</i>	96
<i>Notas Iniciais Solos dos Autores</i>	7	<i>Quem é Ogum no carnaval Solar de 2016.....</i>	105
<i>Um Solar Maracatu Cearense.....</i>	11	<i>Um Solar afoxé com um Ijexá para Yansã em 2017</i>	117
<i>Depois de muitas experimentações musicais, assim como depois da poeira espacial, surge o Solar</i>	13	<i>O Solar sobre as bênçãos e o Axé Oculto de Ossaim em 2018.....</i>	124
<i>O primeiro ano Solar e um ajuntamento providencial de estrelas (2006/2007).....</i>	36	<i>Um Solar Para Minha Mãe Yemanjá em 2019</i>	134
<i>O Solar entre o Beato Negro do Caldeirão, a Noite Azul e a queda da arquibancada do carnaval em 2008</i>	45	<i>O Sol ainda há de brilhar entre as palhas que cobrem nossas feridas - Uma premonição da pandemia de 2020 no carnaval do Solar</i>	144
<i>Um Festival entre Estrelas e um Solar Pelo Mundo em 2009</i>	55	<i>De Um Tempo Mais que Solar no não-Carnaval de 2021</i>	156
<i>Da dor surge um São Jorge Solar em 2010.....</i>	60	<i>Solar com Oxumaré - Um tema do não-carnaval de 2022 que mudou a maré no carnaval de 2023</i>	162
<i>Riscou no Céu uma Estrelinha no Solar em 2011</i>	67	<i>Notas Finais Solos dos Autores</i>	172
<i>Nossos "Griôs e Tuxauas" alumiam o Solar em 2012</i>	73	<i>Um Colorido Solar dos Ritmos Ano a Ano</i>	176
<i>Uma grande Kizomba com a não obrigatoriedade do negrume no Solar em 2013</i>	79		

Aos que caminharam nessa luz, oferecemos em memória:

Angela Christiany Nobre Palácio

Cricia Cristina Pontes Pinheiro Falck

Delano Rios

Erika Chistina Avelar Falcão

Jorge Ramos

Luiz Murta

Marta Rocha

Michele Militão

Pai Wagner

Washington Costa



Aos que fizeram Ecoar Esse Solar Dos Ritmos, agradecemos:

A Todos os Brincantes do Solar que sempre alumiararam com suas luzes esse grupo de maracatu, desde sua fundação, em 2006 até esse meados de 2023.

Agradecimentos Pingo de Fortaleza

6

Aos meus pais em memória
(João Militao e Maria de Lourdes)
Aos meus irmãos
Regina Elisabete e Paula Militao
A minha companheira
Claudia Gomes de França
Aos meus Filhos
Iara Roberto
Teui Militao
Aitan Militão
Iarin Militão
Caique Militão
Maria Militão

Agradecimentos Catherine Furtado

Aos meus familiares
Socorro Furtado
Djalma Barbosa
Djeanne Furtado
Roger Furtado
Luciane Cavalcanti
Gabriel dos Santos
Bernardo Santos
Diógenes Barbosa
Lúcia Tomé
Denise Barbosa
Avós maternos e paternos (em memória).



Notas Iniciais Solos dos Autores

Um Nota Solo Para Um Ritmo Tocado A Dois

Sempre gostei de produzir em parcerias e coletivamente, minha carreira é marcada por projetos culturais tocados por muitas mãos. Nesse Solar dos Ritmos dou prosseguimento as minhas iniciativas no campo da pesquisa, produção e difusão da cultura do maracatu cearense ao lado da Dra. Catherine Furtado, amiga e brincante Solar, que conheço e dialogo musicalmente desde muito tempo, quando ainda era estudante do curso de música da Universidade Federal do Ceará (UFC), instituição na qual atualmente é professora e desenvolve o projeto inclusivo de música percussiva intitulado “Casa Caiada”.

A partir do ano de 1999, quando me institucionalizei na cultura do maracatu cearense ao ingressar no grupo de Maracatu Az de Ouro, a convite de seu presidente Marcos Gomes, tenho procurado aprender o vasto universo dessa manifestação e suas

implicações antropológicas, históricas, culturais e artísticas. Nesse processo convivi com muitos mestres e griôs como mestre Juca do Balaio, Mestre Zé Rainha e nosso Griô Solar Descartes Gadelha, dentre outros que foram me repassando em nossas convivências suas visões, saberes e práticas do Maracatu Cearense.

Nesses anos produzi dois livros sobre esse segmento cultural (Maracatu AZ de Ouro – 70 Anos de Memórias, Loas e Batuques e Singular e Plural – A História e a Diversidade Rítmica do Maracatu Cearense – ambos disponíveis no site Digital da Música Cearense), algumas trilhas para documentários, como para o curta Maracatu Fortaleza de Petrus Cariry e alguns eventos tendo como referência o Maracatu Cearense, tais como o “Brincar de Maracatu”, que acontece, desde 2013, durante o ciclo carnavalesco na cidade de Fortaleza.

De 2009 a 2011 coordenei o Ponto de Cultura “Fortaleza dos Maracatus”, vinculado a Associação



Solar, que teve como professora de música a amiga Catherine Furtado. Catherine regeu o maracatu Solar, em 2018, na gravação ao vivo do seu DVD intitulado “..Um Cada Um...Um Cada Sol...” que contou com minha idealização e direção.

Por estar sempre interagindo com Catherine Furtado no campo da música e das produções culturais, esse “Solar dos Ritmos” concebido e escrito em parceria com essa musicista que transita muito bem entre a academia e a dinâmica do fazer

artístico que pulsa nas ruas é um movimento natural e uma iniciativa que nasce de nossas vivências e trocas de saberes e práticas.

Rescrever um pouco da história do maracatu Solar ao lado da Dra. Catherine Furtado e colaborar com a construção da memória do Maracatu Cearense através desse Solar dos Ritmos me faz pulsar de alegria e espero que essa pulsação de vida chegue a “..Um Cada Um...Um Cada Sol...” que tiver acesso a essa obra.

Pingo de Fortaleza



“ENTÃO VAMOS CRIAR O MARACATU SOLAR AQUI E DO NOSSO JEITO!”

“Então vamos criar o Maracatu Solar aqui e do nosso jeito!” É com essa fala dita por Pingo de Fortaleza, em 2006, sobre a fundação do Maracatu Solar como nos conta no decorrer deste livro que eu começo as notas de aberturas para esta conversa rítmica Solar. A expressão “do nosso jeito” é forte, vibrante e batuqueira! É! É - MA- RA-CA-TU! Quem vive Maracatu Solar, sabe disso! Esse saber-batuque que nos esquentava, vibra, pulsa e brilha para todos(as) (es). São os tambores de “um cada um ... um cada sol”, irradiando criatividade e Vida em nosso universo musical. Trovejados de bumbos, embalados das caixas com esteiras, rompantes das alfaias, balançar dos agbês, obstinatos dos agogôs e xequerês, frenéticos maracás de santo e o “tintilar” dos ferros são as sonoridades percussivas criadas, inventadas, mexidas e remexidas pelos(as) brincantes, regentes, griôts, dançarino(as) e todos(as)(es) desse organismo humano e cultural que compõe o Maracatu Solar. Inovações e tradições se juntam na sonoridade da Orquestra Solar de Tambores, batucando vários ritmos do repertório Solar, tais como: Solene, Baobab/5 Toques, Baião de Maracatu, Côco de Maracatu, Samba de Maracatu, Cabula, Toques aos Orixás, Ijexás entre vários outros da nossa ancestralidade, presente e futuro. Mesmo assim, ainda há quem pergunta por total desconhecimento: “E tem Maracatu no Ceará?”. Sim! Temos e sempre tivemos. Por isso, somos em meio a toda essa orquestração musical “Singular e

Plural”, costurando e desfilando com a nossa história e nossa diversidade rítmica do Maracatu Cearense. As mudanças dos andamentos - lento e acelerado - também é característica central para apreciarmos os toques do batuque solar, tensionando inclusive aos que ditam apenas o andamento lento como única forma de execução do ritmo solene. Para esse ponto, reforço a importância de possibilitarmos sempre um campo musical acessível, com estudos, oficinas, ensaios e desfiles para que tenhamos a sensibilidade em querer escutar as diversas potências (ancestrais, presentes e futuro) encruzados aos próprios desafios da “inventividade” musical-humana. Dessa forma, nesse trabalho escrito, em um estilo mais informal de conversação, a tod(os)(as)(es) interessados(as) (es) sobre o batuque solar, espero contribuir através das breves notas e partituras (elaboradas com o auxílio primoroso de um dos atuais regentes do Maracatu Solar, Jean Brito, professor, batuqueiro, regente e dançarino) para que nosso repertório rítmico do Maracatu Cearense, nesse caso, em especial, o Solar, possa ter alcances amplos para difusão e conhecimento das diversas dimensões musicais e culturais inerentes dessa rica e majestosa manifestação da cultura brasileira, o Maracatu Cearense. Lembrando em intensidade “fortíiiiiissima” que as partituras aqui trazidas são apenas uma das várias formas de registros para cultivarmos nossos arquivos e demais trabalhos, mas estamos certos que esse material não tem a pretensão de contemplar toda a infinitude da estética musical, orgânica e viva do batuque solar. Essa experiência musical mais



completada só acontece em campo, na vivência do próprio terreiro do batuque com os brincantes e mestres(as). Além disso, tais partituras são apenas sínteses de todo um trabalho construído pelo vívido fluxo dos ensaios, desfiles, cortejos e apresentações, sendo ensinados e aprendidos, principalmente, pela transmissão dos saberes através da Oralidade, Corporalidade e Improviso de fundamental importância no campo da Música Percussiva e da Cultura Popular Brasileira.

Catherine Furtado



Um Solar Maracatu Cearense

Mas antes de começar o mergulho nas minhas memórias no universo do maracatu, desde minha infância até os dias atuais, gostaria de fazer uma reflexão sobre a essência, a origem e o significado dessa manifestação do maracatu especificamente do Maracatu Cearense. Usarei daqui por diante a nomenclatura Maracatu Cearense para designar essa manifestação que acontece no estado do Ceará, especificamente na cidade de Fortaleza. Essa manifestação cultural que se traduz através de um cortejo simbólico de coroação de uma rainha negra, com a presença de diversos personagens e alas (conjunto de personagens afins) que bailam ao som de um batuque percussivo entoando loas (canções temáticas de cada grupo) se constitui por meio de grupos que se organizam e se apresentam durante todo ano, tendo como ápice o ciclo carnavalesco, quando apresentam novos temas e enredos em seus desfiles e cortejos. As primeiras notícias desses grupos no Brasil se dão no estado de Pernambuco no

final do séc. XVIII e início do séc. XIX. Já no Ceará os primeiros relatos desses grupos são feitos por cronistas que afirmam que eles já se apresentavam no entrudo de Fortaleza (carnaval na época) no final do século XIX. Para alguns historiadores e antropólogos o maracatu é resultante das antigas coroações simbólicas de Reis do Congo, quando negros escravizados eram coroados nas igrejas católicas por meio das irmandades dos homens pretos, desde algumas cidades de Portugal no séc. XVII e que essa prática teria migrado para o Brasil. Originário direta ou indiretamente dessas coroações nos processos mutantes culturais, a estrutura e a historicidade dessa manifestação revelam sua matriz cultural africana e sua relação direta com as práticas religiosas dos povos originários da África acentuando que o maracatu tem sua essência nos terreiros desses povos escravizados no Brasil, quando de alguma forma em suas dinâmicas de resistências migraram e se estabeleceram no carnaval, esse espaço amplo e



privilegiado da cultura brasileira. Como os registros dos maracatus no estado de Pernambuco são mais antigos do que os cearenses, durante muito tempo se repetiu a versão de que o Maracatu Cearense teria vindo de Pernambuco. Claro que é natural da cultura o diálogo, a troca de experiências e informações no tempo e espaço, contudo os grupos citados pelos cronistas existentes em Fortaleza no final do séc. XIX (dos quais infelizmente temos poucas informações) já revelam características próprias (João Nogueira fala da pintura no rosto). A confusão da origem do Maracatu Cearense se acentua com a criação do embrionário (que dará origem a muitos outros grupos de maracatus em Fortaleza) maracatu carnavalesco Az de Ouro por Raimundo Alves Feitosa (Raimundo Boca Aberta) em 1936, pois Raimundo viveu em Recife de 1930 a 1933, e, com certeza, vivenciou a cultura carnavalesca pernambucana, mas Boca Aberta já era brincante de congos e de outras manifestações culturais fortalezenses, experiência comprovada por exemplo na gravação que participou em 1944 para o musicólogo mineiro Artur Correia de

Azevedo, interpretando canções de coco, maracatu e congo, além de ser brincante da Nau Catarineta, fato revelado por Raimundo em entrevista na década de 1950. Por fim podemos afirmar que o Maracatu Cearense contemporâneo tem sua essência nos terreiros das macumbas cearenses (designação da prática religiosa de matriz africana no Ceará) e que pode ou não ter dialogado com as coroações dos congos da irmandade dos homens pretos da nossa igreja do Rosário (a mais antiga de Fortaleza) que existiu na segunda metade do séc. XIX, e que é frutos das sínteses culturais do estado do Ceará em diálogo com a dinâmica cultural universal que não para, e que os grupos de maracatus existentes na cidade de Fortaleza (atualmente em torno de 15) traduzem essas dinâmicas através de suas organizações e estéticas artísticas coletivas e particulares. É preciso também registrar que nos últimos 10 anos, surgiram muitos grupos de maracatus em outras cidades do estado do Ceará, muito em função do estímulo do edital de carnaval da SECULT-CE.



Depois de muitas experimentações musicais, assim como depois da poeira espacial, surge o Solar

Muitas vezes sou traído por minha memória. Sou daqueles que assistem a alguns filmes e certo tempo depois os assistem novamente, como se nunca o tivessem visto. Por outro lado, determinados fatos vividos por mim ficam estampados em minhas lembranças como uma clara e contrastante fotografia, na qual consigo visualizar detalhes e nuances de sua composição. É assim com a fotografia que guardo do dia que minha invencionice vaticinou a criação do Maracatu Solar. Penso já há algum tempo que as ideias humanas e suas ações proliferam quase sempre resultantes de processos acumulativos de vivências e reflexões individuais e coletivas, e a idealização do Maracatu Solar passa diretamente pela minha experiência no universo das produções culturais e por minhas relações com parceiros, amigos e instituições desse segmento.

Para compreender minimamente a criação do Maracatu Solar é preciso conhecer um pouco

destas minhas experiências artísticas, que assim como a poeira espacial que silenciosamente foi se transformando para dar origem ao Sol, foram estas que acabaram me propiciando ter a ideia e o impulso de propor essa a criação.

Minha primeira lembrança do Maracatu Cearense (vou sempre usar essa nomenclatura, pois o Maracatu Cearense é um gênero de maracatu distinto dessa manifestação que também está presente em outros estados brasileiros, como por exemplo em Pernambuco) não vem de ter visto em minha infância e adolescência algum grupo de maracatu em minha cidade Fortaleza (da qual carrego no nome). Sabemos que esses grupos estão presentes na capital cearense desde o final do século XIX, como afirmam alguns cronistas cearenses (tema que tratei em meus dois livros anteriores sobre este assunto), mas não tive o privilégio ou não lembro de tê-los visto nas primeiras fases de minha vida (pode ser um destes



filmes que assisti e esqueci), mas sim de ter escutado algumas músicas que citavam essa palavra e que me remetiam a um determinado ritmo específico. Andava aí pelos 15 anos, por volta de 1978, no meu querido e amado bairro periférico do José Walter, quando um amigo e professor de nome Paulo Gois ajudou de forma voluntariosa em um cursinho um grupo de estudantes dali (e eu era um deles) a estudar para ingressar através de concurso na ETFCE - Escola Técnica Federal do Ceará (olhe que passei mesmo!). Na ocasião, tive acesso a alguns discos da MPB e entre estes raros LPs estavam muitos do cantor e compositor alencarino (do Ceará, terra de José de Alencar) Ednardo.

14

Ednardo gravou em seu primeiro disco solo de 1974 a canção “Pavão Misterioso”, que foi tema de abertura da novela “Samaramandaia” da Rede Globo em 1976, e através dessa canção tive meu primeiro contato com um ritmo mais usual do Maracatu Cearense (ainda sem saber nada dessa manifestação). É justo essa referência de ritmo que venho, em meus livros, usando para designar com as nomenclaturas “solene” ou “de coroação” (em substituição ao termo mais usual até então – “dolente” – que embora esse ritmo tenha um andamento lento, não deve ser associação a dor, por tratar-se o maracatu de um cortejo simbólico e festivo em homenagem à coroação de uma rainha negra).

Pois foi inicialmente através de “Pavão Misterioso” que tive acesso à divisão rítmica do maracatu solene ou de coroação. Anos depois constatei que a utilização do bumbo nessa gravação preenche o contratempo de sua célula rítmica, diferentemente dos grupos de rua, tais como Maracatu Az de Ouro, Maracatu Rei de Paus e os demais grupos de maracatu de Fortaleza, que usam sempre o ferro no contratempo. Bom ressaltar que a canção “Terral”, também de Ednardo, presente no disco “Pessoal do Ceará”, lançado em 1973, em sua segunda parte já apresentava esse ritmo de maracatu. No mesmo período em que tomava emprestado os discos do agora saudoso amigo Paulo Gois, ouvi também “Longarinas” (do disco “Berro”, de Ednardo, de 1976) e logo depois “Cauim” (do disco “Cauim”, de Ednardo, de 1978).

Na contracapa do disco “Cauim”, Ednardo aparece numa foto com uma coroa e o rosto pintado de preto era o negrume ou “falso negrume”, assunto que já tratei em meus dois livros anteriores, mas que voltarei a discorrer mais à frente deste livro, quando for tratar do momento em que o Maracatu Solar deixou de usar obrigatoriamente a pintura negra no rosto ou o fantasiar-se de negro. Talvez essa seja a primeira imagem que vi de algo próximo ao figural característico do Maracatu Cearense.



NOTA 1 - TOQUE DE COROAÇÃO DO MARACATU

Algumas considerações iniciais

O batuque do Maracatu Solar utiliza ferros, caixas com esteiras, bumbos entre outros instrumentos percussivos que se mesclam com diferentes timbres para composição de uma sonoridade brilhante, grave e aguda. Destacando-se entre os outros, o ferro é o mais importante instrumento dos maracatus de Fortaleza, simbolizando a principal característica sonora da música percussiva desses grupos por trazerem referências aos badalos dos sinos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Esse instrumento também é fundamental para se perceber a relação do toque e a dança-cortejo da ala da Rainha. O “tempo e o contra-tempo”, ou melhor, o descer e subir da postura majestosa do Rei e Rainha. É preciso atentar que, durante décadas, o andamento do batuque dos maracatus de Fortaleza sofreu diversas alterações. Alguns mestres de batuque afirmam que com o uso de indumentárias pesadas durante os desfiles influenciaram na desaceleração do andamento na década de 70 e, para outros, o ritmo passa a ser cadenciado e dolente, apropriado para um bailado. Cabe aqui também uma breve explicação quanto a essa terminologia do andamento e ritmo do maracatu conforme encontramos no livro “Singular e Plural: a história e a diversidade rítmica do maracatu cearense contemporâneo”:

Há muitas vezes, alguns equívocos quanto à terminologia do andamento e do ritmo do maracatu. Definem o ritmo solene empregando o termo por ritmo lento. Como explicado, anteriormente, a palavra solene caracteriza o ritmo por ser tocado no momento de coroação e, lento, é o andamento empregado ao ritmo. Há também uma diferenciação de termos, denominado por alguns brincantes, em relação ao nome do ritmo como “dolente” ou “solene”, sendo o primeiro, empregado com um significado de “dor” ou “cortejo fúnebre” do ritmo da manifestação e, outro nome, utiliza-se o termo solene por referenciar o maracatu como um cortejo festivo e por ser uma homenagem simbólica à coroação da corte negra, ou seja, um momento que não se refere à dor – dolente. (FORTALEZA, p.15, 2012)

Dessa forma, fixou-se durante muito tempo o entendimento que o ritmo do maracatu tocado em andamento lento seria a marca sonora representativa dos nossos batuques do Ceará. Porém, graças a alguns registros trazidos como mostra a exemplo do livro “Maracatu Az de Ouro: 70 anos de Memórias, Loas e Batuques” do Pingo de Fortaleza com parte de uma gravação em 1940 pelo musicólogo, Heitor Correia de Azevedo, podemos fazer uma apreciação das Loas cantadas por Raimundo Alves Feitosa em andamentos distintos, sugerindo uma pluralidade rítmica desta manifestação através das células rítmicas dos cocos, sambas e baião de maracatu.



Agbê – preenchimento e desenhos rítmicos;

Ferro – marcação no tempo e marcação “aberta¹” do contratempo;

Xequerê – marcação do tempo;

Caixa com esteira – subdivisão do tempo e acentuações;

Surdo – ritmo contramétrico;

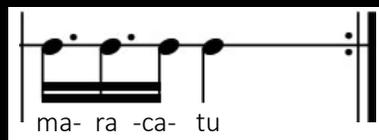
Bumbo – marcação da métrica do compasso;

Alfaia - desenhos rítmicos diversos de acordo com a melodia;

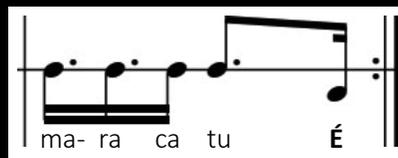
Gonguê - desenhos melódicos divididos entre sons agudos e graves.

Toque de coroação (tradicional) e algumas outras possibilidades identificadas:

Tradicional Az de Ouro



Tradicional Solar

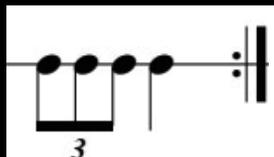


Algumas outras possibilidades identificadas:

Síncopes



Tercinas



1 Termo utilizado pelos mestres de batuque para destacar a sonoridade brilhante e enfática do instrumento, necessária ao movimento da dança.



E assim, já no início da década de 1980, com 17 anos, entre as audições das canções do Ednardo (alguns maracatus) e dos outros artistas do movimento Pessoal do Ceará (Fagner, Belchior, Rodger, Têti etc.) e de vários expoentes da MPB, comecei a me arvorar a compor, a cantar e a fazer minhas primeiras apresentações no bairro do José Walter, na ETFCE e no universo do movimento estudantil. Nesse período me aproximei mais da dinâmica cultural de Fortaleza e de seus eventos. Lembro-me que fui ver o carnaval oficial da cidade, que acontecia, nessa época, na Avenida Duque de Caxias, no centro, e lá presenciei os desfiles dos maracatus. A passagem desses grupos com suas musicalidades, fantasias e a pintura preta no rosto de seus brincantes me chamaram atenção, mas não deixaram de me causar um misto de encantamento e um certo estranhamento, como se eu não fizesse e nunca pudesse vir fazer parte daqueles grupos. Assisti de longe atentamente e finalmente pude associar o ritmo que conhecia através das canções de Ednardo aos grupos organizados de maracatus da cidade de Fortaleza.

No decorrer da década de 1980, decidi ser artista profissional. Em 1982/83 fiz meu primeiro show individual e já no ano de 1986 gravei meu primeiro LP independente (com o dinheiro que economizei como professor de Educação Artística)

um tanto influenciado pelo movimento armorial (movimento cultural iniciado em Recife, tendo Ariano Suassuna como um de seus expoentes), com o tema de Canudos. Nessa mesma época resolvi deixar de lecionar numa dezena de escolas privadas em Fortaleza, larguei o curso superior de música e caí na estrada tendo sempre em mãos uma bolsa de couro (que tenho até hoje!) feita por encomenda pelo amigo Pedro Artesão, para caber 20 LPs. Na sequência gravei e lancei em 1988 o LP “Lendas e Contendas”, com o acompanhamento do grupo Bendegó. Esses meus dois primeiros álbuns não faziam referências musicais ao Maracatu Cearense.

E foi no final dos anos de 1980 que minha poeira cósmica artística começou a se juntar para dar luz ao primeiro raio de sol com a criação da canção “Maculelê”, uma parceria minha com Guaracy Rodrigues. Guará, como a gente carinhosamente chama, já era meu parceiro desde o LP “Centauros e Canudos” e um dia me entregou uma letra intitulada “Maculelê”, confesso que agoniado que sou quase não a li e mesmo que tivesse lido, não entenderia quase nada, pois a letra faz inúmeras citações ao universo religioso afro-brasileiro (que até então desconhecia por completo) e à língua iorubá. Guardei a letra de “Maculelê” não sei onde (sou meio desorganizado mesmo e as vezes não sei como minha bagunça pessoal me permite concluir de forma sistemática muitos projetos, muitas vezes bem complexos).



Lembro-me, como uma dessas fotografias que guardo na memória com detalhes e com muita clareza, que um dia sentei na sala do apartamento onde morava nesse tempo (um pequeno prédio de três andares de nome Bagé, na rua Santa Quitéria, no bairro do Montese), e que peguei a letra de “Maculelê”, pus no chão, abracei o violão e sem pensar ou planejar absolutamente nada e sequer associar racionalmente seu conteúdo ao universo afro-brasileiro, fui criando, tocando e cantando naturalmente essa complexa letra no ritmo do maracatu solene ou de coroação. Dessa forma espontânea nasceu a canção “Maculelê” (minha primeira canção em ritmo do Maracatu Cearense solene ou de coroação), que por sua força passou a ser a última música dos meus shows e que me aproximou de um conjunto de pessoas que já vivenciavam a cultura do maracatu em Fortaleza. Assim, começaram a participar de meus espetáculos artistas como o percussionista Descartes Gadelha, os cantores e compositores Dilson Pinheiro e Calé Alencar, dentre outros. Isso também me aproximou de alguns grupos institucionalizados de maracatus, que encerravam meus shows com um pequeno grupo de seus brincantes.

A canção “Maculelê” se constituiu no primeiro raio de sol de minha caminhada no universo do Maracatu Cearense até chegar a criação do Maracatu Solar e me lançou com força pra dentro

desse segmento cultural. Em 1991 lancei o LP “Maculelê – Loas Catu Ybijá”, uma projeção estética do Maracatu Cearense, embora a única canção em ritmo solene seja “Maculelê”. Esse registro traz a gravação primeira dessa canção, destacando uma instrumentação percussiva dos grupos de maracatu de rua, executada por Descartes Gadelha e uma participação nos vocais de Raimundo Cassundé, Calé Alencar, Ricardo Black e Fernando Neri. Na mesma época, gravei um videoclipe dessa canção no saudoso Museu do Maracatu (que se situava em uma sala na parte posterior do Teatro São José), que traz talvez umas das poucas imagens de vídeo desse extinto museu. Em 1993, lancei o CD “Pingo de Fortaleza ao Vivo” (o primeiro disco lançado com gravação integral ao vivo em Fortaleza) que faz uma releitura dos meus três LPs e apresenta uma versão ao vivo de “Maculelê”. Posteriormente segui na estrada divulgando meus discos e entoando minhas canções e entre elas sempre o cantar de “Maculelê” com seu forte refrão entoado fervorosamente pelo público:

“...Maculelê
 No jogo do teu ifá
 As linhas do meu Axé
 Nas loas de Oxalá
 Renasce Obaluaê...”



Maculelê

Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues



Maculelê por
Maracatu Solar



Maculelê por
Pingo de Fortaleza
e banda

♩ = 60 Solene Virada (solene)

V.

Ferro

Gonguê 1

Agbê 2

Xequerê 3

Caixa

Alfaia

Bombo

♩ = 60 Solene

6

V.

No ba - tu - que zum - bi É Xan - gô Qui - lom - bo - la _ É ras - tei - ra que ro - la Na'a-rei

Virada Solene

12

V.

_ a, _ Con - ga - da _ Na - gô No ba - ter do tan - tá Xa - pa - nã sai das

Virada

18

V.

tre - vas _ São os fi - lhos das tre - vas _ É a dan - ça da guer - ra _ Ma - cu - le -

Solene

24

V.

lê No jo - go do teu i - fá _ As li _ nhãs do teu a - xé _ Nas lo - as de'O-xa -

© Catherine Furtado e Jean Brito

Maculelê

30
V.  lá Re - nas - ce O - ba - lu - a - ê Ma - cu - le lê ê O - ba - lu - a - ê

36
V.  Ma - cu - le - lê Gan - ga Zum - ba ge - rou Os guer - rei - ros d'An -

42
V.  go - la Tan - tos gue - tos a - fo - ra Can - dei a Ca - lun - ga Ka - ô

48
V.  Sal - ve O - pa - ni - jé Xa - xa - rá ven - ce'as fe - ras No cor - te - jo das e - ras

54
V.  O des - ti - no se'al - te - ra Ba - ba - la - ô No jo - go do teu i - fá As li -

60
V.  - nhas do meu a - xé Nas lo - as de'O - xa - lá Re - nas - ce O - ba - lu - a - ê

66
V.  Ma - cu - le - lê O - ba - lu - a - ê Ma - cu - le - lê

Virada Solene

Virada

Solene

Virada

Solene

Virada

Solene

Solene

NOTA 2 - DIVERSIDADE RÍTMICA E INSTRUMENTOS

Considero a criação e potência musical do batuque do Maracatu Solar fundamental para termos atualmente as misturas rítmicas e diversas interpretações “batuquísticas” dos brincantes. Com a imensa contribuição dos ensinamentos musicais do Griot Descartes Gadelha podemos executar um batuque que nos proporcione essa viagem rítmica ancestral enlaçada com o balançar das síncopes presentes nas células centrais que encontramos na rítmica do Lundu, Maxixe, Baião e Samba. Dessa forma, temos uma configuração de Batuque no Maracatu Solar que sugere as seguintes funções dentro da música percussiva:



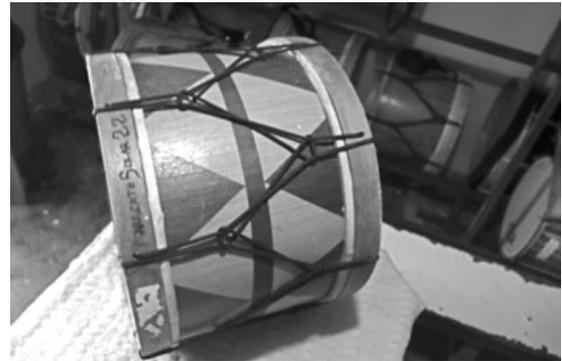
Bumbo – marcação do tempo forte do compasso



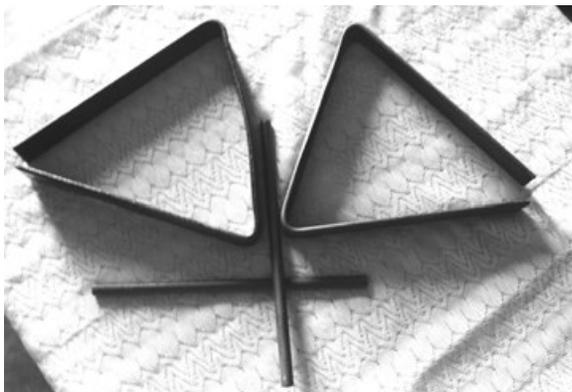
Surdo – ritmo contramétrico



Caixa com esteira – subdivisão do tempo e acentuações



Alfaia – desenhos rítmicos diversos de acordo com a melodia.



Ferro – marcação no tempo e marcação “aberta” do contratempo



Gonguê – desenhos melódicos divididos entre sons agudos e graves

22



Xequê – marcação do tempo



Agbê – preenchimento e desenhos rítmicos

Já inserido no universo musical do Maracatu Cearense, nos meus discos posteriores sempre fiz questão de incluir uma canção que estivesse dentro desse segmento cultural. Foi assim com “Solencanto” (maracatu solene), no CD “Cantares” (1996) e “Maracondê”, uma parceria com Guaracy Rodrigues, incluída no disco “Lógica”, de 1999/2000. Essa gravação já apresenta sua divisão rítmica com dois movimentos distintos: o maracatu solene e o ritmo do Maracatu do Baobab, uma criação do artista Descartes Gadelha que mesclava os ritmos luanda e imalê, presente no maracatu pernambucano e o ritmo do balanceio do compositor cearense Lauro Maia.

Maracondê

Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues

Solene Baobab/5 Toques

Ferro
Gonguê ou Agogô
Agbê
Xequerê
Caixa
Alfaia
Bumbo

5 $\text{♩} = 60$ Solene
V. $\text{♩} = 60$
Dos reis do ca-trun - guê-ro que-ro ser em-bai-xa - dor Pra meu a-mor me ver nes-se con go de na -

10 $\text{♩} = 120$ Baobab
V. $\text{♩} = 120$
gô pra meu a-mor me ver nes-se con-go de na - gô Dos gô Mu - gun - zá a-la-i-

15 $\text{♩} = 120$
V. $\text{♩} = 120$
lê - ia oi-ô - lô - lô _____ Êh tum-bá êh pam-bê Ê mi-se-rê re-vi-rar Nes - se gon-gar a-to-tó nes-se

20
V. $\text{♩} = 120$
gon-guê _____ O - xa-lá, vem me bus - car Pra i - á Ma-ra-con - dê Pra i -

25
V. $\text{♩} = 120$
á Ma - ra - con - dê _____ Ma - ra - con - dê _____ Ma - ra - con - dê _____

© Catherine Furtado e Jean Brito
Fonte: Gravação de Pingo de Fortaleza
Disponível em: <<https://youtu.be/N1GirOqA0tQ>>



Maracondê por
Pingo de Fortaleza



A rítmica do Baobab

♩ = 100 **Base**

Variação

5 toques/Baobab

Ferro

4/4: + ° + ° + ° + ° :||: + ° + ° + ° + ° :||

Gonguê
ou agogô

4/4: :||: :||

Xequerê

4/4: :||: :||

Agbê

4/4: :||: :||

Caixa
com esteira

4/4: :||: :||

Alfaia
"5 Toques"

4/4: :||: :||

D D D D D E D E D E D E D D

Bumbo

4/4: :||: :||

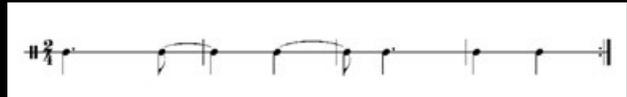
NOTA 3 - TOQUE BAOBAB - 5 TOQUES E BALANCEIO

Numa perspectiva já trazida como característica rítmica central do Maracatu Solar é a potência da inventividade musical alinhada com as referências sonoras trazidas dos primeiros maracatus da cidade como explicados anteriormente. Esses que faziam referência ao nome da manifestação do Maracatu executando as loas em toques que lembram as células dos cocos, sambas e macumbas. Todos tocados em andamento acelerado, ao som dos tambores e ferros, sugerindo mais uma ideia de momento festivo ao de solene de coração. Nessa abordagem entre o que se era feito e o que se “inventa” com o agora passa a compor uma nova perspectiva rítmica que balançou fortemente as estruturas do toque solene mais tradicional. Pela autoria de Descartes Gadelha, mestre de Batuque, ele explorou criações para evidenciar sutilezas rítmicas fundamentais para o dito “suingue” ou “balanço” que temos como herança musical da nossa ancestralidade africana e, desta forma, possibilitou -se aprimorar cada vez mais a técnica instrumental dos batuqueiros e enriquecer o discurso sonoro da massa percussiva entre os tambores.

Apresentou uma fórmula rítmica que associava a sonoridade do maracatu ao baião, ao coco, ao samba e principalmente ao balanceio, acentuando também suas pulsações de contratempo alguns toques de bumbo

que caracterizam o batuque do maracatu pernambucano de baque virado. (FORTALEZA, p.52, 2012)

O Toque Baobab ou 05 toques como também é conhecido foi acolhido de forma muito especial pelo batuque do maracatu solar, sendo este um toque central dos estudos da Orquestra Solar de Tambores caracterizando o momento festivo do cortejo de maracatu ao som dos tambores em andamento acelerado.



Um fato curioso é que o nome do ritmo, 05 toques, também passa a ser utilizado para nomear o próprio tambor que o mestre construiu para execução desse toque, o Tambor 05 Toques. No decorrer dos ensaios é possível também observar que o naipe das alfaias também executa a célula rítmica do “05 toques”.

Pede-se ao naipe para repetir a contagem 1 2 3 4 5, na voz, e quando fosse o 6 movimentava o corpo à frente como se tomasse um susto, intensificando a sexta batida. De acordo com a escrita na partitura observa-se que essa contagem não acontecia em uma pulsação regular, mas para ser transmitido o instrutor balançava o corpo no ritmo da contagem dos tempos. (SANTOS, 2009, ABEM)

No discurso da oralidade podemos observar também pelo trecho da partitura que as notas iniciais do Ritmo Baobab (ou O5 toques) refere-se justamente à célula principal do Baião: TUM TUM. Assim, depois desses dois primeiros toques a rítmica se desenvolve trazendo a influencia do toque balanceio de Lauro Maia.

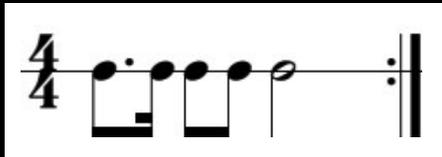
Baião - 1(TUM) 2(TUM)

Balanceio - ----- 1(tam) 2(ti) 3(quê) 4(tim) 5 (tlum) 6 (tum)

O5 Toques - 1(TUM) 2(TUM) 3(tum) 4(tum) 5(tum) PÁ

O toque do Balanceio obteve muito sucesso na rítmica das composições de Lauro Maria, segundo o autor Nirez (1999, p.151), no livro *O Balanceio de Lauro Maia* o compositor Humberto Teixeira traz um depoimento que associa o ritmo Balanceio como algo perto da ideia do Baião. E expressa: "(...) *Tam ti quê tim tlum tum*. Aquele tempinho roubado enrolava tudo. Enquanto que o Baião era um negócio uniforme. (Canta sugerindo o ritmo do Baião) Tam ti pê tê."

Segue um exemplo aproximado do ritmo Balanceio:



Um fato diferenciado ocorrido em 1999 me inseriu ainda mais pra dentro do universo do Maracatu Cearense, agora de forma institucionalizada, e abriu os caminhos pra a poeira cósmica de minhas experiências artísticas fundamentar anos depois a criação do Maracatu Solar. No final desse ano, o presidente do Maracatu Az de Ouro (o mais antigo em atividade em Fortaleza, fundado em 1936), Marcos Gomes, me convida para uma solenidade de entrega de um certificado cultural deste maracatu. O evento ocorreu no antigo e saudoso espaço cultural Chico Anísio, na avenida da Universidade, no Bairro do Benfica (esse bairro é referência na minha formação e atuação cultural em Fortaleza) e após a entrega do certificado, para minha surpresa, me convidou para criar a loa (canção oficial) do Maracatu Az de Ouro para o carnaval de 2000. Ainda que meio receoso, aceitei de pronto o convite e o desafio, mas uma coisa era criar minhas canções de maracatu para meus discos e shows e a outra era produzir uma canção pra ser tema (na época ainda se usava o termo “enredo de maracatu”) para um grupo interpretar na avenida durante o cortejo oficial do Maracatu Az de Ouro no carnaval. Após o convite, já era final do ano de 1999, viajei para o Morro Branco, para minha casinha Estrela do Porto pra passar uns dias, e lá, inspirado nos questionamentos relativos as comemorações dos 500 anos da chegada do colonizador europeu no Brasil, criei a loa “Outros 500” como uma espécie

de contraponto crítico às comemorações dos 500 anos. Confesso que não me preocupei se o tema era condizente com a “tradição” do Maracatu Az de Ouro, mas quando voltei apresentei a música ao Marcos Gomes e ao Mestre Juca do Balaio (era quem dava as diretrizes estéticas do Az de Ouro) e para minha surpresa não houve questionamentos sobre a temática. Nesse tempo o Maracatu Az de Ouro estava bastante debilitado em seus acervos de fantasias e instrumentos e acabei assumindo de alguma forma a produção do grupo para o carnaval de 2000. Nesse contexto criamos até uma ala diferenciada de artistas com faixas questionadoras do 500 anos e entre os brincantes do Az de Ouro desfilou uma dupla de bonecões (já contei essa pitoresca história detalhadamente em um dos meus livros anteriores sobre o Maracatu Cearense).

2000 foi meu primeiro ano na avenida do carnaval (agora o carnaval oficial de Fortaleza já era na Avenida Domingos Olímpio onde continua até hoje) como macumbeiro (cantor) do Maracatu Az de Ouro, era assim que as pessoas se referiam aos cantores de maracatu, pois a canção tema do grupo era a macumba do grupo, depois, talvez para fugir ou se esconder da discriminação racial e religiosa, esse termo foi catolicizado para ser sinônimo de “tirador de loa” e assim a macumba do Maracatu Cearense virou loa. Ao meu ver, o cortejo do Maracatu Az de



Ouro na avenida no ano de 2000 foi todo lindo. O “palco” da avenida tem uma energia diferenciada das energias dos palcos tradicionais fixos. Costumo refletir que nos shows durante o tempo total dos espetáculos, o artista interpreta várias canções para o mesmo público, e assim vai dando dinâmica ao show.

Já na avenida, tem que se interpretar uma única canção para um público distinto que muda a cada quarteirão, então a dinâmica da avenida é muito peculiar e vai envolvendo de forma contínua e crescente o grupo e o público a cada nova arquibancada. Antigamente os grupos de maracatus desfilavam todos os dias de carnaval e interpretavam várias canções, porém ao se inserirem no carnaval competitivo, o tempo/espço desse grupos nos carnavais oficiais ficou limitado. Hoje os grupos desfilam oficialmente apenas num dia e interpretam

apenas uma canção percorrendo alguns quarteirões, num tempo máximo de 45min.

Uma história (“causo”) ficou marcado em minha memória nesse ano, pois apesar de ter ensaiando exaustivamente a música (loa) e seu refrão entre os brincantes do Maracatu Az de Ouro, ao ver posteriormente uma fita de vídeo do desfile numa exibição pública na sede do maracatu Az de Ouro, constatei que um brincante passa em frente a câmara entoando o refrão da seguinte forma: “Ecoa a loura do Maracatu ecoa, ecoa a loura do Maracatu”, embora o refrão correto seja: “Ecoa a loa do Maracatu ecoa, ecoa a loa do Maracatu”. Mas o importante é que apesar dessa contraditória adaptação da letra por parte desse brincante, meu primeiro cortejo na avenida oficial do carnaval foi impactante e inesquecível e me marcará para toda a vida.



Outros 500

Pingo de Fortaleza



Outros 500 por
Pingo de Fortaleza
e Batuque do
Maracatu Az de
Ouro

Solene
♩ = 50

Voz

Ferro

Caixa sem esteira

Surdo

Bumbo

♩ = 50 **Solene**

5
V. E - co - a a lo - a do ma - ra - ca - tu ____ E - co - a e - co -

10
V. - a a lo - a do ma - ra - ca - tu ____ e - co tu Az de Ou - ro en - trou na'a - ve -

15
V. ni - da são ou - tros qui - nhen - tos Ou - tros ven - tos fa - lan - do da'his - tó - ria des - se nos - so chão

20
V. Que'a ci - ên - cia com - pro - va que já e - xis - ti - a a mi - lhões de a - nos Com sua gen - te fe - liz ____ a co -

25
V. lher os seus fru - tos com'a pal - ma da mão E - co - a a lo - a do ma - ra - ca - tu ____

30
V. ____ E - co - a e - co - a a lo - a do ma - ra - ca - tu ____ e - co

35
V. tu Mas a qui - nhen - tos a - nos a - trás a - qui che - gou pe - lo mar ou - tra gen - te, fa - lan - do'ou - tra lín -

© Catherine Furtado e Jean Brito
Fonte: Acervo do website Digital da Música Cearense, disponível em:
<<https://www.digitaldamusicaacearense.com.br/album/outros-500/>>

40
V.  - gua, pre-gan-do'ou-tro Deus - pre-ga-do na cruz — Com suas ar-mas de fo-go'e sua ga-nân-cia de ou-

45
V.  - ro mui-tos in-dios ma-tou E de-pois trou-xe da Á-fri-ca a ra-ça ne-gra pra es-cra-vi-zar

50
V.  — E-co-a a lo-a do ma-ra-ca-tu — E-co-a e-co-

55
V.  - a a lo-a do ma-ra-ca-tu — e-co tu Mui-tos a-nos fo-ram se-pas-san-

60
V.  - do'e es-ses po-vos lu-tan-do pra sua i-qual-da-de po-der con-quis-tar —

65
V.  E-co-a a lo-a do ma-ra-ca-tu —

70
V.  — E-co-a e-co-a a lo-a do ma-ra-ca-tu — e-co

75
V.  tu Ca-pa-na-gem, Cal-dei-rão con-tes-ta-do, Que-bra Qui-lo, Pal-ma-res, Al-dir Co-lher — com Fe-de-ra-ção

80
V.  — do Ca-ri-ri — e do E-qu-a-dor — Ba-lai-a-da prai-e-ra, guer-ra dos al-fai-a-

85
V.  -tes, Ca-nu-dos, can-ga-ço'e Sem Ter-ra Qui-nhen-tos gri-tos de não — a su-b-mis-são — de quem sa-be'o que

90
V.  quer E-co-a a lo-a do ma-ra-ca-tu — E-co-a e-co-

95
V.  - a a lo-a do ma-ra-ca-tu — e-co tu

De 2000 até o carnaval de 2007 permaneci no Maracatu Az de Ouro, sempre criando suas loas e cantando-as no carnaval, colaborando na produção do grupo e principalmente aprendendo com todos do grupo a essência dessa manifestação, de sua historicidade e estética, especialmente com mestre Juca do Balaio, um grande artista fazedor de maracatus e inventor de balaio e danças de balaieiro. São desta época as loas “Maracatu Fortaleza” (em parceria com Rosemberg Cariry) e “Nossa Paz é de Oxalá” (em parceria com Guaracy Rodrigues) dentre outras.

Enquanto ainda fazia parte do Maracatu Az de Ouro, em meados de 2005 criei com um conjunto de amigos (Tieta Pontes, Mileide Flores, Jorge Ramos, Erivaldo Casimiro, Alan Mendonça, Regina Elisabeth, dentre outros) a Associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR. Logo depois chegaram outros nomes à SOLAR, como Arnóbio Santiago, seu atual presidente. Lembro-me que um dos primeiros projetos da instituição aprovado em um edital foi levar algumas apresentações do Maracatu Az de Ouro para as feiras livres de Fortaleza. Em seu primeiro ano, a entidade funcionou na Avenida da Universidade, 2327 (atual sede da Casa de Cultura e Restaurante Preta Simoa) depois mudamos para uma casa quase vizinha, de número 2333, que tinha uma quadra no quintal, onde estamos até hoje. Dentre suas realizações iniciais, a SOLAR passou a produzir

festivais, mapeamentos culturais, assessoramento ao selo UNICEF etc.

O fato de ser membro do Maracatu Az de Ouro e da Associação SOLAR vai ser determinante para a criação do Maracatu Solar, que viria a ser uma síntese das minhas experiência no universo do maracatu e também de outros parceiros que iniciaram comigo essa aventura solar. Depois de algumas pesquisas que me fortaleceram a ideia da diversidade rítmica histórica do Maracatu Cearense (tratada em meus livros anteriores sobre o tema), compus em parceria com Wilton Matos, Descartes Gadelha e Alan Mendonça o tema “Ônilé” para ser a loa oficial do maracatu Az de Ouro no ano de 2007. Sendo assim, apresentei essa música aos membros do Maracatu Az de Ouro. Acontece que escolhemos como divisão rítmica para essa composição o ritmo de baião de maracatu (identificado em minhas pesquisas como um dos ritmos do Maracatu Az de Ouro na década de 1940). Lógico que os dirigentes do Maracatu Az de Ouro, que tinham acolhido tantas inovações apresentadas por mim desde minha chegada a esse maracatu em 2000, diante da consolidação do seu ritmo solene nas últimas três décadas, sentiram-se desconfortáveis com essa proposta e decidiram com propriedade que “Ônilé” teria que ter o andamento solene. Decidiram assim, mesmo diante de meus argumentos, como por exemplo as gravações de Raimundo Alves Feitosa (fundador do Maracatu Az de Ouro), gravadas em



meados da década de 1940, que trazem algumas canções com o ritmo de baião de maracatu, como por exemplo a canção “Boneca Preta do Maracatu”.

Diante da não possibilidade do Maracatu Az de Ouro voltar a vivenciar o ritmo de baião de maracatu através da loa “Ônilé” para 2007 e do sentimento que tinha de que a SOLAR já vinha produzindo muitos projetos e podia expandir suas iniciativas culturais, encorajei-me a tomar uma decisão importante.

Diante de toda a experimentação que havia acumulado no universo do maracatu e das convivências com meus parceiros e amigos inseridos na SOLAR e no segmento do Maracatu Cearense,

certo dia, no final de 2006, como uma síntese disso tudo, enquanto estava na cozinha da SOLAR, conversando sobre o tema do maracatu e nosso contexto, creio que com Jorge Ramos, Arnóbio Santiago, Alan Mendonça e Tieta Pontes (não tenho certeza de todos que estavam nesse momento), virei-me para o corredor que dá acesso à cozinha da SOLAR, onde alguns estavam e animadamente afirmei: “Então vamos criar o Maracatu Solar aqui e do nosso jeito!”.

Então, foi mais ou menos assim que nessa simples cozinha, depois de muitas andanças individuais e coletivas, assim como poeira cósmica originou o Sol, nasceu o Maracatu Solar.

NOTA 4 - BONECA PRETA

“Ela vem de Luanda de saia rodada pisou no terreiro e caiu na gandaia” Esse é um trecho da conhecida Loa Boneca Preta interpretada por Raimundo Alvez Feitosa e que, segundo a gravação obtida dela, sugere-se uma rítmica que preenche todos os espaços métricos articulados pelo canto dessa letra, ou seja, teremos bastante o uso das semicolcheias e sínopes. Em outras palavras, poderíamos pensar que é como se fosse falar uma frase inteira em um único impulso da respiração. Nessa ideia o batuque do Solar incrementou adaptações nos instrumentos para interpretar essa teia rítmica e “suingada” da loa, passando a utilizar a célula do Baião somada com mais alguns toques (observar pela partitura) o que é fundamental para entender a criação do Toque: Baião de Maracatu.

Baião: 1(TUM) 2(TUM)

Baião de Maracatu: 1(TUM) 2(TUM) ----TUM-RUM TUM-TUM TUM

A ideia rítmica do Baião de maracatu também é muito utilizada quando o batuque toca o chamado Coco de Maracatu. A célula rítmica do coco e do baião são similares, tendo variações de acordo com a necessidade do arranjo rítmico da loa cantada e também pela interpretação do andamento. Assim, quando se toca em andamento bastante acelerado percebe-se que a intenção rítmica é o coco e, caso contrário, quando o andamento mais lento, interpreta-se como baião.

Boneca Preta do Maracatu



L.H. Corrêa de Azevedo- Music of Ceará and Minas Gerais (1997) Álbum Completo [28:10]



Ônilé por Pingo de Fortaleza e Wiltom Matos

♩ = 96 Raimundo Alves Feitosa

Voz

Bo-ne-ca Pre-ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca Pre - ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca

Ferro

Tambor Onça

Tambor Médio

Tambor Grave

6

V.

Pre - ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca Pre - ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca Pre-ta do Ma-ra-ca-

F.

T. On.

T. Mé.

T. Gr.

© Catherine Furtado

Fonte: Coleção Memória do Povo Cearense - Volume V: Maracatus & Batuques 2001
Disponível em: <<https://youtu.be/PEt4y3S-MQw>>

Boneca Preta do Maracatu

11

V. tu Bo-ne-ca Pre-ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca Pre-ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca

F.

T. On.

T. Mé.

T. Gr.

16

V. Pre-ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca tu E - la vem de Lu - an-da de sai - a ro - da-da, pi-sou no ter-ra-d'E-la

F.

T. On.

T. Mé.

T. Gr.

Boneca Preta do Maracatu

21

1. 2.

V. rei-ro'e ca-iu na vi rei-ro'e ca-iu na vi - ra-da Bo-ne-ca Pre-ta do Ma-ra-ca - tu Bo-ne-ca

F.

T. On.

T. Mé.

T. Gr.

26

1. 2.

V. PretadoMaraca - tu Boneca PretadoMaraca - tuBoneca PretadoMaraca - tu Boneca

F.

T. On.

T. Mé.

T. Gr.

O primeiro ano Solar e um ajuntamento providencial de estrelas (2006/2007)

36

A ideia de criação do Maracatu Solar nasceu como fruto do conjunto de minhas vivências individuais nesse segmento cultural. Atravessam-me experiências desde as audições na adolescência das canções em ritmo de maracatu solene do compositor Ednardo até minhas pesquisas e experiências no maracatu Az de Ouro de 2000 até 2007. Para isso foi fundamental a criação da Associação SOLAR, em 2005, e que portanto a criação do Maracatu Solar e sua concretização é também resultante do empenho e do conteúdo artístico de meus parceiros que naquele momento faziam parte dessa instituição e do círculo de minha produção musical. Todas essas pessoas, de imediato, abraçaram a ideia e se dedicaram plenamente para que esse maracatu se tornasse uma realidade num curto espaço de tempo, especialmente Jorge Ramos, Arnóbio Santiago, Alan Mendonça, Erivaldo Casimiro, Marildo Montenegro, Mileide Flores, Tieta Pontes, Wilton Matos, Descartes Gadelha, Inês Mapurunga, Lúcio Picanço e toda sua

família, Regina Elisabete, entre muitos outros. E esse ajuntamento providencial de estrelas imediatamente se multiplicou.

Vivíamos o final de 2006 e início de 2007 e para que o Solar já desfilasse em 2007 tínhamos que correr com uma série de demandas de produção e logísticas (correr sempre foi comigo!), pois iniciáramos nossa organização praticamente do nada. De imediato enviamos um ofício em nome da SOLAR para a Federação das Agremiações Carnavalescas (entidade que na época era responsável pela organização do desfile oficial dos maracatus no carnaval de rua de Fortaleza), solicitando nossa filiação a esta entidade e nossa participação no desfile oficial dos maracatus em 2007. Em seguida organizamos uma reunião ampliada na casa do amigo Lúcio Picanço (Um dos líderes do grupo de amizade Bacurym) onde discutimos a proposta de criação do Maracatu Solar e elegemos sua diretoria. Naquela reunião fui escolhido presidente, na época o maracatu tinha uma diretoria autônoma da SOLAR, mas logo em seguida passou a



ser um Programa de Formação Cultural Continuada, vinculado diretamente à diretoria da Associação SOLAR, da qual atualmente sou coordenador de Programas e Projetos. Após a reunião e já empolgados, visualizando que o Maracatu Solar estava próximo de se tornar uma realidade, fizemos um momento de lazer musical e etílico, dentro das maiores tradições do grupo Bacurym. E a casa do Lúcio virou uma festa anunciando o Solar.

Outra providência urgente foi criar a música tema (a loa oficial do Maracatu Solar 2007) e então, assim como tínhamos feito coletivamente “Onilé” para o Maracatu Az de Ouro, nos reunimos na casa do amigo Wilton Matos e compusemos a loa do Maracatu Solar 2007. Nesse interim decidi junto à diretoria do Maracatu Az de Ouro que a composição “Onilé” seria interpretada na avenida pelo Az de Ouro em ritmo solene/coroação, em detrimento de ser no ritmo original de baião de maracatu.

“Maracatu Solar”, título da loa do Maracatu Solar para 2007, é uma música composta a dez mãos: Pingo de Fortaleza, Descartes Gadelha, Wilton Matos, Inês Mapurunga e Alan Mendonça e teve desafio e propósito de apresentar o grupo, sua essência e suas intenções culturais. Em sua letra reverenciamos a festa como a essência do maracatu e reforçamos a força do brilho individual e coletivo: “...Pra alumiar, cada um, cada sol”. E embora não tenhamos combinado, como já vínhamos buscando, nos

processos de composição, evidenciar a diversidade rítmica do Maracatu Cearense, optamos pelo ritmo do baião de maracatu e no refrão da loa “Maracatu Solar”, fica claro uma referência à divisão rítmica da canção “Boneca Preta”, de Raimundo Alves Feitosa, do Maracatu Az de Ouro, gravada na década de 1940.

Diretoria eleita, música composta, Maracatu filiado à Federação e apto a desfilar em 2007, partimos coletivamente para resolver as inúmeras demandas estruturantes (recursos, fantasias, instrumentos, brincantes, ensaios, coreografias etc.), visando dar concretude ao Maracatu Solar.

Descartes desenhou o estandarte e ficou encarregado de organizar e reger o batuque (compramos três alfaias do saudoso Babi Guedes e Descartes fabricou outros tambores). Logo no início desse processo identificamos o talento da jovem Nataly Picanço, que passou a ser regente do Maracatu Solar. Muitos colaboraram com a coreografia, tais como o saudoso pai de santo Pai Wagner e também muitos dançarinos e coreógrafos que apareceram nos ensaios coletivos de sábado, que se transformaram cada semana numa grande festa. E assim de uma hora para a outra o Maracatu Solar virou o maracatu dos artistas e assim como num milagre tudo fluiu rapidamente num processo criativo, coletivo e colaborativo. Claro que vou incorrer em injustiças ao não citar todos, mas lembro-me da participação nesse processo dos seguintes artistas: Eugênia Siebra,



Ghil Brandão, Hertênia Glauce, Ronaldo Rogério, Chicão Oliveira, Catherine Furtado, Paulo Sérgio, Luiza Torres, Rodrigo de Oliveira, Nataly Picanço, Iara Pimenta, Maria Rosa, Camila Coelho, Eliahne Brasileiro, Marildo Montenegro, Marconi Tavares, Augusto Moita, Carlos Pinheiro, entre muitos outros.

Quanto aos figurinos, o artista Jander MacGyver foi o escolhido para desenhar e acompanhar a confecção do figural e dos adereços do Maracatu Solar. Há um detalhe importante no aspecto da concepção dos figurinos do Maracatu Solar, que vale destacar aqui. Embora outros grupos de maracatu de Fortaleza tenham acelerado seus ritmos desde a década de 1990, seus visuais seguiram o padrão usado pelos maracatus de andamento solene ou de coroação: fantasias grandes e pesadas, uso de cangalhas e esplendores nas alas dos índios e principalmente da corte e o uso de tecidos pesados como o veludo junto com a aplicação de pedrarias e paetês. Nós do Maracatu Solar decidimos usar fantasias mais leves e que fossem associadas às religiões de matrizes africanas e, assim, optamos por usar bastante o algodãozinho, a chita e a palha na confecção das fantasias e adereços do Solar para o desfile de 2007.

Existe até um fato pitoresco que gosto de contar como “causo” fruto dessa proposta de figural que aconteceu em um dos primeiros eventos que fomos convidados a participar. Era um cortejo de um pequeno grupo de cada maracatu de Fortaleza, que

se finalizava com um ato de coroação coletiva das rainhas desses grupos, que acontecia no Shopping Benfica. Participamos tranquilos do cortejo, porém na hora da coroação, quando o eloquente apresentador anunciava as rainhas dos grupos e as convidava para subirem no tablado oficial para o ato de coroação, nossa rainha foi barrada por um segurança do evento, que argumentou que ela com aquela roupa simples e aquela coroa de palha não era rainha de maracatu. Foi preciso eu ir explicar que o Solar era diferente, para que nossa rainha finalmente tivesse acesso ao tablado e participasse do ato coletivo de coroação.

E de feijoada em feijoada, organizadas em casa de amigos do Maracatu Solar (principalmente dos Bacurym) e da venda de nossas camisetas, conseguimos recursos para comprar as demandas necessárias para a confecção das fantasias, adereços e instrumentos. A amiga Fátima Nogueira, minha companheira Cláudia Gomes foram essenciais nesse processo de compras, pois eram elas que se dirigiam ao centro para adquirir esses materiais.

Para o desfile de 2007, os brincantes do Maracatu Solar não questionaram institucionalmente o uso do negrume (pintura no rosto dos brincantes), usado pelos grupos de maracatus de Fortaleza, embora o grupo tenha realizado o Ciclo de Formação Cultural no Universo do Maracatu Cearense, iniciativa que teve continuidade nos anos seguintes com o título “Maracatu Cearense – História e Estética”.

E então entre muitos encontros felizes, ensaios festivos e muitas oficinas coletivas de confecção de



fantasias e ade-
reços, prepara-
mo-nos e nos
h a b i l i t a m o s
para estrearmos
no Carnaval de
2007, como o pri-
meiro maracatu
a sair na Avenida
Domingos Olím-
pio (por volta das
17h30), em ple-
no domingo de
carnaval. E dessa
forma o fizemos,
com a presença
dos últimos raios
solares refletidos
em nossos rostos
sorridentes e su-
ados do frenético
dançar a festa do
maracatu. E as-
sim como diz um
trecho da loa de
estreia do Mara-
catu Solar, fomos
“nascendo com o
sol dessa batuca-
da”...

Maracatu Solar

Pingo de Fortaleza, Descartes Gadelha, Wilton Matos,
Inês Mapurunga e Alan Mendonça

♩ = 100

Voz

Na so-lei-ra do tem - po Eu, de chá-peu de sol, gi-ro'o ven - to, gi-ro'o mun - do de ba-tu-que'e fa-

rol Pe-ço li - cen - ça, vou en-trar Pai Xan - gô man-dou cha - mar pra lu-mi-ar ca-da um, ca-da sol! Ma-

"Maracatu Solar" Baião de Maracatu

Voz

ra - ca - tu So-lar Eu vim me'a-pre - sen - tar Ó Xan - gô, Xan - gô Ma

Ferro

Gongué ou Agogô

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

Baião de Maracatu

Voz

tar Ó Xan-gô, Xan - gô Na so-lei-ra do tem - po Eu, de chá-peu de sol, gi-ro'o

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

Disponível em: <<https://youtu.be/E2CfIRFvsaE>> (vídeo)



Maracatu Solar
por Pingo de
Fortaleza



Maracatu Solar
por Pingo de
Fortaleza, Wiltom
Matos e Maracatu
Solar

2

Maracatu Solar

26

Voz

ven - to, gi-ro'o mun - do de ba-tu-que'e fa - rol Pe-ço li - cen - ça, vou en - trar ___ Pai Xan-

32

Voz

gô man-dou cha - mar pra lu - mi - ar ___ ca - da um, ca - da sol! Ma - ra - ca - tu So - lar

Break "Maracatu Solar"

Baião de Maracatu

38

Voz

___ Eu vim me'a-pre - sen - tar Ô Xan-gô, Xan - gô Ma tar Ô Xan-gô, Xan - gô O ga - lo can-tou

Varição "O galo cantou"

44

Voz

___ ô ô ___ ô ô ___ A - deus, ma-dru-ga - da ô ô ___ ô ô ___ A'au - ro - ra de'um so -

44

Ferro

Gonguê ou Agogô

Xequerê

Agbê

44

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

Baião de Maracatu

52

Voz

- nho vi - vi - do na Á - fri - ca'ho - je'é Ma - ra - ca - tu ___ ô ô ___ ô ô ___

Varição "O galo cantou"

Voz **Varição "O galo cantou"** **Baião de Maracatu**

58
De sai - a ro - da - da ô ô - - ô ô - - Nas - cen - do com'o sol - - Nes -

65
sa ba - tu - ca - da Ho - je'é Ma - ra - ca - tu - - de sai - a ro - da - da, nas - cen - do com'o sol

72
- nes - sa ba - tu - ca - da Ma - ra - ca - tu So - lar - - Eu vim me'a - pre - sen - tar Ô Xan - gô, Xan -

78
gô Ma tar Ô Xan - gô, Xan - gô **D.S. al Fine** **Fine**
ô Xan - gô, Xan - gô

NOTA 5 - MARACATU SOLAR

Duas características rítmicas importantes constituíram o arranjo da Loá Maracatu Solar através do ritmo Baião de Maracatu, marcando assim uma continuidade desse arranjo em outras loas criadas para o repertório carnavalesco do grupo: **o arranjo para Alfaias e o gestual de regência para convenção.**

Gestual de regência:

Mudança de ritmo: Levantava o dedo compassos antes da mudança e baixa com forte expressão no

momento certo da mudança. A batida certa os batuqueiros percebiam pela mudança da melodia e da harmonia.

Convenção: como uma expressão de pergunta, gesticulava : **PÁ – TÁ – PÁ?**

Esse movimento pede a seguinte resposta:
TA- TA- TA- TA- TA.

Finalização da música: Cruza os braços levantados antes e, depois, baixava fechando as mãos no momento de corte da música.

MARACATU SOLAR

dance nessa luz

TÍTULO DA LOA: MARACATU SOLAR
(Pingo de Fortaleza / Descartes Gadelha / Wilton Matos /
Inês Mapurunga / Alan Mendonça)

TIRADORES DE LOA: Marcvs Brito, Pingo De Fortaleza, Wilton Matos, Inês
Mapurunga, Tieta Pontes, Jord Guedes e Eliane Brasileiro.

NA SOLEIRA DO TEMPO
EU, DE CHAPÉU DE SOL
GIRO O VENTO, GIRO O MUNDO
DE BATUQUE E FAROL
PEÇO LICENÇA, VOU ENTRAR
PAI XANGÔ MANDOU CHAMAR
PRA LUMIAR CADA UM CADA SOL

MARACATU SOLAR
EU VIM ME APRESENTAR X 4
Ô XANGÔ, Ô XANGO

O GALO CANTOU ôôôô
ADEUS MADRUGADA ôôôô
A AURORA DE UM SONHO
VIVIDO NA ÁFRICA
HOJE É MARACATU ôôôô
DE SAIA RODADA ôôôô
NASCENDO COM O SOL
NESSA BATUCADA
HOJE É MARACATU
DE SAIA RODADA
NASCENDO COM O SOL
NESSA BATUCADA

MARACATU SOLAR
EU VIM ME APRESENTAR X 4
Ô XANGÔ, Ô XANGO

MARACATU SOLAR - CARNAVAL 2007 FICHA TÉCNICA

BRINCANTES

BALIZA: Felipe Gadelha
PORTA ESTANDARTE: Paulo Sérgio
LAMPÍOES: Cláudio Peres e Paulo Vitor
ÍNDIOS: Gil Brandão, Nilza Maria, Isabel Talcani, Paulo José,
Thaiane Paiva, Dalana Ferreira, Eliane Fonseca, Felipe
Damasceno, Jaime Ferreira, Jéssica, Rubens Lopes, Tatiana
Valente, Vania Rodrigues, Bárbara Costa, José Calique, Rebeca
Cristina, Layssa, Gabriela, Rayessa, Guacira Anselmo, Luana
Carvalho, Anastácia Menina, Francisco e Grupo da etnia
Tapéba.

BALAIJEIRO: Chicão Oliveira

PRETO VELHO: Marconi Tavares

PRETA VELHA: Luciana Monteiro

NEGRAS: Cláudia Maria, Cláudia Karine, Cristina Barbosa, Dalma
Régia, Eliza Gunther, Fátima Alencar, Fátima Sampaio, Lúcia
Arnaut, Regina Siqueira, Renata Góes, Verônica Picanço,
Charlene, Ofélia Matos, Hertenha Glauce e Sakuse Neiva.

CALLUNQUEIRA: Jander Magayver

BAIANAS: Bárbara Lima, Claudete Avelaz, Cláudia Santos,
Conceição Picanço, Haydeé Noronha, Regina Militão, Luciana
Picanço.

REI: Ronaldo Rogério

RAINHA: Eugênia Siebra

PRÍNCIPES: Levi Pimenta, Yan Tavares, Carlos Costa,
Wagner Pereira, João Brasileiro.

PRINCESAS: Alda Bezerra, Aldenice Bezerra, Camilla Garcia,
Eli, Elizabeth Tavares, Iêda Pimenta, Priscila Silveira, Lilian de
Paula.

SOL: Maria Rosa

DEFUMADORAS: Gislene e Antonieta Noronha

CHAPÉU-DE-SOL: Marcos Guimarães

LEQUE: Netinho Nogueira

XANGÔ: Ricardo Lúcio

JANSÁ: Joedina

OXUM: Vânia

OBA: Jozelice de Castro

DIRETOR DE BATUQUE: Descartes Gadelha

SURDOS: Yuri, Gerina, Elvis Matos e Luis Alves

TAMBOR DE COURO: Clauber Mateus, Erwin Schrader, Marildo
Maciel e Rodrigo de Oliveira.

TAMBOR DE NYLON: Amanda Nogueira, Alex Costa, Ivan Bruno
e Bel.

CHEQUERÊ: Jara Pimenta, Iracema, Angélica Lessa, Celi, Paolla
De Oliva, Nila Carvalho, Keiva Cristina e Isabel Cristina.

CAXAL: Wilton Matos, Nathaly Picanço, Givany Silva e Carlos
Hardy.

CHOCALHO: Adriana Coelho, Alexis Pereira, Antonio Filho,
Dalton Ellery, Francisco Edson, José Silva (Joca) e Marinho.

FERRÔ: Micinete, Decs, Aurilene, Cláudio Monteiro, Evertor,
Daniel Espadeiro, Liliana Mendonça, Vladimir De Paula e Narciso
Maciel.

GANZÁ: Lia Arruda e Paulo Augusto

ENXADA: Jeanylle Nilin

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

FIGURINISTA/CARNAVALESCO: Jander Magayver
ASSISTENTES DE FIGURINO: Maria Rosa, Camila Garcia e
Fátima Nogueira.

COSTUREIRAS: Edl, Vera, Otilia e Nerida.

CABELO: Jander Magayver.

COREOGRAFIA: Regina Santiago, Wagner Pereira, Eliza
Gunther, Paulo José, Thaiane Paiva, Hertenha Glauce e criação
coletiva.

CONFEÇÃO DE ADEREÇOS: Paulo Sérgio, Marcos Guimarães,
Paulo Augusto, Maristela, Milinho, Vladimir de Paula, Eugênia
Siebra, Clauber Mateus e comunidade do maracatu.

CONFEÇÃO RÍTMICA E CONFEÇÃO DE INSTRUMENTOS:

Descartes Gadelha.

ASSISTENTES DE BATUQUE: Marildo Maciel e Wilton Matos.

TEXTO DE APRESENTAÇÃO: Alan Mendonça.

ORGANIZAÇÃO NA AVENIDA

APOIO: Jorge Ramos, Lúcio Picanço, Fátima Nogueira, Samuel,
Arnildo Santiago, Carlos Pires, Cristiane Pontes, Ivone
Sampaio, Augusto Moita, Herjan Sâ, Eveltana Freitas, Cláudia
França, Ana Amélia, Ana Roberta e Fátima Garcia.

DIRETORIA ARTÍSTICA

Diretor Artístico: Descartes Gadelha

Diretora Artística: Camila Coelho

Diretora Artística: Inês Mapurunga

Figurinista: Jander Magayver

Diretora de Patrimônio: Fátima Nogueira

Diretor de Comunicação: Wilton Matos

Diretor Técnico: Arnildo Santiago

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Pingo de Fortaleza

Vice-Presidente: Marconi Tavares

Tesoureiro: Lúcio Picanço

Segundo Tesoureiro: Augusto Moita

Secretário: Raimundo Pereira

Segundo Secretário: Jorge Ramos

Conselho Fiscal: Tieta Pontes

Conselho Fiscal: Luciana Monteiro

Conselho Fiscal: Marildo Maciel

Conselho Fiscal: Ivone Sampaio

REALIZAÇÃO

Solar
ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO CARNAVAL E FOLIA

CONTATOS: (85) 3226.1189

www.associacaosolar.com.br

associacaosolar@gmail.com

APOIO



GRÁFICA CENTRAL
R. General de Câmara, 100 - Vila Rica - 01040-000
São Paulo - SP - Fone: (11) 3061-1000
www.graficacentral.com.br

SEM LAMÊ, SEM LAMENTO

MARACATU SOLAR | O mais novo maracatu da cidade recupera a tradição dos anos 40 - um batuque rápido e certeiro. À frente, o maestro Descartes Gadelha,

comandando a percussão. Os ensaios, abertos ao público, acontecem às terças, quartas e sábados na sede da ONG Solar, presidida pelo músico Pingo de Fortaleza

Eleuda de Carvalho da Redação

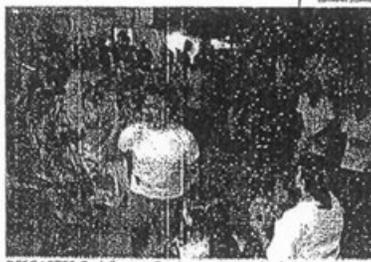


O som do ferro e do couro percutado do maracatu Solar pede passagem na avenida. À frente, comandando a massa, o artista plástico e músico Descartes Gadelha, responsável por inovações rítmicas do maracatu Nação Baobab, criado nos anos 90, e que influenciou outras agremiações. Os ensaios acontecem às terças, quartas e sábados no casarão que sedia a ONG Solar, ali na avenida da Universidade, quase em frente a Adufe - Associação dos Docentes da UFC. A Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar nasceu há menos de dois anos. Precisamente "um ano e oito meses, que a gente resolveu fazer esta experiência", conta o presidente, músico Pingo de Fortaleza. A casa, portas abertas a outras manifestações culturais. Vai abrigar, diz Pingo, uma oficina de bonecos ministrada por Babj Guedes, oficina e publicação de cordéis (já saiu um, *O encontro de Mário Gomes com a alma de Zé Limeira*, de Jair Moraes), e apoia o teatro, a exemplo do espetáculo do grupo Cavaleiros da Dama Pobreza. Além de Pingo, a ONG Solar tem ainda a livreira Mileide Flores (vice presidente), o poeta Alan Mendonça, o Amarildo (dono da loja Nordestinados), a coralista Tieta Pontes, o músico Wilton Matos, os batuqueiros da Caravana Cultural, o pessoal do Movimento Bacurim, Tembú e Movimento Crítica

Radical, o dramaturgo Ghil Brandão, a diretora do Teatro José de Alencar - Elisa Gunther, a arte-educadora Gislene Andrade, o músico Juliano Smith, a Regina Elizabeth, irmã do Pingo, Calé Alencar e Dilson Pinheiro... "São muitas pessoas mesmo", reforça Pingo.

A ONG Solar, vai explicando o presidente, reuniu "várias pessoas que já vinham desenvolvendo trabalhos coletivos na área da cultura e da cidadania". Entre as ações implementadas pela Solar estão a produção de eventos, como o Festival de Música da Meruoca e o de Icapuí, de "discos de outros colegas", e fez um mapeamento cultural da cidade, "Minha passagem pela Functet foi uma aprendizagem", diz Pingo, que trabalhou seis meses no órgão de cultura municipal. "Saí com um compromisso maior e também entendi os limites do setor estatal. No terceiro setor, temos mais liberdade", reforça. Um dos objetivos da Solar é, explica Pingo, "dar encaminhamento à produção cultural com uma ação mais objetiva. A gente percebeu que precisava aglutinar mais gente numa dinâmica artística. E as coisas começaram a acontecer".

Uma das ações da Solar é o fortalecimento dos maracatus. "No Solar, fazemos o que não podemos fazer no AZ de Ouro, que tem um compromisso com a tradição, e de quem somos filhos", diz Pingo, que chamou o incansável Descartes Gadelha para dar o tom e o toque da novíssima agremiação, a partir de uma pesquisa com ritmos da década de 40, um "batuque com muita



DESCARTES Gadelha, no Centro, no comando do Maracatu, abaixo a rainha Eugênia Siebra durante ensaio na quarta-feira

liberdade de expressão", reforça Pingo. Sete da noite, enquanto Descartes Gadelha não chega para o ensaio, na cozinha do casarão - também barracão do Solar - a rainha do maracatu, atriz Eugênia Siebra, conversa com o figurinista, animadíssimo com as compras que acabou de fazer. "Querida, fiz uma coisa bem prática, não sei se você vai gostar...", diz Jander Mendes, o Magaiver, enquanto abre a sacola com muitos cortes de tecidos em que o amarelo domina. "Uns panos bem afro, para as negras", fala Magaiver, arrematando: "Tudo na avenida tem que ser muito vistoso". Rapidinho, o criativo Magaiver veste Eugênia, enrola uns panos em seu corpo, improvisa um turbante com uma estereína de palha.

Ficou incrível. Os recursos minguados exigem de contrapartida muita criatividade. Pois é o que se verá.

Lá no quintal, ventilado, é que acontecem os ensaios, propriamente. Chegando em cima da hora, Elisa Gunther. "Já saí no AZ de Ouro e um ano no Nação Iracema. Mas, em 2007, vou de maracatu Solar. Eu nunca tinha vivido esta coisa da construção, do conjunto. De ver o maracatu nascer e crescer em cada ensaio. É um lindo trabalho coletivo, todo mundo contribuindo. Esta é a função principal da cultura tradicional popular: não é só o espetáculo, é a vivência e a expressão da criação. E aqui, a gente está tendo esta oportunidade", diz Elisa, que trouxe dois sobrinhos para vivenciar este novinho maracatu.

Carregando sua alfaia, vem chegando o grão - como diz o Pingo (grãos são os mestres africanos responsáveis por contar a história de sua gente para as novas gerações). Sim, o grão do maracatu, claro, é Descartes Gadelha - ele quem criou uma das mais incríveis inovações do maracatu, a chocalheira do Nação Baobab. A loa do Solar leva a assinatura dele mais Pingo de Fortaleza, Wilton Matos, Alan Mendonça e Inês Mapurunga. Para cantá-la na Domingos Olímpio, Pingo, Inês, Jordie Guedes, Wilton Matos e Marcvs Brito. Descartes Gadelha diz que inovação será esta. "Orson Welles gravou o maracatu do Raimundo Feitosa, o Raimundo Boca Aberta, quando esteve em Fortaleza, nos anos 40, para filmar *It's All True*. É uma maravilha! O maracatu era lindo, alegre, pra cima, com seu batuque índio-africano. As bases da música do Ceará estão nas células rítmicas daquela gravação. Chorei, quando ouvi a voz do meu querido e velho amigo Raimundo. Escutei uma semana, e organizei a partitura".

Quer dizer então que nosso maracatu nem sempre teve esta batida lenta? "Uma coisa ruim, pra história do nosso carnaval, aconteceu em 1970, quando importamos, das escolas de samba do Rio de Janeiro, o vestuário luxuoso. O lamê, os paetês, os tecidos pesados, as armações pesadas das fantasias de luxo. E aí, abandonamos a leveza da chita por uma armação de ferro. O maracatu passou a ter este ar de procissão, solene, lento. A batida não era mais para acompanhar uma coreogra-

fia pulsante, mas para mostrar as fantasias, verdadeiros monumentos - indaçaíveis. Daí nossa intenção de fazer um maracatu sem plumas e sem paetês. Sem lamê e sem lamento. Só alegria!". Pronto, o ensaio já vai começar. A moça que toca o xocorê, natural de São Paulo, espalha contentamento. "Adorei! Na minha terra não tem isso...". Ao lado dela, outros ritmistas, os tambores da Caravana Cultural, Pingo ao violão, puxando a loa, e o pulsar dos ferros poderosos - três triângulos, um chocalho grande, uma enxada sem o cabo.

A música é irresistível. Primeiro, os versos da loa, nua, só voz, e então, a um comando de Descartes Gadelha, o peso do batuque toma conta do quintal, a rainha evolui com seus panos coloridos e seu adereço leve de cabeça, o pessoal dança, homens, mulheres, crianças - um pai com sua filhinha ao colo se balança ao som acelerado do maracatu. Tudo muito bonito de ver e ouvir, na noite quase de lua cheia, o cheiro suave das flores (cor de rosa da espirradeira (único verde do quintal cimentado), e as vozes em conjunto, cantando: "Na soleira do tempo/ eu, de chapéu de sol/ giro o vento, giro o mundo/ de batuque e favela". Quem resiste?

SERVIÇO
MARACATU SOLAR - ensaios na sede da ONG Solar: av. da Universidade, 2333 - quase em frente a Adufe. Terças e quartas, às 19h; sábados, a partir das 16h.



MARACATU Solar é a mais nova agremiação do Carnaval fortalezense sob o comando de Descartes Gadelha

Solar promete revolucionar carnaval

ONG apresenta-se como casa sempre aberta para as manifestações artísticas do povo cearense

A comunidade artística cearense, ao que tudo indica, está encarando como coisa do passado aquela história de ficar esperando pela boa vontade dos poderes públicos para produzir, lançar e comercializar seus trabalhos. Tem uma boa pá de gente por aí que resolveu enveredar pela criação de organizações não-governamentais para ver esses frutos vingarem, e o resultado vem superando todas as expectativas. Um exemplo disso é o cantor e compositor Pingo de Fortaleza, nome dos mais respeitados na nossa cena musical independente (ou alternativa, como queiram). Há quase dois anos, após uma rápida experiência como diretor da Funcet, entidade encarregada de cuidar da cultura e do esporte na capital alencarina, ele decidiu criar a ONG Solar - Associação Cultural Solidariedade e Arte, que a cada dia vem se afirmando como uma casa sempre aberta para as diversas manifestações artísticas do nosso povo.

Produção de shows, festivais de música, peças de teatro; lançamentos de CDs, livros, cordéis; exposições de artes plásticas, oficinas de bonecos e incentivo ao Carnaval, através do fortalecimento do maracatu, são apenas algumas das missões abraçadas pela Solar, que conta em suas fileiras com nomes expressivos da classe artística local, como o próprio Pingo, Tieta Pontes (colorista), Elisa Gunther (diretora

do Theatro José de Alencar), Descartes Gadelha (artista plástico), Calé Alencar (músico e produtor cultural), Dilson Pinheiro (músico e apresentador de TV), Mileide Flores (livreira), Chil Brandão (dramaturgo), Gislene Andrade (arte-educadora) e mais uma "ruma" de colaboradores, cada um trabalhando, dentro do seu ofício, para dar encaminhamento à produção cultural com uma ação mais objetiva.

"Essas pessoas já vinham desenvolvendo trabalhos coletivos na área da cultura e da cidadania. Elas têm sido indispensáveis para o êxito da nossa percepção de que é preciso aglutinar mais gente numa dinâmica artística para que as coisas comecem a acontecer", disse Pingo de Fortaleza, enfatizando a experiência que adquiriu nos seis meses em que trabalhou na Funcet. "Minha passagem por lá foi uma aprendizagem. Sai com um compromisso maior e também entendi os limites do setor estatal. No terceiro setor, temos mais liberdade", acrescentou.

O mais novo projeto da ONG, que promete revolucionar o Carnaval de rua de Fortaleza, é a estréia do Maracatu Solar, cuja loa foi idealizada numa parceria entre Pingo, Wilton Matos, Alan Mendonça e Inês Mapurunga, enquanto a interpretação, na avenida Domingos Olímpio, ficará a cargo de Pingo, Wilson, Inês, Jordie Guedes e Marcos Brito. O enfoque do desfile, previsto para



Maracatu Solar vai estrear Domingo de carnaval e seus componentes estão otimistas

acontecer no domingo, por volta das 16h30m, é exemplificar em seu batuque e na sua concepção estética uma forte conotação histórica e uma referência aos maracatus cearenses existentes até a década de sessenta do século passado.

Segundo Pingo, a Solar está gerando muitas mudanças positivas e seus resultados concretos se eternizarão através de infinitas ações que serão realizadas com o passar do tempo. Para quem quiser conhecer mais de perto o trabalho da entidade, tal o endereço: Avenida da Universidade, 2333, Benfica (quase em frente à Adufc), fone (85) 3226-1189, site www.associacaoosolar.com.br.



Pingo de Fortaleza é um dos fundadores do Maracatu Solar

O Solar entre o Beato Negro do Caldeirão, a Noite Azul e a queda da arquibancada do carnaval em 2008

Passados os quatro dias de festa e depois da empolgante estreia do Maracatu Solar no carnaval de rua de Fortaleza em 2007, quando causamos impacto por nossa postura estética (ritmo acelerado, fantasias leves etc.), voltamos naturalmente às nossas atividades normais e profissionais na Associação SOLAR. Contudo, para minha surpresa, na quinta ou sexta-feira da mesma semana, recebo a visita do meu parceiro Descartes Gadelha em nossa sede e ele, como um bom carnavalesco, apresenta-me uma proposta completa para a temática do maracatu no ano de 2008: música cifrada e em partitura, um texto elucidando o tema e um conjunto de desenhos a lápis do figurino de todos os personagens do maracatu para representar o tema específico. Quem faz maracatu é eminentemente um carnavalesco, pois é no período do carnaval que acontece o ápice de produção e difusão dessa manifestação que se estabeleceu como umas das maiores referências deste ciclo multicultural brasileiro.

A música tema, apresentada minuciosamente pelo artista-compositor, trazia o título “O Beato Negro do Caldeirão”, de autoria de Descartes Gadelha e Inês Mapurunga, em dois ritmos (solene e baião de maracatu). Tratava em seu conteúdo da história do Beato Zé Lourenço, do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, uma comunidade construída por esse beato negro em terras doadas pelo Padre Cícero na Chapada do Araripe, na região do Cariri. A comunidade foi destruída e dizimada pelas tropas oficiais do estado do Ceará, em 1937 (primeira vez que se usou aviões para bombardear civis no Brasil).

Porém, o que mais me chamou atenção naquele instante, além de receber aquele material logo depois do carnaval de 2007 (assim Descartes fez por muitos anos), foram os desenhos dos figurinos que ilustrariam o tema de “O Beato Negro do Caldeirão”, pois fugiam totalmente da estética padrão do Maracatu Cearense e do próprio Solar usado em 2007, porque eram inspirados na sua grande maioria na cultura do reisado muito presente no cariri cearense.





O Beato Negro e o Canto do Caldeirão
por
Inês Mapurunga

O Beato Negro e o Canto do Caldeirão

Inês Mapurunga e Descartes Gadelha

$\text{♩} = 50$

Voz $\frac{6}{8}$ Chei - o de a - mor, chei - o de a - mor nas cha - gas

Lento e Ad libitum

Voz $\frac{6}{8}$ tra - zes o sal - va - dor E o Be - a - to Ne - gro le -

Voz $\frac{6}{8}$ van - do a san - ta cruz no seu boi man - si - nho'a - do - ra - do fi - tas bran - cas e a -

Voz $\frac{6}{8}$ zuis E - ra Zé Lou - ren - ço'en - fei - ta - do com o - lhos gru - da - dos no céu

Voz $\frac{6}{8}$ e a ir - man - da - de can - tan - do bem al - to i - gual a um ma - ra - ca - tu E a ir - man - da - de can -

$\text{♩} = 100$

Voz $\frac{6}{8}$ tan - do bem al - to i - gual a um ma - ra - ca - tu Rou - xi - nol me le - va em teu

Voz $\frac{6}{8}$ can - to de ca - ri - nho pra lou - var a san - ta cruz e'a co - ro - a de es - pi -

Voz $\frac{6}{8}$ - nho Rou - xi - nol me le ro - a de es - pi - nho Meu Pa - dim a - ben - ço - ou

Voz $\frac{6}{8}$ um pe - da - cim de chão que meu po - vo re - za - dor cha -

Imalê

46
Voz
8
mou de Cal-dei - rão — Ca - ri - ri vi - rou — can - ti - ga no mei - o da plan - ta - ção

51
Voz
8
— Su - or, can - ti - ga'e re - za e ca - lo nas du - as mãos — Su

56
Voz
8
ca - lo nas du - as mãos — $\text{♩} = 50$ E o Be - a - to Ne - gro le -

61
Voz
8
van - do a san - ta cruz — no seu boi man - si - nho'a - do - ra - do fi - tas bran - cas e a -

66
Voz
8
zuis E - ra Zê Lou - ren - ço'en - fei - ta - do com o - lhos gru - da - dos no céu

71
Voz
8
e a ir - man - da - de can - tan - do bem al - to i - gual a um ma - ra - ca - tu E a ir - man - da - de can -

76
Voz
8
tan - do bem al - to i - gual a um ma - ra - ca - tu **To Coda**

De imediato adorei a proposta do parceiro Descartes, concordando com a ideia do tema. Seu caprichado e detalhado material ficou conosco na SOLAR, para agilizarmos sua produção no período mais próximo do carnaval.

Bom, minha vida profissional seguiu de forma autônoma a do Maracatu Solar, que até realizou algumas poucas apresentações em 2007, mas só no final de 2007 fomos mesmo tomar providências logísticas de produção para o desfile do Maracatu Solar em 2008. Para nossa tristeza, ficou difícil agilizar o processo de concretização do tema “O Beato Negro do Caldeirão”, pois precisaríamos de muitos recursos para viabilizar sua estética, uma vez que não aproveitaríamos nada de nosso acervo de fantasias, adereços e materiais. Além disso, a forma de confecção para essa linha de ação demandaria muitos recursos financeiros e de mão de obra e ainda não recebíamos recursos da prefeitura para participar do carnaval (pois os grupos só começam a receber esses suporte a partir do terceiro ano consecutivo de atividades).

Diante desse impasse e já chegando o período do carnaval, comuniquei a todos os envolvidos na produção do grupo (diretoria do maracatu, da SOLAR

e profissionais carnavalescos) que iríamos mudar o tema para ajustar à nossa capacidade logística.

Foi então que lembrei da música “Noite Azul”, composição de minha autoria em parceria com os amigos Parahyba e Augusto Moita. Iniciamos essa composição num encontro que tivemos aproximadamente um ano antes, no Morro Branco, que foi finalizada pelo Parahyba. Eu já cantava essa composição em meus shows em ritmo acelerado (balada) e sentia que havia uma grande empatia por parte do público em relação à sua letra e melodia. Fui então ao encontro dos meus parceiros e solicitei que a usássemos como tema do maracatu, o que eles de pronto concordaram.

No Maracatu Solar, “Noite Azul” ganhou em sua instrumentação concebida por mim e por Descartes a batida chamada “5 toques”, que se adapta também à divisão rítmica de uma balada acelerada, e uma variação em maracatu solene. Adaptei um pouco seu refrão para citar o Maracatu Solar e a partir daí foi só festa em nossos ensaios e preparativos para o carnaval de rua de 2008, com todos entoando seu contagiante refrão “Me leva meu bem, me leva, pra dentro da noite azul, me leva meu bem, me leva pro maracatu”.



Noite Azul

Pingo de Fortaleza, Parahyba e Augusto Moita



Noite Azul por
Maracatu Solar



Noite Azul por
Pingo de Fortaleza

♩ = 115 Baobab/5 Toques ♩ = 57 Solene

Voz

Ferro

Gonguê ou agogô

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

D D D D D E D D D D D E D D D D D E D E D E D E D D

Ad Libitum

6

V. O mar se dei-tou na'a-rei - a ou - vin - do'a can-ção na-gô ____ É

11

V. a mãe da ter - ra'in-tei - ra cha-man - do os fi - lhos de to-da cor ____ Me - le - va, meu bem, me le -

16

V. - va pra den - tro da noi - te'a-zul ____ Me le - va, meu bem, me le - va pro ma - ra - ca-

Break

21

V. tu

0

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

Disponível em: <<https://youtu.be/1ZzJ3kWwxiY>> (vídeo)

26
V. mar se - dei - tou na'a - rei - a - ou - vin - do'a can - ção na - gô - É

30
V. a mãe - da ter - ra'en - tei - ra - cha - man - do os fi - lhos de to - da cor - O

34
V. cor Me - le - va - meu bem Me - le - va - pra den - tro - da noi - te'a - zul

38
V. Me - le - va - meu bem Me - le - va - pro ma - ra - ca - tu Me

42
V. tu Dan - çam - as co - res, o som dos tam - bo - res dan - çam os o - ri - xás

46
V. Ra - i - nha ne - gra Ma - gi - a'e - be - le - za na som - bra dos ba - o - bás

50
V. bás Me - le - va - meu bem, me - le - va - pra

54
V. den - tro - da noi - te'a - zul Me - le - va - meu bem Me - le - va - pro ma - ra - ca -

58
V. tu Me - le - va - meu bem! Me - le - va - pro ma - ra - ca - tu

63
V. Ma - ra - ca - tu ma - ra - cá, ma - ra - ca - tu Ma - ra - ca - tu, meu So - lar ma - ra - ca - tu

69
V. tu Me - le - va, meu bem, me - le - va pra den - tro da noi - te'a - zul Me - le - va, meu bem, me

75
V. le - va pro ma - ra - ca - tu Me - le - va, meu bem! Me - le - va pro ma - ra - ca - tu

50

2 Toques na alfaia

5 Toques

Break

♩ = 57 Solene

Break

♩ = 115 5 Toques

Ensaíamos “Noite Azul”, adaptamos um pouco nossas fantasias de 2007, agregamos muita gente em nosso cortejo e com muito mais brincantes fomos difundir nossa alegria no carnaval oficial de Fortaleza em 2008.

Éramos se não me engano, o segundo ou terceiro grupo a desfilar no domingo de carnaval e estávamos já passando o som e falava ao grupo no microfone, quando alguém da organização passou e me disse no ouvido para segurar um pouco o grupo. Logo depois comecei a ver as pessoas se deslocando das arquibancadas em nossa direção. Estávamos no final da avenida, no local do início do cortejo. Foi quando soubemos que uma parte da arquibancada tinha caído, que haviam pessoas feridas e que os cortejos não aconteciam mais naquele dia.

Naquele momento, senti-me preocupado e solidário com os que estavam sofrendo diretamente com a queda da arquibancada e de imediato comuniquei ao grupo que não haveria o cortejo e que voltaríamos caminhando para sede pela rua paralela de nome Joaquim Magalhães. A SOLAR fica na Avenida da Universidade, bem próxima à Avenida Domingos Olímpio e quando já estávamos numa rua lateral em direção à Joaquim Magalhães, o amigo e brincante Brenner Paixão, que esse ano cantaria a lo conosco, pegou o microfone de um pequeno som de

uma pessoa que se encontrava na calçada e discursou que na África, em muitas ocasiões, também se canta e se dança em momentos de dor. Sua argumentação vinha no sentido de que deveríamos voltar tocando e dançando para a sede do Maracatu Solar e dessa forma convenceu o grupo a voltar em forma de cortejo até a nossa sede pela rua paralela a avenida onde havia caído a arquibancada. Nesse momento já havíamos sido informados que ninguém tinha se machucado muito gravemente no incidente com a arquibancada.

A não realização do cortejo com “Noite Azul” na Avenida oficial do Carnaval de Fortaleza em 2008 não deixou de ser frustrante para todos os brincantes do Maracatu Solar. Nesse ano o homenageado do carnaval era o compositor Ednardo e seu show, que também aconteceria na avenida após os desfiles, foi transferido para o domingo seguinte, na praia de Iracema. Também alguns grupos de maracatu que não desfilaram na avenida em função da queda da arquibancada participaram desse evento, com um cortejo saindo do Centro Cultural Dragão do Mar em direção ao Aterrinho da Praia de Iracema, quando subiriam ao palco para apresentarem suas músicas.

E assim a noite se fez mais azul na Praia de Iracema com o cortejo e a apresentação do Maracatu Solar no domingo seguinte ao carnaval em 2008.



Ainda durante o carnaval desse ano, o Maracatu Solar esteve presente nos municípios de Guaramiranga (Festival de Jazz e Blues) e Redenção, na segunda-feira de carnaval, em comemoração aos 125 anos de libertação dos escravizados no Ceará – projeto premiado no Edital de Carnaval da SECULT/CE). Durante o restante do ano de 2008, o Maracatu Solar se manteve muito atuante, realizando um total

de 44 atividades, sendo 17 ensaios abertos (no mínimo um a cada mês) e 27 apresentações públicas no município de Fortaleza, ocupando diversos espaços e ambientes, tais como escolas, praças, ruas e centros culturais, e também em Irauçuba (atividade do selo UNICEF) e em Juazeiro do Norte (X Encontro Mestres do Mundo, em dezembro).

NOTA 6 - NOITE AZUL

52

Seguindo ainda a ideia da perspectiva de adaptação dos instrumentos e criações rítmicas temos a execução dos toques de caixas com esteiras que fazem a função essencial de preenchimento do arranjo percussivo - dos toques Baobab, Baião e Coco de maracatu e, ao mesmo tempo, com as devidas acentuações colocadas remexem com o “esqueleto” do corpo todo. Apresentamos o famoso: *“Nunca vi calangotango no calango da lacraia”*

nun CA vi ca LAN go TAN go no CA lan go DA la CRA ia nun CA vi ca LAN go TAN go no CA lan go DA la CRA ia nun CA vi ca LAN go

E, a partir da necessidade da loa, como se percebe em “Noite Azul” o arranjo pede uma mudança rítmica e de andamento, ou seja, ele pode sair do Toque Baobab (andamento acelerado) e ir para o Toque de Coroação (andamento lento). Dessa forma a caixa passa a acompanhar com um preenchimento mais simples (com apenas duas colcheias em cada tempo), mas se atentando sempre ao local da acentuação para deixar preciso com o contratempo dos ferros. Dessa forma, nosso Griot, ensinava com alegria através da seguinte frase: “e TÁ com pulga NA cueca”

e TA com PUL ga NA cu Eca e TA com PUL ga NA cu Eca

A partir dessas variações apresentadas até aqui observa-se a construção de um repertório rítmico que acolhe as necessidades musicais tanto de permanências, adaptações e aprimoramentos de acordo com o arranjo percussivo ensinado e tocado pela Orquestra Solar de Tambores.



MARACATU SOLAR



125 Anos DE LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS EM NEGROS REDENÇÃO

1883 - 2008

MARACATU SOLAR, MANIFESTAÇÃO CULTURAL DA TERRA DA LUZ EM REDENÇÃO - 125 ANOS DA LIBERTAÇÃO DOS NEGROS NESTA VILA E A DIFUSÃO DE NOSSAS MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS.

O MARACATU E SEUS SIGNIFICADOS:

"MARACATU": TERMO DE ORIGEM AMERÍNDIA, PROCEDENTE DA DERIVAÇÃO DE "MARACÁ", INSTRUMENTO MUSICAL E "CATU", QUE QUER DIZER BONITO EM TUPI, OU PALAVRA ORIUNDA DA EXPRESSÃO "MARACATUCÁ", ONOMATOPÉIA RESULTANTE DOS SONS DOS TAMBORES DESTA MANIFESTAÇÃO E UTILIZADA ANTIGAMENTE PELOS SEUS BRINCANTES COM O SENTIDO DE "DEBANDAR", "JÁ EMBORA".

O MARACATU É UMA REPRESENTAÇÃO, PRINCIPALMENTE EM FORMA DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO, DE UM CORTEJO EM HOMENAGEM A COROAÇÃO DE UMA RAINHA NEGRA. NUM PROCESSO DE MUITAS POSSIBILIDADES É POSSÍVEL AFIRMAR QUE OS MARACATUS CEARENSES TERIAM ORIGEM NAS COROAÇÕES DOS REIS DO CONGO, E TAMBÉM NO AUTO DO CONGO, QUE POR SUA VEZ ACONTECIAM ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XX NAS IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DOS HOMENS PRETOS EXISTENTES EM FORTALEZA, SOBRAL, CRATO, BARBALHA E OUTRAS CIDADES DO CEARÁ.

PRESENTES DESDE O FINAL DO SÉCULO XIX NO CARNAVAL DE RUA, OS MARACATUS CEARENSES EXISTENTES, PRINCIPALMENTE NA CIDADE DE FORTALEZA, TEM COMO CARACTERÍSTICA O NEGRUME (PINTURA NEGRA NA FACE DOS SEUS BRINCANTES), E A VARIEDADE RÍTMICA DE SEUS BATUQUES (DOLENTE E ACELERADO), E SE CONSTITUEM DE VÁRIAS ALAS (ÍNDIOS, NEGRAS, BAIANAS, CAPOEIRA, ORIXÁS E CORTE) E FIGURAS (BALIZA, PORTA ESTANDARTE, PRETOS VELHOS, BALAJEIRO, REI E RAINHA) FIGURAS E ALAS TRADICIONAIS, QUE EM CONJUNTO ENTOAM LOAS (CANÇÕES COM FORTE REFERÊNCIA NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA).

O MARACATU SOLAR:

CRIADO COMO UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO E DIFUSÃO CULTURAL DA ONG SOLAR (UMA INSTITUIÇÃO FUNDADA EM 20 DE JUNHO DE 2005), O MARACATU SOLAR TEM COMO CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS, SEU FIGURAL BASEADO NOS FIGURINOS USADOS PELOS MARACATUS CEARENSES ATÉ O INÍCIO DA DÉCADA DE 60, DO SÉCULO XX, PREDOMINANTEMENTE CONFECCIONADOS NAS TEXTURAS E MOTIVOS PRESENTES NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E NA ARTESANIA CEARENSE, E SEU BATUQUE QUE MESCLA ANDAMENTOS ACELERADOS E DOLENTE, TAMBÉM COMO UMA FORMA DE REFERÊNCIA AOS BATUQUES UTILIZADOS PELOS MARACATUS EM FORTALEZA, EM MEADOS DO SÉCULO PASSADO, COM FORTE CONOTAÇÃO HISTÓRICA. O MARACATU SOLAR FOI DESTAQUE NO CARNAVAL OFICIAL DE RUA DE FORTALEZA NO ANO DE 2007, E ESTE ANO DE 2008, COM O TEMA "ME LEVA PRO MARACATU", NOVAMENTE APRESENTA NO PERÍODO CARNAVALESCO, SEU CORTEJO DE FORMA EMPOLGANTE, ASSOCIANDO À SUA ESTÁTICA, ELEMENTOS DE DIFUSÃO E REFLEXÃO SOBRE ESTA MANIFESTAÇÃO, SUA ORIGEM E RELAÇÃO COM O UNIVERSO E A HISTÓRIA DOS NEGROS NO CEARÁ.

REDENÇÃO - 125 ANOS DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS NEGROS

O MUNICÍPIO DE REDENÇÃO SE CONSTITUIU UM MARCO HISTÓRICO NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS, NÃO SÓ NO ESTADO DO CEARÁ, MAS TAMBÉM NO BRASIL, QUANDO, AINDA COM O NOME DE VILA DO ACARAPE, HÁ 125 ANOS ATRÁS, MAIS PRECISAMENTE NO DIA 01 DE JANEIRO DE 1883, RECEBEU EM SUA SEDE UMA NOTÁVEL COMITIVA DE ILUSTRES ABOLICIONISTAS COMPOSTA POR: JOSÉ DO PATROCÍNIO, JOÃO CORDEIRO, JUSTINIANO DE SERPA, PADRE JOSÉ SILVEIRA GUERRA, LIBERATO BARROSO E ANTÔNIO TIBÚRCIO, QUE EM CONJUNTO COM A SOCIEDADE REDENTORA ACARAPENSE, REALIZARAM NO INTERIOR DA SEDE PRINCIPAL DO ATUAL CENTRO DE FORMAÇÃO PADRE SARAIVA LEÃO, A SOLENIDADE DE ALFORRIA DE 116 ESCRAVOS, TORNANDO EXTINTA A ESCRAVIDÃO NESTA VILA.

A VILA DE ACARAPE PASSOU A CATEGORIA DE CIDADE EM 20 DE DEZEMBRO DE 1889, COM O NOME DE REDENÇÃO, E POR SER PIONEIRO NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO DE ESCRAVOS, O ESTADO DO CEARÁ RECEBEU DE JOSÉ DO PATROCÍNIO O EPÍTETO DE "CEARÁ TERRA DA LUZ".

REALIZAÇÃO



APOIO CULTURAL

APOIO



"ESTE PROJETO É APOIADO PELA SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA LEI Nº 13.811, DE 16 DE AGOSTO DE 2006"



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

Um Festival entre Estrelas e Um Solar Pelo Mundo em 2009

Como um maracatu organizado e com uma presença marcante de artistas, o Maracatu Solar já em seus primeiros anos de existência ganhou a criatividade com uma marca inerente à sua atuação. E nesse contexto, como coordenador geral do Maracatu Solar, pensei em algo diferenciado para a escolha do tema/música para o carnaval de 2009. Assim, organizamos o *1º Festival de Loas de Maracatu no Ceará*, visando escolher sua loa/tema para o carnaval de rua de 2009.

O Festival teve inscrições abertas para todos os compositores interessados e tinha em seu simples regulamento apenas o indicativo de que a música fosse em qualquer ritmo de maracatu e que citasse em seu texto o Maracatu Solar. Inúmeros artistas de Fortaleza se inscreveram no festival, tais como Edinho Vilas Boas, Jord Guedes, dentre outros. As apresentação das músicas selecionadas para a final do festival se deu no Quintal de Batuque Griô Descartes

Gadelha, uma pequena quadra que fica no quintal da sede da Associação SOLAR, localizada na Av. da Universidade, 2333, no cultural bairro do Benfica, Fortaleza, Ceará. Na ocasião, foi escolhida como loa oficial do Maracatu Solar 2009 a canção de autoria da compositora Inês Mapurunga, com o título “É o Solar pelo Mundo”, que em dois ritmos (baião de maracatu e maracatu solene) fazia em seu texto um chamamento para a participação de todos no Maracatu Solar e citava a orixá Oyá e seu poder sobre os ventos e as tempestades.

A música e sua essência festiva foi trabalhada em todas as linguagens no Maracatu Solar, com um arranjo próprio no batuque e nas coreografias. O Solar ganhou nesse ano um novo figurino, pois pôde participar dos editais da Secretária de Cultura de Fortaleza.



O Solar em 2009 foi um dos últimos grupos a desfilar e logo no início do cortejo começou a cair uma leve chuva que, a cada instante que o maracatu avançava na avenida, foi se transformando numa verdadeira tempestade com assim vaticinava a letra de sua música que dizia que o Solar “...incendeia o dilúvio...”. Lembro-me que nos cruzamentos dos últimos quarteirões a água acumulada na avenida chegava aos joelhos. Mas ao invés de entristecer o grupo, o Maracatu Solar parecia abençoado pela forte chuva e se alegrava cada vez mais com a explicitação dos sorrisos nos rostos de seus brincantes que pulavam literalmente de alegria no “Solar Pelo Mundo” em 2009.

É o Solar Pelo Mundo

Inês Mapurunga

The musical score is divided into two main sections: Solene and Baião de Maracatu. The Solene section is in 2/4 time with a tempo of 52. The Baião de Maracatu section is in 4/4 time with a tempo of 104. The score includes parts for Voz, Ferro, Agogô/Gonguê, Xequerê, Agbê, Caixa, Alfaia, and Bumbo. The vocal lines include the following lyrics:

Me le - va, me le - va Na ven - ta - ni - a de'O - yá Me faz de rou - xi -
 not Pra no So - lar eu can - tar Me Pra no So - lar eu can -
 tar Quem me cha-mou eu vou já É o So-lar pe-lo mun - do Quem in-cen - dei-a'o di-lú - vio É o So - lar pe-lo mun -

© Catherine Furtado e Jean Brito
 Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol
 Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)
 <<https://youtu.be/esBP3hkh5Cw>> (vídeo)



É o Solar Pelo
Mundo por Inês
Mapurunga e
Maracatu Solar

20
V. do Quem é pas-sa-do'e fu - tu - ro É o So-lar pe-lo mun - do Quem faz da__ ho-ra'ò mi-nu - to É o So - lar pe-lo mun -

24
V. do Mas quem ar-ras-ta can - tan - do É o So-lar pe-lo mun - do E'os ve-lhos vão re-bo-lan - do É o So - lar pe-lo mun -

28
V. do Be-bês já nas-cem pu- lan - do É o So-lar pe-lo mun - do ne-gra-da vai se'a-ni-man - do É o So - lar pe-lo mun -
A

32
V. do Ma - ra - ca - tu veio com'o po - vo'a - fri - ca - no O seu gin - gar é da al - ma dos

36
V. ban - tos O - yá so - prou o ven - to tra - zen - do'a for - ça da luz

40
V. Xan - gô trou - xe'o tro - vão Ba - tu - que__ do ma - ra - ca -

44
V. tu Xan tu Me
D.S. al Coda $\text{♩} = 104$
gô trou - xe'o tro -

48
V. vão Ba - tu - que__ do ma - ra - ca - tu Xan tu

NOTA 7 - É O SOLAR PELO MUNDO

Na loa “É o Solar pelo mundo” aparece novamente a utilização do gestual de regência para enfatizar a convenção, por exemplo, no trecho: “Mas quem arrasta cantando?”. Na estrutura completa da música segue o trabalho da utilização do toque baião de maracatu e toque de coroação. Uma curiosidade é que o toque de coroação dessa loa ele se apresenta um pouco mais acelerado para trazer uma interpretação mais festiva desde o iniciar da loa.

CONCURSO

A loa do Solar

O Num clima de companheirismo, o Maracatu Solar divulgou o vencedor do festival de loas

No último sábado, o Maracatu da Associação Cultural Solidariedade e Arte (Solar) divulgou o resultado do seu 1º Festival de Loas. De acordo com o cantor e compositor, Pingo de Fortaleza, Presidente da entidade, o objetivo do evento era escolher o tema da Associação para o carnaval de 2009. Além disso, foi uma forma de difundir a cultura e estimular a participação de artistas, bricantes e compositores do Solar e de outros maracatus. "Os artistas vieram com um espírito aberto, sem competição. O que tornou tudo agradável e harmonioso", conta o compositor.

A temática do concurso foi livre, a única exigência era que, na letra da composição, fosse feita alguma referência ao Maracatu Solar, misturando os ritmos ace-

larados (mais presente até a década de 50) e o ritmo lento (consolidado nos anos 70).

Seleção

Da grande final participaram sete inscritos. A loa vencedora foi "Ê o Solar pelo mundo", de autoria da compositora Inês Mapurunga. Conforme o carnavalesco, a canção foi entoada por todos, durante o encerramento do festival, que, também, marcou o último ensaio aberto do ano do Maracatu Solar.

A comissão julgadora do 1º Festival de Loas foi composta por membros da diretoria do Maracatu Solar e por artistas como Calé Alencar (pesquisador e carnavalesco ligado ao Maracatu Nação Fortaleza), o cantor Lúcio Ricardo e ainda membros de outros maracatus como o carnavalesco Praxedes, do Maracatu Nação Baobab. Sem dúvida uma iniciativa que poderia se tornar mais frequente, estimulando a interação com as agremiações antes e durante os festejos mominos. ■



© Estandarte do Maracatu Solar: festival inédito definiu a loa para o Carnaval 2009

AGENDA

FORTALEZA-CE, TERÇA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 2008
WWW.OPOVO.COM.BR > O POVO

>> EMDESTAQUE 1



WILTON MATOS/ DIVULGAÇÃO

1º FESTIVAL DE LOAS DO MARACATU SOLAR 2009 - Festival com o objetivo de escolher a loa/tema (canção ou macumba) oficial do Maracatu Solar para o Carnaval de Rua de Fortaleza no ano de 2009, devendo esta composição musical ser inédita, ou seja, não plagiada e não gravada. Até 1/12, poderá se inscrever qualquer compositor(a) residente no Estado, excetuando-se os membros da sua comissão de organização, da pré-seleção do festival e os do júri. Cada compositor(a) poderá inscrever uma única composição individual ou em parceria com outros artistas, e deverá entregá-la através de uma gravação em mídia digital reproduzida em CD de áudio (uma cópia) anexada de 10 cópias da letra, acompanhada de uma argumentação temática sobre a referida composição, com no máximo 25 linhas, pois os maracatus no Carnaval desenvolvem em seus cortejos temas anuais específicos. Não será cobrada nenhuma taxa de inscrição para os participantes do festival. O material deve ser entregue na sede da Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR (avenida da Universidade, 2333 - Benfica / Fortaleza-CE). Mais info.: 3226 1179.

vida&arte

FORTALEZA-CE, QUARTA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 2009
WWW.OPOVO.COM.BR > O POVO

AGENDA

EMDESTAQUE 2



MISTURAS CULTURAIS - Nesta quarta-feira (18), das 14 às 17h30min, o Museu da Imagem e do Som do Ceará - MIS/CE (avenida Barão de Studart, 410 - Meireles) realiza edição-especial de carnaval do projeto, resgatando imagens históricas de festas populares através de uma exposição fotográfica sobre festas e folguedos populares. Em seguida, haverá uma mesa redonda com o tema *As Festas Populares - Tradição de Um Povo*, onde participarão a professora do Cefet-CE, Doutoranda e Pesquisadora da Cultura, Lourdes Macena; além dos cantores e compositores populares Dilson Pinheiro e Pingo de Fortaleza. A partir das 17h30, o MISTURAS Culturais encerra com o cortejo do Maracatu Solar (foto) nos jardins do local. Grátis. Mais informações: 3101 1204 / 3101 1206.

Da dor surge um São Jorge Solar em 2010

Um acontecimento inesperado e que entristeceu profundamente toda a comunidade Solar no decorrer do ano de 2009 foi determinante para a escolha do tema do maracatu para 2010.

60

Estávamos no mês de abril de 2009 e seguíamos com nossas múltiplas produções na SOLAR. Sempre atuante e à frente de várias questões, tínhamos a companhia do nosso irmão produtor Jorge Ramos, um dos fundadores da Associação e um entusiasta do nosso Maracatu Solar, embora fosse Jorge o brincante da logística e da organização.

Chamávamos Jorge de Jorjão, porque ele era grande mesmo, no porte e na presença. No entanto, Jorjão tinha um comportamento sempre leve e um trato social ameno e extremamente solidário. Sua fala era mansa e sua paciência de Jó. Na época, eu estava produzindo os discos “Prata 950” e o instrumental “Ressonâncias” com a Orquestra de Câmara do SESI.

No dia 15, estávamos ao meio-dia na SOLAR e após nosso almoço coletivo brincávamos que eu tinha colocado um brinco (para exemplificar que somos todos uma mistura como a Prata 950) e Arnóbio, nosso produtor, também tinha colocado um brinco e que agora só faltava o Jorjão, que apenas ria com a nossa conversa. Foi a última conversa presencial que me vem à memória que tive com o amigo Jorge. Ali nos despedimos e mais tarde fui para uma sessão de gravação do “Prata 950” no estúdio do Mimi Rocha (músico e diretor musical) e após a gravação, enquanto lanchávamos numa padaria, liguei para Jorge e brinquei sobre os pagamentos que deveríamos fazer a Mimi, ele como sempre sorriu com minhas brincadeiras e desligamos a ligação. No outro dia fui surpreendido com a passagem do amigo Jorge para outro plano. Ele teve uma um taque cardíaco fulminante e desencarnou sem sequer chamar por seus familiares.



Essa perda inesperada me abalou profundamente e a todos que fazíamos a Associação SOLAR e o Maracatu nessa época. Mas apesar da dor coletiva, resolvemos seguir nossos projetos e quando da escolha do tema do Maracatu Solar para o ano de 2010 em conversa com Descartes Gadelha e resolvemos fazer uma homenagem ao Jorge Ramos no tema do Maracatu Solar para 2010 e criamos a loa “São Jorge Solar”.

Em “São Jorge Solar”, concebida em dois ritmos (baião de maracatu e solene) criamos uma entidade, fazendo um contraponto ao São Jorge da Capadócia, pois o nosso São Jorge era Solar, irmão do vento e da lua, abraçava o Dragão e chamava as estrelas para nos alegrar...

Apresentamos o tema ao grupo, que abraçou de imediato a ideia e a proposta e seguimos para a

montagem de um espetáculo alegre para reverenciar nosso Jorge Ramos em 2010, pois cada tema anual do Maracatu Solar é montado como com um espetáculo. Com fantasias desenhadas por Descartes Gadelha e confeccionadas sob a direção do carnavalesco Fabrício Óliver, tendo o tom azul como diferencial e uma coreografia saltitante coordenada por nossa brincante Carol Costa entre estrelas e sóis, o Maracatu Solar desfilou em 2010 com São Jorge Solar em seu altar...

Essa entidade particular continua nos iluminando com sua luz como uma eterna “Canção Amiga” (título de uma canção que compôs em homenagem ao amigo Jorge Ramos), que nos ensinou a amar.

De forma pioneira, no carnaval desse ano levamos o Maracatu Solar, para as comunidades quilombolas das Goiabeiras (Aquiraz) e Alto Alegre (Horizonte).

NOTA 8 - SÃO JORGE SOLAR

Utilização dos dois ritmos já consolidados como marca central do batuque Solar: baião de maracatu e toque de coroação. Enfatiza-se também o uso da convenção de regência “pá- tá- pá” explicada também em outras loas, enfatizando uma acentuação no trecho “ei tum tum tum tá”. Assim, tanto letra como a própria se mesclam em uma única batida pelo naipe do batuque todo.





São Jorge Solar
por Eliahne
Brasileiro



São Jorge Solar
por Pingo de
Fortaleza

São Jorge Solar

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha

Variação "Tum tum tum tá"

Baião de Maracatu

Musical score for percussion instruments: Ferro, Agogô/Gonguê, Xequerê, Agbê, Caixa com esteira, Alfaia, and Bumbo. The score is in 4/4 time and consists of two parts: "Variação 'Tum tum tum tá'" and "Baião de Maracatu".

Acapella

V. 5
Ca-na-ri-nho So-lar Vo-ou, vo-ou Quem a-briu a gai-o-la foi nos-so Se-nhor Vi-a-jou na luz

V. 10
A-can-tar Ho-je é um São Jor-ge em nos-so'al-tar No-es-pe-lho da lu-a E-le'a-bra-ça'o Dra-gão

V. 15
É mais um bom sol-da-do Na cons-te-la-ção A-qui lou-va-mos Nes-se ba-tu-que Su-a-a-le-gri-a Nes-

V. 20
sa pro-xi-são Ei tumtuntumtá Tá cantando'ases-trelas Pranos-a-legrar Ei tumtuntumtá É pranosso São Jorge Es-se ba-tu-car Ei

Variação "tum tum tum tá"

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<https://youtu.be/rev_40q7xdg> (vídeo)

25 **Baião de Maracatu**

V.
 Jor-ge Es-se ba-tu-car Ca-na-ri-nho So-lar Vo-ou, vo-ou Quem a-briu a gai-o-la foi nos-so Se-nhor

30
 Vi-a-jou na luz A can-tar Ho-je é um São Jor-ge em nos-so'al-tar No es-pe-lho da lu-a

35
 E-le'a-bra-ço'o Dra-gão É mais um bom sol-da-do Na cons-te-la-ção A-qui lou-va-mos Nes-se ba-tu-que

40 **Variação "Tum tum tum tá"**

V.
 Su-a-a-le-gri-a Nes-sa pro-xi-ssão Ei tum tum tum tá Tá con-tan-do'as es-tre-las Pra nos a-le-grar Ei tum-tum-tum tá É pra nos-so São

45 **Solene**

V.
 Jor-ge Es-se ba-tu-car Ei Jor-ge Es-se ba-tu-car São Jor-ge So-lar Ir-mão do

50
 ven-to Ir-mão da lu-a Man-te-nha es-sa'a-le-gri-a Que'um di-a já foi tão

55 **Break** $\text{♩} = 120$ **Variação "Tum tum tum tá"**

V.
 tu-a São tu-a A-go-ra'té nos-so ca-mi-nhar! Ei tum tum tum tá

60
 Tá con-tan-do'as es-tre-las Pra nos a-le-grar Ei tum-tum-tum tá É pra nos-so São

65
 Jor-ge Es-se ba-tu-car Ei car Es-se ba-tu-car

Tema : São Jorge Solar – Soldado da Paz
Autores: Descartes Gadelha, Lúcio Picanço, Augusto Moita e Maninho

LOA: SÃO JORGE SOLAR
Autores: Descartes Gadelha e Pingo de Fortaleza

CANARINHO SOLAR
VOOU, VOOU
QUEM ABRIU A GAIOLA
FOI NOSSO SENHOR
VIAJOU NA LUZ
A CANTAR
HOJE É UM SÃO JORGE
EM NOSSO ALTAR

em memória de Jorge Ramos da Costa

NO ESPELHO DA LUA
ELE ABRAÇA O DRAGÃO
É MAIS UM BOM SOLDADO
NA CONSTELAÇÃO
AQUI LOUVAMOS
NESSE BATUQUE
SUA ALEGRIA
NESSA PROCISSÃO



EI TUM TUM TUM TÁ
TÁ CONTANDO AS ESTRELAS
PRA NOS ALEGRAR
OI TUM TUM TUM TÁ
É PRA NOSSO SÃO JORGE
ESSE BATUCAR

BIS (Coco-Maracatu)

SÃO JORGE SOLAR
IRMÃO DO VENTO, IRMÃO DA LUA
MANTENHA ESSA ALEGRIA
QUE UM DIA, JÁ FOI TÃO TUA
AGORA É NOSSO CAMINHAR!!!

BIS (maracatu de Surdina – Solene)

O MARACATU SOLAR É UM PROGRAMA CULTURAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA
DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLIDARIEDADE E ARTE - SOLAR

MARACATU SOLAR - CARNAVAL 2010

FICHA TÉCNICA

Balisa - S. Pedro: Gilberto Costa

Estandarte: Paulo Sérgio

Balaio: Batainha

Calunga: Patrício Barros

Preta Velha: Verônica

Preto Velho: Marconi

Sol: Carol Costa

Lua: Cristina Castro

Rezadeira: Maria Gislene

Corte: Mirian de Medeiros, Luiz Murta, Maria Miguel, Levi, João Brasileiro, Solange Brasileiro, Maria Maira, Erika Avelar e Otacílio

Vento: Vlamir

Incenseira: Wladiza Mesquita

Rainha: Maria de Fátima Costa

Rei: Ronaldo Rogério

Erê: Manuela Brasileiro

Participação Especial: Centro de Dança Folclórica Luar do Sertão - Regina Santiago e Gilson Rocha

Firramento: Jairo de Carvalho, Eliane Vigianni, Nancy Coelho, José Newton, Lúcia Helena, Raul Monteiro e Luiza Helena

Baianas: Tereza Cristina da Silva, Dainan da Silva, Claudete Avelar, Marilene Almeida, Regina Cláudia, Cláudia Avelar, Maria Freire, Eudênise e Francisca Gerina.

Negras: Nilze Costa, Regina Bastos, Maria Eli, Ana Lúcia Ferreira, Geni, Neida Mesquita, Sueli Moura, Maria Faustino, Isabel Cristina e Lucia Arnad

Orixas: Regina Militão, Eduardo Duarte, Fabricio Oliver, Zezé Sales, Joelma Gentil, Vladimir de Paula, Antônio Carlos, Turyna, Mairton Araújo, Sandra Helena, Tieta e Isabel

Índios: Nelise Bacerlar, Daysiane Gomes, Olga Benário Pinheiro e Layssa Lara

Ala Dos Africanos - Companhia de Dança Estrelas da Rua: Ana Flávia Oliveira, Andréssa Holanda, Anderson Souza, Ejuciete Lima, Ivan Tabosa, Jonas Ferreira, Marília Nascimento, Sandra Edwrigens, Tiago Matos e Eliana Sabino
Educadores: Antônio José, Carlos Pereira, Marcelo Mota, Regina Mesquita e Viviane Bento

Ala Maculelé: Ernesto Cavalcante, Júlia Rangel, Alana Helen Jessica Barros, Ana Paula, Jéssiaca Andrea, Cristiano Alves Regiane Carla, Rafaela Maria, Josué Silva e Erica Maria
Coordenação Mestre Índio

Batuque

Xequerê: Ana Luiza Medeiros, Cláudia Santos, Luciana Picanço, Maria Liliane Rodrigues, Ana Catarina, Glaura Ismenia, Isabel Bezerra e Vera Lucia

Ferro: Bruce Braga, Rosy Mery, Tiago Ribeiro, Dalton Pinheiro, Iara Pimenta, Carlos Ribeiro, José Caique, Charles e Paulo Augusto

Tambor (5 toques): Carlos Tavares, Delamo Veras, Manuel Alves, Juliana de Paula, Micaela Rocha, Paulo F. Sobreira Monteiro, Sherida Pinheiro tavares, Sandra Petit, Carmelia, Eliseu Paulino e Benedito Araújo

Caixa: Emanuel Oliveira (Nagô), Honório o Lopes, Ravel Andrade, Aldeni Carneiro, Edimilson Granjeiro, Catarine, Jean Morais, Herjan Sá, Maria Nila e Mario Sawatani

Bumbo: João Tavares, Johnny Aquino de Sousa, Francisco Lúduino, Maria Gorete Braga, Raimundo Carlos (Maninho), Danilo dos Santos e Yuri.

Alfaia: Júlia Alves, Matheus Ramilen, Brayner Feijo, Fernanda, Sidney, Erwin Schrapper e Júlia Lima Verde

Chocalho: Olaneide Nogueira e Robson Eduardo, Roberta Picanço, Maria Leocadia e Maria Ismany

Surdo: Ótávio Augusto

Tiradores de Loa: Pingo de Fortaleza, Eliane Brasileiro, Juliana Rosa, Jord Guedes, Alex Costa e Fernando Neri

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Pingo de Fortaleza

CONCEPÇÃO RÍTMICA e FIGURAL: Descartes Gadelha.

COORDENADOR DE BATUQUE: Nathaly Picanço

CARNAVALESCO: Fabricio Oliver

COMISSÃO DE FANTASIAS E ADEREÇOS: Patrício Barros,

Tieta Pontes e Eduardo

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO: Regina Elisabeth, Cristina

Castro e Claudete Avelar

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO: Deise David e Tiago Ribeiro

ASSISTENTES DE ADEREÇOS: Wladimir de Paula, Joelma

Gentil e Carla Daniela

COREOGRAFIA: Carol Costa

COSTUREIRAS: Edi, Vera e Cristiane Pontes

PROJETO GRÁFICO: Marildo Montenegro

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Tieta Pontes, Arnóbio Santiago e

Thiago Ribeiro

Maracatu SOLAR

DIRETORIA ARTÍSTICA

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Descartes Gadelha

DIRETORA DE PATRIMÔNIO: Regina Elisabeth, Claudete

Avelar e Cristina Castro

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO: Thiago Ribeiro

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO: Afonso Júnior e Marildo

Montenegro

DIRETOR TÉCNICO: Arnóbio Santiago

DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTE: Pingo de Fortaleza

VICE-PRESIDENTE: Marconi Tavares

TESOUREIRO: Lúcio Picanço

SEGUNDO TESOUREIRO: Augusto Moita

SECRETARIO: Raimundo Carlos Pereira

SEGUNDO SECRETÁRIO:

CONSELHO FISCAL: Tieta Pontes

CONSELHO FISCAL: Luciana Monteiro

CONSELHO FISCAL: Marildo Montenegro

CONSELHO FISCAL: Ivone Sampaio

Agradecimentos: Teatro Universitário - UFC (Ghil Brandão)

realização

Solar
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLIDARIEDADE E ARTE

apoio

**Prefeitura de
Fortaleza**

PROJETO FINANCIADO PELO EDITAL DE FOMENTO
AO CARNAVAL DE RUA DE FORTALEZA 2010
PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA / SECRETARIA

**MARACATU SOLAR EM CORTEJO
NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS
DAS GOLABEIRAS E ALTO ALEGRE
Carnaval - 2010**

realização

Solar
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLIDARIEDADE E ARTE

apoio

**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

Projeto Premiado no IV Edital Carnaval do Ceará - 2010
ESTE PROJETO É APOIADO PELA SECRETARIA ESTADUAL DA
CULTURA - LEI Nº 13.811, DE 30 DE AGOSTO DE 2008

O MARACATU E SEUS SIGNIFICADOS-"MARACATU": TERMO DE ORIGEM AMERÍNDIA, PROCEDENTE DA DERIVAÇÃO DE "MARACA", INSTRUMENTO MUSICAL E "CATU", QUE QUER DIZER BONITO EM TUPI, OU PALAVRA ORIGINADA DA EXPRESSÃO "MARACATU-CATU", ONomatopeia resultante dos sons dos tambores desta manifestação e utilizada antigamente pelos seus BRINCANTES COM O SENTIDO DE "DEBANAR", "IR EMBOIRA".

O MARACATU É UMA REPRESENTAÇÃO, PRINCIPALMENTE EM FORMA DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO, DE UM CORTEJO EM HOMENAGEM À CORONAÇÃO DE UMA RAINHA NEGRA, NUM PROCESSO DE MUITAS POSSIBILIDADES, E POSSÍVEL AFIRMAR QUE OS MARACATU CEARANSES TERAM ORIGEM NAS CORAÇÕES DOS REIS DO CONGO, E TAMBÉM NO AUTO DO CONGO, QUE POR SUA VEZ ACONTECEM ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XX NAS IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS, EXISTENTES EM FORTALEZA, SOBRAL, CRATO, BARBALHA E OUTRAS CIDADES DO CEARÁ.

PRESENTES DESSE O FINAL DO SÉCULO XIX NO CARNAVAL, DE RUÁ, OS MARACATU CEARANSES EXISTENTES, PRINCIPALMENTE NA CIDADE DE FORTALEZA, TEM COMO CARACTERÍSTICA A VARIEDADE RÍTMICA DE SEUS BATUQUES (SOLENE E ACELERADO), E SE CONSTITUEM DE VÁRIAS ALAS (ÍNDIOS, NEGRAS, BAIANAS, CAPOEIRA, OXIGÁS E CORTEI) E FIGURAS PRINCIPAIS (BALIZA, PORTA-ESTANDARTE, PRETOS VELHOS, BALANEIRO, REI E RAINHA). OUTRA CARACTERÍSTICA DA MANDRIA DOS GRUPOS É A PINTURA PRETA NO ROSTO, CONHECIDA POR NEGRUME (ABOLIDA NO MARACATU SOLAR EM 2009). SUAS FIGURAS E ALAS TRADICIONAIS, EM CONJUNTO, ENTÃO M LOAS (CANÇÕES COM FORTE REFERÊNCIA NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA).

O MARACATU SOLAR: O MARACATU SOLAR, INSTITUCIONALMENTE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO CULTURAL, CONTINUADA DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLIDARIEDADE E ARTE - SOLAR, FOI CRIADO COM FORTE FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA NESTE UNIVERSO, E TEM COMO OBJETIVO AGREGAR VALORES A ESTA IMPORTANTE MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE FORTALEZA, E SERVIR COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DE NOVOS PRATICANTES (BRINCANTES) DE MARACATU NESTA CIDADE.

O MARACATU SOLAR, IDEALIZADO E FUNDADO EM 2004, ASSOCIADO À FEDERAÇÃO DAS AGRADUAÇÕES CEARANESAS DO CEARÁ EM SETEMBRO DESSE ANO, FOI CRIADO POR UM GRUPO DE ARTISTAS LIGADOS À ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLIDARIEDADE E ARTE SOLAR (ONG FUNDADA EM 2005 COM PROGRAMAS NAS ÁREAS DA FORMAÇÃO, DIFUSÃO, PRODUÇÃO E ACESSORRAMENTO CULTURAL), SENDO COMO PRESIDENTE O CANTOR E COMPOSITOR PINGO DE FORTALEZA E CONTANDO COM O GRUPO DESCARTES GADELHA NA SUA CONCEPÇÃO RÍTMICA E ESTÉTICA.

O MARACATU SOLAR ESTREOU NO CARNAVAL DE RUÁ DE FORTALEZA EM 2007, COM O TEMA "MARACATU SOLAR", CONTANDO COM A PARTICIPAÇÃO DE MAIS DE 160 BRINCANTES. O MARACATU SOLAR TEM SUA MUSICALIDADE INSPIRADA NOS BATUQUES DO MARACATU AZ DE OURO EXECUTADOS ENTRE AS DÉCADAS DE 40 E 50 DO SÉCULO PASSADO, E SUA CONCEPÇÃO ESTÉTICA DE FIGURAL, AO CONTRÁRIO DAS FANTASIAS, JÁ CONSIDERADAS TRADICIONAIS DO MARACATU CEARANSE, COM FORTE INFLUÊNCIA DAS ESCOLAS DE SAMBA E DOS VESTUÁRIOS MEXICANOS FAZ REFERÊNCIAS À CULTURA AFRO-BRASILEIRA E À ARTEFISANA CEARANSE. ESTES DOIS FATORES COMBINADOS, RÍTMO ACELERADO TOCADO EM COMUM COM O ANDAMENTO LENTO, E FANTASIAS LEVES, PODEM SER CONSIDERADAS AS CARACTERÍSTICAS MAIS MARCANES DO MARACATU SOLAR, JÁ QUE EM SUAS ESTRUTURAS DE AL E S E REPRODUZ O CORTEJO TRADICIONAL DO MARACATU CEARANSE: BALIZA, PORTA-ESTANDARTE, ÍNDIOS, BALANEIRO, NEGRAS, CASAL DE PRETOS-VELHOS, BAIANAS, CORTE, BATUQUE E TIRADORES DE LOAS.

PARA O CARNAVAL DE RUÁ DE FORTALEZA DE 2008, O MARACATU SOLAR DESENVOLVEU O TEMA "ME LEVA PRO MARACATU", UMA CRIAÇÃO DOS ARTISTAS, DESCARTES GADELHA, PINGO DE FORTALEZA, AUGUSTO MOITA E PARAHYBA, COM BASE NA LOA "NORTE AZUL", DE AUTORA DE PINGO DE FORTALEZA, AUGUSTO MOITA E PARAHYBA, SENDO SE APRESENTADO COM ESTE TEMA AO LADO DO CANTOR EDUARDO, POR OCASIÃO DE SHOW COM TEMÁTICA SOBRE O CARNAVAL DE FORTALEZA, REALIZADO NA PRAIA DE IRACEMA.

EM 2008, O MARACATU SOLAR SE MANTVE ATUANTE DURANTE TODO O ANO, REALIZANDO UM TOTAL DE 44 ATIVIDADES, SENDO 17 ENSAIOS ABERTOS (NO MÍNIMO UM A CADA MÊS) E 27 APRESENTAÇÕES PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA, OCUPANDO DIVERSOS ESPAÇOS E AMBIENTES, TAIS COMO: ESCOLAS, PRAÇAS, RUAS E CENTROS CULTURAIS. O MARACATU SOLAR ESTEVE TAMBÉM PRESENTE EM ALGUNS MUNICÍPIOS DO CEARÁ COMO: AQUIRAZ (COMUNIDADE QUILOMBOLA DAS GOIABEIRAS), QUIARAMRANGA (FESTIVAL DE JAZZ E BLUES), REDENÇÃO (NA SEGUNDA-FEIRA DE CARNAVAL, EM COMEMORAÇÃO AOS 125 ANOS DE LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS DO CEARÁ - PROJETO PREMIADO NO EDITAL DE CARNAVAL DA SECULT-2008), IRAUQUABA (ATIVIDADE DO SELO UNICSEF - 2008) E NO ENCONTRO MESTRES DO MUNDO REALIZADO EM JUAZEIRO DO NORTE EM DEZEMBRO DESSE MESMO ANO, SEMPRE PROCURANDO AGREGAR VALORES A ESTA EXPRESSÃO CULTURAL. O MARACATU SOLAR REALIZOU, NO FINAL DE 2008, O 1º FESTIVAL DE LOAS (CANÇÕES OU MAGUMBAS) DE MARACATU NO CEARÁ, VISANDO À ESCOLA DE SUA LOA-TEMA PARA O CARNAVAL DE RUÁ DE 2009. FOI ESCOLHIDA NESTA OCASIÃO A CANÇÃO DE AUTORA DA COMPOSITORA INÊS MAPURUNGA, COM O TÍTULO "E O SOLAR PELO MUNDO", TEMA TRABALHADO PELO MARACATU SOLAR NO CARNAVAL DE 2009, ATRAVÉS DE UM PROJETO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO QUE ENVOLVEU TODA COMUNIDADE DOS BRINCANTES DE MARACATU DESTA CIDADE, E TAMBÉM A SUA POPULAÇÃO DE FORMA GERAL, ATRAVÉS DE OFICINAS NAS MAIS DIVERSAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS.

NO ANO DE 2009, O MARACATU SOLAR REALIZOU MAIS DE 60 APRESENTAÇÕES (ANEXO), EM INÚMEROS ESPAÇOS CULTURAIS (ESCOLAS, TEATROS E INSTITUIÇÕES), SEMPRE DIVULGANDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA E SUA MATRIZ. PARA O CARNAVAL DE 2010, O MARACATU SOLAR ESTÁ DESENVOLVENDO O TEMA "SÃO JORGE SOLAR" EM HOMENAGEM A UM DE SEUS FUNDADORES E DIRETOR ADMINISTRATIVO, JORGE RAMOS DA COSTA, FALECIDO EM 16 DE ABRIL DE 2009.

SOLAR EM CORTEJO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DAS GOIABEIRAS (AQUIRAZ) E ALTO ALEGRE (HORIZONTE): COM A INTENÇÃO DE FORTALECER AINDA MAIS A IDENTIDADE CULTURAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CEARANSES; O MARACATU SOLAR REALIZA NESTE CARNAVAL UM CORTEJO NAS COMUNIDADES DE ALTO ALEGRE E LAGOA DE RAMOS E GOIABEIRAS.

ALTO ALEGRE (HORIZONTE): SEGUNDO TEREZA DE JESUS DA SILVA, CONHECIDA POR TODOS EM ALTO ALEGRE COMO ANA, A HISTÓRIA DA COMUNIDADE SURTIU COM A FUGA DO ESCRAVO NEGRÃO CAZUZA DE UM NAVIO ANCORADO NA BARRA DO CEARÁ, EM FORTALEZA, DE LÁ, O ESCRAVO FOI PARAR EM ALTO ALEGRE, ONDE FIRMOU RAÍZES, A COMUNIDADE CRESCIU EM MEIO AS FESTAS REALIZADAS NO ALTO DE UMA SERRA QUE, DE TÃO ALEGRES, DEU NOME AO LOCAL, "POR ISSO E QUE NÓS SOMOS CORRENTEIS ASSIM, A NOSSA FAMA É ESSA, POR ISSO QUE A COMUNIDADE É CHAMADA DE ALTO ALEGRE". CONCLUÍM A RECONHECIDA DESDE 2005 PELA FUNDAÇÃO PALMARES, A COMUNIDADE DO ALTO ALEGRE ATRAVÉS DA ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DE ALTO ALEGRE (ARQUIA), REALIZA HOJE DIVERSOS PROJETOS, ENTRE ELAS O "PROJETO RAÍZES DOS QUILOMBOS", COM CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS E A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ ENTRE ADOLESCENTES.

LAGOA DE RAMOS E GOIABEIRAS (AQUIRAZ): O SURTIAMENTO DAS COMUNIDADE DA LAGOA DE RAMOS E GOIABEIRAS, EM AQUIRAZ, NO LITORAL LESTE DO CEARÁ, ESTÁ DIRETAMENTE RELACIONADO À RESISTÊNCIA DE NEGROS E NEGRAS NA REGIÃO DURANTE A ESCRAVIDÃO E, APÓS VÁRIAS GERAÇÕES, OS ATUAIS DESCENDENTES DOS PRIMEIROS QUILOMBOLAS PROCURAM CONHECER E ENTENDER SUAS ORGENS. SEGUNDO SEUS MORADORES SEU SURTIAMENTO ESTÁ RELACIONADO A UM NAVIO NEGREIRO, NAUFRAGADO NAS ÁGUAS DA PRAIA DO BARRIO PRETO, PRECISAMENTE EM "PRAIA DO NEGREIRO", QUE TRANSPORTAVA OS "SANTANA" E OS "DA COSTA", QUE APÓS O NAUFRÁGIO SE REFUGIARAM E SE ESTABELECIAM NA REGIÃO. A COMUNIDADE DE LAGOA DE RAMOS E GOIABEIRAS, EM AQUIRAZ, REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA, É A QUARTA RECONHECIDA PELA SUPERINTENDÊNCIA DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA DO CEARÁ (INCRAC) COMO REMANESCENTE DE QUILOMBOS.

O EDITAL DO RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO (RTID), QUE RECONHECE A EXISTÊNCIA DA COMUNIDADE, FOI PUBLICADO NO DIA 27 DE OUTUBRO DE 2009 NO DIÁRIO OFICIAL DA UNIAO E NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO NO DIA SEQUINTE.

Panfleto do Maracatu Solar para projeto desenvolvido no Carnaval 2010

Riscou no Céu Uma Estrelinha no Solar em 2011

As iniciativas criativas individuais e coletivas são plenamente processuais e frutos de múltiplas situações vividas pelos artistas e pelos grupos. A canção/loa criada para ser tema do Maracatu Solar no ano de 2011 é um exemplo desses processos e resultante de várias experiências de produções que vivíamos na Associação SOLAR por esses tempos, simplesmente pelo fato do Maracatu Solar se constituir num programa de formação cultural vinculado a esta associação e a seus integrantes e ter a inclusão como uma marca de suas ações.

Em 2011 estávamos envolvidos na produção do livro “Riscou no Céu Uma Estrelinha”, do artista Descartes Gadelha, que apresenta desenhos de sua autoria em preto e branco, posteriormente coloridos pelo artista Marildo Montenegro (também da SOLAR) e um texto infanto juvenil em que Descartes conta de forma lúdica seu encontro com o maracatu e a construção de alguns elementos dessa manifestação, tais como a calunga, o estandarte, a rainha e outros.

No texto, Descartes deixa claro que o maracatu que se refere é o Estrela Brilhante (terceiro maracatu criado como agremiação carnavalesca em Fortaleza, que existiu de 1951 até 1958), pois ele teria visto e se apaixonado por esse maracatu ainda na sua infância.

O livro lançado pela SOLAR termina com um poema intitulado “Riscou no Céu” e em algum momento do processo de sua produção resolvemos musicar esse poema e transformá-lo no tema do Maracatu Solar para 2011. Certo dia estávamos eu e Descartes Gadelha compondo essa canção na sala de convivência Jorge Ramos, na SOLAR (pequeno espaço ao lado de nossa cozinha no final da sede da instituição), quando recebemos a visita do artista Calé Alencar, que ao nosso convite sentou conosco e participou da criação dessa composição, que mais uma vez repetiu nossa fórmula de usar dois ritmos (baião de maracatu acelerado e maracatu solene ou de coroação).



A letra de “Riscou no Céu” faz uma alusão ao Maracatu Estrela Brilhante e a uma saudade poética que o Solar teria desse grupo. Portanto para representar esse contexto Descartes criou um figural para o Maracatu Solar e para uma pequena representação do Estrela Brilhante que desfilaria dentro do Maracatu Solar. Dessa forma, produzimos um estandarte do Estrela Brilhante e algumas fantasias de personagens procurando uma identificação histórica com esse grupo e assim saímos na avenida como o Solar e uma pequena representação simbólica do Maracatu Estrela Brilhante, riscando nosso céu entre nossas alas...

68

Nessa época ainda participávamos da competição entre os maracatus e fomos aprovados na categoria A do edital de carnaval da SECULTFOR. Surpreendente fomos agraciados neste carnaval com a terceira colocação (nossa melhor colocação nesse processo) e o Maracatu Solar com seus 200 brincantes se consolidou de vez como um dos maiores maracatus

da cidade de Fortaleza. Diversificando e qualificando ainda mais sua prática e presença no Carnaval de Rua de Fortaleza, o Maracatu Solar participa em 2011 dos dois eventos criados pela SOLAR: “Tambores Ancestrais na Noite Escura” (um ato musical e religioso de bênção dos tambores), na segunda-feira de carnaval, e o “Brincar de Maracatu” (show de palco com repertório livre), no domingo e terça-feira de carnaval, consolidando sua marcante presença na praça do polo cultural do Benfica, seu bairro de origem. Essas programações foram mantidas todos os anos como oficinas do Maracatu Solar no Carnaval de rua de Fortaleza.

No campo do figural seguimos nosso processo com o carnavalesco Fabrício Óliver que desenhou e confeccionou um conjunto de fantasias que fortaleciam a letra de “Riscou no Céu” e reverenciava o maracatu Estrela Brilhante. No batuque seguíamos com Nataly Picanço e Carol Costa a frente das coreografias.



25 **Baião de Maracatu**

V. 

ceu o ma-ra-ca - tu Da lu - a tu Ris-cou no Céu u-ma'es - tre-li - nha A - té pai-rar

30

V. 

na bei-ra do mar E o me - ni - no que lá so-nha - - va Deu u - ma sai - a pra e - la dan -

35

V. 

çar Ris-cou no çar Da ma-dru - ga-da fez u - ma ca - lun-ga E do tro - vão um tam -

40

V. 

bor De um pe - da - ço do fir - ma - men - to Um es - tan - dar - te de bri - lho'a zul Da lu - a

45 **Fine** **Solene**

V. 

chei-a fez u - ma ra - i - nha e'as-sim nas - ceu o ma-ra-ca - tu Da lu - a tu Es-

50

V. 

tre - la Bri-lhan - te de on - de tu'es-tas Vem com teu can - to co - mi - go brin-car Me faz can-tar a -

55 **D.S. al Fine**

V. 

que - le teu can - to que ho - je'è sau-da - de a - qui no So-lar lar Ris-cou no



Riscou no Céu por
Pingo de Fortaleza,
Eliahne Brasileiro,
Descartes Gadelha
e Calê Alencar



Riscou no Céu por
Basílio Di Melo e
Maracatu Solar

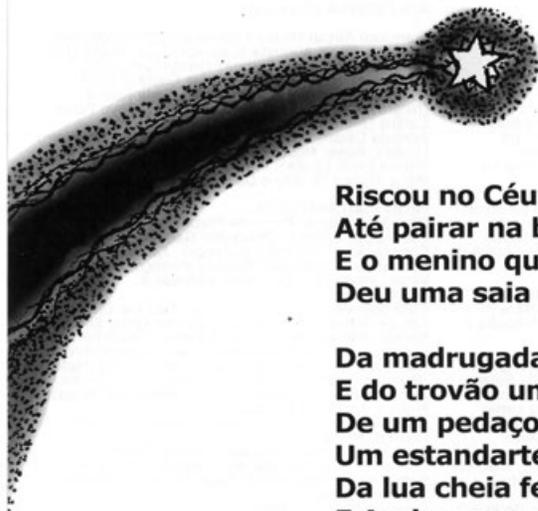
NOTA 9 - RISCOU NO CÉU

Composta com a transição entre os ritmos Baião de Maracatu e Toque de Coração, acentuando-se alguns trechos com o gestual de regência “pá-tá-pá” e, antes do início da loa, os batuqueiros acompanham tocando uma baqueta contra outra para marcarem o andamento de entrada da música. Essa marcação inicial passou a ser incorporada para além de uma função musical (marcar o andamento) e acabou também por ficar como um arranjo rítmico.

MARACATU SOLAR 2011

Tema: Riscou no Céu
Autor: Descartes Gadelha

Loa: Riscou no Céu
Autores: Descartes Gadelha,
Pingo de Fortaleza e Calé Alencar



**Riscou no Céu uma estrelinha
Até pairar na beira do mar
E o menino que lá sonhava
Deu uma saia pra ela dançar**

**Da madrugada fez uma calunga
E do trovão um tambor
De um pedaço do firmamento
Um estandarte de brilho azul
Da lua cheia fez uma rainha
E Assim nasceu o Maracatu**

**Estrela Brilhante de onde tu estas
Vem com teu canto comigo brincar
Me faz cantar aquele teu canto
Que hoje é saudade aqui no SOLAR**



Tiradores de Loa: Pingo de Fortaleza,
Eliahne Brasileiro e Ana Célia

MARACATU SOLAR – CARNAVAL 2011

FICHA TÉCNICA

Balisa: Gilson Rocha
Porta Estandarte: Paulo Sérgio
Balaio: Daiane da Silva
Calunga: Patrício Barros
Preta Velha: Verônica Tavares
Preto Velho: Marconi Tavares
Sol: Laissa Pontes
Lua: Cristina Castro
Trovão: Vlamir de Sousa
Estrelinha: Michele Tajra
Rezadeira: Gislene Andrade
Incenseira: Wladiza Mesquita
Rainha: Priscila Rodrigues
Rei: Ronaldo Rogério
Lampiões: José Edson e Tarcísio
Lequeiro: Novão
Sombreiro: Marcos Guimarães

Corte: Ianna Júlia Campos Nogueira (Princesa), Felipe Amorim (Príncipe), Maria Cabral (Princesa), Levi (Príncipe), Erika Cristina Avelar (Princesa), Antônio de Pádua (Príncipe), Benedito Araújo (Príncipe), Mirinha Rocha (Princesa), Joana Rodrigues (Princesa), Ieda Pimenta (Princesa) e Washington (Príncipe).

Baianas: Claudete Avelar, Tereza Cristina da Silva, Zuliana Garcia, Roseane dos Santos, Liliâne de Oliveira, Marlene Pereira, Maria Iracema, Norna Marques, Lucilene Viegas, Ana Murta e Ana Lúcia da Silva Ferreira.

Negras: Regina Maria Bastos S. Veiga, Maria Eli David Silva, Geni Sobreira, Sueli Moura, Nancy Remídio Coelho, Cláudia Santos, Neida Mesquita e Ana Patricia Oliveira.

Orixás: Regina Elisabete Roberto Militão (Oxum), Fabricio Oliver (Xangô), Zezé Malaquias de Sales (Iemanjá), Joelma Gentil do Nascimento (Iansã), Vladimir de Paula Batista (Ogum), Turyna Lima (Ossain), Mairton Araújo (Omulun), Tieta Pontes (Nanã), Jairo de Carvalho (Oxalufan), Elaine Vigiante (Oxumarê), Norma Paula Moreira (Logunedê), Eligleiton Barros (Oxanguian), Kalenna (Ewá), Eliete Thomás (Oxossi) e Sandra (Obá).

Índios(as): Companhia de Dança Estrelas da Rua.

Guerreiros: Companhia de Dança Estrelas da Rua.

Capoeira: Josué da Silva, André da Silva, Francilio Melo, Fabricio da Silva, Breno de Sousa, Felipe Heloy, Cristiano Alves, Halana Helen, Rafaela de Sousa, Erica Moura, Jéssica Andressa, Jéssica Andrea, Jéssica Barros, Rafael de Sousa, Ernesto Cavalcante.

Batuque: Nathaly Picanço (Regência), Alano Gurgel (Alfaia), Brayner Feijó (Alfaia), Carmelia - "Kaká" (Alfaia), Johnny Aquino (Alfaia), Julia Alves (Alfaia), Erwin (Alfaia), Delano Veras (5 Toques), Carlos Pinheiro Tavares (5 Toques), Micaela Rocha Gomes (5 Toques), Ravel Andrade (5 Toques), Paulo Fabricio Sobreira (5 Toques), Fernanda Brasileiro (5 Toques), Kiara Márcia (5 Toques), Daniel Galdino (5 Toques), Ana Luiza (5 Toques), Manuel Alves da Cunha Neto (5 Toques), Aldenir Carneiro (Bumbo), Fernando Anselmo Venturelli (Surdo Baião), João Tavares Cunha (Bumbo), Otávio Augusto (Bumbo), Raul Armando (Bumbo), Raimundo Carlos - "Maninho" (Bumbo), Mario Luiz (Bumbo), Lucas (Bumbo), Paulo Miranda (Caixa), Emanuel de Oliveira - "Nagê" (Caixa), João Vicente (Caixa), Catherine Furtado (Caixa), André Oliveira (Caixa), Charles Wellington (Chocalho), Maria Ismany (Chocalho), Olâneide Nogueira (Chocalho), Robson

Eduardo Paiva (Chocalho), Dalto Ellery (Chocalho), Silvana (Chocalho), Maikon Lopes (Chocalho), Paulo Augusto - "Paulo dos Ferros" (Ferro), Francisco Liduino (Ferro), Rosemary Rodrigues (Ferro), André Luiz Araújo (Ferro), Antônio Viana (Ferro), Marcio (Ferro), Aline (Ferro), Paulo Sousa (Ferro), Edmilson (Ferro), Ligia (Ferro), Sivirino Dicajú (Ferro), Tiago Ribeiro (Ferro), Glaura Ismênia Rodrigues (Xequerê), Iara Liandra O. de Melo (Xequerê), Ieda Bezerra de Oliveira (Xequerê), Isabel Bezerra de Oliveira (Xequerê), Sâmara Meneses (Xequerê), Luiza Helena (Xequerê), Lili (Xequerê), Iara Pimenta (Xequerê).

Tiradores de Loá: Pingo de Fortaleza, Eliahne Brasileiro e Ana Célia

ALA ESTRELA BRILHANTE

Francisco Airton (Porta Estandarte), Erika Dayana (Balaio), Maria Augusta (Calunga), Luiz Murta (Rei), Mirian de Medeiros (Rainha) Ipirajá (Lequeiro), Adriana de Maria (Baiana), Nilze Costa e Silva (Negra), Gervana Nobre (Negra), Leda Rocha (Negra), Michele do Guaraná (Negra), Sayo Paiva Castro (Índio), Keila Márcia Pinheiro (Índia), Adriana Castro do Monte (Índia), Manuela Brasileiro (Índia), Roger Moura (Índio), Mirna Karla (Índia), Vitoria Ingrid (Índia), Francisca Solange (Índia), Maria Maiara (Índia) e Daysi Gomes (Baiana).

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Direção Artística: Pingo de Fortaleza
Concepção Rítmica: Descartes Gadelha
Concepção de Figural e Adereços: Fabricio Oliver
Comissão de Batuque: Nathaly Picanço, Delano Veras, Paulo Fabricio, Ravel Andrade e Eliahne Brasileiro
Comissão de Figural e Adereços: Fabricio Oliver, Patrício Barros, Tieta Pontes, Turyna Lima, Eligleiton Barros, Adriana Monte, Celi Ramos, Glaura Ismênia Rodrigues, Zezé Malaquias de Sales, Geni Sobreira
Comissão de Harmonia: Lúcio Picanço, João Paulo "Papinha Rodrigues", Junior Alexandrino, Cláudia Gomes, Jéssica Brasileiro, Eliene Brasileiro, Augusto Moita e Arnóbio Santiago
Coordenação de Organização: Regina Elisabete Roberto Militão
Assistente de Organização: Cristina Castro
Comissão de Comunicação: Tiago Ribeiro, Geni Sobreira, Adriana Montê, Paulo Fabricio Sobreira e Eliahne Brasileiro
Coreografia: Carol Costa
Costureiras: Edi e Cristiane Pontes
Projeto Gráfico: Marildo Montenegro (NAMO ESTÚDIO)
Produção Executiva: Arnóbio Santiago

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Pingo de Fortaleza
Vice-Presidente: Marconi Tavares
Tesoreroiro: Lúcio Picanço
Segundo Tesoureiro: Augusto Moita
Secretário: Raimundo Carlos Pereira
Segundo Secretário: Regina Elisabete Roberto Militão
Conselho Fiscal: Tieta Pontes
Conselho Fiscal: Luciana Monteiro
Conselho Fiscal: Marildo Montenegro
Conselho Fiscal: Ivone Sampaio

Realização:

**Solar**
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLISABEDORIA E ARTE

Apoio:

**Prefeitura de Fortaleza**
PROJETO MARACATU SOLAR (SOLAR) DO CARNAVAL DE FORTALEZA 2011
SECRETARIA MUNICIPAL DE FORTALEZA / SECULTUR

FORTALEZA - CE, QUARTA-FEIRA - 9 DE MARÇO DE 2011

O POVO 9

carnaval 2011
MARACATU

RAFAEL CAVALCANTE

4 | caderno3

2 Em destaque ASSOCIAÇÃO SOLAR **vida&arte**

FORTALEZA - CE, SEGUNDA-FEIRA - 10 DE JANEIRO DE 2011

O POVO

DÁRIO GABRIEL EM 22/2/2009

A agremiação cearense irá homenagear neste ano o tradicional Maracatu Estrela Brilhante

Maracatu Solar com inscrições abertas para novos brincantes

Na sede da Associação Cultural Solidariedade e Arte, o Maracatu Solar irá receber, até o final de janeiro, inscrições para interessados em desfilarem no Carnaval

Os preparativos do Maracatu Solar para mais um ano de folia encontram-se a todo vapor, mas se você ainda está indeciso se quer **Carnaval** ou não participar do desfile propriamente dito na Avenida Domingos Olímpio, a chance é esta. Até o final de janeiro, a sede da agremiação cearense, situada no tradicional bairro boêmio do Benfica, está recebendo inscrições para novos brincantes plantão.

Para 2011, o tema escolhido pelo batuaqueiro e grão Descartes Gadelha - *Riscou no Céu* - homenageia o tradicional Maracatu Estrela Brilhante. Composta por ele, juntamente com Cabé Alencar e Pingo de Fortaleza, a *fox* também já existe no formato de videoclipe, produção dos alunos de Cinema e Vídeo do ponto de cultura Fortaleza dos Maracatus, vinculada à própria Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar.

Fundada em meados de 2005, a Solar criou o seu maracatu no ano seguinte por iniciativa de um grupo de artistas. Presidido por Pingo de Fortaleza, a estreia no Carnaval só aconteceu em 2007, trazendo o tema Maracatu Solar. Na batida animada, criada por Descartes Gadelha, a inspiração nos batuaques do Maracatu Az de Ouro nas décadas de 1940 e 1950.

+ **SERVIÇO**

MARACATU SOLAR: INSCRIÇÕES PARA NOVOS BRINCANTES
Período: até 31/1. Grátis.
Local: Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar (av. da Universidade, 2333 - Benfica).
Outras informações: 3226 1189 / associacaosolar@gmail.com.

Nossos "Griôs e Tuxauas" alumiam o Solar em 2012

De 2009 até 2011 a Associação SOLAR desenvolveu o projeto do Ponto de Cultura Fortaleza dos Maracatus e como resultante desse trabalho a entidade publicou um almanaque, cartões postais, lançou documentários e realizou exposições de fotos e telas sobre o Maracatu Cearense. O trabalho desses anos do Ponto de Cultura Fortaleza dos Maracatus possibilitou o aprofundamento da pesquisa no campo dessa manifestação e de outras expressões culturais brasileiras envolvidas nos Pontos de Cultura, uma grande iniciativa do Ministério da Cultura, tendo à frente o grande ser de luz Gilberto Gil.

Nos diálogos com a política dos Pontos de Cultura, nós que estávamos à frente do Ponto de Cultura nos deparamos com as nomenclaturas e os conteúdos referentes aos Griôs (mestres anciões transmissores dos mais sábios conhecimentos numa determinada região da África) e aos Tuxauas (caciques indígenas e representantes da sabedoria dos povos originários no território brasileiro) e diante desse

novo conhecimento o Maracatu Solar escolheu essa temática para reverenciar no carnaval do ano de 2012.

Como já vinha sendo feito, naturalmente, criamos a música eu e Descartes e procuramos citar e homenagear alguns griôs e tuxauas, a maioria cearenses, tais como Patativa, Antônio Conselheiro, Juca do Balaio, Boca Aberta (fundador do maracatu Az de Ouro), dentre outros.

Em nosso cortejo procuramos representar através da música, da dança e dos figurinos esses Griôs e Tuxauas. Tenho que confessar aqui, que no Maracatu Solar nunca houve uma grande rigidez em relação aos seus personagens e ao seu figurino, e que sempre os brincantes criativos espontaneamente criam personagens e fantasias e desfilam no Maracatu Solar como destaque ou mesmo em suas alas específicas. E nesse ano inspirados pela magia dos Griôs e Tuxauas apareceram muitos brincantes griôs e tuxauas solares no cortejo do carnaval de 2012. Seguimos com Fabrício Óliver na concepção de nosso figurino e



adereços e Carol Costa coordenando nossas coreografias e sempre agregando mais pessoas e valores ao nosso Solar coletivo.

Nessa época criamos e entregamos simbólica e oficialmente o título de Griô ao nosso mestre brincante Descartes Gadelha e durante o carnaval fizemos um encontro do Maracatu Solar com a nação Jenipapo Canindé e sua Cacica Pequena, às margens da Lagoa da Encantada e do Morro do Urubu, na terra

desse povo em Aquiraz (CE). O encontro dos Griôs e Tuxauas foi emocionante e rico em simbolismos, o que ficou evidente e contagiante quando fizemos um cortejo pelas ruas dessa comunidade. O povo Jenipapo Canindé também participou nesse ano com um pequeno grupo do desfile oficial do Maracatu Solar na avenida Domingos Olímpio.

E na avenida os Griôs e Tuxauas com seus saberes alumiarão o viver do Maracatu Solar em 2012...

NOTA 10 - GRIÔS E TUXAUAS

Os toques festivos característicos do batuque Solar expandem-se ao universo rítmico inspirados em outros maracatus do nordeste. O grupo percebe que tanto a busca por tocar percussão e a necessidade de aprimoramento técnico começam a ser um interesse crescente pelos batuqueiros. Desta forma, nessa Loa podemos encontrar a utilização dos Baques Virados característicos dos maracatus pernambucanos, em especial, o toque de Luanda e Imalê. Os baques remetem-se aos termos “batidas” ou “pancada forte” e carregam principalmente uma simbologia que reverenciam as ancestralidades e aos orixás a depender de qual seja a liderança religiosa do grupo. A partir desses toques é que determinadas células rítmicas são adaptadas aos tambores do batuque, por exemplo, as alfaias e ao gonguê. Tal incorporação

desses ritmos também se explica pela percepção rítmica-melódica que são intuídas durante o cantar da própria letra das loas, possibilitando a junção das variações rítmicas e proporcionando a criação para os solos das alfaias. Importante frisar que os toques dos baques foram inspirações para construir a rede rítmica já estabelecida pelo batuque do maracatu solar durante todos esses anos não se desfazendo das características musicais representativas do maracatu cearense como, por exemplo, o toque dos ferros, a marcação do Baião de Maracatu nos bumbos, obstinatos dos agbês e xequerês. Portanto, passa a ser um condutor de ideias realizadas com experimentos pelos próprios brincantes sem a pretensão de atribuir uma realização rítmica fechada. Assim, percebemos que nesta loa temos a utilização de três diferentes na composição musical do seu arranjo. Luanda, Imalê e Coroação.

Griôs e Tuxauas

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha



Griôs e Tuxauas
por Wiltom Matos
e Maracatu Solar



Griôs e Tuxauas
por Pingo de
Fortaleza

Luanda Imalê

♩ = 103

Ferro

Agogô/Gonguê

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

D E D E D D E D E D D E D E D E D D E D E D E D

Luanda Imalê

♩ = 103

V.

Gri - ô, Gri - ô Só um pou - co do teu sa -
a - lu

ber Gri mi - a o meu vi - ver Me faz Fa - tum - bi um Pi - er - re Cha -

bloz San-to Con - se - lhei - ro Pre - ci - so ser Jun - te'á Ju - re - ma com o ba - o - bad Que mais Pa - ta -

ti - vas pre - ci - sam nas - cer Jun - te'á Ju - re - ma com o ba - o - bad Que mais Pa - ta - ti - vas pre - ci - sam nas - cer Gri -

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<https://youtu.be/gaV_2BZBRAU> (vídeo)

Luanda

V.

ô, Gri - ô Só um pou - co do teu sa - ber Gri
a - lu

Imalê

V.

mi - a o meu vi - ver Me faz cu - cum - bi, um ba - ba - la - ô O - gum guer -

V.

- rei - ro Pre - ci - so ser De Bo - ca'a - ber - ta, de Bo - ca Ri - ca'e ba - lai - os de Ju - ca pa - ra se en - cher De Bo - ca'a -

V.

ber - ta, de Bo - ca Ri - ca'e ba - lai - os de Ju - ca pa - ra se en - cher Gri - ô, Gri -

Luanda

V.

ô Só um pou - co do teu sa - ber Gri mi - a o meu vi -
a - lu

Solene

V.

ver Me traz um ta - ca - pe, Me faz um tu - zau - a, Um ma - ra - ca -

V.

tu a ca - da'a ma - nhe - cer Teu sa - ber Gri - ô, nos - sa for - ta - le - za Nos - so So -

V.

lar de a - lu - mi - a - ção E'as - sim bra - si - lei - ra'A - ma - zô - nia se - rá Ui - ra - pu - ru nos - sa gran - de na - ção E'as - sim bra - sil

V.

ção Gri -

Cx.

ção

Alf.

Luanda

V.

ô, Gri - ô Só um pou - co do teu sa - ber Gri mi - a o meu vi - ver
a - lu

MARACATU SOLAR 2012

Tema e Loas: Griôs e Tuxauas - Luzes do Saber
Autores: Descartes Gadelha e Pingo de Fortaleza

Griô, Griô,
Só um pouco do teu saber
Griô, Griô,
Alumia o meu viver.

Me faz Fatumbi, um Pierre Chabloz
Santo Conselheiro
Preciso ser
Junte a jurema
Com o baobab
Que mais Patativas precisam nascer.

Me faz cucumbi, um babalaô
Ogum Guerreiro
Preciso ser
De Boca Aberta, de Boca Rica
E balaaios de Juca para se encher.

Me traz um tacape
Me faz um tuxaua
Um maracatu a cada amanhecer
Teu saber Griô, nossa fortaleza
Nosso solar de alumiação
E assim brasileira Amazônia será
Uirapuru nossa grande nação.

O tema do Maracatu SOLAR 2012 trata da importância dos conhecimentos étnicos e "raciais" das culturas afro brasileiras e dos povos indígenas cearenses simbolizados nos Griôs (mestres de saberes e práticas da África), Tuxauas (caciques dos povos nativos do Brasil) e em suas práticas de transmissão de seus conhecimentos ancestrais e históricos, evidenciando também de forma simbólica a problemática ambiental da Amazônia.

PROGRAMAÇÃO MARACATU SOLAR

19/02/2012: Desfile na Av. Domingos Olímpio - Carnaval de Rua de Fortaleza, às 20:20h.

20/02/2012: Roda de Griôs e Tuxauas e Cortejo na Comunidade Indígena Jenipapo Kanindé, Aquiraz, às 15:30h.
Desfile no Carnaval de Rua de Maracanaú, às 20:00h.
2º Tambores Ancestrais na Noite Escura - Praça João Gentil (Gentilândia) Fortaleza, às 22:00h.

21/02-2012: Batuque de Maracatu, Praça João Gentil (Gentilândia), Fortaleza, às 14:00h.

MARACATU SOLAR – CARNAVAL 2012

FICHA TÉCNICA

Baliza: Jailson Vieira
Porta Estandarte: Paulo Sérgio
Balaio: Daiane da Silva
Calunga: Elaine Virgiane
Preta Velha: Verônica Tavares
Preto Velho: Marconi Tavares
Sol: Laissa Pontes
Amazonia: Cristina Castro
Uirapuru: Vladimir de Sousa
Rezadeira: Gislene Andrade
Incenseira: Wladiza Mesquita
Rainha: Priscila Rodrigues
Rei: Ronaldo Rogério
Lampiões: Francisco Airton e Joab Romulo
Lequeiro: Novão
Sombreiro: Marcos Guimarães

Corte: Ana Carolina (**Princesa**), Ana Raquel (**Princesa-CAMPE**), Aninha Militão (**Princesa**), Deborah Teixeira (**Princesa-CAMPE**), Erika Cristina Avelar (**Princesa**), Francisco Nacdio (**Príncipe**), Gardênia Lustosa (**Princesa**), Janna Júlia Nogueira (**Princesa**), Iara Faustino (**Princesa**), Joana Rodrigues (**Princesa**), Leudion Bezerra (**Príncipe**), Levi (**Príncipe**), Luiz Murta (**Príncipe**), Marcos Queiroz (**Príncipe**), Mariade Lurdes (**Princesa**), Maria Yolanda (**Princesa**), Marina (**Princesa**), Mirian de Medeiros (**Princesa**), Regina Claudia (**Princesa**), Samira Rodrigues (**Princesa-CAMPE**) e Viviane Oliveira (**Princesa**).

Baianas: Ana Lúcia da Silva Ferreira, Andréia de Souza, Claudete Avelar, Elizete Gomes, Ismênia Isidoro, Leda Maria, Manjane, Maria de Fátima, Marlene Almeida, Norma Marques, Rosaizabel Meneses Vaneska Marques.

Negras: Aline Lima, Elaine Paiva, Elisvanda Bezerra, Fanca, Francisca Ivonete, Geni Sobreira, Isabel Cristina, Jeanette Filomeno, Maria Augusta, Maria Eli, Maria Sônia, Marina Faustino, Neida Mesquita, Nilse Costa, Rosivaldos Santos, Sandra Maria Marinho, Sandra Montenegro, Shirley de Socoome Sueli Moura.

Orixás: Regina Elisabete (**Oxum**), Fabrício Oliver (**Oxumaré**), Zezé Malaquias de Sales (**Iemanjá**), Joelma Gentil do Nascimento (**Iansã**), Vladimir de Paula (**Ogum**), Turyna Lima (**Ossain**), Mairton Araújo (**Omulun**), Tieta Pontes (**Nanã**), Jairo de Carvalho (**Oxalufan**), Norma Paula Moreira (**Logun Edê**), Elgleiton Barros (**Xangô**), Kalenna (**Ewá**), Luolene Viegas (**Oxossi**), Sandra (**Obá**), Fabrício Barros (**Exu**), Johnny Bernardo (**Iroko**), Francisco (**Oxanguian**), Marlene Pereira (**Filho de Oxalá**), Luiza Lopes (**Filho de Oxalá**), Jalinston (**Filho de Oxalá**), Pedro Alexander (**Filho de Oxalá**) e Tarcisio (**Filho de Oxalá**).

Índios(as): Cláudia, Diego Vasconcelos, Francisca Solange, Francisco Rodrigues, Gelson Pereira, Jeovane Silva, Manuela Brasileiro, Maria Mayara, Mirna Carla e Rafael Marques.

Africanos: Eugenio Martins, Thiago Martins, Paulo Roberto, Carlos Oliveira, Jerry Adriano, Vanessa Diogo, Edsony Nunes, Patricia Rodrigues, Ana Cleia e Samara Gonçalves.

Tuxauas: Carol Costa e Roseane dos Santos

Capoeira: Ernesto Cavalcante (Mestre Índio), Camila Evélin, Cristiano Soares, Érica Mouta, Francilio Melo, Jéssica Barros, Halana Elen Vieira Barboza, Jessica Andréa Silva Cavalcante, Jorge Luiz, Josué Silva, Luís André Queiroz, Paulo Henrique, Rafael Jackson, Rafaela e Jessica Andressa Silva Cavalcante.

Batuque:

Regência: Nathaly Picanço.

5 Toques: Aline Marques, Carlos Pinheiro, Daiana, Delano, Daniel Galdino, Júlia Brito, Michaela Rocha, Paulo Fabrício, Rafael Anderson, Ravel Andrade e Vládia Lima.

Alfaia: Carmélia, Daiana, Daniel Henrique, Delano, Fernanda Brasileiro, Joelcio Dias, Johnny Aquino, Júlia, Leça, Paulo Henrique e Rafael Ferrer.

Bumbo: João Tavares, Mário Luiz, Yurie Júnior Santos

Caixa: Aldenir Carneiro, André Araújo, Brynner, Edmilson Leite, Emanuel de Oliveira, Fernando Ancelmo, Jean Vitor e Paulo Miranda.

Chocalho: Célio Veras, Charles, Dalto Ellery, Olaneide Nogueira e Silvana.

Ferro: André Luiz, Danilo Frota, Débora Frota, Dinaldo Bento, Fred Moreira, Gilvan Mendonça, Paulo Augusto, Sivirino Cajú, Terena, Tomé Braga, Vinícius Alves e Willian Frederico.

Maracá de Santo: Ana Luiza, Cláudia Maria, Jocastra, Marcos Gomes e Sâmara Maria.

Mineiro (Ganzá): Duda e Cris Rodrigues.

Bumbo Baião: Antônio Viana, Elizio Cartaxo, João Mafaldo, Otávio Augusto e Raul Armando

Xequerê: Etelvina, Iara Pimenta, Lúcia Helena, Luiza Brito, Luiza Helena, Maria José Alves, Séphora e Vera Lúcia Araújo.

Tiradores de Loá: Ana Célia, Eliahne Brasileiro, Inês Mapurunga, Jord Guedese e Pingode Fortaleza,

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Direção Artística: Pingode Fortaleza

Concepção Rítmica: Descartes Gadelha

Concepção de Figurale e Adereços: Fabrício Oliver

Comissão de Batuque: Nathaly Picanço, Paulo Fabrício, Ravel Andrade e Eliahne Brasileiro

Comissão de Figurale e Adereços: Fabrício Oliver, Patrício Barros, Tieta Pontes, Turyna Lima, Elgleiton Barros, Adriana Monte, Celi Ramos, Glaura Ismênia Rodrigues, Zezé Malaquias de Sales, Geni Sobreira

Comissão de Harmonia: Lúcio Picanço, João Paulo Papinha Rodrigues, José Odaci Lima, Junior Alexandrino, Cláudia Gomes, Jéssica Brasileiro, Eliene Brasileiro, Augusto Moita e Arnóbio Santiago

Coordenação de Organização: Regina Elisabete Roberto Militão

Assistente de Organização: Cristina Castro

Comissão de Comunicação: Tiago Ribeiro, Geni Sobreira, Adriana Monte, Paulo Fabrício Sobreira e Eliahne Brasileiro

Coreografia: Carol Costa

Costureiras: Edi e Cristiane Pontes

Projeto Gráfico: Papinha Rodrigues

Produção Executiva: Arnóbio Santiago

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Pingode Fortaleza

Vice-Presidente: Marconi Tavares

Tesoureiro: Lúcio Picanço

Segundo Tesoureiro: Augusto Moita

Secretário: Raimundo Carlos Pereira

Segundo Secretário: Regina Elisabete Roberto Militão

Conselho Fiscal: Tieta Pontes

Conselho Fiscal: Luciana Monteiro

Conselho Fiscal: Marildo Montenegro

Conselho Fiscal: Ivone Sampaio

Participação Especial: Comunidade Indígena Jenipapo Kanindé-Aquiraz-CE.

Uma grande Kizomba com a não obrigatoriedade do negrume no Solar em 2013

Vínhamos discutindo e já abolido em anos anteriores no Maracatu Solar o uso obrigatório do negrume ou falso negrume ou ainda o fantasiar-se de negro, característico no Maracatu Cearense. Tratei desse tema nos meus livros anteriores, mas vou tentar atualizar minhas percepções sobre esse assunto nesse Solar dos Ritmos.

O negrume ou falso negrume, ou ainda o fantasiar-se de negro (terminologia que tenho usado nos últimos tempos), é o ato de pintar o rosto de negro da maioria dos brincantes e alas do Maracatu Cearense. No grupos que adotam essa prática, esse pintar o rosto vem acompanhado do uso de uma camisa de malha fina preta de mangas compridas chamada de segunda pele, coberta em grande parte por camisolões ou outras fantasias e o uso de luvas pretas, portanto, o uso destes elementos pelos brincantes do grupos de Maracatu Cearense pode ser considerado um fantasiar-se de negro.

O uso dessa característica talvez remonte ao Maracatu Az de Ouro já em sua fundação em 1936, em Fortaleza, pois não é possível concluir através dos poucos relatos de terceiros (cronistas que não eram integrantes dos grupos de maracatus) que os maracatus que são citados como existentes em Fortaleza no final do séc. XIX, tais como Maracatu do Moinho, Maracatu Cosme Damião, Maracatu do Apertado da Hora (todos extintos), usassem esta característica. Embora alguns cronistas já citassem superficialmente as características de rostos pintados dos brincantes desses grupos, mas sem explicitar como seria exatamente essa pintura no final do sec. XIX.

Já no Maracatu Az de Ouro, a partir das experimentações processuais artísticas da gente dessa cidade, e nos grupos que surgiram a partir dele, é possível identificar o uso dessas características pelo relato de seu fundador e de seus brincantes mais antigos. Tenho refletido sobre a essência dessa



característica e penso que ao viver no Recife de 1930 até 1933, Raimundo Alves Feitosa (brincante de congos, nau catarineta e outros brinquedos populares e um dos fundadores do Maracatu Az de Ouro) teria visto as cambindas pernambucanas (cordões de homens vestidos de mulher, pintados de negro e com uma boneca ao centro) que saíam esta época no carnaval do Recife, dentre elas, a famosa Cabinda Dois de Ouro. Talvez esse nome tenha inspirado Raimundo a colocar o nome Az de Ouro em seu maracatu, pois até o ano de fundação desse grupo, não existem registros, que eu tenho tido acesso, de agremiações carnavalescas com nomes de cartas de baralho no Ceará.

80

O fato de Raimundo Alves ter brincado outros folguedos que pintavam o rosto, ou pelo fato dos brincantes das cabindas que ele provavelmente viu em Recife também pintarem seus rostos de preto, podem ter sido fatores determinantes para essa prática ter sido adotada no Maracatu Az de Ouro. Todas as teses que surgiram e vêm surgindo depois desse fato são narrativas especulativas (assim como esta), que tentam explicar sem total razão essa prática. Dentre elas, a ideia equivocada que o negrume foi e é usado porque no Ceará não tinha ou não tem negros em sua população. Realmente o estado do Ceará passou muito tempo refém de ideias de branqueamento, que defendiam não ter havido a presença negra na

sua formação étnica, ideia atualmente totalmente e cientificamente refutada em estudos, livros e outras publicações e principalmente negada pelas lutas cotidianas das comunidades quilombolas cearenses e do movimento negro desse estado.

Outra ideia para justificar o “negrume”, termo utilizado pelo escritor e pesquisador Gilmar de Carvalho em contraponto ao “falso negrume”, termo utilizado por Ednardo na música “Cauim” e ainda “fantasiar-se negro (expressão que passei a usar) para essa prática seria sua utilização para a não identificação dos homens que brincavam maracatus fantasiados de papéis femininos, pois os homens também se fantasiavam de mulheres nas cambindas pernambucanas, porque só a partir da década de 1960 as mulheres começaram a participar dos maracatu cearenses. Existe ainda a ideia de que a pintura seria utilizada para uniformizar esteticamente o grupo, como afirma Afrânio Rangel em entrevista no meu livro “Maracatu Az de Ouro – 70 Anos de Memórias, Loas e Batuques”, lançado em 2007.

De alguma forma esse fantasiar-se de negro foi incorporado aos grupos de maracatus cearenses como uma de suas características peculiares. Importante salientar que embora algumas pessoas que desconhecem essa historicidade tenham comparado o uso desse fantasiar-se de negro ao *blackface* (ato dos atores americanos de pintarem o rosto de preto para



interpretarem personagens negros, normalmente de forma exagerada, iniciado por volta de 1930 e abolido na década de 1960 com o fortalecimento do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos). Essa prática no maracatu não tem a intenção deliberada de ironizar as etnias de matrizes africanas e sim exaltá-las e pode muito bem ser considerada uma característica estética dessa manifestação, assim como se pinta o Mateus no reisado. Porém nunca como uma obrigatoriedade de afirmação étnica de matriz africana.

Diante desses questionamentos que já trazia em meus livros, do posicionamento do nosso Griô Descartes Gadelha e da opinião de nossos brincantes, principalmente envolvidos com o movimento negro – que se indisponham corretamente a pintar o rosto por não concordarem com essa prática – fizemos uma discussão e abolimos a obrigatoriedade do uso do negrume ou o fantasiar-se de negro entre os brincantes do Maracatu Solar. Interessante frisar que tínhamos defendido anos anteriores a diversidade de ritmos do Maracatu Cearense e essa posição foi bem aceita entre os grupos, pois mudou-se até o regularmente do carnaval para julgar os batuques, não pelos ritmos característicos do maracatu, mas pelos ritmos característicos de maracatu de cada grupo. Contudo, quando o Maracatu Solar aboliu o negrume, a aceitação entre os grupos foi oposta e as regras de avaliação em relação a este quesito nos

juízos dos maracatus ficaram mais rígidas no regulamento, com a obrigatoriedade dos grupos de pintarem mais brincantes e alas e a punição com perda de pontos no julgamento oficial no carnaval para os que não o fizessem.

Nesse período para exemplificar a postura do Maracatu Solar e a visão que temos que o maracatu é na sua essência uma festa, criamos eu e Descartes o tema Kizomba (grande festa) Solar para o ano de 2013. Composta em ritmo de samba de maracatu e maracatu solene essa loa referencia a grande festa do encontro, a luta pelas cotas étnicas, a liberdade e evidencia o Maracatu Solar como o maracatu do sol e da alegria (solar).

Para o desfile do tema “Kizomba Solar” deixamos cada brincante livre para confeccionar sua fantasia, usar adereços e para pintar o rosto com qualquer motivo estético. Nesse ano na nossa ficha técnica a concepção de figurinos e adereços aparece como uma criação coletiva. Foi realmente um cortejo diferente. Para coroar esse processo na avenida chamei o público em geral para entrar no cortejo do Maracatu Solar e aí foi que a Kizomba ganhou mais ares de festa com todos livremente participando do desfile oficial do Maracatu Solar na avenida.

Lembro-me do jurado de rainhas de pé em sua cabine, com as mãos sobre os olhos procurando



entre a multidão fantasiada a rainha do Solar (como era livre tivemos várias rainhas). Não preciso nem dizer em que lugar ficamos na disputa entre os maracatus, mas foi o último ano que participamos dessa competição...

O tema Kizomba me fez refletir ainda mais sobre a essência da manifestação do maracatu e sua historicidade cearense, assunto que já tratei em meus dois livros publicados sobre esse tema, mas que venho com o tempo realizando novas reflexões e tirando novas conclusões. Está claro que as primeiras manifestações de grupos que se auto intitulavam maracatus na cidade de Fortaleza se dão por volta do final do século XIX (1880 a 2000) e que a existência desses grupos é relatada por cronistas cearenses que os viam nos entrudos (termo para designar o carnaval no Brasil até o início do século XX), contudo esses escritores tais como João Nogueira e Gustavo Barroso (esse autor chega a dizer que tinha medo dos maracatus), não pertenciam aos grupos que citam em suas memórias (Morro do Moinho, Cosme e Damião etc) e sim a outro universo da produção cultural, o que torna suas opiniões no mínimo questionáveis e distantes da realidade. Infelizmente até agora não tenho notícias de que tenham sido encontrados alguns registros dos protagonistas desses grupos. Por outro lado, podemos constatar a existência da Irmandade dos Homens Pretos da igreja de Nossa

Senhora do Rosário (centro de Fortaleza) e de suas coroações de reis do congo (festa protagonizada por escravizados e ex-escravizados de coroação de uma rainha negra sob a coordenação da irmandade e permissão da igreja).

Existia até recentemente uma ideia quase que unânime defendida por alguns antropólogos e pesquisadores que estudaram o maracatu pernambucano que os maracatus (Catarina Real, Guerra Peixe etc) teriam surgido dentre outros universos das coroações dos reis de congo das irmandades de nossa senhora do rosário dos homens pretos. Essa visão é hoje questionada por muitos que fazem o maracatu pernambucano que evidenciam que o maracatu tem sua essência primeira nas casas de xangô (denominação da religiosidade de matriz africana em Pernambuco). Em analogia com esse questionamento, creio que não podemos afirmar que os grupos de maracatu de Fortaleza do século XIX teriam uma relação direta com as coroações de congos dessa cidade do final do séc XIX, pois não temos registros que evidenciam esses fatos. É provável que tenha havido algum diálogo entre os brincantes dos maracatus e os praticantes das coroações, pois as pessoas são dinâmicas e as adaptações e transformações culturais múltiplas e complexas, mas também podemos pensar que esses grupos surgiram a partir de suas identidades étnicas e práticas



religiosas de matriz africana, relação evidenciada por exemplo na terminologia utilizada até recentemente ao designar macumba como a música do maracatu e macumbeiro para o cantor dessas canções, pois no Ceará o termo Macumba durante muito tempo foi designado para definir as religiões de matriz africana, além de outros elementos desses grupos vinculados até hoje ao universo da ancestralidade africana, como por exemplo a Calunga, a boneca preta levada por uma negra (Iaô) no cortejo do maracatu e que representa a ligação com a força e o axé da ancestralidade. Por fim podemos concluir que esses maracatus existentes no final do século XIX em Fortaleza e avistados e relatados pelos cronistas que não tomavam parte dessas manifestações podem ter suas origens nas casas de prática s religiosas de matriz africana e podem ou não terem uma ligação com as irmandade de nossa senhora do Rosário dos pretos existente em Fortaleza.

Quanto ao grupos que surgiram eminentemente para o carnaval no século XX, a partir da criação do maracatu Az de Ouro em 1936, podem esses ter trazido alguma relação com brincantes desses grupos do século XIX ou não, pois nos relatos de seu fundador Raimundo Alves Feitosa, não há citações a esses grupos, porém “ainda estão rolando os dados “ e as histórias do passado e do presente seguem sendo construídas cotidianamente.

Em 2013 Fizemos uma Kizomba geral, mas seguimos sempre relendo e reelaborando a ideia da manifestação do Maracatu Cearense e o jeito de ser Solar dentro desse segmento.

NOTA 11 - KIZOMBA

A rítmica predominante desta loa vai evidenciar a célula denominada por **samba de maracatu**. Foi inspirada em um combinatório de células rítmicas características centrais do samba e como forma de enaltecer o sentido simbólico da palavra “Kizomba”, ou seja, uma grande festa, uma festança alegre, com entusiasmo e vibração. Como curiosidade da construção desse ritmo, Descartes Gadelha nos apresenta um material escrito em partitura no ano de 1970 quando ele transcreveu o canto de uma loa, interpretada por Sr. Zé da Graxa, no ano de 1938, apontando assim células rítmicas sincopadas, com variações de semicolcheias características do samba aparece com a denominação de **Samba de Maracatu**, sendo uma inspiração para composição rítmica dessa loa. Além disso, nos traz um dado importante para reforçar o entendimento de que a rítmica do maracatu cearense também era apresentada em andamento acelerado na proposta de ser um toque festivo e não apenas só de coroação.





Kizomba Solar por
Pingo de Fortaleza



Kizomba por
Maracatu Solar

Kizomba

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha

♩ = 115 "Castro Alves"

Ferros
Agogô/Gonguê
Xequerê
Agbê
Caixa com esteira
Alfaia
Bumbo

♩ = 115 Imalê

5

Ki-zom - ba pa-la-vra fe-liz, ki-zom - ba _____ Ki-zom - ba ra - zão da vi-da, ki-zom -

♩ = 115

9

- ba _____ Kizom - ba'êncontro demãos Kizom - ba'efe-lcida-de Kizom - ba'cce-lebração Kizom - ba Kizom ba _____ Castro Alvescho-

15 Castro Alves

rou nos - sa me-mó - ria _____ Nos - sa dor fi - cou na his-tó - ria _____ O per-dão não tem

19

cor E'o a-bra-ço das co-tas _____ So-mos bra-si - lei-ros, se-men-tes da'An-go - la _____ O per-dão não tem lei-ros, se-men-tes da'An-go -

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<<https://youtu.be/bppoXQOTHV5>> (vídeo)

Kizomba

♩ = 58

24
V. - la _____ E no chão fri - o da ve - lha sen - za - la Eu me dei -

28
V. ta - va pa - ra son - nhar _____ E pro - me - ti ao pai O - lo - rum _____ no - va ki -

32
V. zom - ba a - qui im - plan - tar _____ E'as - sim nas - ceu o sol da'a - le - gri - a _____ Ma - ra - ca -

36
V. 1. _____ 2. _____ Break
tu Kí - zom - ba So - lar E'as - sim nas tu Kí - zom - ba So - lar Oi - ô e Oi - â na ki - zom - ba So -

40
V. Imalê
lar Oi - ô e Oi - â na ki - zom - ba So - lar Oi - ô e O - iá na ki - zom - ba So - lar Oi - ô e O - iá na ki - zom - ba So - lar

MARACATU SOLAR 2013

Tema e Loas: Kizomba SOLAR

Autores: Descartes Gadelha e Pingo de Fortaleza

**Kizomba palavra feliz, kizomba
Kizomba razão da vida, kizomba
kizomba é encontro de mãos,
Kizomba é felicidade
Kizomba é celebração, Kizomba.**

**Castro Alves chorou nossa memória
Nossa dor ficou na história
O perdão não tem cor
E o abraço das cotas
Somos brasileiros, sementes da Angola**

**Kizomba palavra feliz, kizomba
Kizomba razão da vida, kizomba
kizomba é encontro de mãos,
Kizomba é felicidade
Kizomba é celebração, Kizomba.**

**E no chão frio da velha senzala
Eu me deitava para sonhar
E prometi ao pai Olurum
nova kizomba aqui implantá
E assim nasceu o sol da alegria
Maracatu Kizomba SOLAR
Oiô e Oiá na kizomba SOLAR
Oiô e Oiá na kizomba SOLAR.**

A Kizomba SOLAR é uma exaltação a vida e a liberdade, simbolizada no tema através da ação educativa em propor que sua manifestação expresse no carnaval, por meio de suas diversas características estéticas e de organização, essa alegria e essa liberdade, como por exemplo a utilização da diversidade rítmica, a liberdade individual dos brincantes em praticarem o negrume (pintura no rosto), a utilização de fantasias não padronizadas e a participação em diversos momentos e espaços do carnaval de rua de Fortaleza, como uma forma de acrescentar valores a este carnaval e de expandir a participação do maracatu neste momento peculiar da cultura brasileira.

PROGRAMAÇÃO MARACATU SOLAR

- 10/02/2013: Participação no Brincar de Maracatu - Praça da Gentilândia (Benfica) das 14:00h. às 18:00h.
Desfile na Av. Domingos Olímpio - Carnaval de Rua de Fortaleza, às 23:00h.
- 11/02/2013: Participação no Ô Luanda É Cadê lôio a Nossa Rainha já se Corouu - Praça do Ferreira, às 22:00h.
Participação no 3º Tambores Ancestrais na Noite Escura - Praça do Ferreira, às 23:00h.
- 12/02-2013: Participação no Brincar de Maracatu - Praça da Gentilândia (Benfica), das 14:00h. às 18:00h.

MARACATU SOLAR – CARNAVAL 2013

FICHA TÉCNICA

Baliza: Jailson Barros

Porta Estandarte: Paulo Sérgio

Balaio: Daiane da Silva

Calunga: Elaine Virgiane

Preta Velha: Geni

Preto Velho: Marconi Tavares

Sol: Laissa Pontes

Kizomba: Vlamir de Sousa

Rezadeira: Gislene Andrade

Florista: Wladizia Mesquita

Rainhas: Priscila Rodrigues e Fátima

Rel: Ronaldo Rogério

Lampiões: Iranildo e Fcº José Aguiar

Lequeiro: Novão

Dama do Passo: Nilse Costa

Filho de Santo: Tayrome

Sombreiro: Joab Rômulo

Roberto Carlos: Roberto Carlos

Capoeira: Gleiciane

Índia Pajé: Francisca Solange.

Corte: Joana Rodrigues (**Princesa**), Camila Garcia (**Princesa**), Marina Faustino (**Princesa**), Maria Malara (**Princesa**), Ieda (**Princesa**), Mirian Medeiros (**Princesa**), Ilana (**Princesa**), Iara Faustino (**Princesa**), Levi (**Príncipe**), Luiz Murta (**Príncipe**), Francisco Airton (**Príncipe**), Marina (**Princesa**) e Regina Claudia (**Princesa**).

Baianas: Andrea, Ana Lúcia da Silva, Claudete, Iara Maria Castro, Joaciolo (Jô), Karina Ferreira (Manjari), Leda Maria Guimarães, Norma Marques, Regina Elisabete, Rosaizabel Ximenes, Baltazar Venancio, Socorro Saldanha, Terezinha Cavalcante, Vaneska Marquese Gardênia Lustosa.

Negras: Aline Vieira Gomes, Berenice Venâncio, Cristina de Castro, Francisca Ivonete, Geni Sobreira, Isabel Cristina, Maria Augusta, Maria Eli David, Sandra Montenegro, Sarah Emanuele V. Gomes, Sueli Moura, Paulo Freitas, Deiziane Aguiar, Daniele Fernandes e Kalina Rosa.

Orixás: Carol, Eduardo, Fabrício, Francisco Ribeiro, João Jairo Oliveira, Joelma Gentil, Kalena, Liliana (turyna), Luiza Lopes, Mairton Araújo, Norma Paula, Pai Dede, Patricio, Roseane, Tieta, Sandra e Zezé Sales.

Ala Zambê: Ernesto Cavalcante (Mestre Índio), Camila Evélin, Cristiano Soares, Érica Mouta, Francilio Melo, Jéssica Barros, Halana Elen Vieira Barboza, Jessica Andréa Silva Cavalcante, Jorge Luiz, Josué Silva, Luis André Queiroz, Paulo Henrique, Rafael Jackson, Rafaelia e Jessica Andressa Silva Cavalcante.

Ala Festa das Etnias: Eugênio Martins, Tiago Martins, Paulo de Souza, Diego Rodrigues, Carlos Oliveira, Geovane Mariano, Wando Pontes, Adriano Menezes, Adriano Rodrigues, Elisafan de Lima, Tãila Ferreira, Tainara Ferreira, Samara Gonçalves, Camila Matos, Greyciely Freire, Erivânia Félix, Cilene Diogo, Andressa Diogo, Luciene Diogo e Fabiana Dantas.

Batuque:

Regência: Catherine Furtado e Descarte Gadelha.

5 Toques: Ana Henrike, George Ulisses, Kiara Gomes, Júlia Brito, Paulo Fabrício, Paloma Alves, Tais Jardim, Uyara e Raquel Cristina.

Alfaia: Alessandra, Brayne Feijó, Daniel Gomes, Fred Jucá, Deyse, Fernanda Brasileiro, Fernando Anselmo, Leca e Ravel Andrade.

Bumbo: Afonso Cesar, Brimba Alves, Yuri Oliveira e João Tavares.

Caixa: Aldenir Carneiro, Artur Guidugli, Diego Sá, Concita da Silva, Edmilson Leite, Emanuel de Oliveira (nago), Júnior Santos, Diego Sá, Lucas Rodrigues, Paulo Miranda e Dalvanio Silva.

Chocalho: Silvana, Breno, Célio Darlan Veras e Charles Wellington.

Ferro: André Luiz de Oliveira, Dáilton Ellery, Débora Frota, Dinaldo Bento, Olaneide Nogueira, Paulo Augusto, Svirino de Cajú, Tasso, Terena Aguiar, Thiago Mendonça, Tomé Braga, William Frederico, Wilton Matose Gabriel Valesstor.

Maracá de Santo: Cláudia Maria e Maria Julia.

Bombinho: Duda Quadros.

Bumbo Baião: Otávio Augusto.

Xequerê: Etelvina Maria, Iara Pimenta, Maria José Alves, Neida Mesquita, Savia Bragae Camila Gomes.

Tiradores de Loá: Eliane Brasileiro, Inês Mapurunga, Jord Guedes e Pingode Fortaleza.

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Direção Artística: Pingode Fortaleza

Concepção Rítmica: Descartes Gadelha

Concepção de Figurale Adereços: Criação coletiva

Comissão de Carnaval: Regina Elisabete Roberto Militão (coordenadora geral), Geni Sobreira, Carol Costa e Zezé Malaquias.

Comissão de Batuque: Fred Moreira, Catherine Furtado, Fabrício Sobreira, Ravel Andrade e Eliahne Brasileiro.

Comissão de Figurale Adereços: Patrício Barrose e Tieta Pontes.

Comissão de Harmonia: Lúcio Picanço, João Paulo "Papinha Rodrigues", José Odaci Lima, Junior Alexandrino, Cláudia Gomes, Jéssica Brasileiro, Eliene Brasileiro, Augusto Moita e Arnóbio Santiago.

Comissão de Comunicação: Tiago Ribeiro, Geni Sobreira, Papinha Rodrigues, Paulo Fabrício Sobreira e Eliahne Brasileiro.

Projeto Gráfico: Papinha Rodrigues

Produção Executiva: Arnóbio Santiago

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Pingode Fortaleza

Vice-Presidente: Marconi Tavares

Tesoureiro: Lúcio Picanço

Segundo Tesoureiro: Augusto Moita

Secretário: Raimundo Carlos Pereira

Segundo Secretário: Regina Elisabete Roberto Militão

Conselho Fiscal: Tieta Pontes

Conselho Fiscal: Luciana Monteiro

Conselho Fiscal: Marildo Montenegro

Conselho Fiscal: Ivone Sampaio

Realização

Apoio

Solar

Fortaleza

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Associação Cultural Solar - 020.000.000-0000

Associação Cultural Solar - 020.000.000-0000

Associação Cultural Solar - 020.000.000-0000

3 Especial
EXPOSIÇÃO

Os maracatus de Descartes Gadelha

Músico, escultor e artista plástico dos mais renomados, o cearense Descartes Gadelha (foto maior) encontra-se com seus trabalhos em cartaz até o final de fevereiro no térreo do Shopping Benfica.

Em sua mais nova individual, *Aquarelas de Carnaval* (foto menor), Descartes - atualmente à frente do *Maracatu Solar* - centra foco numa de suas paixões mais explícitas (o maracatu), através de mais de 20 telas ao estilo aquarela. A visitação é gratuita.



Serviço

Aquarelas de Carnaval, de Descartes Gadelha

Quando: até o final de fevereiro, sempre das 10 às 22h.

Onde: térreo do Shopping Benfica (av. Carapinima, 2200).

Visitação gratuita.

Outras info: 3243 1000.

Pra solar bem forte a bola no Solar em 2014

Em 2013 discutíamos a realização da Copa no Brasil em 2014 e nesse ano ocorreram múltiplas manifestações durante a realização da Copa das Confederações por todo o Brasil, inclusive em Fortaleza. Estive em umas delas, nas proximidades do Castelão (maior estádio de futebol de Fortaleza) e pude sentir depois de muitos anos a força do gás lacrimogêneo, o que era comum na minha época de movimento estudantil, no início da década de 1980.

Sempre fui apaixonado por futebol e boleiro praticante, desde a época de *baby* e dente de lente no Ceará Sporting Clube, passando pela seleção da Escola Técnica Federal do Ceará, até as peladas de praia, o Novo Esporte, que era o time do bairro S, onde eu morava, até os rachas dos artistas e do amigo Rena, em tempos de hoje.

De alguma forma queria inserir o Solar nesse universo futebolístico que seria a tônica no Brasil em 2014, e para isso conversei com Descartes e

procuramos criar uma canção/loa que tratasse o futebol como uma lenda africana e fizesse uma crítica à prática eminentemente comercial desse esporte, porque assim como no maracatu a prática do futebol não profissional é eminentemente democrática, e pra tocar junto em ambos (maracatu e futebol) é só chegar alegremente, sem ter dono da bola e nem do campo.

E assim nasceu a canção tema “Tatu Bola”, que conta a origem do futebol e sua prática através de uma lenda nagô criada por nós. No Solar, sempre pregamos a total liberdade de criação e o “Tatu Bola” revela claramente essa concepção.

Trabalhamos novamente no Maracatu Solar os ritmos luana e imalê, comumente usados nos maracatus nação de Pernambuco (urbanos e com origem nas casas de Xangô) e também o coco de maracatu, além do maracatu solene ou de coroação. Essa canção explicitava a diversidade rítmica do



Maracatu Solar e esse coco de maracatu fazia uma referência a uma canção gravada por Raimundo Boca Aberta na década de 1940 (“Balaio ê”) e a uma matéria de jornal que anunciava que os pescadores do Mucuripe receberam o cineasta Orson Welles, também na década de 1940, com um coco maracatu.

Foi um tema bem diferenciado, que a maioria dos brincantes entendeu como uma crítica e também uma alusão ao futebol. Assim, com o tema “Pra solar bem forte a bola”, o Maracatu Solar contextualizou de forma coerente a importância do futebol na cultura brasileira, evidenciando o espírito lúdico e de formação cidadã do esporte futebol, associando sua historicidade à história da cultura universal e africana.

90

Nesse ano como uma forma de comemorar os dez anos de fundação da associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR, fundada em 2005, no final de 2014 o Maracatu Solar gravou seu primeiro CD intitulado “Solar 10 Anos de Luz – Maracatu Solar e Convidados” contendo todas as suas loas e outras canções.

Também em 2014, fruto da necessidade que sentíamos de capacitar ainda mais nossos batuqueiros, criamos (eu, Descartes Gadelha e outros brincantes do Solar, tais como Walnysse Gonçalves) a Orquestra Solar de Tambores, mais um programa de formação cultural continuada vinculado a SOLAR, que passou a reunir semanalmente (aos sábados) os batuqueiros do Maracatu Solar e a formá-los de maneira mais eclética no universo dos ritmos brasileiros e das práticas percussivas.

NOTA 12 - TATU BOLA

Na loa “Tatu Bola” predomina os toques de Luanda, Imalê e Coroação, recebendo também na estrutura uma parada (“brack”) para apresentar o solo do naipe das alfaias, explorando assim o uso das síncopes, contratempos e variações de semicolcheias. Pela oralidade podemos fazer o repasse do arranjo através das seguintes frases:

*“eu vim pra brincar com você / eu vim pra brincar com você / eu vim pra brincar com você lá no So lar eu vou te ver **SO LAR**”*



Pra Solar Bem Forte a Bola (Tatu Bola)

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha



Tatu Bola por
Pingo de Fortaleza

	Baião de Maracatu	Imalê	Solene
Ferro			
Agogô/Gonguê			
Agbê 1			
Xequerê 2			
Caixa com esteira			
Alfaia	 D D E D E D D	 D E D E D E D	
Bumbo			

$\text{♩} = 52$

4
V.
Ma - ra - ca - tu vai so - lar bem for - te'a bo - la Pra con - tar nes - sa his - tó -

7
V.
- ria Fei - to co - co de'em - bo - lar A nos - sa len - da que vem da na - ção Na - gô, no So - lar e - la che -

11
V.
gou c'a - go - ra va - mos mos - trar Por - que a bola c'ô tam - bor pra jun - tar gen - te É só to - car a - le - gre - men -

15
V.
- te pa - ra mais gen - te jun - tar Mas o en - can - to des - se can - to'ê não ter do - no Nem da bo - la'ê nem do cam -

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Solar 10 Anos de Luz

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/solar-10-anos-de-luz/>> (áudio)

Pra Solar Bem Forte a Bola (Tatu Bola)

Baião de Maracatu

$\text{♩} = 104$

V. 
 - po Bas - ta'a gen - te se'a bra - çar Ta - tu bo - la ê, Ta - tu bo - la á Ta - tu bo - la

V. 
 ê, a bo - la vai bo - lar Ta - tu bo - la ê a bo - la vai bo - lar O - lo - dum - Ma - ré

V. 
 - u - ma - bo - lá - e - criou Que virou mundo pa - ra' o po - vo vir mo - rar O o - ri - xá gostou tanto da tal bo - la - que inventou o ta - tu bo - la pra flo - res - ta - le - gar

V. 
 Ta - tu bo - la ê Ta - tu bo - la á Ta - tu bo - la ê, a bo - la vai bo - lar

Baião de Maracatu

V. 
 O - lo - dum - Ma - ré sen - tíu von - ta - de de jo - gar Deu um chu - te na bo - la que co - me - çou a vo - ar Na In - ga - ter - ra um go - lei - ro se - gu -

V. 
 rou E'as - sim nas - ceu o fu - te - bol pra se jo - gar Ta - tu bo - la ê, Ta - tu bo - la á Ta - tu bo - la ê, a bo - la vai bo -

V. 
 lar Ta - tu bo - la ê a bo - la vai bo - lar Lá deram'um chu - te que a bo - la su - biu tan - to Que foi le - va - da pe - lo ven - to de O -

Imalê

V. 
 yá O - xu - ma - ré lan - çou a bo - la no'ar - co - i - ris Fez cho - ver ru - ma de bo - la Bo - la em to - do lu - gar Ta - tu bo - la ê, Ta - tu bo - la

V. 
 á Ta - tu bo - la ê, a bo - la vai bo - lar Ta - tu bo - la ê a bo - la vai bo - lar Gen - te de cor - gen - te sem cor vi - ve cor -

V. 
 ren - do A - trás da bo - la pe - lo mun - do sem pa - rar. É fu - te - bol na tra - di - ção Na - gô É rai - o de Xan - gô a - lu - mi - an - do to - do ar Ta - tu bo - la

63

V. 

 ê, Tá - tu bo - - la á Tá - tu bo - - la ê, a bo - la vai bo - lar Tá - tu bo - - la

 1.

67

V. 

 ê a bo - la vai bo - lar O - lo - dum - Ma - ré no Bra - sil bem ca - pri - chou Cha - mou ra - i - nha Gin - ga pra na bo - la vim dan -

71

V. 

 çar. E'as - sim nas - ceu a nos - sa San - ti - da - de Zum - bi a ma - jes - ta - de Pa - ra'a bo - la con - sa - grar. Tá - tu bo - - la

MARACATU SOLAR 2014

"Pra Solar Bem Forte a Bola"

Maracatu SOLAR e a Lenda da Criação do Futebol na Tradição Nagô"

Ritmos : Maracatu solene (coroação), Côco de maracatu e Imalê

Autores: Pingo de Fortaleza e Descarte Gadelha

**Maracatu vai solar
Bem forte a bola
Pra contar nessa história
Feito coco de embolar
A nossa Lenda
Que vem da nação Nagô
No Solar ela chegou
E agora vamos mostrar**

**Porque a bola
E o tambor pra juntar gente
É só tocar alegremente
Para mais gente juntar
Mas o encanto desse canto
É não ter dono
Nem da bola e nem do Campo
Basta a gente se abraçar**

**Tatu bola ê, Tatu bola á
Tatu bola ê, A bola vai Bolar
refrão x 2**

**Olodum-Maré uma bola ele criou
Que virou mundo para o povo
Vir morar
O orixá gostou tanto da tal bola
Que inventou o tatu bola
Pra floresta se alegrar**

**Olodum-Maré
Sentiu vontade de jogar
Deu um chute na bola
Que começou a voar**

**Na Inglaterra
Um goleiro segurou
E assim nasceu
O Futebol pra se jogar**

**Lá deram um chute
Que a bola subiu tanto
Que foi levada
Pelo vento de Oyá
Oxumaré
Lançou a bola no arco-íris
Fez chover ruma de bola
Bola em todo lugar**

**Gente de cor gente sem cor
Vive correndo
Atrás da bola
Pelo mundo sem parar
É o futebol na tradição Nagô
É raio de xangô
Alumjando todo ar**

**Olodum-Maré
No Brasil bem caprichou
Chamou rainha Ginga
Pra na bola vim dançar
E assim nasceu
A nossa majestade
Zumbi a santidade
Para a bola consagrar**

PROGRAMAÇÃO

Domingo (02/03), das 15h às 18h Brincar de Maracatu/ Sem Medo de Papangu, Praça da Gentilândia.

Segunda (03/03), às 22h, 4º Tambores Ancestrais na Noite Escura, Praça da Gentilândia.

Terça (04/03), das 15h às 18h Brincar de Maracatu/ Sem Medo de Papangu, Praça da Gentilândia

MARACATU SOLAR 2014

FICHA TÉCNICA

Baliza: Jhonnatas Morais
Porta Estandarte: Jailson Barros
Balaio: Dayane da Silva
Calunga: Elaine Vigiani
Preta Velha: Verônica
Preto Velho: Marconi Távares
Sol: Tayla
Rezadeira: Gislene Andrade
Florista: Maria Lúcia Alves
Rainha: Priscila Rodrigues
Rei: Vladimir de Sousa
Lampiões: Joabe Rômulo Raimundo José
Lequeiro: João da Silva
Raio: Regina Elisabete
Arco-íris: Zezé Salees
Sombreiro: Marcos Guimarães
Jogador: Vladislav
Capoeira: Ana Aparecida, Breno Liberalino, Cristiano Soares, Erica de Freitas, Ernesto Cavalcante, Fabrício Matos da Silva, Francilio Melo da Silva, Halana Elen Vieira, Isabela Silva, Jéssica Andréa Silva, Jéssica Andressa Silva, Joselino Silva, Josué Mesquita Silva, Luiz André Queiroz, Luiz Davy Barbosa, Rafael Jackson de Freitas, Rafaela Maria de Freitas, Tauná Sales Melo, Victor Andrade e Vinicius Rodrigues

Índios: Maria Maiara, Francisca Solangei, vira Carla, Adriano Silva, Diego Vasconcelos, Dimas Martins, Eugenio Martins, Geilson Pereira, Juan Angelo, Leandro Paz, Paulo de Andrade, T2 Lopes e Thiago Martins

Príncipes e Princesas: Carlos Nilton, Francisco Airton, João Evangelista, Levi Pimenta, Luizinho, Andréa Guilherme, Cristina de Castro, Clores M^a Amorim, Erica Colares, Iara Faustino Marina Pimenta Marina Faustino, Maria Clara Oliveira, Melina Barbosa e Regina Cláudia

Baianas: Ana Lúcia da Silva, Antônio Viana, Andréa Alves, Claudete Avelar, Isabel Cristina, Joyce Sena, Jô Soares, Michelle Militão, Maria Rosimar e Lourdes Gaya

Negras: Berenice Venâncio, Eliete Thomaz, Geni Sobreira, Ivonete Santos, Ieda Santos, Maria Augusta, Maria Eli David, Nancy Remígio Coelho, Nilse Costa e Sueli Moura

Orixás: Lucilene, Fabricio, João Jairo Oliveira, Carlos Fernandes, Liliana (Turyna), Luiza Lopes, Mairton Araújo, Norma Paula, Pai Dede (Babalórix), Patricia, Vitória Bernardo, Tieta, Lucicleide, Eligleiton, Jessica Cavalcante

Africanos: Edsony Nunes, Iagnes Wellida, Idnes Wendy, Paty Rodrigues, Rayana Alexandre, Samara Gonçalves, Vanessa Diego, Thaynara Ferreira, Talita Ferreira e Gêssica Evelin

Batuque:

Regência: Catherine Furtado

Alfaia: Afonso César, André Luiz de Oliveira, Brayne Feijó, Eduardo Lima, Carlos Eduardo, Claudiana Araújo, Lucas Rangel, Daniel Gomes, Estevão Gomes, Fernanda Brasileiro, Fred Juca, João Paulo, Iago Dias, Maiara Bentes Torres, Ravel Andrade, Raquel Cristina, Rafael Gomes, Robert Braga, Paulo Fabrício, Luitza Lúcia Teixeira e Harley Nogueira

Bumbo: Brimbal Alves, Odprico Leal, Wesley Rocha, Rodrigo Bazar, Rafael Sequeira

Caixa: Aldenir Carneiro, Concita da Silva, Daniel de Oliveira Chagas, Edmilson Leite, Emanuel de Oliveira (nago), Junior Santos e Paulo Miranda

Chocalho: Chales Wellington, Dáilton Ellery, Olaneide Nogueira

Ferro: Diego Sá, Terena Cartaxo, Dinaldo Bento, Danilo Frota, Diego Salvador, Erica Pontes, Paulo Augusto, Sivirino de Caju, Willam Federico, Juliana Rozae, Daniel Escudeiro

Maracá de Santo: Descarte Gadelha,

Bombinho: Duda Quadros.

Bumbo Baião: Otávio Augusto.

Xequerê: Samara Meneses, Ana Maria Sobrinho, Lucas Vital, Liana, Denise, Diane Camara, Marie Lorraine, Maria Regina Freitas, Michelle Bestiz, Maria José Alves, Neida Mesquita, Ieda Pimenta e Rosaliriss Alencar

Tiradores de Loá: Iara Pimenta e Pingo de Fortaleza

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Direção Artística: Pingo de Fortaleza.

Concepção Rítmica e Direção de Batuque: Descartes Gadelha.

Concepção de Figurinos e Adereços: Fabrício Óliver.

Coreografia: Carol Costa

Coreografia Baliza, Porta-estandarte, africanos e cordão dos índios: Énio Marques

Comissão de Batuque: Paulo Fabrício, Raveo Andrade, Duda Quadros e Fernanda Brasileiro Paulodos Ferro.

Comissão de Figurinos e Adereços: Fabrício Óliver, Patrício Barros, Tieta Pontes, Lu Viegas, Gessica, Tayla e Ieda Santos, Turyna Lima, Celi Ramos, Eligleiton Barros, Geni Sobreira e Eliane Ferreira.

Costureira: Vera Lúcia

Comissão de Harmonia: Papinha Rodrigues, Júnior Alexandrino, Cláudia Gomes, Carlos Pinheiro e Arnóbio Santiago.

Projeto Gráfico: Papinha Rodrigues

Produção Executiva

Maracatu Solar (Um programa de Formação Cultural da Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR)

Presidente: Pingo de Fortaleza

Vice-presidente: Marconi Távares

Tesoureiro: Lúcio Picanço

Segundo tesoureiro: Augusto Moita

Secretário: Raimundo Carlos Pereira

Segundo secretário: Regina Elisabete Roberto Militão

Conselho Fiscal: Tieta Pontes

Conselho Fiscal: Marildo Montenegro

Conselho Fiscal: Ivone Sampaio

Solar entra na fase dos orixás em 2015 com "Oxum de Mim"

96

Empolgados com a diversidade rítmica do Maracatu Solar, eu e Descartes procuramos criar um tema que evidenciasse essa característica do grupo para 2015. Desse modo, meses antes do carnaval compusemos a loa "Nuvens de Algodão", utilizando os ritmos coco de maracatu e maracatu solene. A letra de "Nuvens de Algodão" faz uma apologia às rendeiras cearenses e contextualiza a matéria prima da renda nos altares e em outros universos das religiões de matrizes africanas.

Em janeiro de 2015, estávamos muito animados nos ensaios dessa loa. Nessa época os ensaios abertos do Maracatu Solar, aos sábados, já tinham se transformado em grandes festas e eram muitos frequentados.

Porém um fato inesperado mudou os rumos da escolha do tema do Maracatu Solar em 2015. Nesse período, eu estava aprendendo a tocar ukulele (ainda estou) e levava esse instrumento para todo canto e ia

criando melodias. E nesse processo criativo, compus uma melodia que guardei como exercício da prática de ukulele. Nesse mesmo período uma amiga produtora e coreógrafa de nome Valéria Pinheiro (Cia. Vatá) me sugeriu compor uma canção para seu espetáculo denominado "Oxum de Mim". Então um dia estava na SOLAR e Descartes chegou pra conversar (ele sempre passava por ali); foi quando lhe falei da proposta da Valéria e mostrei a melodia que tinha feito no ukulele. Fui tocando a música, imediatamente ele escreveu sua partitura e levou pra casa. Alguns dias depois Descartes chegou na SOLAR com a letra de "Oxum de Mim" perfeitamente encaixada na melodia. Decorei a canção, gravei e enviei para Valéria. Só que em um dos ensaios gerais com a loa oficial de 2015 "Nuvens de Algodão", toquei despreziosamente "Oxum de Mim" no ukulele e, assim que terminei e saí um pouco pra descansar entre o público, imediatamente a amiga brincante Gislene Andrade (mãe de uma



grande artista e arte educadora de Fortaleza de nome Dora Andrade) me chamou no canto e disse: “Essa Loa ‘Oxum de Mim’ tem que ser a oficial para 2015. É linda demais!”. Retruquei que já havíamos escolhido “Nuvens de Algodão” e já estávamos ensaiando, mas ela insistiu. Depois outras pessoas também fizeram a mesma observação sobre “Oxum de Mim”.

Como as canções eram bem diversas em seu conteúdo e ritmo, “Oxum de Mim” seria tocada em babalaô (um ritmo assim nominado por Descartes Gadelha) e “Nuvens de Algodão” em ritmo de coco de maracatu e maracatu solene. Resolvemos colocar em votação entre os brincantes para a escolha da canção/tema de 2015, o que fizemos efetivamente num ensaio geral, em um dos sábados. Depois de um debate sobre as canções “Nuvens de Algodão” e “Oxum de Mim”, esta última ganhou a votação e passou a ser a canção/loa oficial do Maracatu Solar para o ano de 2015

Prestar uma homenagem e referenciar através de seu tema um orixá de matriz africana e seus sincretismos citados na letra de “Oxum de Mim” transformou completamente o processo de construção do Maracatu Solar para seu carnaval de 2015. A partir da necessidade de um maior reconhecimento dessa temática, o maracatu passou a organizar seminários, oficinas e mesas redondas sobre seu tema anual (sistemática que vem sendo aprimorada ano a ano).

E assim o Maracatu Solar realizou vários eventos para desvendar o universo das religiões de matrizes africanas e, mais especificamente, Oxum com seus arquétipos e mitos.

As alas e fantasias do Maracatu Solar passaram a representar em 2015 as características de Oxum e seu universo, que também foram retratados na letra de sua loa oficial intitulada “Oxum de Mim”, tais como: Seu Ventre do infinito, sua Maternidade das Estrelas, Seu Espelhar, a Senhora do Ouro, dos Rios e das Cachoeiras, seu Amor, seu templo de Osungbô, sua fertilidade e outros temas correlatos.

As cores oficiais do Maracatu Solar, que são branco, marrom e amarelo, foram evidenciadas nas fantasias de 2015 com o amarelo de Oxum e a coreografia de todas as suas alas passaram a fazer referência e ter como inspiração a dança e os movimentos da orixá Oxum.

O toque executado pelo batuque do Maracatu Solar passa, a partir desse esse ano, a citar os ritmos praticados nas religiões de matrizes africanas, em todos seus naipes (ferros, xequerês, maracás de santo, chocalho, surdos, caixas, alfaiais e bumbos) e, especificamente em 2015, com a divisão rítmica de babalaô.

Outra inovação em 2015 foi que “Oxum de Mim” foi interpretada apenas por mulheres na Avenida, sendo as tiradoras de loas Eliahne Brasileiro, Juliana



Roza, Inês Mapurunga, Ercília Lima e Jord Guedes. O peso do batuque Solar (sempre a maior ala do grupo) foi harmonizado na avenida apenas pelo som do ukulelê.

No aspecto da coreografia o Solar esse ano contou com participação da professora de dança Regina Santiago, que através de oficinas deu um padrão mínimo estético na área da dança as suas alas e personagens. Nesse ano passamos a contar com a

coordenação geral do carnaval realizada por nossa brincante Regina Elisabete.

É possível afirmar que 2015 foi um marco histórico para o Maracatu Solar e que até hoje muitas características processuais desse grupo foram iniciadas nesse ano com o tema “Oxum de Mim”, posto que o maracatu passou a partir de 2015 a reverenciar um orixá das religiões de matriz africana em seus temas anuais.

NOTA 13 - BALAIO Ê, BALAIO A / NUVENS DE ALGODÃO

Segundo Pingo de Fortaleza (2012) é interessante observar que é a terminologia coco de maracatu é uma expressão pouco utilizada no campo musical, mas podendo ser observada nas gravações de Raimundo Alvez Feitosa (1943) várias canções carregadas em sua estrutura com “divisões rítmicas no andamento acelerado e a construção poética através de uma estrofe-refrão onde o refrão se intercala nas estrofes e onde nas estrofes há uma quebra poético-melódico”.

Balaio ê, balaio a
Ritmo do Batuque Raimundo Alves Feitosa

100 bpm
Primeira parte

The first part of the score is in 2/4 time and consists of four measures. The instruments and their parts are:

- Ferro:** A rhythmic pattern of eighth notes: quarter, eighth, quarter, eighth, quarter, eighth, quarter, eighth.
- Tambor Ocuca:** A simple bass line with quarter notes.
- Tambor:** A simple bass line with quarter notes.
- Buzbo:** A rhythmic pattern of eighth notes: quarter, eighth, quarter, eighth, quarter, eighth, quarter, eighth.

Segunda parte

The second part of the score is in 2/4 time and consists of four measures. The instruments and their parts are:

- Ferro:** A rhythmic pattern of eighth notes: quarter, eighth, quarter, eighth, quarter, eighth, quarter, eighth.
- Tambor Ocuca:** A simple bass line with quarter notes.
- Tambor:** A complex rhythmic pattern of eighth notes: quarter, eighth, quarter, eighth.
- Buzbo:** A simple bass line with quarter notes.

Nuvens de Algodão

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha



Nuvens de Algodão por Maracatu Solar



Nuvens de Algodão por Pingo de Fortaleza

Voz

$\text{♩} = 55$

O - lo-rum plan - tou nu-vens pe - lo chão

V.

No ser-tão nas - ceu pé de al-go-dão Pai ___ O - lo - rum, cri - a - dor do tem-po'e da vi -

V.

$\text{♩} = 113$

- da Pai ___ O - lo - rum, cri - a - dor da be - le - za'in fi - ni - ta No'al-tar tem _

Baião de Maracatu

V.

Ca - mi - nho de me - sa No'al-tar tem ___ Al - mo - fa - da de se - da No'al-tar tem ___ Ba - dé de Xan - gô No'al-tar tem

Agogô/Gonguê

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

Baião de Maracatu

V.

___ O som do'a - go - gô No'al-tar tem ___ O - já de ca - be - ã No'al-tar tem ___ O dom da be - le - za ___

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicaceareense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<https://youtu.be/k3_1IMiJPU0> (vídeo)

Nuvens de Algodão

Fine

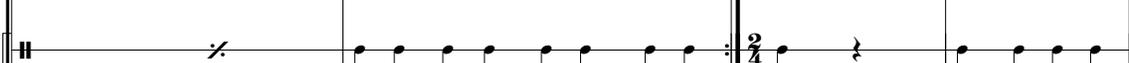
♩ = 55 Break

Solene

26

V. 

Agogô/Gonguê 

Xequerê 

Agbê 

Caixa com esteira 

Alfaia 

Bumbo 

Solene

30

V. 

D.S. al Fine

34

V. 

Oxum de Mim

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha



Oxum de Mim por
Eliahne Brasileiro,
Ercília Lima, Inês
Mapurunga e
Juliana Roza



Oxum de Mim por
Maracatu Solar



Oxum de Mim
Instrumental por
Pingo de Fortaleza

101

Acapella

$\text{♩} = 45$

Voz

O - xum, ven - tre do'in - fi - ni - to És mãe das es - tre - las em teu es - pe - lhar

V.

Be - la se - nho - ra do ou - ro ___ ins - pi - ra - ção de i - je - xá Ri - os nas - cem dos teus o - lhos Das tu - as

V.

lá - gri - mas i - men - so'a - mor Teu tem - plo'es - tá na Ni - gé - ria No bos - que ___ sa - gra - do ___ de'O - sun'O - sog - bó

V.

A pas - sa - ra - da'a ti can - ta Be - la sin - fo - ni - a de'um al - vo - re - cer A jan - da - i - ra te bei - ja ___ Pa - ra'a ra -

V.

i - nha mel o - fe - re - cer O - xum, tu és das Can - dei - as ___ És dos Pra - ze - res e da Con - cei - ção ___

V.

És tam - bém A - pa - re - ci - da ___ Num ri - o do - ce de nos - sa na - ção ___ O - xum, me - ni - na bre - jei - ra ___ De Xan -

V.

gô ga - nhou a pai - xão Par - tín - do'a ro - da do tem - po ___ Na dan - ça do nos - so ser - tãõ

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<<https://youtu.be/aXFyBab31EY>> (vídeo)

NOTA 14 - OXUM DE MIM Essa loa apresenta durante toda sua estrutura musical o Toque “Babalaô” (citado por Descartes Gadelha) em andamento lento, expressando bem a doçura e poesia como é construída a poética da música sem a necessidade de acrescentar outros toques já trabalhados anteriormente no Solar.

Babalu

♩ = 52

22

V.

 1.

 2.

Ferro

Agogô/Gonguê

Agbê

Xequerê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

Babalu

26

V.

 30

 34

 38

 42

 45

 1.

 2.

MARACATU

Uma década solar



A Associação Solar comemora 10 anos com lançamento de disco com 11 loas, criadas de 2007 a 2015

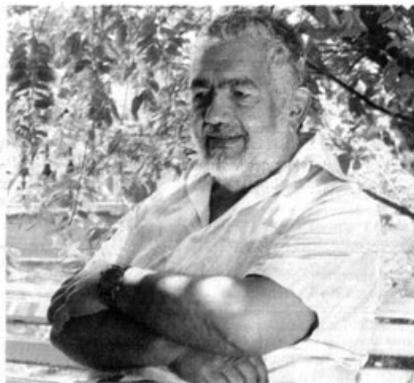
FELIPE GURGEL

Especial para o Caderno 3

A Associação Cultural Solidariedade e Arte (Solar) completa 10 anos de atividades em 2005. Para celebrar o aniversário, o lança "Solar 10 anos de luz. O CD reúne 11 loas de maracatu, mais três faixas-bônus, executadas pelo Maracatu Solar e convidados. O show de lançamento é neste sábado (10), na própria sede da associação, no Benfica.

Com uma série de realizações culturais na bagagem – incluindo as edições do Festival de Inverno da Serra da Meruoca, o Acampamento Latino Americano da Juventude e o Festival Fortaleza Instrumental, a Solar articula o Maracatu Solar como uma das "pontas de lança" de sua atuação.

"A Solar foi criada em 2005. A partir do primeiro ano, a gente já começou a trabalhar projeto de disco, livro. No início, a gente se sentia um pouco sozinho, como se fosse um escritor. Aí criamos o Maracatu Solar, um ano depois da fundação, como um programa de formação cultural. Agregou muitas pessoas, em média uns 300 brincantes que se reúnem no Carnaval da (avenida) Domingos



Descartes Gadelha, criador de loas para o Maracatu Solar, e Pingo de Fortaleza, um dos fundadores da associação

FOTO: VIVIANE PINHEIRO (06/02/2012) / RAFA ELEUTÉRIO (25/01/2012)



Olimpio, embora geralmente funcione com umas 100 pessoas no resto do ano inteiro. É o nosso programa de maior visibilidade. E nos trouxe muita alegria, por isso pensamos em comemorar os 10 anos com ele", situa o músico Pingo de Fortaleza, um dos fundadores da Solar.

O CD traz loas criadas para cada edição do Carnaval, de 2007 a 2015. A gravação reuniu vários intérpretes, e logo na segunda faixa, "Noite Azul", conta com a participação do "medalhão" Ednardo, dividindo os voais com Giselle Tigre.

As loas também são auto-referenciais, corroborando o discurso de Pingo sobre a satisfação que o Maracatu Solar promove aos próprios brincantes. Este traço do repertório fica nítido em "É o Solar pelo mundo", "São Jorge Solar" e "Kizomba Solar".

Criada em 2014, "Pra Solar Bem Forte a Bola (Tatu Bola)" inevitavelmente lembra a Copa do Mundo. "A gente fez uma crítica sutil à realização da Copa. Nós ressaltamos o caráter histórico do futebol pra cultura brasileira. Sou maracatu e também boleiro. Quando você começa a jogar bola, é jogador de bola. E quando você toca maracatu, é maracatureiro". Em ambos não há diferença social", analisa Pingo.

"Oxum de mim" integra o repertório e foi a música escolhida para o desfile oficial do Maracatu Solar no próximo Carnaval de Fortaleza. A festa completa do grupo, com as demais loas, está agendada para outros mo-



mentos que envolverão o período carnavalesco.

O Maracatu Solar se apresentará no domingo e na terça de Carnaval, de 15 às 18h, no projeto Brincar de Maracatu, Praça da Gentilândia (Benfica). Os ensaios na sede do Benfica são sempre abertos ao público e, além disso, o grupo participa do bloco Cachorra Magra, saindo todos os sábados do Pré-Carnaval fortalezense.

Criação das loas

"Nossa Paz é de Oxalá" é a loa que encerra o disco de 14 faixas, lembrando da relação do ritmo do maracatu com a religiosidade africana. O artista plástico e "maracatureiro" Descartes Gadelha comenta o pro-

cesso de criação das loas. "Qualquer maracatu é, no fundo, uma religião africanista. Na hora que o santo baixa, baixa com tudo mesmo, com letra, com o batoque. Você tem aquela intuição e a música fica pronta na hora. Há uma conexão espiritual. Não existe uma 'construção' nas músicas africanas: a coisa quando vem de cima pra baixo, não há uma lógica, uma razão. Toda música de maracatu tem uma função social também: o candomblé é publicizado através do ritmo", compreende Gadelha.

O artista sublinha que o grupo é aberto às pessoas de todas as crenças e orientações religiosas. E inclusive aos que não tem religiosidade alguma. "Tem pai-de-santo, vários espíritas, ateus... Temos até padres católicos. As pessoas vêm para vivenciar essa cultura. O Carnaval é até insignificante nesse sentido: o importante são as células cardíacas, são os ritmos do maracatu. Os africanos nos presentearam com isso em forma de estética. O ritmo envolve muito a questão da espiritualidade", complementa.

Mais informações:

Lançamento do CD "Solar 10 anos de luz", do Maracatu Solar Hoje, a partir das 18h30, na sede da Solar (Av. da Universidade, 2333, Benfica). Entrada Franca. A venda do CD será revertida para os preparativos do Carnaval 2015. Contato: (85) 3226.1189

TRADIÇÃO

Ancestralidade do maracatu em debate

Seminário discute as relações entre abolição no Ceará e a herança africana na cultura popular do Estado

Apesar do sol intenso que costuma banhar as terras alencarinhas o ano inteiro, a alcinha de "Terra da Luz" não se deve ao Astrorei. Faz referência a um fato histórico: em 1884, o Ceará tornava-se o primeiro estado brasileiro a abolir a escravidão, quatro anos antes desta ser aprovada nacionalmente como lei.

Em 2011, a data foi transformada em feriado estadual. Mais do que celebrar o protagonismo do Estado, para grupos ligados às manifestações culturais de matrizes africanas, o feriado é dia de refletir sobre esse momento histórico, que reverbera, até hoje na configuração do Ceará e do Brasil.

Na busca por discutir essas questões, a Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar realiza, hoje, o "Seminário Solar: Maracatu - Ancestralidade, Essência, História, Características e Inserção Social". O encontro promove painéis sobre o maracatu, suas variações, influências, espiritualidade, o Carnaval e outras manifestações de matriz africana, como a capoeira. Participam pesquisadores, artistas e mestres de tradição.

Para Pingo de Fortaleza, músico e um dos fundadores da Associação Solar, a data é propícia para discussão. "É necessário reconhecer e entender melhor não só os processos históricos e sociais que culminaram na Abolição no Ceará, mas também a relação com a manifestação do maracatu. Entender e questionar esses processos é fundamental para uma inserção social mais eficiente dos grupos culturais contemporâneos", afirma Pingo.

Debates

O Seminário Solar será composto por quatro espaços, cada qual visando discutir um tema específico, desde as especificidades do maracatu até a abolição da escravidão no Ceará e a herança negra. O primeiro painel aborda a ancestralidade, a essência e a história do maracatu no Ceará, através das falas de Pingo de Fortaleza e do músico e artista plástico Descartes Gadelha.

Temas relacionados a essa manifestação cultural, como gênero, ritmos, canções e a dualidade entre o maracatu



Registro do Maracatu Solar, em desfile no Carnaval 2014, na Avenida Domingos Olímpio. As inovações do grupo é pauta de debate. FOTO NATANIO RODRIGUES

PROGRAMAÇÃO

8h - Abertura: Canção Solerizante (todas)

8h30 - Painel 1 - Solar Maracatu: Ancestralidade, Essência e História

10h30 - Painel 2 - Etnografando rebeliões de gênero no maracatu pernambucano: notas sobre uma experiência de campo

14h - Painel 3 - Os mais interessados é que lutaram: a abolição no Ceará

15h00 - Painel 4 - Solar Maracatu - inserção do grupo no carnaval de rua de Fortaleza

18h30 - Encerramento - Maracatu Solar: "Cortejo do mar" em homenagem a participação dos jangadeiros na luta pela libertação dos escravizados no Ceará. As inscrições são gratuitas. Contato: (85) 3228.1189. Local do Seminário: ADUF (Avenida da Universidade, 2346 - Benfica).

cearense e pernambucano, são abordados no segundo momento do seminário. O histo-

tista Descartes Gadelha, o pesquisador Valfrido Moraes e o brincante Duda Quadros. Durante o Carnaval, a avenida Domingos Olímpio transbordava batucada. Vários maracatus da cidade desfilam suas alas, sob o olhar do público e dos juizes. Ao longo do ano, cada maracatu cearense prepara-se para o momento de carnavaizar.

Mas nem só de Carnaval vive o maracatu, ou não deveria. O debate levanta esse questionamento, que já faz parte do dia a dia do Maracatu Solar. Com formações contínuas, além da orquestra de tambores com ensaios todos os sábados, o grupo busca mostrar que o momento do maracatu é todo dia. Uma manifestação de ano todo, não só de Carnaval, reforça Pingo.

Um dos objetivos centrais do seminário, argumenta, é também trazer à tona essa busca do grupo por uma discussão permanente do ritmo, e sobre a legitimação do maracatu, muitas vezes tido como uma apropriação e não como manifestação genuinamente cearense. "É preciso fortalecer o vínculo dos que já se reconhecem parte dessa manifestação, para agregar valor a essa prática e ampliar sua capacidade de comunicação e difusão", explica Pingo de Fortaleza. Com aceleração do ritmo, retirada das fantasias pesadas e do negrume, a pintura preta comum nos maracatus mais tradicionais, o Maracatu Solar tornou-se um lugar de provocação permanente dentro das rígidas regras do desfile de carnaval da Avenida Domingos Olímpio.

Mas o processo de desconstrução é fruto de uma permanente estudo e da discussão frequente do lugar do grupo. Ao discutir o Maracatu Solar, reforça Pingo, também entra no foco do seminário, a tentativa de entender o seu lugar. "Queremos compreender melhor nossa inserção na distância do Carnaval de rua e nossa contribuição com a nossa diversidade de atividades nesse universo", finaliza.

Mais informações:

Seminário Solar: Maracatu - Ancestralidade, Essência, História, Características e Inserção Social. Hoje (25), a partir das 8h, na Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará - ADUF (Avenida da Universidade, 2346, Benfica). Inscrições gratuitas. "Cortejo do mar" A partir das 18h30, em frente a Ponte Metálica.



PRAÇAS OCUPADAS

Diversas praças e outros espaços públicos atraíram os fortalezenses. CIDADE P.3 E 4 FOTO HELENE SANTOS

Quem é Ogum no carnaval Solar de 2016

Desenvolver o projeto do carnaval do Maracatu Solar, em 2015, dentro do universo temático de uma orixá das religiões de matriz africana, foi um marco diferencial para esse maracatu, pois além de aproximar essa manifestação de sua essência, essa linha de atuação trouxe a possibilidade de ampliação das atividades preparatórias do ciclo carnavalesco do Maracatu Solar. Realização de oficinas, mesas redondas, visitas e todo esse conjunto de ações passou a envolver muito mais os brincantes do Solar nessa nesse ciclo, bem como também na escolha dos próprios temas do grupo.

A prática do Maracatu Solar não é religiosa institucionalmente e seus brincantes professam inúmeras religiões, tais como o catolicismo, o candomblé, a umbanda, o budismo, o espiritismo, dentre outras, contudo, o simbolismo dessa manifestação cultural está diretamente relacionado às religiões de matrizes africanas. Daí as alas de orixás,

o casal de Pretos Velhos, a calunga, a incenseira, as negras e as baianas entre seus personagens. Assim, a escolha de um tema relacionado diretamente ao culto de uma religião de matriz africana oficializou no Solar essa relação direta e propiciou um maior reconhecimento e difusão dessas práticas religiosas, não só entre seus brincantes, mas também entre toda a população, contribuindo assim em várias causas e lutas, tais com a luta contra a intolerância religiosa.

Os brincantes do Solar ficaram empolgados com o tema “Oxum de Mim” em 2015 e logo após o carnaval muitos me perguntaram qual seria o orixá de 2016 e também sugeriram várias entidades de suas predileções, cada um de acordo com sua empatia com um determinado orixá desse segmento religioso. E foi exatamente como fruto dessas sugestões que escolhemos homenagear o orixá Ogum em 2016. Ogum representava um orixá masculino, diferentemente de Oxum em 2015, e tinha



características bem distintas do tema do ano anterior, portanto, se apresentava como um tema que poderia acrescentar muito no processo do ciclo carnavalesco do Solar em 2016.

Dessa forma, como já havia se tornado uma prática anual, me reuni com Descartes Gadelha e conversamos sobre o tema de 2016. Posteriormente em meados de 2015 criamos a canção intitulada “Quem é Ogum” para ser a loa oficial do carnaval do Maracatu Solar em 2016. Na composição “Quem é Ogum” procuramos definir o arquétipo do orixá e o associamos aos seus processos sincréticos (Santo Antônio na religião católica e São Jorge na Umbanda), dentre outras referências.

No campo rítmico, “Quem é Ogum” representou (e ainda representa) um grande desafio para o Maracatu Solar, pois trabalhamos quatro divisões rítmicas nessa canção: coroação, imalê, luanda e adarrum (o ritmo de Ogum, em célula rítmica 6x8). A prática de ensinamentos, que tinha à frente o Griô Descartes Gadelha e a brincante Fernanda Brasileiro (regente do batuque na época), bem como a necessidade dos ajustes dos arranjos dos instrumentos do Maracatu Solar em cada ritmo dessa canção, problematizou a necessidade de mais ensaios do batuque do Maracatu e aproveitamos os encontros da Orquestra Solar de Tambores (idealizada por mim e por Descartes Gadelha) com ensaios semanais para fortalecer a prática dos batuqueiros do Maracatu

Solar e ampliar o universo dos seus conhecimentos e práticas percussivas.

Lançamos o ciclo carnavalesco do Maracatu Solar de 2016, no dia 20 de novembro de 2015, com um debate sobre o Dia Nacional da Consciência Negra e o tema “Quem é Ogum”, no teatro da EMCETUR, no centro de Fortaleza, com direito a apresentação de “Quem é Ogum” por um pequeno grupo de batuqueiros (ainda sem os devidos ajustes técnicos) e uma apresentação da dança de Ogum realizada pelo brincante Paulo Sérgio, porta-estandarte do Maracatu Solar durante muitos anos.

No início de 2016, o Solar desenvolveu seus processos de formação e difusão, realizando mais de 50 atividades no ciclo carnavalesco desse ano, dentre oficinas, ensaios, apresentações e cortejos. Dentre essas atividades, podemos destacar seu desfile na Avenida Domingos Olímpio, suas participações no projeto “Brincar de Maracatu” (para mais de 5000 pessoas/dia) e sua participação do projeto “Tambores Ancestrais na Noite Escura”, além da realização de um cortejo no Bairro do Bom Jardim dentro de seu projeto “Nossa Paz é de Oxalá”. No pré-carnaval o maracatu Solar interagiu com os grupos Luxo da Aldeia e Cachorra Magra.

Durante o restante de todo ano de 2016, o Maracatu Solar desenvolveu um conjunto de oficinas permanentes de batuque e dança e se apresentou em



diversos espaços culturais da cidade de Fortaleza, tais como Theatro José de Alencar, Cineteatro São Luiz, Espaço Cultural Dragão do Mar e muitos outros, inclusive ao lado de artistas reconhecidos nacionalmente tais como Criolo e Beto Guedes dentro do projeto “Duetos”, que contou também com meu show “Relicário de Canções”.

Assim, com as cores de Ogum, prioritariamente o azul, o Maracatu Solar aprendeu quem era esse Orixá em 2016 e dançou seu ritmo adarrum.

Sobre os ritmos do Maracatu Cearense, já pude percorrer principalmente no meu livro “Singular e Plural – A História e a Diversidade Rítmica do Maracatu Cearense Contemporâneo (Solar/ Expressão Gráfica, 2012), mas gostaria de expressar nesse Solar dos Ritmos algumas novas reflexões que atualmente faço sobre essa temática. O primeiro registro sonoro do Maracatu Cearense e portanto de seus ritmos foi realizado na metade da década de 1940 (fev. de 1943) através do canto de Raimundo Alves Feitosa acompanhado de um pequeno grupo musical percussivo. Nesse registro feito pelo mineiro Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e lançado pela biblioteca do congresso americano (CD Music Of Ceará and Minas, 1997), Raimundo Alves fundador do Maracatu Az de Ouro canta vários temas e cita algumas vezes esse grupo como se as canções fizessem parte do hinário do Az de Ouro. Portanto podemos afirmar que Raimundo gravou as canções

do maracatu Az de Ouro da época, entre estas “Boneca Preta do Maracatu”, “Olha o Meu Emblema”, “Balaio ê” e outras que não estão designadas como de maracatu como “Macumbeiro”, “Xangô” e “Ô Bem Bem Alaquixá”. Importante ressaltar que todas as canções, além da voz de Raimundo, estão acompanhadas por um ferro, esse triângulo de mola (atualmente de ferro) utilizado apenas no Maracatu Cearense no tempo e contratempo – grave e agudo) no primeiro plano e um instrumento de couro não identificado (como se fosse uma caixa sem esteira ou um pandeirão) e algumas trazem um coro de vozes na resposta dos refrões (“Balaio ê”).

As canções desse registro apresentam ritmos diversos (baião, coco, jongo e outros que podemos classificar genericamente de batuque pois identificamos como advindos das religiões de matriz africana), portanto podemos claramente concluir que havia até esse período uma diversidade rítmica no universo da música do Maracatu Cearense e é muito instante ressaltar que em nenhuma das canções gravadas por Raimundo em 1943 aparece a divisão rítmica que hoje denominamos de coroação ou solene (antes chamada de dolente) e que passou a ser padrão nos grupos dos maracatus cearenses a partir da década de 1960. A canção que enxergo como mais proximidade dessa divisão é exatamente a de coroação dos congos “Teia de Engomar” porque sua letra se



encaixa bem mais na divisão do compasso do solene e carrega a solenidade (por isso uso esse termo pra designar esse ritmo) de uma coroação. Esse processo revela a dinâmica das manifestações culturais e suas adaptações a novos e desafiadores contextos, alguns argumentam ser essa mudança fruto do peso das fantasias que aumentaram na década de 1960. Eu penso também que foi nessa década que a prefeitura passou a organizar e sistematizar mais o carnaval de rua e os maracatus passaram a desfilarem apenas um dia e também reflito sobre o fato da maracatu Rei de Paus ter sido o grande campeão desse período e que esse grupo pode ter sido o pioneiro desse ritmo e que pode ter influenciado ou outros a seguirem seu ritmo (é bom lembrar que na década de 1960 Raimundo Alves participava do maracatu Rei de Paus, pois o Az de Ouro estava inativo nesse período).

Existe um hiato de registros musicais do Maracatu Cearense entre 1943 e 1970, e embora algumas poucas gravações estejam sendo evidenciadas nas últimas décadas, na realidade é só a partir de 1995 com o surgimento do Maracatu Baobab e de seu ritmo “acelerado” (síncope entre baque virado de Pernambuco e balanceio de Lauro Maia) que outros grupos passaram a desenvolver diversos ritmos em seus batuques, como o próprio Maracatu Solar, embora os grupos como Az de Ouro, Rei de Pau e Vozes D’África utilizem sempre o ritmo Solene ou de Coroação em seus cortejos e apresentações.

Dessa forma evidenciamos com Ogum no Solar de 2016 vários ritmos, entre eles o solene ou de coroação, por consideramos essa divisão lenta e hipnótica uma característica específica e única do Maracatu Cearense.

NOTA 15 - QUEM É OGUM? / PATAKORI (ADARRUM)

A inovação da Loa “Quem é Ogum?” passa a trazer um toque que faz menção ao orixá Ogum com uma divisão conhecida por 6/8, ou seja, apresenta-se como um compasso composto que possui uma subdivisão ternária dos seus tempos. Pode-se sentir como se fosse uma caminhada mais balanceada sem seguir a binaridade regular do passo convencional (direita – esquerda). Com isso, a estrutura da loa passa a contemplar as quatro proposições rítmicas: toque de Coroação, Imalê, Luanda e “Patakori”. Cabe aqui uma explicação que o termo “Patakori” significa a saudação ao orixá Ogum e que, tradicionalmente, na religião do candomblé, é executada pelo toque Adarrum (ritmo frenético, acelerado e executado com muito vigor). Diante disso, a saudação “Patakori” passou a ser falada com frequência como se fosse uma sinalização que será o ritmo tocado na loa de Ogum e, dessa forma, é comum observar que os brincantes se referem ao novo ritmo (de compasso composto) “apelidando” por “é o toque “Patakori” nessa loa.

Clave do Toque Adarrum:



Maracatu Solar resgata cultura negra

O jornal *A Verdade* conversou com o cantor e compositor Pingo de Fortaleza, presidente do Maracatu Solar. O Maracatu Solar faz referências à cultura afro-brasileira, pois, através de suas ações, agregam valores da expressão cultural de Fortaleza. As características mais marcantes são as figuras principais reproduzidas no cortejo tradicional do maracatu cearense: baliza, portaestandarte, índios, balaieiro, negras, casal de preto-velhos, baianas, corte, batuque e tiradores de loas. O Maracatu Solar estreou no Carnaval de Rua de Fortaleza em 2007. Tem vários CD lançados, organizaram, em 2008, o 1º Festival de Loas (canções ou macumbas) de maracatu no Ceará, tem vários projetos de difusão cultural na cidade

Claudiane Lopes e Fábio Andrade, Fortaleza

A Verdade – Conte-nos como surgiu a ideia de uma associação cultural.

Pingo – Viemos de uma série de trabalhos na produção cultural, musical, literária, teatral, eventos e de assessoramento cultural, o que nos fez fundar a Associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR de Fortaleza. Criamos a ONG em 2005, com cinco linhas de atuação: formação, difusão, assessoramento, produção e programa de solidariedade. No campo da cultura, a gente trabalha muito forte com uma visão que não é ditada pelo mercado. A importância do Solar é aglutinar pessoas nessa perspectiva de produção, do acesso ao que foi produzido culturalmente, o que elas produziram, isto é, viver a sua própria cultura, que é produzida, pois isso gera reflexão. Qualquer pessoa pode participar, nós não buscamos um tecnicismo artístico, queremos fazer arte com todos que queriam. Isso gera cidadania, autoafirmação, empoderamento das pessoas em relação às suas linguagens artísticas, identidade, e também de cura no sentido mais geral, pois nesse processo as pessoas encontram um apoio emocional, espiritual e afetivo. Temos até casos de pessoas que chegaram aqui com depressão e superaram.

Como o maracatu, um dos pilares do trabalho vocês, reafirma a cultura afro-brasileira na sociedade?

O Maracatu Solar tem sua musicalidade inspirada nos batuques do Maracatu Az

de Ouro das décadas de 1940 e 1950, o pioneiro em Fortaleza. Temos criado um maracatu mais dinâmico, mais ativo, que aglutine mais gente. O Solar foi adquirindo algumas características fundamentais no trabalho de pesquisa que eu tinha feito sobre a história do Az de Ouro, oriundo dos terreiros. Uma dessas características é a diversidade rítmica, com ritmos mais livres. Além disso, nosso questionamento sobre a necessidade do negrume (pintura dos rostos de preto, representando os negros no Ceará), característica do maracatu cearense.

A outra justificativa é que, no início da década de 1930, quem brincava no “corso” eram homens e poucas mulheres, que, para não serem reconhecidos, pintavam os rostos, pois ainda eram um pouco marginalizados os maracatus. O solar discutindo a reafirmação negra, em contraponto à negação da presença negra no Ceará, estabeleceu uma liberdade de não pintar o rosto, como forma de afirmação da matriz étnica negra de manifestação e também da presença negra no Ceará. Então fomos pelo viés antropológico. Nós fizemos essa reflexão, a identidade étnica não se dá apenas sobre a pigmentação da pele, embora você possa fazer uma análise crítica social do negro, mas é um dos elementos, e outra é a afirmação da identidade religiosa, política, não apenas no conceito físico, mas político. Até porque uma parte do movimento negro já questionava essa pintura no rosto, como forma de caricatura, de um negro que supostamente não tivesse existido na matriz cearense, mas tudo isso foi superado pelos estudos recentes, pelas descobertas das heranças culturais, da existência das comunidades quilombolas. O Maracatu Solar nasce nessa perspectiva da religiosidade, depois ele vai assumindo características mais conflitantes com o *status quo*, como: não competir no Carnaval, não coroar a Rainha, não participar da coroação de Nossa Senhora do Rosário, porque toda essa ideia de coroação. Também questionamos a própria data do “Dia do Maracatu” (25 de março de 1884), no dia que oficializaram “o fim da escravidão” no Ceará. Não é uma data da emancipação das lutas dos negros, mas sim um decreto, que, quatro anos depois, o jornal *O Liberal* estava criticando a presença dos negros no passeio público, reprimindo as manifestações, defendendo o envio dos negros para a Guerra do Paraguai. Tudo isso é o Solar, uma reflexão



Maracatu Solar: uma reflexão coletiva

coletiva permanente, com muitas divergências entre nós, mas decisão coletiva.

Musicalmente, qual a diferença do Maracatu Cearense para os demais maracatus do Nordeste?

Você vai ter maracatu mesmo, mais precisamente em Fortaleza, Pernambuco, Alagoas e Minas Gerais. Em outros lugares o movimento aparece com o nome de afoxés (uma pequena corte), mas não como a mesma terminologia de maracatu. O maracatu de Pernambuco é dividido em duas vertentes: o maracatu baque solto e o maracatu baque virado nação. O maracatu virado nação, de Recife e Olinda, é oriundo das casas de xangô, dos terreiros de candomblé. O outro maracatu é conhecido como maracatu rural, que veio dos canaviais da Zona da Mata, dos lanceiros. Tinham que se incorporar na corte e aí se tornou o maracatu rural baque solto, que tem um ritmo mais indígena, de entoada. Isso quer dizer que cada maracatu vai ter seu próprio ritmo, embora os ritmos sejam semelhantes. Então você vai ter nuances diferentes de cada maracatu. Aqui nós iremos ter esses ritmos na década 1940, mas, de alguma forma, um ritmo prevaleceu no início da década 1950 à década de 1990, hoje chamado de solene de coroação. Antigamente, chamava-se de dolente de coroação, que tem referência a dor e, por isso, o ritmo é mais lento. Esse ritmo lento se soma com o peso das fantasias, isso na década de 1960, devido ao fato de essas fantasias serem muito pesadas, com ferro, com cangaia, pedrarias e apliques e, por isso, fazem uma batida mais lenta nessa coroação. Nos anos 1980, os grupos começam a mudar, tentando uma maior diversidade rítmica, com inspiração de muitos artistas, como o Descartes Gadelha, em 1985, entra com o ritmo diferenciado, mais acelerado, como também os grupos Vozes da África; Nação Fortaleza e o Solar. A nos-

sa maneira de tocar é diferente da do povo de Recife. Os maracatus cearenses não têm relação religiosa explícita, pois eram maracatus mais carnavalescos. Mas, de 10 anos para cá, alguns grupos estão se encontrando para religiosidade, com os terreiros, estão voltando a beber da fonte. Atualmente, são 14 grupos de maracatu que desfilam e estão entre as principais atrações do Carnaval de Fortaleza.

Como vocês avaliam o Carnaval brasileiro e cearense?

O Maracatu Solar não participa do Carnaval de competição, e sim de participação. Temos essa preocupação de não ser um grupo de exibição, mas um grupo em que as pessoas assistem e participam. Participamos dos desfiles dos maracatus no Carnaval de Fortaleza com mais de 200 brincantes, todos do Solar, que fazem parte dos programas, nenhum é profissionalizado. Mas temos outras ações. Neste ano, iremos ter uma participação contínua dos tambores ancestrais, uma festa de caráter religioso, de matriz africana, cruzamentos dos tambores, brincar de maracatu trazendo o lúdico, além disso, fazemos um projeto paralelo aos desfiles oficiais. Já tivemos com o maracatu em duas comunidades quilombolas, e mais duas comunidades indígenas, e ainda iremos para o bairro da periferia de Fortaleza, o Bom Jardim, fazendo um cortejo pelo bairro, na segunda-feira de Carnaval. O Carnaval de Fortaleza ainda está crescendo, não tem muito essa vertente comercial como existe no Carnaval do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

Quais projetos vocês estão desenvolvendo?

O programa Solar é contínuo. Temos dois festivais: Vila Sonora e Fortaleza Instrumental. Promovemos formação cultural da juventude, produzimos o Festival da Meruoca, temos o Tambor Criola, alguns projetos no campo da literatura, como o dicionário sobre a arte cearense, patrimônios nas escolas. Queremos aproveitar para parabenizar o jornal *A Verdade*, um jornal de identidade, parabenizar seus militantes por deixar essa chama viva de transformação, que é muito importante para todos nós. Isso é o que nos alimenta, isso é preciso.

Mais informações do Maracatu Solar: <http://ong-solar.blogspot.com.br/>



Quem é Ogum
por Maracatu
Solar



Quem é Ogum
por Pingo de
Fortaleza

Quem é Ogum

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha

♩ = 116 Virada Luanda Imalê ♩ = 56 Solene

Ferro

Agogô/Gonguê

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

E D E D E D D E D E D D E D E D E D

♩ = 116 Luanda Virada Virada

V. 5

Quem é o pri-meiro'o-ri-xá — Que des-ceu do'O - rum Pra'ai-yê a-ju-dar — Quem é O -

Luanda Virada Virada

V. 11

gum O rei de I - rê — Que'a-fun-dou na ter - ra — Pra nun-ca mor-rer — É O Quem

Luanda Virada Virada

V. 16

é o dou-tor ca - va - lei - ro — Gran-de - se - nhor da guer-ra'e da cu - ra Quem ra É O -

V. 21

♩ = 56 Solene

gum das en - cru - zi - lha - das San-to'An-tô-nio'ê São Jor - ge — Na'um-ban-da sa-gra - da É O da O-do-

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicaceareense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<<https://youtu.be/BHYvrU1J0uQ>> (vídeo)

26

V. 

du - a foi seu pai _____ Y - e - man - já a su - a mãe O - gum in - ven - tou o fer - ro na for - ja so - lar de ca - da ma - nhã O - do

34

V. 

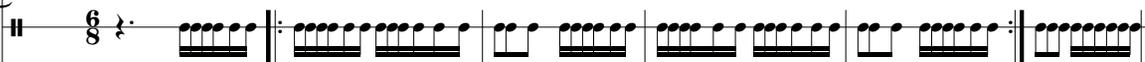
nhã Alavanca, pá Enxada'ma - chado Picareta'e's - pada E facãofor - jado Alavanca jado —

41

V. 

Patako-ri, patako - ri Patako-ri de Ogumde'l - rê Patako-ri, pa-talo - ri NomeuSo-lar de Ogum i - ê Pata-lo-ri, patako - ê

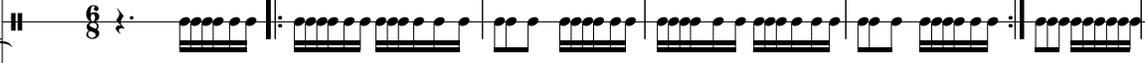
41

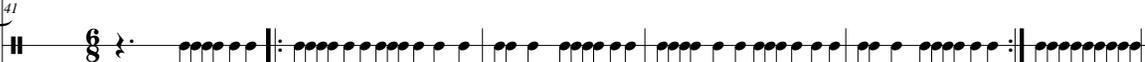
F. 

Ago/Gon. 

X. 

Agb. 

Cx. 

Alf. 

B. 

Maracatu SOLAR 2016

Quem é Ogum

Autores: Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha



Quem é
O primeiro Orixá
Que desceu do Orum 2x
Para àiyé ajudar
É Ogum
O rei de Irê
Que afundou na terra 2x
Pra nunca Morrer

Quem é
O doutor cavaleiro
Grande senhor 2x
Da guerra e da cura
É ogum
Das encruzinhas
Santo Antônio e São Jorge 2x
Na Umbanda sagrada

Odudia foi seu pai
Yemanjá a sua mãe
Ogum inventou o ferro
Na forja solar
De cada manhã

Alavanca, pá
Enxada e machado
Picareta e espada 4x
E facão forjado

Patakori, paratakori
Patakori, de Ogum de Irê 4x
Patakori, Patakori
No meu solar Ogum iê

PROGRAMAÇÃO SOLAR CARNAVAL 2016

* Sábado dia 06/02/2016 as 18:00h.

Carnaval de Rua de Fortaleza
Cortejo na Avenida Domingos Olímpio
Participação Especial:
Maracatu Nação Bom Jardim

* Domingo dia 07/02/2016 14:00h.

4º Brincar de Maracatu
Praça da Gentilândia

* Segunda dia 08/02/2016 15:00h.

Maracatu Solar com os Orixás
por um Território de Paz!
Cortejo Bom Jardim
Praça do Santo Amaro / Praça Santa Cecília

* Segunda dia 08/02/2016 19:00h.

Tamboresq Ancestrais
na Noite Escura
Praça da Gentilândia

* Terça dia 09/02/2016 14:00h.

4º Brincar de Maracatu
Praça da Gentilândia

* Sábado dia 13/02/2016 16:00h.

Cortejo Bem Fica
Cortejo pelas ruas do Benfica
Saída da SOLAR
Avenida da Universidade, 2333

Ficha Técnica

CORTE:

REI: Ronaldo Rogério .
RAINHA: Priscila Rodrigues.
PRÍNCIPES: Levi Pimenta, Francisco Airton,
Francisco de Assis Gomes e Marcos Brasil.
PRINCESAS: Iara Faustino, Marina Faustino,
Marina Cabral, Regina Cláudia, Sophia.
PORTA ESTANDARTE: Paulo Sérgio.
LAMPIÕES: Paulo Botafogo e Ackson Dantas.
BALIZA: XXXXXXX
SOL: XXXXXXX
CALUNGUEIRA : Elaine Vigianni.
CASAL DE PRETO VELHO: Paulo Botafogo
e Eliete Thomaz.
BALAIEIRA: Dayane da Silva.
OGUM DÁ UMBANDA: Wladisia.
REZADEIRA: Gislene Andrade.
INCENCEIRA: XXXXXX
SOMBREIRO: Pedro Henrique.
LEQUERO: Wellington Pessoa.

CAPOEIRA DA ANGOLA: Rafael Magnata,
Jorge Rocha, Kauhana Moreira, Wallace Alves,
Luciana Iara, Wesley Matias, Diane Brasil, Ligia Viana,
Wallace Alves, Viviana Pittalis, Luiza Helena,
Raul Monteiro, Jane Oliveira, Lucy Alves, Geane Bento.
BAIANAS: Ana Bento, Ana Lúcia, Ana Cristina,
Aline Rodrigues, Cléa Saraiva,
Elinz, Juliana Sâmara, Jessica Klein,
João Luiz, Joyce, Karla Matos, Maria Sônia,
Margarida Alencar, Renata Jorge Vieira,
Rosângela, Silvana, Claudete Avelar, Nilise,
Antonieta, Suely, Natalia Lidia.
NEGRAS: Geni Sobreira, Geysse Anne,
Ivonete Santos, Ieda Santos, Isabel Cristina,
Joseane Damasceno, Maria Augusta,
Maria Sonia Gomes, Marcela Rodrigues,
Maria Eli David, Maria de Fatima Martins,
Fatima Lima, Nancy Remigio, Neusa Freitas,
Regina Santiago, Vânia Alves, Adriana Monte,
Célia, Jéssica.
AFRICANO:
ORIXÁS: Carlos Eduardo Vieira, Fabricio,
João Jairo Oliveira, Lílina (Turyna),
Lucicleide, Luiza Lopes, Mairton Araújo,
Norma Paula, Pai Dedé, Patricio, Tieta Pontes,
Vitória Bernardo, Adriana Santos, Taty.
EKEDIS: Barbara Letícia.
MACUMBEIROS: Pingo de Fortaleza,
Inês Mapurunga, Eliane Brasileiro, Juliana Roza,
Hermetak Sabiá.
REGENTE: Descarte Gadelha.
BATUQUE/CAIXA: Aldenir Carneiro, Otávio Augusto,
Herison Marques, Edimilson Leite, Pedro Henrique,
XXXXXX

ALFAIA: Afonsino, Afonso César, André Luiz, Caca,
Cristofthe, Carol, Célio Veras, Daniel Gomes, Fred Juca,
Érica Silva, Fernanda Brasileiro, Harley, Humberto,
Iago, Jacinta, João Paulo, João Washington, João Luiz,
Julia, Joana Elis, Lucio Alves, Marta Pinheiro, Walynsse
Maria Militão, Neida Mesquita, Nivia Maria, Rayane,
Odorico Leal, Ravel Andrade, Raquel Cristina,
Rebeca Vital, Ronaldo Cavalcante, Samuel Freire,
Olga Queiroz.
CHOCALHO: Charles Wellington, Dáilton Ellery, Eli,
Olaneide, Teui.
FERRO: Breno, Edison, Dinaldo Bento, Valfrido,
Herquimedes Glaudys, Paulo Augusto, Siverino Caju,
Willian Rodrigues(Galo), Carlos Lessa, Danilo Gurgel,
Diego.
XEQUERÊ: Amanda Rocha, Aminha, Cecilia, Zezé,
Cristina de Castro, Daniel Galdino, Etelvina Costa,
Ieda Pimenta, Iara Pimenta, Regina Elisabete,
Michelle Bentes, Maria Gorete, Maria José Alves,
Sandra Veras, Tatiana.
MARACÁ: Claudia, Deyse, Sâmara Elizete, Terena.
BUMBO: Arilson de Araújo, André Barros, Brimba,
Céline, Emanuel, Francimar, Felipe, Marcos Carvalho,
Paulo Leão, Raquel Abeau, Rafael Valente.
PARTICIPAÇÃO BATUQUE CASA CAIADA:
Artur Guidugli, Joyce Monteiro, Airton Júnior,
Suellen Magalhães, Felipe Adam, Jamylle Monteiro,
Reinan Costa, Karine Forte, Viviane Morais,
Clarissa Cidade, Luana Mello, Victor Ramos,
Emanuel Cavalcante, Erika Akiré, Alfredo Santos,
Reni Saes(Daku),

PRODUÇÃO
DIREÇÃO ARTÍSTICA E
COORDENAÇÃO GERAL: Pingo de Fortaleza
CONCEPÇÃO RÍTMICA,
DIREÇÃO DE BATUQUE E
COORDENAÇÃO: Descartes Gadelha
COREOGRAFIA: Regina Santiago
COORDENAÇÃO DE CARNAVAL: Regina Elisabete
COMISSÃO DE BATUQUE: Walynsse Gonçalves,
COMISSÃO DE FIGURINO E
ADEREÇOS: Patricio Barros, Tieta Pontes,
Walynsse Gonçalves, Renata Jorge Vieira.
COMISSÃO DE HARMONIA: Júnior Alexandrino,
Cláudia Gomes, Carlos Pinheiro, Arnóbio Santiago
PROJETO GRÁFICO: Hélio Júnior.
PRODUÇÃO EXECUTIVA: Arnóbio Santiago.

Realização:

Apoio:

Solar
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLIDARIEDADE E ARTE



Prefeitura de
Fortaleza
Secretaria Municipal de Cultura
de Fortaleza

PROJETO FINANCIADO PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE FORTALEZA
2016 - PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA - RUCOL/2016

DESTAQUES

FOTOS DIVULGAÇÃO



LANÇAMENTO. MARIA VILANI

Penteando a Vida na Solar

A escritora e filósofa Maria Vilani acaba de lançar *Penteando a Vida*, seu quarto livro pelo Capsianos, primeiro livro do selo editorial do Centro de Arte e Promoção Social. O CAPS é localizado no Grajaú, bairro do extremo sul de São Paulo, foi fundado por Maria Vilani - mãe do rapper Criolo - há 26 anos e tem como missão a promoção do ser humano. A edição reúne 70 poemas inéditos da autora, escritos entre os anos de 1985 e 2015. O lançamento em Fortaleza acontece hoje, 18, às 19h30min, na sede da Associação Solar/ Quintal de Batuque Griô Descartes Gadelha (Av. da Universidade, 2333 - Benfica). Gratuito. Outras info: 3226 1189.

WILBERT SANTOS/ DIVULGAÇÃO



MARACATU SOLAR

Cortejo pelas ruas do bairro Benfica

Programa de formação cultural continuada da Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar, o Maracatu Solar realiza cortejo hoje, a partir das 19 horas, com saída de sua sede (Av. da Universidade, 2333). O evento, que encerra as atividades do ciclo carnavalesco do maracatu solar em 2016, é uma forma de agradecer e solidificar a relação do maracatu com seu bairro originário. Antes, haverá projeção em telão das atividades da agremiação no Carnaval. Outras info: 3226 1189.

EXPOSIÇÃO. ASSOCIAÇÃO SOLAR

Patrimônios abre no Dragão do Mar

A Multigaleria do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura recebe a partir de hoje, 14, às 19h30min, a exposição *Patrimônios - O Material, o Imaterial, o Humano e o Natural do Ceará*.

Num total de 120 trabalhos em óleo sobre tela, a coletiva - realizada em parceria com o Ponto de Cultura Fortaleza dos Maracatus (vinculado a Associação Solar) - encontra-se dividida em quatro momentos.

O visitante poderá, assim, conferir obras que ilustram a manifestação do maracatu no Estado, bem como as paisagens do litoral, serra e sertão, edificações de Fortaleza

e membros da comunidade quilombola Alto Alegre e do povo indígena Tapeba.

Serviço**Exposição Patrimônios - O Material, o Imaterial, o Humano e o Natural do Ceará**

Quando: abertura hoje, 14, às 19h30, seguindo até 14 de julho

Onde: Multigaleria do Centro Dragão do Mar (rua Dragão do Mar, 81 - Praia de Iracema)

Horários de visitação: das 14 às 21h (acesso até 20h30)

Entrada franca

Telefone: 3226 1189 (Solar)

FOTOS DIVULGAÇÃO



Calunga do Maracatu: tela de Sandra Amorim presente na mostra



Compositor

Pingo de Fortaleza comanda os músicos no cortejo do Maracatu Solar nas ruas do Bom Jardim. No ritmo dos tambores, quem fica parado é poste

Um Solar afoxé com Um Ijexá para Yansã em 2017

O Maracatu Solar, dando prosseguimento à prática de reverenciar os orixás nas suas temáticas anuais de carnaval, após os dois bem sucedidos processos de construção dos temas relacionados a Oxum (2015) e Ogum (2016), resolveu continuar nessa linha em 2017, pois foi consenso no grupo que a inserção nesse universo cultural propiciaria um maior aprofundamento de saberes e de práticas relacionados às culturas de matrizes africanas. As práticas religiosas dessa essência étnica e as manifestações artísticas de representação simbólica de todo esse vasto segmento cultural se mostraram bastante significativas para o Maracatu Solar, na perspectiva do encontro e na afirmação de sua identidade ancestral, de sua base cultural, de suas posições ideológicas e de suas estéticas nas mais diversas linguagens artísticas.

Dessa maneira, procurando alternar orixás de características distintas e por solicitação de muitos

brincantes, resolvemos (eu e Descartes Gadelha) escolher a orixá Yansã (senhora dos ventos e das tempestades) para ser tema do Maracatu Solar em seu carnaval no ano de 2017.

Novamente me reuni com Descartes Gadelha e traçamos um perfil que tentaríamos explicitar a orixá Yansã na letra da canção e na escolha do arranjo instrumental para acompanhá-la, pois depois das experiências com Oxum e Ogum, a ideia era escolher um ritmo diferente que acrescentasse elementos novos na prática musical do Maracatu Solar no ciclo carnavalesco de 2017.

Sendo assim, Descartes me apresentou uma letra com forte conteúdo explicativo do histórico e do arquétipo de Yansã. Fiz alguns acréscimos contextualizados o sincretismo relacionado a essa orixá e suas ressignificações artísticas, citando por exemplo Clara Nunes e Maria Betânia em sua letra.



Porém nossa maior dúvida ficou sendo a escolha do ritmo da loa “Eparrey Yansã – Sorriso Róseo das Tardes”. Normalmente, componho as loas do Solar usando o violão. Essa é minha dinâmica mais comum em meu processo de criação, embora tenha feito algumas cantarolando à capela. Acontece que não consigo reproduzir todos os ritmos (e nem conheço todos, naturalmente!) no violão, principalmente os toques relacionados às religiões de matrizes africanas, que estávamos inserindo anualmente nas loas do Maracatu Solar.

Depois de várias pesquisas e tentativas, eu e Descartes resolvemos usar o ritmo do ijexá para a loa de Yansã em 2017 e também o solene, pois resolvemos sempre que possível citar esse ritmo nas canções do maracatu Solar, por o considerarmos um diferencial do Maracatu Cearense. Dessa forma concluímos a construção da loa do Maracatu Solar para o ciclo carnavalesco de 2017.

O ijexá é um ritmo provavelmente de origem africana (oriundo da cidade de Ilexá, na Nigéria) trazido para o Brasil pelo povo Nagô no universo de suas práticas religiosas, principalmente no candomblé adaptado em *terra brasilis*. Nessa religião e de acordo com a sua nação (origem étnica) para cada divindade (orixá) ou circunstância dos cultos, existe um toque específico para propiciar a transmissão das intenções, mensagens e conteúdos repassados em seus rituais. O

Ijexá normalmente é um toque para Oxum e Logum-Edé, podendo também ser tocado para outros orixás como Exu, Ossaim, Obá, Oxalá, Orunmilá e Yansã entre outros.

Esse toque é um dos mais praticados nas casas religiosas de matrizes africanas e também no universo musical brasileiro que bebe nessa fonte de inspiração. Quando os terreiros baianos começaram a participar de forma organizada do carnaval de Salvador por volta de 1880, passaram a denominar seus grupos de Afoxé (que significa, em nagô, “a fala que faz” e também é o nome de um instrumento conhecido popularmente como agbê) e escolheram como ritmo usual de seus cortejos exatamente o ijexá. Os cortejos dos afoxés (existentes hoje em muitos lugares do Brasil) no carnaval é precedido de oferendas ao orixá Exu e depois esses grupos ganham as ruas com seus atabaques, agbês e agogôs, além de seus personagens (que variam muito de acordo com cada estado onde existem e o próprio grupo, podendo ter uma corte e alas de baianas, ou outras personas, ou ainda só de batuqueiros.

É possível claramente associar os afoxés aos maracatus, se considerarmos suas origens e práticas carnavalescas, mesmo com suas diferenciações e suas incorporações referentes a suas presenças nesse ciclo cultural. Dessa forma, resolvemos (eu e Gadelha) que



Eparrey Iansã - Sorriso Róseo das Tardes

Pingo de Fortaleza, Descartes Gadelha e Inês Mapurunga



Eparrey Iansã por
Maracatu Solar



Eparrey Iansã por
Pingo de Fortaleza

♩ = 110 Ijexá Virada (ijexá) ♩ = 54 Solene

Ferro

Agogô/Gonguê

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia 1

Bumbo 2

♩ = 110 Ijexá Virada Virada

V.

La ra ra ra La ra ra La ra ra La ra ra

Ijexá

V.

E - par-rey Yan - sã Oy - á E - par-rey E - par-rey Gui-a dos E - guns E - par-rey

Virada Ijexá

V.

E-par-rey fo-go do a-mor E-par-rey E-par-rey Deu-sa da Pai - xão E - par-rey

Virada Ijexá

V.

E - par - rey Oy-á E - par - rey E - par - rey Oy-á

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<<https://youtu.be/--ZnLaC4uAs>> (vídeo)

25 **Virada** **Ijexá**

V. 
 — Se-nho-ra das tem-pes - ta-des — Ra - i-nha por vo - ca - ção Con-quis-tou Xan-gô com a dan-ça do seu co - ra - ção

29 **Virada**

V. 
 — Mas na for-ça dos ven-tos — A-mou se-te'O-ri-xás — O-fe-re-cen-do seu ven-tre Pa-ra'um mun-do de paz

34 **Ijexá**

V. 
 E - par-rey Yan - sã Oy - á — E - par-rey — E - par-rey Gui-a dos E - guns — E - par-rey — E - par-rey fo-go do a-mor

39 **Virada** **Ijexá** **Virada**

V. 
 — E - par-rey — EparreyDeusa daPai - xão — E - parrey — E - par - rey Oy-á —

46 **Ijexá** **Virada**

V. 
 E - - - par - rey — E - par - rey Oy-á — Lo-gun E - dê, — rei das

50 **Ijexá**

V. 
 ma-tas — O - xa-gui - an, cons - tru - tor O-gun Fer-rei - ro di - vi-no — O - xos-si ca - ça-dor — O - mu-lum rei da

54 **Virada** **Ijexá**

V. 
 ter-ra — E-xu men-sa-gei-ro do'a - mor Mas foi Xan-gô, rei de Oy - ó a quem Y-an-sã mais a - mou E - par-rey Yan-sã Oy-á

59

V. 
 — E - par-rey — E - par-rey Gui-a dos E - guns — E - par-rey — E - par-rey fo-go do a - mor — E - par-rey —

64 **Virada** **Ijexá**

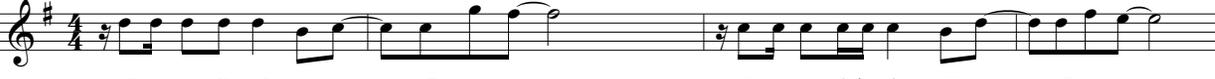
V. 
 EparreyDeusadPai - xão — E - parrey — E - par - rey Oy-á — E - par-rey — E - par - rey Oyá

73 **Solene** $\text{♩} = 54$

V. 
 — San - ta Bár - ba-ra, — Y - an - sã Guer-rei - ra Sor - ri - so ro-seo das tar -

79
V. 
 - des Pra fes - te - jar quar - ta fei - ra Pe - las fi - lhas can - ta - da _____ Na -

84
V. 
 - can - ção bra - sí - lei - ra Cla - ra Nu - nes, Ma - ri - a - Be - tha - nia e'a - go - ra'o So - lar _____ en - tra na brin - ca - dei - ra

90 $\text{♩} = 110$ Break Ijexá
V. 
 E - par - rey Yã - sã Oy - á _____ E - par - rey _____ E - par - rey Gui - a dos E - guns _____ E - par - rey _____

94 Virada Ijexá
V. 
 E - par - rey fo - go do a - mor _____ E - par - rey _____ E - par - rey Deu - sa da Pai - xão _____ E - par - rey

99 Virada Ijexá Virada
V. 
 _____ E - par - rey Oy - á _____ E - par - rey _____ E - par - rey Oyá _____

Ijexá Virada Virada
V. 
 La ra ra ra _____ La ra ra _____ La ra ra _____ La ra ra ra _____

Teresa Monteiro
teresamonteiro@opovo.com.br

De origem francesa, a palavra "griô" – que traduz o termo da língua africana *bamanan dieli (jéliou djeli)* – designa o guardião da memória coletiva de um povo ou comunidade. Espécie de mestres populares, herdeiros de um saber e um fazer transmitidos de forma oral, os griôs são verdadeiras bibliotecas vivas fundamentais para as gerações futuras. Artista plástico, percussionista, compositor... Associar a figura de Descartes Gadelha, 74 anos, nesse contexto é quase uma obrigação.

Ao adentrar a Associação Cultural Solidariedade e Arte – Solar, o pequeno quintal da sede, batizado com seu nome, não é à toa. Sentado num banquinho, afinando um dos instrumentos, é com sua fala mansa, simplicidade e simpatia habituais que ele recebe seus alunos para uma tarde-noite de ensaios da Orquestra Solar de Tambores. O respeito, visível, faz com que alguns cheguem a cumprimentá-lo beijando a mão.

"É no maracatu que nós vamos achar o nosso eixo psicológico. Nós somos os Freuds de nós mesmos. E aqui é tudo de graça. Quem quiser chegar, pode entrar. A única coisa que eu peço é ouvido", resume o griô cearense. Projeto de formação cultural continuada da associação, criada em 2005, a orquestra funciona aos sábados, no Teatro Universitário, numa parceria com a UFC.

Reunindo pessoas de idades e profissões diversas, com ou sem experiência no universo batuqueiro, os encontros objetivam um aprofundamento do conhecimento percussivo, tendo como célula básica o maracatu. "O maracatu é uma escola de manutenção africanista. Uma peça, no sentido de expressão, dessas religiões que aqui chegaram. Ele seria o vínculo com a civilização africanista a partir dos ritmos", define Descartes.

"A pulsação é importante.



"É no maracatu que nós vamos achar o nosso eixo psicológico. Nós somos os Freuds de nós mesmos", diz Descartes Gadelha

Cada entidade tem a sua complexidade rítmica, percussiva e encantada. O toque para Xangô, por exemplo, é o alujá (também nome de uma região da África) e por aí vai", continua ele. Luanda, imalê, babalu, arrasto, baião de maracatu e afoxé de maracatu são os outros ritmos trabalhados durante as aulas que, a partir do dia 3 de junho, serão divididas em turmas de iniciantes e iniciados.

Pingo de Fortaleza é o idealizador e coordenador geral da orquestra, que teve seu projeto contemplado no Edital das Artes 2015 da Secult. "De 2009 a 2011, a Solar desenvolveu o projeto de Ponto de Cultura *Fortaleza dos Maracatus*. Ele já foi concluído, desenvolvemos um livro e uma exposição, mas também outros trabalhos em vários universos, tendo como programa de formação o maracatu", explicou.

O Maracatu Solar é um programa de formação continuada da mesma forma como é a Orquestra e a Companhia

Solar de Dança. "Esses são os três eixos contínuos. Mas tem a produção do Festival de Inverno na Meruoca, produção de livros... São cinco eixos que a Solar trabalha: difusão, produção, formação, assessoramento e alguns programas de solidariedade".

E durante a semana, Descartes, o senhor faz o quê? "Ah, minha filha... Eu faço muita coisa! (risos) Faço minhas macumbas, fico compondo, fico escrevendo, fico fazendo esculturas, costuro até minhas roupas – e na mão, viu! E agora, interessante isso, me reapaixonei pelas pessoas da (Praça do) Ferreira. É impressionante aquilo dali! Meu sonho é promover um grande Carnaval para aquelas pessoas da Praça do Ferreira".

Serviço

Orquestra Solar de Tambores: Turma de Iniciantes e Iniciados

Inscrições: de hoje a 31 de maio, na Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar (Av. da Universidade, 2333 / em frente à Adulf - Benfica)

Início das aulas: 3 de junho
Horários: Iniciantes - das 9h às 11h30min (com Fernanda Brasileiro) / Iniciados - das 14h às 17h30min (com Descartes Gadelha)

Local: Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno/UFC (Av. da Universidade, 2210 - Benfica)

Inscrições e aulas gratuitas
Outras info: (85) 3226 1189

VIDA & arte

FORTALEZA - CE, SEGUNDA-FEIRA - 15 DE MAIO DE 2017

O POVO

O Solar sobre as bênçãos e o Axé Oculto de Ossaim em 2018

124

O fazer e o brincar maracatu dentro da instituição SOLAR se dão de forma intensa durante todo o ano, com a realização contínua de inúmeras e diversas atividades que envolvem um conjunto significativo de seus brincantes. Essas atividades vão desde os ensaios abertos mensais, aos ensaios semanais de batuque (Orquestra Solar de Tambores) e de dança. Nessa época, criamos a Cia. Solar de Danças, como um programa de formação da SOLAR para dinamizar a parte das coreografias dos brincantes do maracatu aos moldes do que a Orquestra Solar de Tambores fez com os batuqueiros do Solar. Compuseram as realizações também oficinas específicas e muitas apresentações públicas que aconteceram em escolas, praças, teatros, universidades, festas e eventos em geral de multifacetadas produções (encontros, seminários, congressos, mostras culturais, manifestações, semanas culturais, festivais etc.). Essa dinâmica anual demonstra a vivacidade e a importância dessa

manifestação no universo da cultura fortalezense (a maior parte das apresentações se dá na cidade de Fortaleza) e também em outras regiões do estado do Ceará. O ápice dessa manifestação nos campos da produção, difusão e visibilidade acontece no ciclo carnavalesco e a incorporação da necessidade de criação de um tema para ser retratado pelo maracatu em suas linguagens artísticas durante esse ciclo propiciou uma maior profundidade ao processo criativo dos maracatus nesse ciclo, pois os grupos passaram a trabalhar não só seu enredo de essência (cortejo de coroação de uma rainha negra), mas seu tema anual e muitos outros temas correlatos e transversais. Destaco também que a criação de temas anuais entre os maracatus, bem como o surgimento de novas alas em seus cortejos (orixás, índios, baianas, capoeira etc.) é resultante de uma influência direta das regras dos desfiles oficiais de carnaval, bem como da relação dos maracatus com outros grupos



que participam desse ciclo como por exemplo os blocos e as escolas de samba.

Nos maracatus, o enredo é sempre um cortejo simbólico de representação de uma coroação de uma rainha negra. Escolher um tema anual, portanto, é tecer uma espécie de enredo dentro de um enredo maior, já que o tema anual deve através de seus personagens e alas se inserir e dialogar com o enredo originário do maracatu.

Dessa maneira, passamos no Solar a pensar que temas correlatos poderiam ser trabalhados a partir da escolha de um tema central e a partir desse ponto começamos a escolher o tema anual para os carnavais do Maracatu Solar. Esse processo ficou visivelmente contatado com a escolha do orixá Ossaim para o carnaval de 2018 do Maracatu Solar, porque pensamos na possibilidade de discutir e aprender os processos de fabricação e utilização de remédios fitoterápicos (do mató) e de curas espirituais entre outras referências desse universo, relacionadas à escolha desse orixá como tema do Maracatu Solar para 2018.

Seguindo nossa intenção, encontramos no orixá Ossaim uma entidade que em seu arquétipo e em suas características principais de pai da mata e de senhor que cura com as folhas sagradas, um tema diferenciado e bastante rico para ser trabalhado em 2018.

Dessa forma, e após conversar com Descartes Gadelha, recebi de suas mãos uma letra sobre Ossaim e, para conseguir uma maior variação rítmica na composição, acrescentei o trecho do maracatu solene na letra (para os compositores é possível identificar uma sugestão de ritmos musicais nas poesias) e lembro-me (não com muita clareza) que tentamos ou criamos essa música juntos na sala da SOLAR (às vezes fazíamos isso).

Assim nasceu “O Axé Oculto de Ossaim”, uma composição em três ritmos (luanda, imalê e coroação) e com uma letra um pouco explicativa sobre o surgimento de Ossaim e suas características principais. A música trazia ainda um pequeno refrão em que se clama para que Ossaim nos cuide e um trecho (em solene) que faz uma analogia de desse orixá com os seres mágicos e reais, tais como saci, caipora, rezadores e mezinheiros. No final, a letra afirma sermos todos filhos de Ossaim.

O processo de construção do tema “Axé Oculto de Ossaim” para o carnaval de 2018 no maracatu foi emocionante e profundo. Dentro das diversas programações que o grupo realizou tivemos a oportunidade de receber em nossa sede para uma palestra do saudoso Pajé Barbosa, do povo Pitaguary, entre Pacatuba e Maracanaú (CE), um ser iluminado e sábio em múltiplos saberes nos campos físico e espiritual. Também tivemos a oportunidade de



conviver com um grupo de mulheres do bairro Itaoca de Fortaleza, que desenvolvem um projeto de farmácia viva com a produção e a comercialização de produtos (remédios e outros) confeccionados com base em plantas medicinais. O Maracatu Solar ainda realizou um conjunto de oficinas sobre o orixá Ossaim e os diversos olhares sobre essa entidade, além de várias oficinas artísticas (bataque, dança, voz, adereços, figurino, turbantes, história do maracatu etc.) de preparação para o carnaval de 2018.

Tenho clareza que no início do ciclo carnavalesco de 2018 estive acometido de uma forte esofagite (com uma grande rouquidão que começou ainda no final de 2017) e que não conseguia cantar de forma alguma. Coincidentemente, foi por essa época que o Solar ampliou significativamente o número de seus tiradores de loas (cantores), passando de três ou quatro para seis ou sete. E foram as vozes de Eliahne Brasileiro, Basílio di Melo, Dgal, Cariolano Solar, Jord Guedes, Yane Caracas e Inês Mapurunga, dentre outras que me salvaram nas apresentações enquanto eu só tocava violão. E sob os cuidados de Ossaim (“Ossaim cuida de mim” – trecho da loa de 2018), quase chegando ao carnaval minha voz ficou boa e pude finalmente agradecer a esse orixá (a todos os deuses) entoando junto aos outros tiradores de loa do Maracatu Solar a canção “O Axé Oculto de Ossaim” na avenida do carnaval oficial de Fortaleza em 2018.

Depois do ciclo carnavalesco, idealizei e dirigi a gravação do primeiro DVD do Maracatu Solar intitulado “Um Cada Um... Um Cada Sol” (trecho da loa de 2007). Foi impressionante como o grupo abraçou esse desafio de gravar um DVD e ensaiou exaustivamente durante meses para sua realização. Finalmente, em outubro desse mesmo ano, no Cineteatro São Luiz lotado (por volta de 700 pessoas) com forte emoção o Maracatu Solar gravou DVD de “Um Cada Um... Um Cada Sol”. Participaram centenas de batuqueiros regidos pela coautora deste livro, Catherine Furtado. As músicas foram interpretadas pelos tiradores de loa: Eliahne Brasileiro, Basílio di Melo, Dgal, Cariolano Solar, Jord Guedes, Yane Caracas, Inês Mapurunga, Juliana Eva e Artur Guindougli. Descartes Gadelha fez uma participação especial na percussão e as canções do espetáculo foram coreografadas pela Cia. Solar de dança tendo à frente o coreógrafo e bailarino Gil Rodriguês.

Nessa época já havíamos criado a Cia. Solar de dança e o artista Gil Rodrigues, juntamente com Fabrício Óliver coordenaram a coreografia dos brincantes no carnaval. Essa linguagem da dança tem trazido um dilema permanente no Solar, pois depois de refletirmos bastante se chegou a conclusão que no Solar teríamos sempre alas e personagens livres de



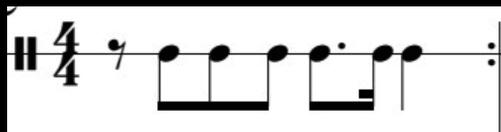
coreografias padrões e outras alas e personagens que trariam coreografias trabalhadas e detalhadas. A partir desse ano a Cia. Solar de Danças se responsabilizou de criar uma coreografia específica para o tema anual e as outras alas seguem a cada ano de acordo com a proposta do coletivo de dança da SOLAR como livres ou coreografadas e são definidas ano a ano de acordo com a organização do Solar, que sempre vem melhorando com as criações de diversas comissões específicas e temáticas para o ciclo carnavalesco.

Por fim, o Maracatu Solar em 2018 foi abençoado por Ossaim no carnaval e em suas ações e pôde mostrar com a gravação de seu DVD um pouco mais do seu brilho coletivo presente em “Um Cada Um... Um Cada Sol”.

No início dos ensaios para a gravação do DVD “Um Cada Um... Um Cada Sol” nosso brincante e professor Washington Costa fez sua passagem, a quem dedicamos esse capítulo de “No Solar dos Ritmos – Maracatu Cearense”.

NOTA 17 - OSSAIN

Loa composta por 03 ritmos diferentes (Luanda, Imalê e Coroação) com mudança de andamento nas estrofes correspondentes aos “baques” e, depois, para o toque solene. Uma característica essencial nessa estrutura rítmica trata-se do uso da convenção “**Virada de Baque**” que passa a ser utilizada em diversas outras canções com a função de entrada dos tambores depois da repetição do vocal, contagem do andamento para o batuque e arranjo rítmico tocada em contextos livres dos ensaios para uso de aprimoramento dos toques. Pela oralidade podemos entender como: “prá - ba - tu - car --- tam bor”



prá ba tu car tam bor”



O Axé Oculdo de Ossain



O Axé Oculdo de Ossain por Maracatu Solar



O Axé Oculdo de Ossain por Pingo de Fortaleza

128

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha

Virada (Luanda e Imalê) Luanda Imalê Solene Virada (Solene)

♩ = 116 ♩ = 56

Voz

Ferro

Agogô/Gonguê

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

in No So - lar com Os-sa-

7 Os-sa-in sur-giu'cm l-ra - ô Na Ni-gé - ria qua-se Da-o - mé Por ã-so dan-ça'o bra - vum E'o sa - tó lá no can-dom-bic

14 Virada Luanda Os - sa - in - en - con - trou no O - rum U - ma ro - cha de luz a vo - ar

19 Virada Imalê E - ra'U - ru - mi - lá Que lhe deu fo - lhar pra cu - rar Os-sa-in fei - ti - cei - ro O___ Pai das

24 ma - tas Se-nhor que cu-ra com'as fo-lhas sa-gra - das... E-le tem a for-ça Das en-tra-nhas da ter-ra Com O-xos-sí'e O-

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Um Cada Um, Um Cada Sol

Disponível em: <<https://www.digitaldamusicacearense.com.br/album/um-cada-um-um-cada-sol/>> (áudio)

<<https://youtu.be/mQXjuTxxK4>> (vídeo)

2

O Axé Oculdo de Ossain

Virada Luanda

29

Voz

gum de-fen-de'a flo-res - ta___ Os-sa-in fei-ti ta___ Os - sa - in,

Virada Solene

34

Voz

cui - da___ de mim mim Pro - te - jam as

39

Voz

ma - tas Que cu - ram as cha - gas Cai - po - ras, sa - cis Re - za -

Break

44

Voz

do - res, me - zi - nhei - ros So - mos to - dos fi - lhos e'her - dei - ros de Os - sa -

Virada Solene

49

Voz

in No So - lar com Os - sa - in No So - lar com Os - sa - in No So -

Virada

54

Voz

lar com Os - sa - in No So - lar com Os - sa - in

D.C.

Associação **Solar** apresenta

O AXÉ OCULTO DE OSSAIM

Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha



O AXÉ OCULTO DE
OSSAIM
— MARACATU SOLAR 2018 —

Ossaim surgiu em Iraô
Na Nigéria quase Daomé
Por isso dança o bravum
E o satô lá no candomblé
Ossaim encontrou no Orum
Uma rocha de luz a voar
Era Urumilá
Que lhe deu folhas pra curar

Ossaim feiticeiro
O Pai das matas
Senhor que cura
Com as folhas sagradas
Ele tem a força
Das entranhas da terra
Com Oxossi e Ogum
Defende a floresta

Ossaim, cuida de mim
Ossaim, cuida de mim
Protejam as matas
Que curam as chagas
Caiporas, sacis
Rezadores, mezinheiros
Somos todos filhos e herdeiros
De Ossaim

Programação do Maracatu Solar 2018.
Dia 10/02 (sábado): 23h - Cortejo no Carnaval de Fortaleza
Local: Av. Domingos Olímpio.
Dia 11/02 (domingo): 13h - Brincar de Maracatu
Local: Praça da Gentilândia.

Dia 12/02 (segunda): 20h - Tambores Ancestrais na Noite Escura
Local: Praça da Gentilândia
Dia 13/02 (terça): 15h - Brincar de Maracatu
Local: Praça da Gentilândia
Dia 17/02 (sábado): 19h - Cortejo pelas ruas do Benfica.

FICHA TÉCNICA MARACATU SOLAR CARNAVAL 2018

BRINCANTES

CORTE:

REI: Ronaldo Rogerio

RAINHA: Priscila Rodrigues

PRÍNCIPES: Levi Pimenta, Mauro Ariel Fernandes, Vlamir de Sousa e Francisco.

PRINCESAS: Marina Pimenta e Regina Claudia.

ESTANDARTE: Humberto Kelvin.

LAMPÍOES: Carine Martins e Rafaela Teixeira.

CALUNGUEIRA: Rosana Reis

CASAL DE PRETO VELHO: Jaime Alexandrino (Júnior) e Ana Cleia.

BALAIO: Dayana da Silva

SOMBREIRO: Teobaldo Dias

LEQUEIRO: Manuel Valcêlo.

SOL: Valdisia.

GRUPO DE ÍNDIOS: Claudia Guilermo, Lalita Samiha, Marília, Nancy, Nelise e Solange.

GRUPO DE BAIANAS: Adna Aquino, Ana Juçara Alves, Ana Lúcia Silva, Carmina Feitosa, Claudete Avelar, Diana Maria, Edice Barbosa, Eveline Brandão, Joana Brandão, Lidervam Bessa, Maria Neide Lopes, Mariana Aquino, Naniara Reis, Raquel Nascimento, Rosângela Ampudia, Romário Holanda, Rúbia Rodrigues, Silvana Tavares, Teresa Cristina e Valdenia Araújo.

GRUPO DE NEGRAS: Aldeides Andrade, Augusta, Beht Menezes, Ely, Fatima Moura, Geni Sobreira, Irlane Santos, Maria Clara, Maria Lúcia Alves, Monica, Regiane, Regiane Santos, Silvia Helena e Sueli.

ORIXÁS: Antônio Carlos, Barbara Leticia, Elaine Vigiarni, Francisco, Francisco Airton, Jairo de Carvalho, Luiza Lopes, Norma Paula, Tieta Cunha, Turyna e Valeria Rodrigues.

COMPANHIA SOLAR DE DANÇA: Daniele Oliveira, Debora Ingrid, Geysa Anne, Gil Rodrigues, Ilana Alves, Isabel Cristina, Ivonete (Deth), João Fontenele, Joseane Damasceno, Juliana Tavares, Larissa Lima, Marcela Rodrigues, Margarete (Margot), Maria Faustina, Mariana Barros, Marília Duarte, Nayara Mendonça, Neusa Freitas, Pedro Jefferson, Regina Elisabete, Ruth Feitosa, Sandra Pety, Sônia Gomes, Thais Alves e Vânia Alves.

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

POVO PITAGUARY: Raimundo Carlos da Silva (Pajé Barbosa), José Benício Silva Nascimento, Franciene da Costa Silva, José Alex da Costa Silva, Antônia Vitória Gonçalves dos Santos, Ana Marcela Sousa Bittencourt, Nadya Luzia da Costa Silva, Daniele Rodrigues Martins e Francisco Márcio do Nascimento.

JUNINA BABAÇU: Jéssica Brasileiro, Werbeson Oliveira, Marcela Arruda, Mikaele Rodrigues, Marcos Carioca, Marcio Roberto, Gladyston Silva, Cintia Nascimento, Renan Costa, Robinson Araújo, Anderson Galvão, Jorge Fernandes, Aline Braga, Ana Beatriz Cunha, Gleicy Araújo, Rafael Freitas, Daniella Lima, Elenilson Silva e Rondinelle Mota.

BATUQUE

TIRADORES DE LOA: Basílio de Melo, Dgal, Eliahne Brasileiro, Jorg Guedes, Pingo de Fortaleza e Reginaldo Carolano.

REGENTES: Descartes Gadelha, Fernanda Brasileiro, Joyce Monteiro e Lúcio Alves Gurgel Júnior.

ALFAIAS: André Barros, André Luiz, Anúzia Pires, Barbara Marques, Beatriz Nousiainen, Carlinhos Souza, Carolina Praxedes, Cristiane Geiza, Daniel Gomes, Dremmer Melo, Edgard, Elizabeth Pires, Érica Silva Pontes, Fafá Ferreira, Filipe Adan, Fred Moreira, Gabriela Monte, Giovanna Freitas, Harrison Oliveira, Igor Gouveia Maia, Iorran Dias Aquino, Isabel Gadelha, Isabela Benicio, Isabelle Vieira, Jamilye de Sousa Monteiro, Janderson Oliveira, Jean Oliveira Brito, Jéssica Monteiro, Leni Feitosa Damasceno, Levi Magalhães, Luana Elisa O. Pinto, Maria Ana Machado, Maria Malara, Natashia Martins de Matos, Nathália Alencar, Neida Mesquita, Nivia Assis, Pedro Rocha, Raquel Araújo, Rodrigo de Oliveira, Samuel Brandão, Sérgio Egidio, Thais Paz e Yasmim de Arruda.

CAIXAS: Anderson Vieira, Afonso Cabral, Amanda Bessa Gurgel, André Luiz, Concilia da Silva, Duda Quadros, Edmilson Leite, Edneuda Soares Barbosa, Elen Karine Forte, Érika Akire, Francisco José Barbosa Ferreira, Glauco Leandro, Gustavo Xavier, Ianna Mara de Queiroz Barrozo, Kevin Freitas, Ludmilla Rocha, Raoni Oliveira Marques e Sued Siqueira.

BUMBO: Caio Augusto Nojoza, Emanuel Valadares (Miel), José Vitor, Kauhama Moreira, Nora Hauswirth, Renata Frola, Ricardo Sobral e Rogéria de Oliveira.

FERRO/ GONGUÉ/ CHOCALHO: Duarte, Aidenir, Ana Paula Oliveira, Arilson de Araújo, Bianco, Breno Régis, Caiman Holanda, Camila Aguiar, Camila Rafaela, Carlinhos, Chaguinha, Daniel Escudeiro, Dinaldo, George, George Alvez, Herquimedes, João Washington, José Airton de Sousa, Juliana, Layson Bruno, Leonardo Viera, Magnaldo José, Mariana Bertine, Mariana Lacerda, Natyelle Martins, Olaneide Nogueira, Otávio Augusto, Paulo Augusto, Pedro Aqüiles, Pedro Caleb, Tiago (Mago), Tomé, Valeria Feitosa, Vláuda Teles, Volgan Timbo e Wallace Alves.

XEQUERÊ / AGBÊ: Cristina de Castro, Carol Alencar, Danielle Elery, Estelina Costa, Iara Pimenta, Iêda Pimenta, Juliana Eva, Maria Lúcia Moreno, Mazé, Michelle Bentriz, Renan Feitosa, Sâmara Meneses, Silvana de Deus (SIL), Simone Maria Melo, Thatiara, Walynsse Gonçalves, Zezé Sales e Zilah Façanha.

PRODUÇÃO

DIREÇÃO ARTÍSTICA E COORDENAÇÃO GERAL: Pingo de Fortaleza
CONCEPÇÃO RÍTMICA, DIREÇÃO DE BATUQUE E COORDENAÇÃO: Descartes Gadelha

CONCEPÇÃO DE FIGURINO E ADEREÇOS: Fabricio Oliver

COORDENAÇÃO DE CARNAVAL: Regina Elisabete e Walynsse Gonçalves.

COORDENAÇÃO DE COREOGRAFIA: Gil Rodrigues e Fabricio Oliver.

COMISSÃO DE BATUQUE: Filipe Adan, Jéssica Monteiro, Lúcio Alves e

Walynsse Gonçalves.

REVISÃO DE INSTRUMENTOS: Descartes Gadelha, Rafael Magnata, Filipe

Adan e Joyce Monteiro.

COMISSÃO DE FIGURINO E ADEREÇOS: Fabricio Oliver, Lalita Samiha,

Joseane Damasceno, Vânia Alves, Pedro Jefferson, Gil Rodrigues, Patricio

Barros, Tieta Pontes e Walynsse Gonçalves.

COSTUREIRAS: Vera Lúcia e Cristyane Pontes.

APOIO DE FIGURINOS: Eliane Almeida

COMISSÃO DE HARMONIA: Carlos Pinheiro, Arthur Maurício, Cláudia

Gomes, Arnóbio Santiago e Jame Santiago.

PROJETO GRÁFICO: Harrison Oliveira

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Arnóbio Santiago

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO: Arthur Maurício, Bianco Azevedo, Regina

Elisabete e Walynsse Gonçalves.

"ESTE PROJETO É APOIADO PELA
SECRETARIA ESTADUAL DA CULTURA
LEI Nº 13.811, DE 16 DE AGOSTO DE 2007"

ceará
cultura
SECULT



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura



Prefeitura de
Fortaleza
Secretaria Municipal de Cultura
de Fortaleza

* INFORMAÇÕES SOBRE ATRAÇÕES, DATAS E HORÁRIOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS ORGANIZADORES DOS EVENTOS

: CURTIÇÃO :

DIVULGAÇÃO



132

| SHOW |

Maracatu Solar no São Luiz

O Cineteatro São Luiz será palco neste sábado, 6, às 19 horas, do espetáculo *Um Cada Um...Um Cada Sol...*, uma ópera popular que agrega elementos ancestrais, identidades étnicas e religiosas, por meio das linguagens da música, da dança e da artesanaria.

Com mais de 150 brincantes no palco, o grupo de maracatu cearense, na ocasião, gravará CD e DVD ao vivo no palco principal do Cineteatro São Luiz.

O espetáculo procura sintetizar a historicidade do Maracatu Solar e apresentar ao público a passagem de um cortejo simbólico de coroação de uma rainha negra. Além de trazer a sonoridade do batuque com um naipe de sopros, experiência já realizada no Batuque de Carnaval.

No repertório, estão alguns clássicos do maracatu cearense, como *Maculelê* (Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues). Os ingressos custam R\$10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

GRAVAÇÃO DO DVD/CD
DO MARACATU SOLAR

① **O QUÊ:** Espetáculo *Um Cada Um...Um Cada Sol...*

② **QUANDO:** sábado, 6, às 19 horas

③ **ONDE:** Cineteatro São Luiz (rua Major Facundo, 500 - Centro)

④ **INFORMAÇÕES:**
(85) 3226 1189

Ficha Técnica

Concepção, direção artística e coordenação geral: Prigo de Fortalica | **Produção Executiva:** Anelito Santiago | **Produção:** Patrícia Barros, Regina Escobete, Tereza Fontes, Walmes Gonçalves, | **Apelo:** Artur Maurício, Claudia Gomes, Juliana | **Preparação de Voz:** Eluane Brazalero | **Coordenação de batucado:** Artur Gasdagh, Filipe Abreu, Francisco Barbosa, Levi Magalhães | **Coreografia:** Fabrício Oliver, Gil Rodrigues, Cibara Ingrid, Ciza Solar de Dança | **Fantasia e Adereços:** Patrícia Oliver | **Direção de Luz:** Tatiana Anonim | **Engenheiros de gravação de áudio:** Artur Montanana | **Câmeras:** Saulo Monteiro, Samy Maia e Israel Branco | **Edição e Realização de Vídeo:** Israel Branco, Levi Magalhães e Artur Adams | **Diretor de Palco:** Douglas | **Maracatu Solar | Regência:** Catherine Fortalica | **Assistentes de Regência:** Artur Gasdagh, Francisco Barbosa, Israel Monteiro, Levi Magalhães | **Concepção rítmica e percussão:** Oscarles Gadelho | **FIGURAL - CORTE: RAINHA:** Prociola Rodrigues; **REI:** Ronaldo Rêgo; **PRINCIPES:** Levi Pinheiro, Araci Rodas, Francisco Arias; **PRINCESSAS:** Mariana Pinheiro; **ESTANHANTE:** Humberto BALIZA; **Gil Rodrigues; CALOUZEIRA:** Luciana Lopes; **CASA DE PRÉTO VELHO:** Ana Clara Saraiva e Ismael Macedonino; **BALALO:** Dayana de Silva; **INCENSEIRO/SOMBREIRO:** Teobaldo Dazo; e **SOL:** Wladimir Monquilha | **GRUPO DE INDIOS:** Mariana Facchine, Sabanae Laika, | **GRUPO DE BAIANAS:** Ana Lúcia, Andrea Guilherme, Claudete Avelar, Jacqueline Cabral, Renata Jorge Vieira, Rosângela Anjosilva, Maria Nair; **GRUPO DE NEGROS:** Auri André, Marista Rodrigues; Neusa Freitas, Esper Sobrinha | **INDIAS UNAS:** Vânia Araújo, EMANÁ, Thaise Yvonne, NANA, Tereza DDA, Laila Lopes, OSALUJE, Gil Rodrigues, OGUM - Paulo Sérgio e Amiri kairi, OSSAIM - Pedro Jefferson, OSAGUAM - Francisco Ribeiro, DIALÁ - Jairo de Carvalho, Bárbara Letícia Helena; **OLUM:** Lucilene Viçoga; **OKUMARÉ:** Hermemar Leite; **YOMBA GARA:** Norma Paula; **XANGÔ:** Carlos Fernandes; **YANGÁ:** Carol Costa | **COMPANHIA SOLAR DE BANGA:** Carol Costa, Gil Rodrigues, Jairo de Carvalho, Neusa Freitas, Pedro Jefferson Rodrigues, Sônia Gomes, Vânia Araújo, Tiana Alves | **SOLISTA:** Regina Santiago | **BATUQUE - TIRADORES DE LÓA:** Artur Gasdagh; Rinaldo de Melo, Caroline Setai; **Dupl:** Eluane Brazalero, Ismael Montenegro, José Gomes, Juliana Costa, Prigo de Fortalica, Wilton Malto, Yane Caracas, | **SOLISTA:** Oscarles Gadelho | **AGSÉ:** Walmes Gonçalves | **ALFIAS:** Siane, Adriano Montenegro, Amândeo Monteiro; Ana Paula Félix, André Barros, Anzisa Pires, Edgard Patrício, Fátia Ferreira, Fred Moreira, Filipe Adas, Harrouso Lopes, Igor Maia, Isabelle Vieira, Jamilyne Monteiro, Anderson Oliveira, Jossica Monteiro, Joyce Monteiro, Leni, Feliana, Livi Magalhães, Luana Braga, Luana Fereirens, Maria Ana Machado, Mateus Salveiro, Vanda Monquilha, Paula Roberto, Pedro Henrique, Robert Jr, Braga, Samuel Brandão, Valdivina Lima, Wesley Menezes, | **BOMBINO:** Duol Quadros | **BOMBO:** Claudio Monteiro, Emanuel(Mel) Valadares, Renato Frazon | **CAXAS:** Anderson Vieira, Artur Gasdagh, Consta da Silva, Edmilson, Francisco Barbosa, Cibara Landini, Prigo Sarmento, Ricardo Menezes, | **FERRO/SONGÁ:** Aldeir, Artur Araújo, Beatriz Nussliosen, Charles Wellington, Daniel Gomes, Divaldo Bento, Juliana Garcia, Lício Alves, Nova Alves, Paulo dos Ferns, Regiane Braga, Suede Siqueira, Tonel Braga, Vítorio Teles, | **MARACA DE SANTO:** Silmara Menezes | **XEQUE:** Cristina de Castro, Francine Raposo Braga, Jara Pinheiro, Lúcia Marone, Maclé Silva, Marary Almeida Nancy Romagnolo, Regina Escobete, Zuzi M. de Sales | **Fotos e Arte Gráfica:** Thais Monquilha e Gilbertina Rito.

Comissão de Avaliação Cultural
São Luiz
MAR/2018



Capa e contracapa do CD e DVD "Um cada um um cada sol - Maracatu Solar"

Um Solar Para Minha Mãe Yemanjá em 2019

134

A cada novo ano, com os múltiplos retornos positivos advindos da criação dos temas do Maracatu Solar para seus carnavais e seus processos de construção no grupo visando suas apresentações nesse ciclo cultural, a escolha de suas temáticas passou a ser uma ação mais complexa. Criar uma canção/loa para o carnaval do Maracatu Solar agora requeria pensar não só no tema central, mas em vários conteúdos transversais que pudessem enriquecer não só a prática artística do grupo, mas trazer novas reflexões e envolvimento sociais a todos os seus brincantes.

Incumbido dessa responsabilidade, não só como coordenador geral do Maracatu Solar, mas como compositor, refleti muito depois do tema de Ossaim (2018) para o processo de escolha do tema de 2019.

Um dia imaginei a possibilidade de realizar um trabalho com o Maracatu Solar diante das questões das pessoas em situação de rua e também da questão ambiental, principalmente relacionadas ao mar e

seus recursos. Nessa perspectiva, pensei na figura de Yemanjá como tema central, primeiro pelo aspecto dessa orixá representar na sua essência a figura da mãe protetora de todos, e depois por sua ligação as águas e ao mar mais diretamente. Por fim, pensei em Yemanjá porque de alguma forma sempre me considerei próximo a essa divindade e a sua mística, não só pela minha afeição ao mar desde sempre, mas por acreditar em sua força.

Decidido levar essa proposta ao Solar, comuniquei à direção da SOLAR minha intenção e sugeri que meus parceiros enviassem letras que pudessem abordar esse tema central e os temas correlatos que desenvolveríamos para o carnaval de 2019.

Passado algum tempo, recebi uma letra do parceiro Gadelha que trazia em seu conteúdo principalmente a história de Yemanjá e suas características. Li a letra sempre bem construída pelo meu griô e amigo Descartes e não senti os temas correlatos presentes em



seu conteúdo, então me dirigi à sua casa e expliquei que tinha gostado muito da sua letra, mas estava pensando em algo diferente, que pudesse abordar diretamente os temas correlatos das pessoas em situação de rua e a questão ambiental. Lembro-me claramente dessa boa conversa com meu irmão de caminhada Descartes por volta de julho de 2018 e que no fim ele teria me dito “faça a letra e siga a sua intuição”...

Saí da conversa com meu amigo Descartes abençoado com suas palavras de estímulo e com a certeza que faria a letra e a música da loa de 2019 para o Maracatu Solar, abordando os temas que imaginei trabalhar.

Para o processo de criação da loa de 2019, li alguma coisa sobre Yemanjá e fui amadurecendo lentamente meu processo criativo para compor a canção para essa orixá, citando as questões que achava interessantes serem abordadas na letra.

Inicialmente senti muitas dificuldade em abordar de forma diferenciada essa figura já tão retratada e recriada artisticamente no Brasil. Yemanjá, provavelmente é das mais populares orixás aqui no Ceará, talvez por nossa grande extensão de mar. Mas como um presente recebido por Yemanjá, no dia 15 de agosto de 2018 (dia de Yemanjá em Fortaleza, onde se faz seu sincretismo com Nossa Senhora da Assumpção, padroeira dessa cidade) compus de uma só vez e naturalmente a canção “Para Minha Mãe Yemanjá”.

Nas estrofes dessa canção faço uma narrativa na qual nos transformamos nas próprias oferendas para Yemanjá, saindo do campo teórico para a prática, e situo sua maternidade no campo social e de proteção ao meio ambiente e às pessoas em situação de rua. No refrão, procurei dar o maior conceito possível a Yemanjá, reforçando seu sentimento de amor e sua amplitude, de tal modo que fiz uma breve associação dessa orixá com sua variante indígena e sincrética de nome Janaina.

Ainda no dia 15 agosto de 2018, o Maracatu Solar tinha um compromisso de tocar na festa de Yemanjá na Praia de Iracema e lá, sob as bênçãos de Yemanjá e de seus devotos, apresentamos pela primeira vez essa canção (ainda de forma precária) e posteriormente a incluímos no repertório do DVD do Maracatu Solar, gravado em outubro desse ano, com a interpretação da cantora Jord Guedes (brincante do Solar). Nessa ocasião, tocamos a música em ritmo de baião de maracatu, contudo no carnaval de 2019 essa loa/canção ganhou as divisões rítmicas e luanda e imalê e recentemente gravei em ritmo de ijexá, no álbum “Além do Tempo Normal – Pingo de Fortaleza”, digital, 2021).

Mas o grande trabalho com a canção “Para Minha Mãe Yemanjá” se deu no início de 2019, com os preparativos para o ciclo carnavalesco do Maracatu Solar nesse ano.



Como era sugerido na letra, além de mergulharmos no universo da orixá Yemanjá dentro do aspecto religioso, atuamos em outras duas frentes, uma relacionada à questão das pessoas em situação de rua e outra no campo ambiental.

Para começar os trabalhos do Maracatu Solar com as pessoas em situação de rua, procuramos alguém que tivesse um diálogo com esse segmento na praça do Ferreira (referência de pessoas em situação de rua no centro de Fortaleza) e encontramos no educador André Foca (que há anos vinha trabalhar nesse campo) a pessoa que nos abriu a perspectiva de trabalharmos com as pessoas que vivem ou circulam nessa praça. Através desse contato, realizamos uma série de oficinas de batuque com essas pessoas na Praça do Ferreira (todas as quintas do ciclo carnavalesco de 2019) e os recebemos também em nossos ensaios abertos, não só para tocar, mas para debater suas realidades. Como resultando desse trabalho, muitas pessoas em situação de rua participaram do cortejo do Maracatu Solar em 2019 e o grupo reforçou com seus brincantes (principalmente do batuque) o cortejo do Bloco do Papelão, uma iniciativa desse segmento que pelo segundo ano saíria na avenida durante o carnaval de rua de Fortaleza.

A relação inicial do Maracatu Solar com as pessoas em situação de rua de Fortaleza e o movimento arRUAça (liderado pelo Foca) no ciclo carnavalesco de 2019 resultou em outros diálogos e ações que propiciaram uma interação maior da SOLAR com esse segmento (participação tocando todos os anos no

São João das pessoas em situação de rua da Praça do Ferreira, sugestão para que o Cine Ceará contratasse essas pessoas para seus eventos etc.).

No campo ambiental, em função de seu tema em 2019, o Maracatu Solar realizou vários debates sobre a questão da destruição da fauna e da flora dos oceanos e, a partir desses debates, organizou uma limpeza simbólica da Praia dos Crush (Praia de Iracema) pelos seus brincantes. Também realizou sob a coordenação da brincante Liliana Uchôa uma intervenção artística com pinturas nas pedras, além de uma inscrição no espigão da João Cordeiro (um tipo de píer uma espécie de muro de contenção que tem na Praia de Iracema) deixando escrito em letras garrafais, impressas nesse paredão, um verso da loa de 2019 sobre Yemanjá: “...No mar do ódio ser todo amor, pros filhos da natureza...”.

A escolha dessa temática e o trabalho que o Maracatu Solar realizou para o carnaval de 2019 com as pessoas em situação de rua, bem como sobre e a questão ambiental, além de sua exibição na avenida do carnaval ampliaram ainda mais a visão que todos tinham das possibilidades do maracatu no carnaval. Embalada pelos movimentos acalentadores e mágicos da dança de Yemanjá, aos sons de imalê e luanda tocados por seu batuque, o Maracatu Solar deu o recado sobre como melhorar e transformar individualmente e coletivamente cada um que dele toma parte como filhos que são de Yemanjá e de seu amor.



Para Minha Mãe Yemanjá

Pingo de Fortaleza

♩ = 111

Virada (Luanda) Luanda Baobab/5 Toques Trovão

Ferro

Agogó/Gonguê

Agbê 1

Xequerê 2

Caixa

Alfaia

Bombo



Para minha mãe
Yemanjá por
Maracatu Solar



Para minha mãe
Yemanjá por
Pingo de Fortaleza

♩ = 111

Virada Luanda

V.

Pa-ra mi-nha mãe__ Ye-man-já_____ Ser um es-pe-lho__ de luz No

Virada

V.

mar do'a-ban-do - no dos fi-lhos que'a Ter-ra con-duz__ Das ru-as, sem pro-te-ção, a va-gar_____

Luanda

V.

Pa-ra mi-nha mãe__ Ye-man-já_____ Ser um ri-o de per-fu-me__ No

Virada

V.

mar que'es-cor-re de cho-ru - me__ On-de dor-mem seus fi-lhos na noi-te sem lar_____ Ye-man-

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Desfile camavalesco de 2019

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=apZ3mG19Yxk>> (video)

2

Para Minha Mãe Yemanjá

23 5 Toques

V.

27 **Trovão**

V.

33 **Virada Fine Luanda**

V.

39

V.

44 **Virada Luanda**

V.

49 **Virada D.S. al Fine**

V.

138

NOTA 18 - YEMANJÁ

A loa traz novamente o uso do ritmo Luanda e acrescenta-se também um toque característico do Solar que é o Baobab/05 toques, firmando ainda mais a utilização de mais de ritmo como característica musical do batuque do Solar. Nos ensaios desta loa observou-se pelos brincantes e necessidade de acrescentar algum outro motivo rítmico que pudesse enfatizar a saudação à orixá Iemanjá, homenageada dessa canção. Assim, seguindo também o impulso da própria métrica da letra optou-se por adicionar o toque “trovão” que é também um tipo de “baque virado”, trazendo a acentuação e variação das rítmicas às alfaías necessárias para esse trecho.



DVD: *Um Cada Um...Um Cada Sol - Maracatu Solar*



O segundo lançamento do registro do Maracatu Solar terá Catherine Furtado na regência da bateria e um roteiro similar à dinâmica da apresentação gravada

Loas e tambores em DVD

Maracatu Solar lança novo CD e DVD amanhã (18), no Theatro José de Alencar. A apresentação é a segunda de uma série de lançamentos do registro

Felipe Gurgel
felipe.gurgel@diariodonordeste.com.br

A

s portas abertas da sede da Solar (Associação Cultural Solidariedade e Arte), a cada ensaio do grupo de maracatu puxado por Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha, revelam o espírito coletivo desse encontro. Situada no corredor cultural do bairro do Benfica, a Solar tornou-se uma referência de difusão da cultura cearense e, agora, celebra a força de sua expressão com a série de lançamentos do CD e DVD "Um cada um... um cada Sol... Maracatu Solar".

Nesta segunda (18), às 19h30, o espetáculo será apresentado no palco principal do Theatro José de Alencar (TJA), Centro, com entrada franca. A apresentação é a segunda de uma sequência de lançamentos do DVD. A primeira aconteceu no último dia 2, no Aterro da Praia de Iracema. Depois do TJA, o Maracatu Solar ainda

Maracatu Solar - 2019

Para Minha Mãe Yemanjá

'Seja a mudança que você quer ver no mundo'
(Pingo de Fortaleza)

Para minha mãe Yemanjá
Ser um espelho de luz
No mar do abandono
Dos filhos que a terra conduz
Nas ruas sem proteção a vagar

Para minha mãe Yemanjá
Ser um rio de perfume
No mar que escorre de chorume
Onde dormem seus filhos
Na noite sem lar

Yemanjá é amar
Do mar ao sertão
Da terra ao luar
Do batuque a canção
Yemanjá é amar

Odoyá Janaina Odoyá Janaina
Odoyá Janaina Yemanjá

Para minha mãe Yemanjá
Ser a pureza da flor
No mar do ódio
Ser todo amor
Pros filhos da natureza cuidar

Para minha mãe Yemanjá
Ser um canto de louvor
No mar desafinado da dor
Pra um novo dia poder chegar



Para minha mãe Yemanjá

Solar
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÓDAPRESMOK E AMT

FICHA TÉCNICA - MARACATU SOLAR/2019

PRODUÇÃO: DIREÇÃO ARTÍSTICA E COORDENAÇÃO GERAL: Pingo de Fortaleza

CONCEPÇÃO RÍTMICA, DIREÇÃO DE BATAQUE E REGÊNCIA: Descartes Gadelha, Catherine Furtado e Artur Guindagli. **ASSISTENTES DE REGÊNCIA:** Levi Magalhães e Joyce Monteiro. **CONCEPÇÃO DE FIGURINO E ADEREÇOS:** Fabrício Oliver. **COORDENAÇÃO DE CARNAVAL:** Regina Elisabete e Walynsse Gonçalves. **COORDENAÇÃO DE COREOGRAFIA:** Gil Rodrigues e Fabrício Oliver. **COMISSÃO DE BATAQUE:** Filipe Adan, Jéssica Monteiro, Lúcio Alves e Walynsse Gonçalves. **REVISÃO DE INSTRUMENTOS:** Descartes Gadelha, Filipe Adan, Rodrigo Oliveira, Fabiano Azevedo, Bruno Alison e Joyce Monteiro. **APOIO:** Cláudia Gomes e Walynsse Gonçalves. **COSTUREIRAS:** Vera Lúcia e Cristyane Pontes. **COMISSÃO DE FIGURINO E ADEREÇOS:** Fabrício Oliver, Geni Gonçalves, Gil Rodrigues, Joseane Damasceno, Layssa Lara, Patrício Barros, Pedro Jefferson e Tieta Pontes. **APOIO DE FIGURINOS:** Eliane Almeida. **COMISSÃO DE HARMONIA:** Carlos Pinheiro, Cláudia Gomes, Arnóbio Santiago e Jane Santiago. **PRODUÇÃO EXECUTIVA:** Arnóbio Santiago. **PRODUÇÃO:** Arthur Maurício, João Paulo Rodrigues (Papinha), Regina Elisabete e Walynsse Gonçalves. **ASSISTENTE TÉCNICO:** Mateus Coruja.

BRINCANTES: Humberto (Estandarte), Pedro Jefferson (Calungueira), Ana Lucia (Preta Velha) e Francisco Airton (Preto Velho), Dayana da Silva (Balaieira), Wladísia (Sol), Solange (Índia), Naile Cidrão (Espelho de Luz) e Valéria (destaque). **GRUPO DE ORIXÁS:** Antônio Carlos (Xangô), Elaine Vigianni (Yemanjá), Fabrício (Oxóssi) Francisco Óliver (Osamguian), Jairo de Carvalho (Oxáia), Joseane Damasceno (Oxum), Lucicleide (Oxumaré), Lucilene Viegas (Oyá), Luiza Lopes (Oba), Norma Paula (Pomba Gira), Patrício Barros (Yemanjá), Wanderson Fersan (Ogum), Tieta Pontes (Nanã), Satyam Turyna (Ossaim) e Vânia Alves (Ewá). **CIA SOLAR DE DANÇA:** Gil Rodrigues (Coordenador), Adrielly Rodrigues, Ana Vitória, Andreia Guilherme, Daniele Oliveira, Debora Ingrid, Duane Brasil, Eusenda Morais, Geysse Anne, Herbeline Holanda, Ilana Alves, Jessica Holanda, Julia, Juliana Maria, Juliana Tavares, Larissa Montenegro, Maboo Barros, Margarete (Margot), Silvânia Holanda, Samia Holanda, Simone Holanda e Suyane. **GRUPO DE BAIANAS:** Ana Juçara Alves, Andreia Lopes, Diana, Karla Kerenine, Kiara, Margareth, Maria Nair, Regilane Santos, Renata Jorge Vieira, Rosângela Ampúdia, Silvana Moura e Zuleika Mendonça. **GRUPO DE NEGRAS:** Augusta, Claudia Guilherme, Ely, Geni Sobreira, Isabel Cristina, Marcela Rodrigues, Marcelina Araújo, Nancy, Neusa Freitas, Priscila Machado, Silvana Holanda, Simone Holanda, Sônia Gomes, Sonia Holanda, Tieta Cunha, Zeneide Queiroz, Zilvanir Queiroz e Zuleide Queiroz. **CORTE:** Carol Costa (Rainha), Claudia Regina (Princesa), Levi Pimenta (Príncipe), Marina Cabral (Princesa), Mauro Ariel Fernandes (Príncipe), Ronaldo Rogério (Rei), Teobaldo (Sombreiro) e Vlamir Santos (Príncipe).

BATAQUE: REGENTES: Artur Guidugli, Catherine Furtado e Descartes Gadelha. **TIRADORES DE LOA:** Basílio di Melo, Dgal, Eliahne Brasileiro, Evaristo Filho, Jord Guedes, Pingo de Fortaleza, Reginaldo Cariolano, Wilton Matos e Yane Caracas. **METAIS:** Gabriel Sousa (Trompete), Hanri Gael (Saxofone Tenor) e Rômulo Santiago (Trombone de Vara/Maestro). **AGBÊ:** Layson Maia, Walynsse Gonçalves. **AGOGÓ:** Beatriz Nousiainen (Bia), Carlos Eduardo, Raquel Santos, Rosângela e Vivi Telles. **ALFAIA:** Alicia Soares, Amanda, Amanda Mota, André Luiz, Anúzia Pires, Aspasia Mariane, Beto Bessa, Cacá Dias, Caio Vitor, Cristiane Cavalcante, Daniel Gomes, Dummer Melo, Edgard Patrício, Elizabeth Pires, Érica Silva Pontes, Estevão, Fabiano Azevedo, Fafá Ferreira, Fernando Carvalho, Filipe Adan (Comissão), Francisco Sócrates, Fred Moreira, Germana Amaral, Hailla Krulicoski, Harley Nogueira, Harrison Lopes, Iasmim de Arruda, Igor Gouveia, Isabel Gadelha, Isabelle Vieira, Isadora Nogueira, Jamylle de Sousa Monteiro, Janderson Oliveira, Jânio Bezerra, Jean Oliveira, Jéssica Monteiro (Comissão), Jose Maria Monteiro, Joyce Monteiro, Julia Dias, Leni Feitosa, Levi Magalhães (Comissão), Liliãna Uchôa, Livian Mendes, Luana Braga, Luana Florentino, Maddu Andrade, Madu Moreira, Maria Ana Machado, Marília Santos, Marlon Procópio, Mateus Sullivan, Nagila Gonçalves, Natália Catunda, Neida Mesquita, Nivia Assis, Olga Queiroz, Paulo Roberto, Pedro Henrique, Pedro Igor, Pedro Rocha, Renata Fron, Rodrigo Oliveira, Samuel Brandão, Sarah Lima, Taimara Marcelino, Valdenia Araújo, Vitoria Fernandes e Wanessa Diniz. **BUMBINHO:** Duda Quadros. **BUMBO:** Bel Santos, Cláudio Monteiro, Emanuel Valadares (Miel), Ise Lima e Nataline Pereira. **CAIXA:** Aldemir, Bruno Alison, Caio Erick, Ceisa Saraiva, Concita da Silva, Edmilson Leite, Francisco Barbosa, Glauco Leandro, Jean Moraes, Karine Forte, Kathryn Freitas, Ludmilla Rocha, Márcia Campos, Micaela Menezes e Sued Siqueira. **FERRO:** Ana Paula, Arilson de Araújo, Benedito Cunha, Camila Pontes, Chaguinha, Dinaldo, Herquimedes, Luis Marcus, Nivia Maria, Paulo Augusto, Regiane Braga e Tomé. **GONGUÊ:** Carlos Lessa, George dos Anjos, George dos Santos, Juliana, Lúcio Alves, Magnaldo Sousa, Moacir Medeiros, Olaneide Nogueira e Otávio Augusto. **MARACÁ DE SANTO:** Adriana Montenegro, Pedro Aquiles e Sâmara Menezes. **TIMBA:** Aderson Vieira. **XEQUERÊ:** Cristina de Castro, Claudia Cavalcante, Danielle Ellery, Iara Pimenta, Júlia Kilme, Karenina Nobre, Maze Silva, Michelle Bentiz, Karenina Nobre, Regina Elisabete, Rejane, Renan Dantas, Rose Fialho, Simone Melo, Thatiara Dantas e Zezé Sales.

PROGRAMAÇÃO DO CARNAVAL SOLAR /2019

02/03 (Sábado), às 18h30min, Desfile na Av. Domingos Olímpio. |
às 20h - Orquestra Solar de Tambores, Aterro da Praia de Iracema.
03/03 (Domingo), às 13h, Praça da Gentilândia, Projeto Brincar de Maracatu.
04/03 (Segunda), 18h, Praça da Gentilândia, Tambores Ancestrais na Noite Escura.
05/03 (Terça), às 13h, Praça da Gentilândia, Projeto Brincar de Maracatu, e às 24h, Av. Domingos Olímpio (Orquestra Solar de Tambores)
06/03 (Quarta), às 7h, Praça da Gentilândia, Bataque dos Encantados.
09/03 (Sábado), às 19h, Cortejo pelas ruas do Benfica.

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 @maracatusolar

 @maracatusolar

VISITE NOSSA SEDE:

Av. da Universidade, 2333.

Tel.: 85 3226-1189

REALIZAÇÃO:  **Solar**
ASSOCIAÇÃO CULTURAL, EDUCACIONAL E ARTÍSTICA

APOIO:  **ceará cultura SECULOR**

 GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

 Prefeitura de Fortaleza
Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza

Desfi

Tradição que resiste e se fortalece

Os desfiles de maracatu aconteceram sábado e domingo de Carnaval, se espalhando pela avenida Domingos Olímpio, com chuva, homenagens e novidades na programação



TERESA MONTEIRO

TERESA FORTES



EMBAIXO DE CHUVA

O primeiro dia de desfiles na avenida Domingos Olímpio, o sábado, dia 2, aconteceu sob inclemente chuva, que começou ainda de tarde. Nos momentos em que a água deu tréguas, o número de sambistas arquiabancados aumentou. Já o domingo foi de céu limpo, e teve

DOMINGOS OLÍMPIO

Maracatus: emoção e problemas técnicos

Os maracatus voltaram à avenida Domingos Olímpio, neste sábado, após dois anos sem desfile por causa da pandemia de Covid-19. Princesas, rainhas, pretos velhos, indígenas, orixás, místicos, cantores, brincantes e foliões fantasiados ocuparam as calçadas e arquibancadas montadas na via na primeira noite de desfiles das agremiações no Ciclo Carnavalesco 2020. O retorno à folia foi marcado por emoção dos presentes, mas também problemas técnicos no início da noite. Desfilaram pela avenida neste sábado, st, os maracatus Nação Axé de Oxossi, Solar, Rei Zumbi, Obaloni, Nação Palmares, Rei do Congo e Leão de Ouro.

Regina Santiago, professora de dança, desfilou no Maracatu Solar. Neste domingo, segundo dia da programação, ela vai à avenida com o Vozes da África, agremiação da qual participa há mais de 30 anos. Na vitrola de Regina, a falta do Carnaval afetou a saúde mental de muitas pessoas próximas.

Roseana Xavier, assessora, era uma das artistas que entoava a loa do Maracatu Nação Axé de Oxossi, "Neste congá de axé, bato cabeça com fé". A moradora do bairro José Bonifácio canta na agremiação desde 2004, mesmo ano em que começou a compor também o Vozes da África. "Tem sido muito bom para mim porque é o que eu gosto de fazer", afirma.

Para ela, a emoção do retorno aos desfiles ganha peso especial após a pandemia. "Não ter maracatu foi bem doloroso, até porque eu peguei Covid duas vezes. Eu achei que não iria voltar para o Carnaval. Dar esse pontapé inicial depois da pandemia é uma vitória. Ainda que a gente não venha a atingir o primeiro lugar, já é uma vitória estar na avenida cantando", celebra.

A apresentação do Axé de Oxossi, porém, foi marcada por problemas técnicos do início ao fim, com microfonia e desajustes. No

FERNANDA BARROS



SOCORRO MAIA Martins desfilou no Maracatu Nação Axé Oxóssi

começo do desfile, a loa entoada e os batucos saíam apenas das caixas de som do início da avenida.

Os brincantes chegaram a interromper o cortejo por cerca de cinco minutos. No retorno, foi possível ouvir a música em toda a extensão da Domingos Olímpio, mas problemas de microfonia aconteceram até o maracatu deixar a avenida.

Os desfiles posteriores ao do Maracatu Axé de Oxóssi presencia-dos pela reportagem não tiveram problemas técnicos semelhantes. O segundo dia de desfiles dos maracatus na Domingos Olímpio ocorre neste domingo, 10, a partir das 19h. Desfilam os maracatus Nação Baobab, Nação Fortaleza, Vozes da África, Rei do Congo, Nação Pica, Nação Tracema e Az de Ouro. (João Gabriel Treis)

WWW.SPEVE.COM.BR
QUARTA-FEIRA
FORTALEZA - CUIABÁ - 4 DE MARÇO DE 2017

ZILDO CASAR



TAMBORES ORQUESTRA SOLAR

Na noite de sábado, 2, antes do batucado batendo o Ododum, o Aterro se deixou levar pela balada cearense da Orquestra Solar dos Tambores, comandada pelo músico Pingu de Fortaleza.



faz o show no próximo dia 22, às 20h30, no Polo de Carnaval do Benfica. E no dia 23, às 15h30, haverá uma exibição pública do registro, na tela do Cineteatro São Luiz (Centro).

Na ativa há 13 anos, o Maracatu Solar reuniu cerca de 150 brincantes no palco para gravar o DVD no São Luiz, em outubro do ano passado. "A gente ficou muito feliz de conseguir viabilizar essa produção, que envolve muita gente e uma infraestrutura bastante complexa. O espetáculo projeta uma espécie de cortejo de coroação de uma rainha negra, através de vários personagens no palco", sintetiza Pingo de Fortaleza.

Com a batuqueira e professora de percussão da (UFC) Catherine Furtado na regência da Orquestra Solar de Tambores, a apresentação reuniu um repertório de maracatus como "Noite Azul", "Maculelê" e "Paz de Oxalá". Responsável pelos arranjos rítmicos do Maracatu Solar, o "grão" (termo que indica um mestre da tradição oral africana) Descartes Gadelha estará tocando como solista da percussão no espetáculo.

Yemanjá

Gadelha assina, ao lado de Pingo de Fortaleza, a composição de "Para mi-



A gravação do DVD reuniu cerca de 150 brincantes no palco do Cineteatro São Luiz, em outubro do ano passado

nha mãe Yemanjá", loa (tema) oficial do grupo em 2019. Para Pingo, é uma "feliz coincidência" que a data do primeiro show de lançamento do DVD foi no dia de Yemanjá (2 de fevereiro). O compositor anota como a entidade da cultura afro já foi muito interpretada por vários artistas no Brasil.

"Yemanjá é um orixá com muitas características que devem ser consideradas para os dias de hoje, não só no aspecto maternal, de amor, de proteção. Mas também no enfrentamento, pois ela é uma guerreira. Na nossa letra, nós nos transformamos em suas oferendas, para transformar uma realidade social", observa.

Com uma série de apelos cênicos, envolvendo o trabalho de dança coordenado por Fabrício Óliver, Débora Ingrid e Gil Rodrigues, o espetáculo traz uma sequência de diversos climas. Segundo Pingo de Fortaleza, "começa com as músicas dentro de um ritmo mais solene. Aí você vai crescendo com os ijexás, e com todas as canções relativas a vários orixás. E depois as músicas de andamentos mais acelerados, como 'Quizomba', 'Noite Azul', a própria 'Maracatu Solar'", descreve o compositor.

Por fim, o espetáculo é encerrado com uma referência a Raimundo Alves Feitosa, criador do Maracatu Az de Ourp. "No TJA, o ritmo da apresentação pode ser mais devagar, com falas, repetição de canções, coreografias lentas", antecipa Pingo.

Regência

Para cumprir a agenda de gravação e lançamentos do DVD, o compositor situa que, na regência da Orquestra Solar de Tambores, a batuqueira Catherine Furtado se revezou com Artur Guidugli e alunos da formação percussiva da Solar.

"Dentro de toda essa empreitada coletiva, há um reencontro de muitas memórias, de muitos símbolos e significados da nossa cultura. E principalmente da musicalidade do maracatu, das identificações rítmicas", reflete Catherine.

Embora carregue consigo um olhar científico sobre a música, ela coloca que o espetáculo envolve uma abordagem "revolucionária", "porque não consta aí só os saberes técnicos que um professor, um músico deve ter", enfatiza. Brincantes e músicos, assegura ela, precisam, no palco, entrar em sintonia e se comunicar por meio de sinais, paradas e convenções da dinâmica do maracatu.

Serviço

Lançamento do CD e DVD do Maracatu Solar

Nesta segunda (18), às 19h30, no Teatro José de Alencar (Rua Liberato Barroso, 525, Centro). Acesso gratuito. O CD custa R\$ 20, e o DVD, R\$ 30. Contato: (85) 3101.2583

O Sol ainda há de brilhar entre as palhas que cobrem nossas feridas - Uma premonição da pandemia de 2020 no carnaval do Solar

144

Ser brincante de um maracatu e participar de suas atividades sociais (ensaios, apresentações, encontros, festas, viagens, interações na internet, oficinas, cafés e lanches coletivos na sede do maracatu...) propicia uma inter-relação e uma troca de saberes e afetos contínuos entre todos que tomam parte dessa manifestação. Preenchendo de alguma forma os vazios e as solidões tão comuns nos cotidianos de quem vive nessa contemporaneidade, esse processo contribui com empoderamento do indivíduo e na sua vontade e alegria de viver.

O Maracatu Solar possui aproximadamente 250 brincantes e na sua teia de integrantes estão pessoas de diversas idades, formação profissional, praticas religiosas, de gênero e também quanto aos seus locais de moradia, pois muitos residem em bairros diversos da cidade de Fortaleza e até de outras cidades do estado do Ceará. A tônica e a característica maior do ajuntamento de brincantes no Maracatu Solar

não está na sua localização junto à comunidade do Benfica (embora existam muitos brincantes que residam nesse bairro, perto da Solar ou em bairros adjacentes). Esse ajuntamento deve-se à suas práticas culturais e forma de fazer artístico, além da sua organização institucional (ou desorganização), pois para participar do Solar é só chegar e entrar. A instituição Solar (mantenedora do Maracatu Solar) não exige nada como pré-requisito pra quem quiser integrar o Maracatu Solar, sequer uma simples ficha de inscrição.

Durante toda a existência do grupo Maracatu Solar tem sido comum que muitos de seus brincantes expressem a satisfação, a alegria e os bons resultados que sentem em relação a participar desse grupo. Muitos relatam que chegaram ao Maracatu Solar com alguns problemas de ordem pessoal, tais como a ansiedade e a depressão. Comprovadamente, a prática artística tem se mostrado uma das formas



eficazes de minorar os efeitos desses problemas e os relatos que recebemos de brincantes do Maracatu Solar ratificam essa premissa. Esses relatos sempre foram impactantes para mim e algumas vezes imaginei como poderia contribuir para potencializar essa visão e perspectiva de “curas” através do ser brincante de maracatu.

Como fiz sozinho o tema de 2019 (“Para Minha Mãe Yemanjá”) fiquei carregando a responsabilidade pela escolha e criação do tema do carnaval de 2020 para o Maracatu Solar, tarefa cada vez mais difícil em função dos complexos e exitosos processos dos anos anteriores. Passei muitos dias pensativo e não conseguia chegar a uma conclusão sobre a temática a escolher. Já era outubro de 2019 e passeando no Parque Parreão (local onde passei a morar próximo), ao lado de minha companheira Cláudia, conversávamos sobre a ideia do tema para 2020. Nessa caminhada, chegamos à conclusão que poderíamos abordar a depressão no tema do Solar. A partir desse diálogo cheguei à conclusão que levaria à frente a ideia desse tema e que o abordaria através da escolha do orixá Obaluaê, pois essa entidade cuida em seus arquétipos essencialmente das doenças e de suas curas.

Como sempre, na perspectiva de criar a loa/canção de 2020, li e pesquisei alguma coisa sobre o orixá Obaluaê e também sobre a depressão. Em uma tarde qualquer de agosto de 2019 (mês de Obaluaê),

sem me pré-determinar que comporia a canção, sem mais nem menos, de supetão levantei-me da rede, desloquei-me para a mesa e ali sentado, com o violão no colo, escrevi de uma só vez a letra de “Obaluaê – Nossos Medos Viemos Cantar”, que já nasceu com toda sua melodia.

Na letra de “Obaluaê – Nossos Medos Viemos Cantar”, além de citar elementos característicos desse orixá (opaniyé, sua dança, “atotô”, sua saudação, a pipoca, sua comida...) coloco na primeira pessoa a ideia de sermos um pouco esse orixá quando do enfrentamento de nossos medos, do nosso corpo cansado e de nossa solidão. Concluo com a ideia de que cantar esses medos nos ajudarão em nossos processos de cura, também em relação à depressão.

Ainda em 2019, levei a canção “Obaluaê - Nossos Medos Viemos Cantar” ao ensaio da Orquestra Solar de Tambores e mostrei ao amigo mineiro Artur Guindougli, que estava monitorado as oficinas da orquestra alguns dias (Descartes que normalmente tocava as oficinas estava um pouco adoentado esse tempo). Como Artur estava retornando à sua terra e se afastando temporariamente do Maracatu Solar, propus que ele fizesse o arranjo instrumental dessa canção, como uma forma de homenagem e de agradecimento à sua participação no Solar. Coloquei na hora que gostaria que fosse algo diferente como um boi maranhense ou algum ritmo distinto. Não me lembro ao certo se foi no mesmo dia ou no ensaio



seguinte que definimos que trabalharíamos o congo mineiro e seus toques no campo ritmo de “Obaluaê – Nossos Medos Viemos Cantar”, pois como Artur é de Minas Gerais, também seria uma forma de homenageá-lo. E assim o fizemos em exaustivos ensaios e levamos para a avenida em 2020 “Obaluaê - Nossos Medos Viemos Cantar”, tendo em sua concepção rítmica três toques do congo mineiro.

O trabalho preparatório do Maracatu Solar para o carnaval de 2020 com o tema “Obaluaê – Nossos Medos Viemos Cantar” foi o mais extraordinário e profundo de todos os temas já desenvolvidos pelo grupo. Através de uma comissão, composta inicialmente por mim e Walnysse Gonçalves, coordenadora de comunicação do Solar, e depois com ajuda de muitos brincantes e da coordenação geral do maracatu, definimos um conjunto de ações que realizaríamos sobre a depressão, suas causas, tratamentos e o processo artístico como uma das formas de contribuição na luta contra essas problemáticas.

E assim realizamos um conjunto de mesas redondas, visitas e debates com os mais conceituados agentes culturais do Ceará relacionados com a questão da depressão e todo o universo que envolve essa problemática (tratamento, projetos sociais etc). Dentre os profissionais, destacam-se Dr. Adalberto Barreto (criador da terapia coletiva e

do projeto Quatro Varas), o padre Rino Bonvini (do Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim) e a Dra. Vera Dantas (que desenvolve vários projetos com a linguagem artística em diálogo com as questões de saúde) dentre outros que desenvolvem múltiplos e exitosos projetos nessa área. E foram muitos dias e muitos relatos e choros emocionados em nosso Quintal de Batuque, que fortaleceram a ideia da necessidade de trabalharmos esse tema tão presente e às vezes tão escondido e velado entre nós.

Nesse processo do ciclo carnavalesco de 2020 ampliamos nossos ensaios abertos semanais aos sábados, realizando-os no estacionamento da ADUFC (Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará), nossos vizinhos de frente e parceiros. O nosso quintal havia ficado pequeno para o público que frequenta nossos ensaios, já que identificávamos nessas atividades uma média diária de 800 pessoas. Além dos ensaios, realizamos sistematicamente visitas ao projeto Quatro Varas, ao Movimento de saúde mental do Bom Jardim (grande bairro periférico de Fortaleza) e também ao Hospital Mental de Fortaleza, quando aprendemos sobre o trabalho realizados por essas instituições e realizamos uma pequena apresentação do Maracatu Solar.

Como quem se curava individualmente e coletivamente, fomos construindo e tecendo em muitas mãos o tema “Obaluaê – Nossos Medos



Vimos Cantar” e iniciamos as apresentações do Maracatu Solar no período do carnaval (sábado) com a realização do cortejo do maracatu na avenida oficial do Carnaval de Fortaleza. Com nossos chapéus de palha cobertos de pipocas totalmente molhados e o misturar de nossas lágrimas aos pingos da forte chuva que nos abençoou no término de nossa oração de cura em forma de cortejo saudando Obaluaê, atravessamos a avenida demonstrando a alegria de viver de cada ser brincante Solar.

Após um ciclo carnavalesco de fortes emoções com muitas apresentações, infelizmente perdemos a filha de Cristina de Castro, uma brincante histórica, de forma violenta na segunda de carnaval. Enlutados, encerramos nosso ciclo carnavalesco cantando na terça de carnaval no projeto “Brincar de Maracatu”, quando nos solidarizamos com a dor de Cristina e fizemos um protesto público contra a violência urbana e suas causas.

Depois de cada carnaval, a bagunça geral que fica na sede do maracatu leva umas semanas para ser desfeita. Logo depois do carnaval de 2020, quando já estávamos voltando com nossas atividades após arrumarmos a sede do Maracatu Solar, veio a notícia da pandemia do covid-19 e as medidas de distanciamento social. Exatamente no dia 14 de março fizemos nossa última atividade pública: um ensaio da Orquestra Solar de Tambores.

Para muitos, a escolha do nosso tema e todo o profundo e tocante processo que o Maracatu Solar desenvolveu no ciclo carnavalesco de 2020 foi premonitório em relação à pandemia do covid-19, pois na letra de “Obaluaê – Nossos Medos Vimos Cantar” tocamos diretamente no tema das doenças e curas coletivas e propagamos a esperança de melhores dias porque “...o sol ainda há de brilhar entre as palhas que cobrem nossas feridas...”.



Ser Obaluaê - Nossos Medos Viemos Cantar

Pingo de Fortaleza



Ser Obaluaê -
Nossos Medos
Viemos Cantar
(Curta Metragem)
por Maracatu
Solar



Ser Obaluaê -
Nossos Medos
Viemos Cantar
por Pingo de
Fortaleza

Congada 1 Congada 2 Congada 3 Virada

Ferro

Agogô

Agbê

Xequerê

Caixa

Alfaia

Bumbo

♩ = 100

5 Congada 1

V. Ser O-ba-lu-a-ê Se'a so-li-dão nos fe-ri-r Sor-ri-r, a-gir e ca-mi-nhar ____

9 Virada

V. Quan-do'o cor-po can sa-do'ea men-te va-ga não qui-ser mais crer ____ Ser O-ba-lu-a-ê No o-pa-ni-

13 Congada 2

V. jê to-car ____ sal-tar fei-to pi-po ____ ca no ca-lor que'a - flo-ra A qual-quer ho-ra da e-vo-lu-

17

V. ção Na a-le-gri-a de ver ____ Au-men-tar o grão ____ Sau-dá-vel cres - cer ____

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Estéticas das Periferias

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oyIZVyPU-P4>> (vídeo)>

21 Virada Congada 1

V. 

Ser O - ba - lu - a - ê Fi - lho da dor - se - nhor da ter - ra Que'o a - mor en -

25

V. 

cer - ra To - da trans - for - ma - ção O sol a - in - da'há de bri - lhar En - tre'as

29

V. 

— pa - lhas que co - brem nos - sas fe - ri - das Ar - ma - di - lhas an - ti - gas, guar - da - das em se - gre - do São en - fim nos - sos

33 Virada Break Congada 3

V. 

me - dos que'a - go - ra vi - e - mos can - tar Ser O - ba - lu - a - ê A - to - tô Meu tam -

37

V. 

bor a - in - da to - ca Den - tro'e qual - quer lu - gar Pra se - guir e ca - mi - nhar Vi - ver

41

V. 

_____ e se cu - rar Ser So - lar Ser So - lar Ser So - lar Ser So - lar

Virada

NOTA 19 - SER OBALUAÊ - NOSSOS MEDOS VIEMOS CANTAR

A congada mineira é uma manifestação cultural diversa que apresenta uma variedade de sotaques e variações rítmicas que inspirou a criação do ritmo utilizado para fazer o acompanhamento percussivo da loa Ser Obaluaê – Nossos Medos Viemos Cantar. O festejo popular de Minas Gerais leva para a rua a devoção aos santos negros do catolicismo, ao passo que conta histórias de realezas do Congo, país do centro-oeste africano. A caixa, instrumento cilíndrico, com pele animal nas suas bases superior e inferior, percutido com baquetas, que se assemelha ao tambor tocado nos maracatus e também é chamada de alfaia, é um dos principais instrumentos que compõem seu agrupamento. A principal particularidade da caixa de congada mineira é a diferença entre os sons produzidos pela pele pressionada e pela pele solta, que criam a relação de pergunta e resposta entre os tambores, responsáveis por introduzir a célula rítmica basilar do ritmo. Além disso, em homenagem ao orixá destacado na letra da loa, foi inserido um toque específico dedicado à Omolu, como também é chamado Obaluaê, relacionado à vida e à morte. O toque Opanijé, do candomblé de nação ketu, foi introduzido de forma simplificada no agogô e gonguê, somando à sonoridade do ferro do maracatu, bumbo e xequerê na marcação, e agbê e caixa no preenchimento.

MARACATU SOLAR - LOA 2020

Ser Obaluaê
Se a solidão nos ferir
Sorrir, agir e caminhar
Quando o corpo cansado
e a mente vaga
não quiser mais crer
Ser Obaluaê

No opanjé dançar
Saltar feito pipoca
No calor que aflora
A qualquer hora da evolução
Na alegria de ver
Aumentar o grão
Saudável crescer
Ser Obaluaê

Filho da dor
Senhor da terra
Que o amor encerra
Toda transformação
E o sol ainda há de brilhar
Entre as palhas
Que cobrem nossas feridas
Armadilhas antigas
Guardadas em segredos
São enfim nossos medos
Que agora viemos cantar.

Ser Obaluaê Atotô
Meu tambor ainda toca
Dentro e em qualquer lugar
Pra seguir e caminhar

Viver e se curar ...ser Solar

(Pingo de Fortaleza)



FICHA TÉCNICA - MARACATU SOLAR/2020

PRODUÇÃO: DIREÇÃO ARTÍSTICA E COORDENAÇÃO GERAL: Pingo de Fortaleza. | **CONCEPÇÃO RÍTMICA:** Artur Guidugli. | **DIREÇÃO DE BATUQUE:** Descartes Gadelha. | **REGÊNCIA:** Levi Magalhães. | **ASSISTENTES DE REGÊNCIA:** Caio Erick e Francisco Barbosa. | **CONCEPÇÃO DE FIGURINO E ADEREÇOS:** Fabrício Oliver e Micaela Menezes. | **COORDENAÇÃO DE CARNAVAL:** Regina Elisabete. | **COORDENAÇÃO DE COREOGRAFIA:** Érica Vieira e Gil Rodrigues. | **COMISSÃO DE BATUQUE:** Caio Erick, Fafá Ferreira, Jamilli Craveiro, Janderson e Levi Magalhães. | **COORDENAÇÃO DE TIRADORES DE LOA:** Eliahne Brasileiro. | **REVISÃO DE INSTRUMENTOS:** Bianco Azevedo e Descartes Gadelha. | **APOIO:** Cláudia Gomes, Luis e Walynsse Gonçalves. | **COSTUREIROS:** Érica Vieira, Patrício Barros e Vera Lúcia. | **COORDENAÇÃO DE FIGURINOS E ADEREÇOS:** Tieta Pontes. | **COMISSÃO DE FIGURINOS E ADEREÇOS:** Clores Amorim, Érica Vieira, Fabrício Oliver, Geni Gonçalves, Gil Rodrigues, Layssa Lara, Patrício Barros, Pedro Jefferson, Renata Jorge Vieira, Rosângela Ampudia e Tieta Pontes. | **APOIO DE FIGURINOS:** Eliane Almeida. | **COMISSÃO DE HARMONIA:** Carlos Pinheiro, Cláudia Gomes, Arnóbio Santiago e Jane Santiago. | **PRODUÇÃO EXECUTIVA:** Arnóbio Santiago. | **PRODUÇÃO:** Erivaldo Casimiro, João Paulo Rodrigues (Papinha), Regina Elisabete e Walynsse Gonçalves. | **ASSISTENTE DE PRODUÇÃO:** Bianca e Maboo Barros. | **ASSISTENTE TÉCNICO:** Bianco Azevedo. | **COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO:** Walynsse Gonçalves. | **FOTOGRAFIA:** Claudio Monteiro e Walynsse Gonçalves. | **FIGURAL: ESTANDARTE:** Humberto. | **SOMBREIRO:** Teobaldo Dias. | **CALUNGA:** Pedro Jefferson. | **CASAL DE PRETOS VELHOS:** Ana Lucia (Preta Velha) e Francisco Airton (Preto Velho). | **SOL:** Wladisia Mesquita. | **BALAIEIRA:** Dayana da Silva. | **ÍNDIA:** Solange. | **INCENSEIRA:** Nancy. | **LAMPIÕES:** Manuel Brito e Yuri Barros. | **LEQUEIRO:** Ricardo Soares. | **DESTAQUE:** Angélica | **BAIANAS:** Ana Raquel, Bruna Nascimento, Carmina Dias, Chiara da Silva, Elany Rufino, Eliene Rodrigues, Fátima Forte, Fátima Moura, Isabela Bitu, Júlia Viana, Karla Kerenine, Kiara, Lara Picanço, Lidervan Bessa, Lucidalva Bacelar, Mariza Aquino, Marly Miranda, Nair, Renata Jorge Vieira, Rosângela Ampudia, Sara Rolim e Valéria Feitosa. | **NEGRAS:** Adeliani Almeida, Aldeide Frota, Amanda Brener, Amanda Caroline, Augusta, Beatriz Pereira, Bianca Rufim, Dani Olivatto, Débora Ingrid, Diana, Ely, Geni Sobreira, Geovana, Gissely Maria Souza, Juliana Tavares, Ludinila Ferreira, Marcela Rodrigues, Maria do Céu, Rebeqa Aquino, Rose, Sabrina, Sara, Tatiana Amorim e Valeira Alves. | **ORIXÁS:** Andreia Guilherme (Yemanjá), Antônio Carlos (Xangô), Bianco Azevedo (Longun Edê), Carol (Ogun), Elaine Vigiarnni (Yemanjá), Flávia (Oxum), Gil (Iroko), Jairo de Carvalho (Oxála), Lu Viegas (Oxossi), Lucicleide (Oxumarê), Luiza Lopes (Obá), Mizaél (Exu), Norma Paula (Pomba Gira), Pai Dedê (Obaluaê), Paula (Oxumarê), Sônia (Oxaguian), Tieta Pontes (Naná), Turyna (Ossaim) e Vânia Alves (Ewá). | **FILHOS DE SANTO:** Ana Cleia Saraiva, Anna Karina Cavalcante, Bárbara Letícia, Bianca Rodrigues, Evandro Venerando, Lourdes Rodrigues e Valéria Alves. | **CORTE:** Ana Gabriela (Princesa), Mauro Ariel Fernandes (Príncipe), Erica Vieira (Rainha), Ronaldo Rogerio (Rei), Levi (Príncipe), Marina (Princesa), Claudia Regina (Princesa), Karine do Nascimento (Princesa) e Vlamir Santos (Príncipe). | **BATUQUE: TIRADORES DE LOA:** Adriana Montenegro, Baby Araújo, Basílio Di Melo, Eliahne Brasileiro, Gabriela Cavalcante, Gilvan Silva, Goretti Almeida, Iara Pimenta, Jane de Melo, Lucivaldo Viana, Pingo De Fortaleza e Reginaldo Cariolano. | **REGENTE:** Levi Magalhães. | **ASSISTENTES DE REGÊNCIA:** Caio Erick e Francisco Barbosa. | **ALFAIA:** Amanda Monteiro, Ana Patrícia, Ana Paula, Andre Billi, Aspasia Mariana, Bianca Campos, Bianco Azevedo, Carlos Alex Barbosa, Carlos Eduardo, Carlos Rocha, Cristiane Conde, Daniel Gomes, Daniele, Edgard Patrício, Elisângela Amaral, Elizabeth Pires, Eloilson Landim, Érica Silva Pontes, Fafá Ferreira, Fernando Carvalho, Filipe Adan, Fred Moreira, Germana Amaral, Guaraciara Freitas, Harley Nogueira, Iago, Isabel, Isabelle Vieira, Janderson Oliveira, Jéssica Monteiro, Jose Maria Monteiro, Joyce Monteiro, Júlia Kilme, Larissa Rodrigues, Letícia Lima, Levi Freitas, Luana Florentino, Ludmila, Maana Ferreira, Mariana Barros (Maboo), Maria Ana Machado, Marília Santos, Marlon Procópio, Mateus Sullivan, Miguel Furtado, Nagila Gonçalves, Natáli de Sousa, Natália Alencar, Neida Mesquita, Pedro Henrique, Renata Froan, Samuel Bradão, Sarah Lima, Suelten Gomes, Sthefany Letícia, Talita, Tamires, Thais Oliveira, Thais Ribeiro, Tomaz, Victor Cavalcante e Wanessa Diniz. | **CAIXA:** Anderson, Caio Erick, Diogo Oliveira, Edmilson Leite, Francisco, Hailla Krulicoski, Hirlan Moura, Jean Oliveira, Maria Tereza, Micaela Menezes e Otávio Augusto. | **BUMBINHO:** Duda Quadros | **BUMBO:** Bel Santos, Cláudio Monteiro, Emanuel Valadares (Miel), Ise Lima, Melquisedeque (Melqui) e Natiline Pereira. | **FERROS:** Arilson Araújo, Beatriz, Breno, Bruno Ygor, Camila Pontes, Carlos Alberto, Clores, Dinaldo Bento, Harrison Lopes, Ítalo Alves, Luiz Marcos, Magnum, Nivia Alves, Paulo Augusto, Regiane Braga, Tiago Magu e Tiago Ribeiro. | **GONGUÊ /AGOGÔ:** Aldeni Carneiro, Anderson Nascimento, Beatriz Nousiainen (Bia), Carol Moraes, George dos Anjos, Lúcio Alves, Magnaldo Sousa, Moacir Medeiros, Olaneide Nogueira, Paulo Giovanni e Vivi Teles. | **XEQUERÊS/AGBÊS:** Cirluce Ribeiro, Cláudia Guilherme, Cristina de Castro, Daniele Elley, Etel Costa, Expedita, Ilana Alves, Isabella Sombra, Jamilli Craveiro, Jusara, Letícia Frota, Luiza Ellery, Luana Braga, Mazé Silva, Myllis, Najara Reis, Natália Brito, Nirla Romero, Paula B. George, Raissa Katherine, Regina Elisabete, Rejane, Sâmia Holanda, Sil, Sônia Sá, Thatiara Dantas, Walynsse Gonçalves, Zezé Sales, Zilah Façanha. | **MARACÁ DE SANTO:** Sâmara Meneses e Pedro Aquiles.

PROGRAMAÇÃO DO CARNAVAL SOLAR /2020

22/02 (Sábado), às 19h, Desfile na Av. Domingos Olímpio.
 23/02 (Domingo), às 16h, Praça João Gentil, Pingo de Fortaleza convida a Brincar de Maracatu com o SOLAR.
 24/02 (Segunda), 20h, Praça João Gentil, Tambores Ancestrais na Noite Escura.
 25/02 (Terça), às 13h45min, Praça João Gentil, Pingo de Fortaleza convida a Brincar de Maracatu com o SOLAR.
 26/02 (Quarta), às 7h, Praça João Gentil, Batuque dos Encantados.
 29/02 (Sábado), às 19h, Cortejo pelas ruas do Benfica.

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 @maracatusolar

 @maracatusolar

VISITE NOSSA SEDE:

Av. da Universidade, 2333.

Tel.: 85 3226-1189

REALIZAÇÃO:



APOIO:



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura



Prefeitura de
Fortaleza
Secretaria Municipal de Cultura
de Fortaleza





Thais Mesquita
Pingo de Fortaleza realiza 100º live nesta quinta-feira, 02 (foto: Thais Mesquita/O POVO)

“O ritmo é produção do seu corpo, da sua mente, é você naquele momento. O ritmo é estar presente”. No bater dos tantãs, João Wanderley Roberto Militão nasceu com o destino bordado nas loas de Oxalá. Rebentou ao mundo na Santa Casa da Misericórdia de Fortaleza ao 8 de fevereiro de 1963. Na terra, tudo era Carnaval. O pingo de gente chegou ao mundo feito, a música grafada nas linhas do seu axé. Autodidata, Pingo — que ganhou o “de Fortaleza” nos idos de 1980 — se afeiçoou ao violão por curiosidade, teimosia de menino buliçoso. O instrumento, entretanto, deu forma ao corpo franzino. Os dedos cresceram entre cordas, o todo em cada parte. Cantor, compositor, poeta, pesquisador, escritor e músico, Pingo de Fortaleza é fundador do renomado Maracatu Solar.

Tambor no peito em brasa, Pingo de Fortaleza é feito prata 950: é maracatu, é armorial, é instrumental, é pop; é daqui, é do oco do mundo. Pés descalços, sorriso róseo das tardes, Pingo reconstrói a música na força de inventividade. Orunmilá logo confidenciou: Pingo é plural, Pingo alumia a Cidade.

O POVO: Como nasceu o seu interesse pela música? Foi ainda durante a infância?

Pingo de Fortaleza - Quando eu era pequeno, meu pai não tinha radiola ou som ambiente. A minha infância não foi muito musical, mas tem um feito bastante interessante: em frente à minha casa no bairro José Walter, tinha uma família em que todos tocavam

violão e cantavam, eles tinham os discos do ano como Caetano e Chico; era a família do músico Dedé Nunes. Eu saía de casa para jogar bola e tomar banho de lagoa e via aquele movimento... Minha irmã comprou um violão para ela aprender com os meninos da frente, mas de alguma forma ela não se interessou e o violão ficou lá em casa. Eu peguei o violão, mas fui autodidata mesmo porque até hoje a minha sistemática é muito particular. Eu tenho muita dificuldade para ouvir a música e assimilar, para “pegar”, como a gente chama. Eu não tinha muita paciência. Eu peguei esse violão, então, e disse “rapaz, eu vou fazer uma música que é mais fácil”. Eu tinha 10, 11 anos quando comecei logo a compor. Uma das primeiras, com dois acordes, era avisando pra minha mãe que eu ia embora de casa. “Maria, arruma a minha velha mala...” (risos). Comecei a compor ali no bairro mesmo.

OP: Você formou ou ingressou em grupos musicais já na adolescência?

Pingo - Na adolescência, nessa coisa de fazer as próprias músicas, organizei um grupo chamado Pop Som na escola — era primeiro grau e eu e mais três amigos ensaiávamos em uma bateria improvisada. Fizemos um show na escola em cima das cadeiras... Terminei o Polivalente fazendo música na escola, mas aconteceu uma mudança significativa na minha vida e passei para Edificações na Escola Técnica (atual Instituto Federal do Ceará, IFCE). Quando eu chego lá em 1979, a Escola Técnica tem um conjunto musical, umas recreações, e vejo tocando o Pitombeira, o Maestro Poty. Eles eram o conjunto titular. Aí pensei: “rapaz, eu vou fazer o conjunto reserva!”. Era reserva mesmo, para fazer outra coisa, tocar as minhas músicas. Eles terminavam e a gente pegava os instrumentos, começava a tocar as outras coisas na recreação. Formou-se, então, um grupo de teatro na Escola Técnica e me chamaram para fazer as músicas das peças do Grupo Mandacaru. Paralelo a isso, eu fui convidado para tocar em alguns shows coletivos do CSU (Centro Social Urbano) no José Walter em 1980, 1981. Nesse conjunto de coisas, eu começo a tocar no movimento estudantil e a dialogar com os movimentos universitários; nas greves, a gente já tocava algumas músicas enquanto secundaristas. Quando terminei a Escola Técnica, fiz vestibular para Música. Na época, eu vendia artesanato, vendia chinelo de couro na Beira-Mar, fazia música e teatro de bonecos no Grupo Curumim. Então teve outra mudança e eu fui pai. As coisas ficaram mais difíceis, fui ensinar educação artística nos colégios de Fortaleza. Fui professor de educação artística por cinco anos.

OP: Você foi professor em dezenas de escolas na Capital. Como essa experiência enquanto educador ainda reverbera no seu trabalho?

Pingo - Foi um processo de crescimento horizontal, um processo de muita aprendizagem. Eu chegava numa escola e saía correndo para dar aula em outra. Eram turmas com 40 alunos. Aos 20

anos, eu já colocava pensamentos políticos em relação à obra de Paulo Freire e chegava crítico: era diferente a minha aula, eu não fazia chamada, os alunos se davam a própria nota, eu fazia performance teatral, teatro de bonecos... Aprendi muito porque a sala de aula é uma espécie de espetáculo, ela molda a sua capacidade de comunicação. Aprendi, na sala de aula, essa dinâmica de palco, esse manter a comunicação ativa permanente. A coisa do educador é estar aberto, ouvir o outro, tentar entender o outro, compreender as diferenças, os ritmos de aprendizagem. Isso é muito importante e eu acho que comecei a viver isso lá. Hoje eu tento botar isso na coordenação dos projetos da Solar, que é exatamente essa compreensão do tempo. Uns chegam e não sabem que instrumentos vão tocar, pega um, pega outro. O outro chega e já quer aquilo. É compreender que, além do fazer no Maracatu Solar, todos têm um contexto em casa. Às vezes, as pessoas chegam aqui em busca de acolhimento. Essa liberdade caracteriza a Solar. Então é isso, eu trabalhei nas escolas, juntei dinheiro, fiz meu primeiro disco e virei músico profissional.

OP: Centauros e Canudos (1986), seu primeiro álbum, é inspirado na história do povoado de Canudos. Como se deu a construção desta obra?

Pingo - Eu comecei a participar de alguns movimentos próximos à universidade, entre eles o Nação Cariri — sempre digo que isso foi muito importante na minha formação porque reunia pensadores como Rosemberg Cariry, Oswald Barroso, Guaracy Rodrigues e muitos outros. Eu fazia parte desse movimento e descobri, no Nação Cariri, os temas relacionados à cultura e às lutas populares. Todos os jornais do Nação Cariri tinham histórias de Canudos, Caldeirão, cangaço... Canudos me impactou. Como as coisas na minha vida vão acontecendo e nada é muito determinado, um amigo me deu uma música chamada Centauros e Canudos (Pingo de Fortaleza/Augusto Moita) e outro me deu uma música chamada Centauro Guerreiro (Pingo de Fortaleza/Eurico Bivar). Eles não tinham se comunicado, mas usavam Canudos como mesmo elemento simbólico e pensei “eu vou por aqui”. Resolvi fazer um disco sobre Canudos, eu gostava dessa coisa de discos temáticos. Hoje tenho consciência que ele é armorial, porque é todo acústico. Eu fazia questão que fosse, eu era radical na época, “não posso usar eletrônico”. Eu vinha de uma escola de radicalidade política, a gente ainda estava saindo da ditadura e havia um rock muito bacana que hoje eu curto muito, mas que era vinculado à indústria cultural e eu achava que o que prestava era a música alternativa, essa música fora da linguagem que o mercado estava se apropriando naquele momento. É um disco muito crítico às gravadoras, um disco muito acústico, e por isso mesmo algumas pessoas consideram o meu melhor álbum. Os armoriais são muitos clássicos, então eu fui gravar no Rio de Janeiro porque não tinha estúdio aqui. Os arranjos (de Tarcísio José de Lima e Jaques Morelenbaum) são primorosos, as músicas nem tanto, mas o can-

tor é muito ruim! (risos). Esse disco abriu tudo, como a minha ida para Bahia com uma peça com o José Dumont (o cearense realizou a direção musical e trilha sonora da peça O Conselheiro e Canudos, dirigida por B. de Paiva). Esse disco é tão emblemático e importante que eu o refiz. Peguei os arranjos, 30 anos depois, e decidi cantar esse negócio mais ou menos. Virou Centauros e Canudos Redivivo. Botei os CDs e LPs de baixo do braço, viajei de novo para Canudos e agora esse trabalho está se tornando um documentário musical.

OP: A sua discografia é extensa e cada álbum é diverso do anterior...

Pingo - Cada álbum foi um período. Eu sou muito agitado com as coisas... Um dia desses, eu estava fazendo uma retrospectiva com o Rosemberg sobre o fazer cultural contínuo, o que é essa ansiedade de produzir, produzir, produzir. A gente tem muita dificuldade na difusão. Você faz um disco e requer difusão, que não acontece, então quer fazer outro e não aproveita a difusão, não amadurece a obra. Eu vou fazendo. Por exemplo, depois de Centauros e Canudos (1986), Lendas e Contendas (1988) e Maculelê (1991), eu senti que nenhum álbum de estúdio me representava no palco e tive a ideia de fazer um disco ao vivo. Foi o primeiro disco gravado integralmente ao vivo no Ceará, era 1993 e gravei no Theatro José de Alencar antigo. Nesse disco (Pingo de Fortaleza ao vivo), eu já dei a energia que eu queria. Eu fui fazendo vários discos e cada um tem um sotaque. Às vezes, até as músicas são iguais, mas o arranjo é diferente e representa o momento que eu estava vivendo. O Cantares (1996) eu fui para a Europa, voltei, fiz algo mais clássico; já o Lógica (1999) eu estava querendo fazer algo mais pop com o Manassés. Até o Prata 950 (2009), que rompe tudo. Eu ficava muito chateado porque as pessoas me chamavam de regional — até hoje eu fico. Eu brigava e ia embora, “eu sou universal, o que é regional é universal, essa dicotomia não existe, isso foi usado de uma forma preconceituosa pelo mercado”. Comecei a fazer umas músicas diferentes para mostrar que eu não sou só maracatu, eu não sou só Canudos, eu não sou só instrumental clássico, eu sou agora pop (risos). Na letra de Prata 950, digo que ninguém é uma coisa só. A prata 950 é uma mistura, porque a prata não tem liga e tem que ser misturada — ela é 950 prata e o restante é outra coisa. Nós somos prata 950, nós somos essa mistura. Fiz um disco todo elétrico com o Mimi Rocha.

OP: A riqueza de ritmos é característica da sua obra, mas o nome Pingo de Fortaleza é logo associado ao maracatu. O que inicia essa trajetória?

Pingo - Eu me orgulho muito dessa associação ao maracatu. Embora meu trabalho tenha muito instrumental, o peso que o Maracatu Solar tem em Fortaleza é grande. Essa história começou assim: o Guaracy Rodrigues, que é meu parceiro, me deu uma letra chamada Maculelê. Era toda em iorubá, não entendi quase nada,

mas levei para o meu apartamento e, quando eu estava sentado no chão olhando, não pensei “vou fazer o maracatu dessa letra”, não pensei em nada. Saiu apenas uma canção no ritmo de maracatu, que era o maracatu que eu conhecia, o maracatu que o Ednardo ajudou a consolidar da década de 1970 com Terral. Eu já tinha escutado essas canções nesse ritmo que a gente chama de solene ou coroação — o maracatu é representação simbólica de um cortejo festivo de coroação negra. O Maculelê saiu nesse ritmo e até hoje essa música é forte. Resolvi fazer um disco sobre maracatu, isso era 1990, e pensei que o Descartes Gadelha (pintor, desenhista, escultor e músico) poderia me ajudar. O Descartes me apresentou grupos de maracatu, a gente tem muita afinidade e amizade. Na época, eu dizia que o disco era uma projeção estética, hoje eu acho que é uma grande projeção estética mesmo porque eu acabei fazendo uma música para cada ala.

OP: Você é também é pesquisador musical e escreveu livros sobre a historiografia do maracatu. Como o ritmo se desenvolveu no Ceará?

Pingo - O maracatu tem matriz africana. A música que persistiu e resistiu é a música vinculada aos cultos de matriz africana, então dessa música é que nós temos hoje o samba, o maracatu, o afoxé. Existe uma corrente muito sólida que diz que o maracatu vem da coroação dos reis de Congo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. É uma irmandade de escravizados que se aglomeravam em volta das igrejas e faziam um coroação de reis negros, uma vez no ano, e também um cortejo. Realmente, pode ser que o maracatu tenha passado por lá, mas ele não tem a sua essência na Irmandade: ele tem a sua essência no terreiro. Nos meus livros mais recentes, resgato os primeiros maracatus aqui no final do século XIX, que passavam ali no Centro, Gustavo Barroso, João Nogueira... A gente percebe que eles vinham de algumas periferias, como Cosme e Damião e Oiteiro. Ao mesmo tempo, vamos ter os congos também nesse período, mas você não consegue, em nível de registro, encontrar um diálogo desses grupos. É algo que a gente precisa refletir, esses nossos maracatus antigos ou pré-maracatus desaparecem no século XX e é criado o Az de Ouro na década de 1930. O Az de Ouro já foi criado para o Carnaval, com uma concepção de Carnaval, por um cidadão chamado Raimundo Alves Feitosa, um fortalezense que morou três anos em Recife, de 1930 a 1933. Ele voltou e criou o Az de Ouro em 1936. Nasce daí uma confusão de que o maracatu daqui veio de Recife, mas é um equívoco — não veio de lá. O fundador esteve lá e viu o maracatu lá, mas ele também era dos congos daqui, era brincante de congo e marujada. Ele criou uma síntese do que viu em Recife e do que viveu aqui. O Az de Ouro é um embrião para todos os outros.

OP: O Az de Ouro também é fundamental em sua trajetória. Quais as influências do criador do grupo, Raimundo Alves Feitosa, na concepção do Maracatu Solar?

Pingo - Em 1999, o pessoal do Az de Ouro chegou pra mim e disse: “Rapaz, quero que você faça uma música para o Az de Ouro para a avenida”. Aceitei o convite, fiz uma música chamada Outros 500, em que fazia um questionamento da história do descobrimento. O Az de Ouro foi meu lugar de aprendizado no maracatu, ao lado de mestre Juca, ouvindo aqueles instrumentos, acompanhando e produzindo os espetáculos. Eu fiquei seis anos integrando o Az de Ouro. As pessoas chegavam com vontade de saber a história do grupo, então eu fiz um livro sobre a história do Az de Ouro chamado Maracatu Az de Ouro, 70 Anos de Memórias, Loas e Batuques (2007); foi meu primeiro livro. Nessa pesquisa, eu descobri uma musicalidade muito importante para a formação do Maracatu Solar. Na década de 1940, passou aqui um musicólogo mineiro chamado Correia de Azevedo e gravou um disco com músicas de congo, coco e maracatu do Ceará. Na época da Segunda Guerra, os Estados Unidos estavam financiados vários artistas e pesquisadores no mundo todo para consolidar as alianças, então esse cara veio, gravou e foi embora. Esse material ficou na biblioteca de Washington muitos anos e, no final da década de 1990, eles lançaram um disco da música de Minas e do Ceará. Alguém lá do Estados Unidos pegou esse disco e mandou para o Rosemberg Cariry, que disse “Pingo, vem aqui!”. Quando eu cheguei lá, tinha o Raimundo Alves Feitosa — criador do Az de Ouro — cantando várias músicas de maracatu e nenhuma no ritmo solene que eu tinha aprendido de maracatu no Ceará. Aquilo ali entortou meu juízo! Nesse disco, o fundador do maracatu cantava “Boneca preta do maracatu/ Boneca preta do maracatu/ Maracatu ê, maracatu ê/ É o Az de Ouro...” (bate as palmas das mãos compassadamente nas pernas). Isso aqui muda muito, isso aqui muda tudo! “Como é que pode, citando Az de Ouro em 1940? Pronto, agora eu vou nessa linha aqui”, pensei. Fiquei empolgado, eu fiz uma música já nessa onda do maracatu cearense da década de 1940, antes dessa mudança rítmica que porquê e nem como aconteceu. A história tem muitas nuances, nunca é linear. O fato é que esse ritmo se consolidou na década de 1960, o Ednardo ajudou com sua magnífica obra a consolidá-lo na década de 1970, mas algo anterior existia já na década de 1940 e 1950 que é o que o Feitosa revela. Existem várias teses e, quando o maracatu migra para a competição carnavalesca, ele de alguma forma vai se adaptando. É um tema, é uma música, é a fantasia. Talvez esse ritmo tenha se preconizado a partir do Rei de Paus, que foi o grande campeão na década de 1960. E o ritmo passou a ser padronizado até 1990, depois é que o Descartes no Nação Baobá já começa a inventar coisa. Mas o Az de Ouro não era o espaço para experimentação, ele se consolidou como um grupo relacionado a um ritmo de construção coletiva, histórica.

OP: O Maracatu Solar nasceu dentro da Solar, ONG que desenvolve programas e projetos na área da cultura. Como esse movimento se efetivou? Quais as diferenças do Maracatu Solar em relação aos demais grupos na Capital?

Pingo - As coisas sempre são fruto de uma conjunção de fatores. Nós criamos a Solar- Associação Cultural Solidariedade e Arte em 2005. Eu, Jorge Ramos da Costa, Tieta Pontes, Alan Mendonça, Mileide Flores, Erivaldo Casimiro, Wiltom Matos... A Solar tinha esse espaço e a gente queria sair, queria respirar, queria mostrar o que a gente estava fazendo. Depois de escrever um livro sobre o maracatu e ouvir o Feitosa, minhas inquietações piraram. Um dia, nessa cozinha aqui da Solar, eu disse “nós vamos fazer um maracatu aqui. Vai ser o Maracatu Solar”. Era setembro de 2006, o pessoal disse: “e dá tempo de fazer para sair ir no em 2007?”. “Dá tempo sim! E vamos fazer uma música baseada no Raimundo Alves Feitosa da década de 1940”. Em 2007 eu canto no Az de Ouro e no Solar, fizemos o Maracatu Solar, eu vim me apresentar, ô Xango, Xangô. É muito emblemática nossa primeira música porque ela traz essa nossa vontade de fazer algo diferente, ela remete ao Feitosa, é uma música coletiva. Quando a gente mudou, percebemos que tínhamos que mudar o figurino — tirar o peso, tirar as cangalhas. O Solar toca o maracatu solene, porque é uma referência, mas nós buscamos a diversidade que o Raimundo Alves revelou. É baião de maracatu, samba de maracatu... Nós tocamos um coco de maracatu. A cultura mesmo não é estática. Eu acho que é isso que tem que ser reconhecido por todos nós que fazemos cultura: não se faz algo hoje como se fazia há 100 anos. As pessoas mudam. A inventividade humana é inerente à arte. Você não pode ficar tentando impor regras na arte e nem no processo criativo. Eu respeito aqueles que querem manter um ritmo, mas o Solar toca o solene e também criou ritmos. Eu digo que toco até o Maracatu do Mississippi, que é um soul. Quando a gente tirou a pintura obrigatória e a não competição, isso não foi bem aceito pelos outros grupos. Muitos consideram que o maracatu cearense deve ser fantasiado de negro. Eu respeito profundamente como elemento estético, mas não consideramos isso uma afirmação étnica. Não dá mais para pensar isso como manifestação étnica ou reforço de uma manifestação de matriz africana. Nós abolimos a obrigatoriedade — compreendemos que os outros grupos mantêm isso como elemento de tradição deles, mas nós tiramos. O mais importante é a essência da manifestação e a essência se revela na matriz africana. A gente continua se revelando nela, reverenciamos os elementos da ancestralidade, da religiosidade africana, mas artisticamente nós podemos recriar sempre.

OP: O Maracatu Solar se tornou um programa de formação cultural continuada. Quais os projetos em curso?

Pingo - Já saíram dois programas do Maracatu Solar, que é a Orquestra Solar de Tambores e a Companhia Solar de Dança; projetos contínuos, abertos e livres. A característica do Solar é a diversidade rítmica. Como determinamos os editais, nós montamos um espetáculo novo, criamos um tema. Nós temos ensaios semanais de orquestra e dança ao longo do ano inteiro. A Orquestra Solar

de Tambores, criada há três anos, tem um repertório diferente do Maracatu, já que ela toca também instrumentos de sopros, tem batuque e cantores. Quando a Orquestra está dentro do maracatu, ela é o batuque do Maracatu Solar. A Companhia de Dança é a mesma coisa. A gente tem muita dificuldade na área da dança aqui porque muitos que chegam para dançar acabam migrando para o batuque (risos), então a gente está sempre reconstruindo a Companhia. A ideia é que a dança tenha também um espetáculo próprio, como a Orquestra. Quando é o Maracatu que se apresenta, todos são brincantes. Agora, a Orquestra começa a montar Maracatuzinho, um espetáculo infantil. Atualmente, nós temos entre 250 a 300 brincantes e o Maracatu Solar cresce muito, gera muitos outros grupos. A gente estimula isso, o Maracatu Solar é uma incubadora de grupos e artistas.

OP: Neste 2020, a loa do Maracatu Solar é Obaluaê- Nossos Medos Viemos Cantar. O que se desdobra do tema, do Solar aos parceiros?

Pingo - O Maracatu Solar se diferencia por criar não só um tema, mas trabalhar transversalmente esse tema. Eu acho que a gente não pode se resumir apenas a fazer uma festa no palco, numa praça. A festa é importante, mas o processo é muito mais importante. O processo das pessoas, do diálogo, da aprendizagem, o processo diverso das linguagens e conteúdos. De três anos para cá, nós temos aprofundado mais a diversidade. No ano passado, nós trabalhamos lemanjá com as pessoas em situação de rua e abordamos questões ambientais. Neste ano, nossa loa é Obaluaê e trata da cura das doenças — principalmente de doenças como a depressão. Estamos fazendo mesas redondas sobre depressão, sobre os processos artísticos contra depressão, sobre os movimentos sociais contra a depressão; estamos visitando projetos sociais de saúde mental como o do Bom Jardim. Eu acho que isso é o diferencial: nós vamos cantar Obaluaê, mas estamos discutindo o que cantar Obaluaê representa. Infelizmente, as doenças da alma, do corpo e da solidão estão muito presentes, nós vivemos em um mundo em que cada vez mais pessoas se sentem sozinhas. Nossa música diz “Ser Obaluaê/ Se a solidão nos ferir/ Sorrir, agir e caminhar/ Quando o corpo cansado/ E a mente vaga não quiser mais crer/ Ser Obaluaê/ No opanijé dançar/ Saltar feito pipoca/ No calor que aflora/ A qualquer hora da evolução/ Na alegria de ver/ Aumentar o grão/ Saudável crescer/ Ser Obaluaê/ Filho da dor/ Senhor da terra/ Que o amor encerra/ Toda transformação/ O sol ainda vai brilhar/ Entre as palhas/ Que cobrem nossas feridas/ Armadilhas antigas/ Guardadas em segredo/ São, enfim, nossos medos/ Que agora viemos cantar/ Ser Obaluaê, atotô/ Meu tambor ainda toca/ Dentro e em qualquer lugar/ Para seguir e caminhar/ Viver e se curar/ Ser Solar, ser Solar”. É no ritmo de congo mineiro... O Maracatu Solar é um espaço de cura.

Matéria publicada no jornal “O Povo” no dia 16/02/2020

De Um Tempo Mais que Solar no não-Carnaval de 2021

156

No início de 2020 começaram a circular informações de um vírus que estaria contagiando pessoas, inicialmente na China e logo em seguida em vários países da Europa. Nominado de covid-19, esse vírus se mostrou através de estudos preliminares ter alta capacidade de contágio e de ser fatal aos seres humanos.

No Brasil, embora já se tivesse conhecimento do covid-19, as primeiras notícias concretas de pessoas acometidas com esse vírus, se deram exatamente na quarta-feira de cinzas, para reforçar a máxima de que no Brasil o ano só começa depois no carnaval ou não começa, como os fatos seguintes iriam demonstrar.

O Maracatu Solar, que realizou com êxito seu ciclo carnavalesco de 2020 nos meses de janeiro e fevereiro, estava seguindo com suas atividades sistemáticas de formação e difusão, quando em março de 2021, o governo do Ceará, seguindo corretas orientações globais de medidas de distanciamento para evitar a propagação do covid-19, decretou a impossibilidade

de aglomerações e, dentre estas, estavam as restrições as atividades artísticas coletivas presenciais.

O último encontro formal e aberto do Maracatu Solar desde então, até a data que escrevo essa prosa (15/04/2021) se deu no dia 14 de março de 2020, um sábado, numa oficina da Orquestra Solar de Tambores, na qual estive presente e lá já pude perceber a apreensão de nossos brincantes em relação ao contágio do covid-19. Então acatando as medidas de distanciamento social, silenciámos nossos tambores.

Depois de alguns meses quando a situação do contágio do covid-19 no Ceará melhorou um pouco, entre a primeira e a segunda onda de proliferação desse vírus (setembro a dezembro de 2021), o Maracatu Solar fez alguns pequenos encontros e gravações, sempre limitando o número de seus brincantes e tomando todas as medidas de proteção em relação ao contágio do covid-19.



Com suas oficinas e apresentações canceladas e sua sede fechada praticamente todo o restante do ano de 2020, procuramos manter o grupo do Maracatu Solar estimulado e coeso através de suas redes de convivência virtual. Produzimos alguns materiais de forma não presencial, como o videoclipe coletivo da loa de 2020, o documentário sobre nosso histórico de loas, o curta-metragem sobre nossa apresentação na avenida em 2020, dentre outras criações.

Quando chegamos no mês de setembro (período limite que costumo criar os temas carnavalescos do Maracatu Solar), diante da constatação que os ciclos culturais brasileiros não estavam sendo realizados presencialmente (junino, natalino, Paixão de Cristo...), certifiquei-me e me convenci, mediante o andamento dos processos de contágios, esforços e buscas de cura do covid-19, que não haveria carnaval no Brasil em 2021, e que portanto não precisaria criar um tema para o não carnaval de 2021 do Maracatu Solar.

Mas, inquieto como sou e afastado de minhas dinâmicas ações artísticas presenciais, mergulhei em vários processos criativos no restante do ano de 2020 e passei a pesquisar um tema para o não-carnaval do Maracatu Solar em 2021, através do qual pudéssemos refletir sobre a realidade que vivemos diante do covid-19, sobre o maracatu e sobre o próprio carnaval ou a ausência dele em 2021.

Como muitos, que, tocados pela pandemia do covid-19, passaram a questionar o tempo em que vivemos em todas as suas dimensões, eu também passei a refletir sobre esse universo e encontrei alguns escritos e filmes que de alguma forma mencionavam essa discussão. Recebi também alguns textos de amigos que traziam o tempo como matéria de reflexão. Não sei ao certo, mas de uma forma não totalmente explicável cheguei ao nkisi (orixá) Tempo. Kitembo, também chamado de Tempo, é um nkisi da cultura religiosa Bantu, de Angola. Nessa nação religiosa, as divindades são chamadas de nkisi (o mesmo que orixá em outras nações religiosas de matriz africana).

Quando me deparei com a cultura do nkisi Tempo e seu culto na prática religiosa da nação Bantu Angola (linhagem étnico religiosa de matriz africana presente em vários estados brasileiros), que confesso não conhecia, fiquei extremamente abalado e encantando, pois embora tivesse conhecimento, mesmo superficial, que vários povos no decorrer da existência humana adoravam e ainda adoram diversos elementos da natureza (sol, lua, vento, árvore de tempo...) não esperava encontrar uma prática específica de veneração do tempo numa dimensão física e espiritual.

Foi então que, descobrindo um pouco os segredos do senhor Tempo, resolvi escrever e compor



uma canção sobre esse Tempo para ser o tema do não-carnaval do Maracatu Solar no ano de 2021.

Baseado em suas características principais, criei a letra da loa/canção 2021 intitulada “De Um Tempo Mais que Solar”, na qual reverencio o Tempo com algo maior que tudo e aproveito para refletir sobre diversas circunstâncias, sentimentos e características humanas (perdão, paciência, evolução etc.). Todas essas questões, afinal, fazem parte do arquétipo do nkisi Tempo e da existência ancestral e contemporânea de todos os seres. Também citei na canção a saudação “nzara tempo”, usada para saudar esse nkisi pelos praticantes da religião de matriz bantu, de Angola, no Brasil.

158

Descobri em minhas pesquisas que existe uma divisão rítmica muito praticada na cultura religiosa Bantu, de Angola, e nas manifestações que dialogam com essa cultura (por exemplo, a capoeira) denominada de samba cabula. Então procurei encontrar uma adaptação do samba cabula para os instrumentos do Maracatu Solar.

Procuramos seguir e avaliamos como corretas as restrições em função do contágio do covid-19 na cidade de Fortaleza. Quando esse

quadro melhorou um pouco (entre a primeira e segunda onda), reunimos um pequeno grupo do batuque do Maracatu Solar, ensaiamos um pouco a loa/canção do não-carnaval de 2021, “De Um Tempo Mais que Solar”. Fizemos seu lançamento nas redes sociais virtuais entre os brincantes do Maracatu Solar e a população em geral. Aproveitamos para difundir também alguns textos sobre o Tempo.

Quando o período do carnaval de 2021 se aproximou e todos que fazem o Maracatu Solar se conscientizaram que nesse ano não teríamos um ciclo carnavalesco, tivemos entristecidos que nos recriar enquanto brincantes de maracatu e nos adaptar. Assim, decidimos continuar a “dançar a qualquer Tempo, porque o carnaval é dentro de si”.

No domingo do não-carnaval de 2021, de forma simbólica e solitária percorri de *bike* o mesmo trajeto que os maracatus fazem em seus cortejos de carnaval na Avenida Domingos Olímpio, em Fortaleza, e entoei e transmiti ao vivo em meu canal do Facebook a loa/canção “De Um Tempo Mais que Solar” porque somos de um Tempo mais que solar pra evoluir e sempre melhorar..



De Um Tempo Mais Que Solar

Pingo de Fortaleza



De Um Tempo
Mais Que Solar
por Maracatu
Solar



De Um Tempo
Mais Que Solar
por Pingo de
Fortaleza

Samba Cabula $\text{♩} = 100$ **Solene** $\text{♩} = 50$

Voz

Ferro

Agogô/Gonguê

Xequerê

Agbê

Caixa

Alfaia

Bumbo

Samba Cabula $\text{♩} = 100$

V. 5

A - que - le que dá A - que - le que ti - ra Só e - le faz pas - sar

V. 9

To - das as do - res, tam - bém nos - sos a - mo - res Ao Tem - po nós va - mos cul - tu - ar

V. 13

Um al - tar pa - ra'cs - se Tem - po O Tem - po nós va - mos ve - ne - rar

V. 17

N - za - ra Tem - po'eu sou D'An - go - la - Eu sou de'um tem - po - mais que So - lar -

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Projeto De um tempo mais que solar - Maracatu Solar 2021

Disponível em: <<https://youtu.be/NFvUdSCCXGQ>> (video)

21

V. 
 Por - que'cu sou ban - tu___ de ban - dei - ra bran - ca pra'e - vo - lu - ir___ e

24

V. **Fine** **Break** $\text{\textcircled{+}}$ $\text{\textcircled{+}}$ = 50 **Solene** 
 sem - pre me - lho - rar E a - cre - di - tar___ Quan - do tu - do'es - tá fo - ra de

30

V. **D.C. al Coda** 
 ti Su - bir na es - ca - da da vi - da com'a fle - cha'a - pon - ta - da pro céu

36

V. $\text{\textcircled{+}}$ = 50 **Solene** 
 E nos per - do - ar___ Se nem e - le nos___ me - lho - rar___ Por -

41

V. **D.C. al Coda** 
 que___ só es - se tem - po dá pa - ci - ên - cia pra re - co - me - çar

46

V. $\text{\textcircled{+}}$ = 50 **Solene** 
 E a - cre - di - tar___ Quan - do tu - do'es - tá fo - ra de ti Su -

51

V. **D.C. al Fine** 
 bir na es - ca - da da vi - da dá pa - ci - ên - cia pra re - co - me - çar

NOTA 20 - DE UM TEMPO MAIS QUE SOLAR

Em 2022, trazendo uma nova proposta para o seu ciclo carnavalesco, o Maracatu Solar, através do compositor Pingo de Fortaleza, faz um tributo ao inquice Tempo, também conhecido como Kindembu, dentre outros nomes, no candomblé bantu ou candomblé de angola no Brasil. Os inquices, ou nkises, são divindades que representam elementos da natureza, que são cultuados pelos povos bantus vindos de países do sul do continente africano. No acompanhamento musical, De Um Tempo Mais Que Solar conta com um ritmo muito característico da umbanda, geralmente tocado em atabaques, tambores que possui um corpo alto e abaulado de madeira, com uma pele de animal na sua parte superior, presa e esticada com tarrachas, parafusos ou cordas, que são afrouxadas ou apertadas para mudar sua afinação. Contudo, para adaptar tal toque na percussão do maracatu, foi simplificada a célula principal do cabula para ser tocada pelas alfaias, enquanto que os bumbos realizam uma função parecida com as dos surdos de primeira das escolas de samba, acentuando a marcação no segundo tempo. Do mesmo modo, o agogô, o agbê e a caixa apresentam células que se assemelham às frases rítmicas utilizadas pelas baterias das escolas de samba, enquanto que o xquerê marca o tempo.

NOTA 21 - SAMBA DE CABULA

O samba de cabula (kabila ou kabula) é um ritmo conhecido como um dos principais percussores do samba nacional. É perceptível os “arrebates” das síncopes, conferindo assim um toque cheio de “balanço”, variações em contratempo e um “chamamento” para se dançar junto aos tambores.



Solar com Oxumaré - Um tema do não-carnaval de 2022 que mudou a maré no carnaval de 2023

162

No final de 2021, quase dois anos desde o início da pandemia em março de 2020 e no contexto de suas ondas e picos, surgiu a expectativa e a esperança que pudéssemos ter um carnaval “normal” no ano de 2022, posto que muitos já estavam vacinados e nesse período havia um hiato entre o aumento de casos do covid-19 no Brasil. Nessa perspectiva, carnavalesco que sou através prioritariamente de minha atuação nesse ciclo por meio do Maracatu Solar, me animei profundamente com essa possibilidade e procurei criar no final de novembro de 2021 o tema do Maracatu Solar para o suposto carnaval desse ano.

Então com a incumbência de criar a música do Maracatu Solar para o Carnaval de 2022, na época sob discussão de sua realização ou não, recorri à ideia da esperança, do movimento e da mudança de ciclo. Cheguei ao orixá Oxumaré, que carrega em seus arquétipo um conjunto de características que evidenciam a dinâmica da natureza e suas correlações

e interdependências. Inspirado nessa entidade das religiões de matriz africana, compus a canção “Solar com Oxumaré – Pra Continuar Mudando a Maré”.

Na letra dessa loa, evidenciei a possibilidade de retorno do abraço fraterno entre toda a humanidade com a chegada do arco-íris (Oxumaré). Reverenciei os encantados durante a pandemia e acrescentei um forte conteúdo político e social trazendo à tona a ideia dos movimento sociais, a garantia dos direitos individuais e a luta permanente contra toda forma de fascismo. Pensei nessa loa como uma mensagem direta para contribuir com a mudança necessário de governo que estávamos precisando porque teríamos eleições para presidente do Brasil no final de 2022 e precisávamos, enquanto artista e grupo, nos posicionar. Como estávamos tratando de mudanças, para os ritmos dessa loa, resolvi usar dois ritmos distintos em suas divisões e andamentos: solene e baião de maracatu.



Compus essa canção por meados de novembro de 2021 e logo em seguida, com o advento do Festival de Música de Fortaleza que seria realizado de forma presencial no final desse ano, a escrevi com uma gravação bem artesanal e para minha surpresa fui classificado entre as semifinalistas desse festival. Para o momento de sua apresentação contei com um arranjo de sopros do saudoso Tarcísio Sardinha e nos apresentamos com um pequeno grupo do Maracatu Solar e a banda do Festival. Não fomos para a final do Festival, mas “Solar com Oxumaré” começou a ecoar nesse momento.

Chegou janeiro de 2022 e para minha frustração e de todo povo brasileiro que vive o carnaval, em função de uma nova onda do Covid 19 no início de 2022 e do anúncio oficial da não-realização do Carnaval desse ano (decisão acertada ao meu ver) o tema “Solar com Oxumaré” ficou como loa do não-Carnaval do Maracatu Solar de 2022.

Sempre componho os temas do Maracatu Solar por volta do início do segundo semestre do ano anterior ao Carnaval em que a loa será apresentada. O segundo semestre de 2022, pra mim e para o Maracatu Solar foi um período de muita mobilização política e militância e nesse contexto comecei a pensar no tema do Solar para o Carnaval de 2023. Até cheguei a ventilar outras ideias, mas facilmente cheguei à conclusão que “Solar com Oxumaré –

Pra Continuar Mudando a Maré” era um tema muito apropriado para esse momento, em função das mudanças pandêmicas, sociais e políticas que estávamos começando a viver. Principalmente porque nutríamos a esperança de conseguirmos mudar os rumos de nossa gestão federal com a eleição de um candidato comprometido com as lutas e causas populares.

Anunciei então para o grupo do Maracatu Solar que o tema para o carnaval de 2023 seria “Solar com Oxumaré” e comecei a cantar essa canção em vários eventos. Lembro-me de tê-la tocada no aniversário de minha amiga Maria Luiza e que quando descii todo empolgado do palco meu amigo e brincante Solar, Ronaldo Rogério, seriamente me falou que aquela canção não estava pronta para o carnaval. Levei essa observação muito a sério e posteriormente refletindo sobre a canção considerei que realmente faltava algo em sua estrutura. Sendo assim ampliei sua letra com duas estrofes que trazem um pouco o arquétipo de Oxumaré em analogia com temas contemporâneos e fortaleci seu andamento solene com um refrão nesse ritmo, já que a canção já possuía um refrão no ritmo de baião de maracatu. Assim “Solar com Oxumaré – Pra Continuar Mudando a Maré” ficou pronta para o tão esperado Carnaval de 2023, dois anos depois de sua última realização, em 2020. E então aí começam múltiplos e diversificados preparativos...



Na primeira semana de janeiro de 2023 fizemos duas reuniões ampliadas de planejamento do Maracatu Solar para o Carnaval desse ano e nesses momentos traçamos uma estratégia e um cronograma de atividades que realizaríamos no ciclo carnavalesco de 2023. Assim como em 2020, procuramos trabalhar em vários eixos e com uma diversificada agenda que incluía rodas de conversas sobre os temas a serem trabalhados, oficinas temáticas e gerais, ensaios abertos de palco e de cortejo e múltiplas apresentações. Para essa funcionalidade criamos diversas comissões específicas do Maracatu Solar e agregamos muitos brincantes a sua coordenação geral do carnaval. Desde o início senti que seria um ano de muita empolgação e participação, não só dos integrantes do Maracatu Solar, mas do público em geral visto a alegria coletiva com a volta da festa e com a mudança dos rumos políticos no Brasil. Tudo que Oxumaré trazia em sua temática evidenciando a mudança da maré...

A maré efetivamente havia mudado e era fácil constatar essa mudança na atmosfera de alegria predominante nos reencontros presenciais no decorrer dos ensaios abertos do Maracatu Solar em 2023, demonstrada no estardalhaço dos abraços e na manutenção dos laços afetivos que a prática dessa manifestação propicia. E foram muitos ensaios, todos lotados, com gente antiga do Solar e sempre

presente e a constante chegada de novos brincantes, acolhidos com o abraço característico de inclusão Solar. Toda a programação do ciclo carnavalesco de 2023 do Solar fluiu como o arco-íris: aprendemos muito conversando em nossas rodas sobre a própria Oxumaré: educação, habitação, comunicação, ocupação da terra, cultura e a fome. Praticamos oficinas de canto, de manutenção de instrumentos, de confecção de adereços etc. E tocamos muito, por muitos lugares: Praça do Ferreira, Praia de Iracema, Gentilândia, dentre outros lugares, sempre ressaltando a mudança de ciclos e o esperar com a mudança da maré.

Certamente 2023 foi o ano de maior inclusão no Maracatu Solar. Tivemos um deficiente visual entre nossa ala de tiradores de loas (Bosco Defar), *peças com deficiência auditiva na dança e, dentre as demais alas, pessoas down e também com outras deficiências, além de um tradutor de LIBRAS deixando mais acessível o cortejo oficial na avenida.* Essa tentativa de inclusão exemplifica bem o resultado da alegria coletiva que o tema Solar com “Oxumaré – Pra Continuar Mudando a Maré” propiciou a todos que participaram de suas ações, através de sua canção empolgante e alegre (baião de maracatu), reflexão e efeito mântico (solene ou de coroação) e de sua representação simbólica carregada de coreografias e figurinos diversos.



Importante observar que o Maracatu Solar sempre teve um batuque bem maior que seu figural (personagens e alas que dançam), resultante da paixão pelo batuque, de nossa organização interna e da dificuldade de mantermos a Cia. Solar de Dança (corpo de dança do Maracatu Solar). Porém com a força de Oxumaré e a diretriz e a inventividade do coletivo dos brincantes dessa linguagem artística, em 2023, o Solar teve mais brincantes de dança (aproximadamente 140) do que no batuque (aproximadamente 120).

Dessa forma voltamos ao ciclo carnavalesco em 2023, felizes, empolgados e plenos de esperanças, ciente de termos cumprido nosso papel social e processual com o Maracatu Solar. Um processo

rico em vários aspectos da melhoria individual (por exemplo, melhoria da depressão), das relações (conflitos pessoais e outros desafios), da socialização e do exercício pleno da cidadania (conteúdos cognitivos e artísticos) e também na movimentação e dinamização da economia da cultura. Creditamos esses resultados à força do coletivo Solar e a nossa organização institucional, através da Associação SOLAR. Esperamos continuar cumprindo nosso importante papel na cena cultural do estado do Ceará, cotidianamente, posto que o ciclo carnavalesco é o ápice da manifestação do maracatu e seu espaço de excelência no campo da produção e difusão. Mas sol assim, como Maracatu Solar nasce, todos os dias...

NOTA 21 - OXUMARÉ - PRA CONTINUAR MUDANDO A MARÉ

Na loa de 2023, o Maracatu Solar retoma os tributos aos orixás do candomblé brasileiro, dedicando o ciclo carnavalesco deste ano à Oxumaré. Em seu acompanhamento percussivo, Com Oxumaré - Pra Continuar Mudando a Maré contou com os ritmos baião de maracatu e solene. O maior diferencial dessa composição musical é no andamento do ritmo acelerado, que teve que ser desacelerado por conta da melodia da voz cantada, que em determinados trechos assemelha-se a uma embolada, ou seja, possui um jogo de palavras que têm a intenção de serem ditas rapidamente. Para que não houvesse um atropelamento do instrumental apressando o canto, optou-se por diminuir o andamento da percussão no baião de maracatu, que surge vagaroso, sem perder o seu gingado característico. Na segunda parte, o ritmo solene do maracatu cearense aparece com a costureira “virada” do Maracatu Solar.





Com Oxumaré
- Pra Continuar
Mudando a Maré
por Pingo de
Fortaleza

Com Oxumaré - Pra Continuar Mudando a Maré

Pingo de Fortaleza

♩ = 90 Baião de Maracatu ♩ = 57 Solene

Ferro

Agogô/Gonguê

Xequerê

Agbê

Caixa com esteira

Alfaia

Bumbo

♩ = 90 § Baião de Maracatu Virada

5

V.

A ma-ré mu-dou ____foi O-xu-ma-ré A ma-ré mu-dou A ma-ré mu-dou ____foi O-xu-ma-ré A ma-ré mu-dou A ma-ré mu-dou

10

V.

dou Vem pro ter-ra - ço medá'aquele'abraço,fazum'estarda - lhaço'arco-í-ris chegou Man-tém aquele laço'atadoque'opovo'encan - tadocomtodo cuidado O-sí-ris-ve

15

V.

lou A ma-ré mu-dou ____foi O-xu-ma-ré A ma-ré mu-dou A ma-ré mu-dou ____foi O-xu-ma-ré A ma-ré mu-dou A ma-ré mu-dou

Virada To Coda

♩ = 53 Solene

20

V.

dou E vai con-ti-nuar mu-dan - do che-gou o mo-men - to da for - ça do Mo-vi-men -

© Catherine Furtado e Jean Brito

Fonte: Com Oxumaré - Pra Continuar Mudando com a Maré

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KAyM0s9kxGk>> (vídeo)

Fonte: Carnaval de Fortaleza 2023 - Sábado 18/02

Disponível em: <<https://youtu.be/GUf8T4COZUA>> (vídeo)

25
V.  - to Po-pu-lar de têm E va-mos le-var em con-ta's con-tas ver-des e'a-ma-

30
V.  re-las que são nos-sas tam-bém O-xu-ma-ré De to-dos os ci-clos se-

35
V.  nhor Do Ma-hi-an-ti-go Da-o-mé Quem nos deu foi Na-nã Bo-ro-có

40
V.  O-xu-ma-ré Do céu, da ter-ra, do'a mor A'a-le-gri-a de ser u-ma

45
V.  ro-sa E tam-bém ser um bei-ja-flor A ma-ré mu-dou **D.S. al Coda** $\text{♩} = 90$

50
V.  dou **Solene** $\text{♩} = 53$ con-ti-nuar mu-dan-do che-gou o mo-men-to for-ça do Mo-vi-men-

55
V.  - to Po - - - E va-mos le-var em con-

59
V.  - - - tas ver-des e'a-re-las que são nos-sas tam-bém O-xu-ma-ré

63
V.  De to-dos os ci-clos se-nhor Do Ma-hi-an-ti-go Da-o-mé Quem nos

68
V.  deu foi Na-nã Bo-ro-có O-xu-ma-ré Do céu, da ter-ra, do'a mor A'a-le-

74
V.  gri-a de ser u-ma ro-sa E tam-bém ser um bei-ja-flor

Loa Maracatu Solar 2023
Solar Com Oxumaré - Pra continuar mudando a maré
Pingo de Fortaleza

A maré mudou, foi Oxumaré
A maré Mudou (4x)

Vem pro terraço, me dá aquele abraço
Faz um estardalhaço, o arco-iris chegou
Mantém aquele laço atado
Que o povo encantado
Com todo cuidado
Osiris velou

A maré mudou, foi Oxumaré
A maré Mudou (4x)

E vai continuar mudando
Chegou o momento
Da força que o Movimento Popular detém
E vamos levar em conta
As contas verdes e amarelas
Que são nossas também

"Oxumaré
De todos os ciclos senhor
Do Mahi antigo Daomé
Quem nos deu foi Nanã Borocô
Oxumaré
Do céu, da terra, do amor
A alegria de ser uma rosa
E também ser um beija-flor"

A maré mudou,
foi Oxumaré
A maré Mudou (4x)

Vem pro terraço,
Me dá aquele abraço
Faz um estardalhaço,
O arco-iris chegou
Mantém aquele laço atado
Que o povo encantado
Com todo cuidado
Osiris velou

A maré mudou, foi Oxumaré
A maré Mudou (4x)

É direito de todos
O sagrado alimento
Uma morada, o conhecimento
E a festa SOLAR do Maracatu
Na luta contra a injustiça
De qualquer fascista
Somos todos Zulu

"Oxumaré
De todos os ciclos senhor
Do Mahi antigo Daomé
Quem nos deu foi Nanã Borocô
Oxumaré
Do céu, da terra, do amor
A alegria de ser uma rosa
E também ser um beija-flor"

(Refrão 2 vezes)

A maré mudou, foi
Oxumaré



Ilustração:
Juarez Egildo

REALIZAÇÃO
Solar
ASSOCIAÇÃO CULTURAL SOLIDARIEDADE E ARTE

FICHA TÉCNICA - MARACATU SOLAR/2023

PRODUÇÃO: DIREÇÃO ARTÍSTICA E COORDENAÇÃO

GERAL: Pingo de Fortaleza

CONCEPÇÃO RÍTMICA, DIREÇÃO DE BATUQUE E

REGÊNCIA: Pingo de Fortaleza, Janderson Oliveira, Luana

Braga e Jean Brito. ASSISTENTES DE REGÊNCIA: Paulo

Giovanni Gomes. | CONCEPÇÃO DE FIGURINO E ADERE-

ÇOS: Fabrício Oliver. | COORDENAÇÃO DE CARNAVAL:

Regina Elisabete, Walynsse Gonçalves, Tieta Pontes, Bruna

Marques e Thalu Veras. | COORDENAÇÃO DE COREOGRA-

FIA: Erica Vieira, Jairo de Carvalho, Elaine Teixeira e Rosan

gela Ampúdia. | COMISSÃO DE BATUQUE: Janderson

Oliveira, Jean Brito, Luana Braga, Cláudio Monteiro, Pingo de

Fortaleza e Eliahne Brasileiro. | REVISÃO DE INSTRUMENTOS:

Fabiano Azevedo. | APOIO: Clores Amorim, Luís Marcos

e Wagner Gonçalves. | INTERPRETE DE LIBRAS: Ellen

Costa COSTUREIRAS: Vera Lúcia, Cristyane Pontes e

Ismael. | COMISSÃO DE FIGURINO E ADEREÇOS: Fabrício

Oliver, Zezé Malaquias, Patrício Barros, Pedro Jefferson e

Tieta Pontes. | COMISSÃO DE EVOLUÇÃO: João Paulo

Rodrigues (Papinha) e Wagner Gonçalves. COORDENA

ÇÃO DE COMUNICAÇÃO: Bruna Marques | APOIO COMU

NICAÇÃO: Thalu Veras, Edgard Patrício, Bianca Campos, Sol

Carolina, Maboo Frutuoso. DESIGNER: Thalu Veras |

PRODUÇÃO EXECUTIVA Arnóbio Santiago. PRODUÇÃO:

João Paulo Rodrigues (Papinha), Regina Elisabete, Bruna

Marques e Thalu Veras.

BRINCANTES: ESTANDARTE: Yuri Renan BALIZA:

Jéssica Brasileiro | CALUNGUEIRA: Aldeides Frota | CASAL

DE PRETO VELHO: Ana Lucia e Francisco Ailton | BALAIO:

Dayana da Silva | SOL: Vladislav Mesquita | FLORISTA: Pedro

Jeferson | INDIA: Solange | DESTAQUE: Valéria | LAMPÍÃO:

Rena Charruau | GRUPO DE ORIXÁS: Fabrício Oliver

(Oxumaré), Pedro Eymard (Oxóssi), Elaine Vigianni (Iemanjá),

Jairo de Carvalho (Oxalufan), Luiza Lopes Barbosa (Obá),

Fabiano Azevedo (Logun Edé), Andréia Guilherme (Oxum),

Lucicleide Silva (Oxanguian), Tieta Pontes (Naná), Monica

Leitão (Ewá), Fred Joca (Obaluáê), Paulo Henrique (Ogum),

Carlos Fernandes (Xangô), Ismael Passos (Exu), Norma

Paula (Sete Saias), Satyam Turyna (Ossaim) e Lucilene

Viegas (Oyá) | CIA SOLAR DE DANÇA: Erica Vieira (Coorde-

nadora), Yasmin Elica, Maria Lia Queiroz, Marina Faustino,

Iara Faustino, Fernanda Estanislau e Laíssa Vitória | GRUPO

DE BAIANAS: Ana Paula, Claudia Esteves, Fátima Forte,

Franciene Paiva, Germânia Kelly, Juçara Alves, Karla

Kerenins, Lara Picanço, Maria Nair, Marisa Aquino, Maria

Elenita, Rosângela Ampúdia, Ritinha Sá, Tatiana Amorim,

Verônica Sabóia e Antonieta Lopes Cunha | GRUPO DE

NEGRAS: Ana Vitória, Bárbara Letícia, Rosângela Ribeiro,

Ana Clara Oliveira, Caio Karuan, Maria Fernanda Araújo, Ana

Líria Cruz, Bianca Campos, Ana Helena Venâncio, Paty Bruno,

Andréa Marinho, Jô Gentil, Diana, Geni Sobreira e Francisco

Lenirto. | ALA BRANCA DE OXALÁ: Cléia Saraiva, Marcos

Aurélio, Alexandre Braga, Ana Célia Satino, Sebastião

Silveira, Levi Satino, Larissa Marques, Maria Cláudia, Olga

Mariá, Sonia Braga, Antônia Cavalcante, Irlane Santos, Bruna

do Nascimento, Tony Atyla, Teresa Cristina, Maria Jaene,

Mateus Mesquita, Maria Gerlane, Claudete Avelar, Neily R.

Romero, Ana Célia F, Norma M. David, Albio M. de Sales, Naile

Cidrão, Bruna Alcântara, Sandra Alves, Paulo Costa, Juliana

Lima, Luara da Costa, Simone Holanda, Narciso Mota, Maria

de Fátima Guilherme, Socorro Laudênia e Márcia Oliveira |

CORTE: Claudia Regina (Princesa), Levi Pimenta (Príncipe),

Marina Cabral (Princesa), Teobaldo Dias (Rei), Erica Vieira

(Rainha), Ronaldo Rogério (Príncipe) e Sâmara (Princesa).

BATUQUE: REGENTES: Jean Brito, Janderson Oliveira,

Luana Braga. | TIRADORES DE LOA: Pingo de Fortaleza,

Eliahne Brasileiro, Adriana Montenegro, Gabii Cavalcante,

Cariolano Solar, Gladys Pontes, Bosco Defar, Isathai Morena,

Gabriel Vasconcelos, Basílio di Melo, Lucti Viana, Cecília

Moreira | AGBÉ/XEQUERÊ: Nadja Almeida, Norah Veras,

Virna Livia, Claudia Guilherme, Beatriz Simões, Naíke

Marques, Isabel Scarlazzari, Thámara Cristina, Émile Ávila,

Michele Bentes, Regina Elisabete, Aninha Medeiros, Clara

Barreto, Edson Vaz, Luana Braga, Rejane Braga, Ana Sales,

Thays Lunes, Luciana Campos, Nara Camilo, Erivanda Vieira,

Julia Alcântara, Kelvia Xavier, Niria Romero, Zezé Sales, Mazé

Alves, Louise Ferreira, Goretti Strutzel, Ana Karolina Damas

ceno, Iara Pimenta, Daniele Elery, Itelvina, e Cristina de

Castro. | AGOGO: Aninha Machado, Olaniide Nogueira, Vivi

Telés e Celiane de Castro. ALFAIA: Sol Carolina, Maboo

Frutuoso, Janderson Felipe, Francisco Rogério, Letícia Maria,

Pedro Henrique, Guaraciara de Freitas, Juliana Oliveira,

Anússia Pires, Roberto Mendes, Jorge Luiz Barreira, Diogenes

Rocha, Levi Miranda, Fernando Carvalho, José Maria, Ana

Maria Bernardo, Ana Clarice Bernardo, Edgard Patrício, Paulo

Portela, Carol Moraes, Lucas França, Bárbara Brasileiro,

Nágila Gonçalves, Gleidson Amaro, Isis Kauane, Bruna

Marques, Semiramis Luz, Jonathan de Castro, Maria Teresa

Sales, Pedro Henrique Andrade, Eloilson Augusto, Elisângela

do Amaral, Elizabeth Mitchel, Renata Andrade, Eivaldo Vieira,

Harley Nogueira, Luana Oliveira, Izabella Sombra, Mateus

Sulvan, Jeje Monteiro, Gessyka de Sousa, Samuel Brandão,

André Billi, Neida Mesquita e Filipe Aiká. | BUMBO: Cláudio

Monteiro, Emanuel "Miel" Valadares, Isabel Ferreira, Iseuda

Lima, Thatiara Dantas. | CAIXA: Eli Rodrigo, Letícia Frota,

Diogo Oliveira, Otávio Augusto, Felipe Alves, Mozarty Beserra,

Jean Oliveira, Hirfan Moura, Guilherme Nerys, Concita da

Silva, Aldeni Carneiro, Leandro Ferreira, Edineuda Soares e

Edmilson Leite. | FERRO: Thalu Veras, Paulo dos Ferros, Luis

Marcos, William (Galo Solar), Terena Aguiar, Clores Amorim,

Malon Procópio, Tiago Magu, Anilson de Araújo, Drummer

Melo, Ricardo Melo, Camila Rafaela, Luciana Melo, Vicente

Mesquita, Luciana Melo e Carlinho. GONGUÊ: Paulo

Giovanni, Miguel Abdala, Walynsse Gonçalves.

AGRADECIMENTOS: ADUFC, Mukambu de Cultura,

Chacoalha Xequerê.



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

"ESTE PROJETO É APOIADO PELA
SECRETARIA ESTADUAL DA CULTURA -
Lei Nº 18.012, DE 01 DE ABRIL DE 2022"



Fortaleza
PREFEITURA

Pingo de Fortaleza e Maracatu Solar fazem show no TJA nesta quinta

Show terá conjunto das loas criadas no decorrer da trajetória de ambos, acentuando a diversidade rítmica e a relação do maracatu com o universo religioso de matriz africana mediante cânticos aos orixás

Cultura agosto 4, 2022 • Kelly Hekally



Foto: Divulgação

Theatro José de Alencar terá nesta quinta-feira, 4, das 17 às 19 horas, a apresentação do multiartista Pingo de Fortaleza ao lado do Maracatu Solar, na calçada do teatro. A atividade é gratuita e dá sequência ao projeto iniciado durante o período de férias no equipamento.

No show, Pingo de Fortaleza e o Maracatu Solar apresentarão um conjunto das loas (macumbas) criadas no decorrer da trajetória de ambos, acentuando a diversidade rítmica e a relação do maracatu com o universo religioso de matriz africana mediante cânticos aos orixás.

O espetáculo conta com a coreografia da Cia Solar de Dança (um programa de formação cultural continuada da Associação Solar), por meio do trabalho de criação das coreografias dos personagens e alas do Maracatu Solar (porta estandarte, orixás, calungueira, baianas, rainha, rei, entre outros).

O ARTISTA

José Wanderley Roberto Militão, mais conhecido como Pingo de Fortaleza, é um cantor, compositor, escritor, poeta e pesquisador cearense de 59 anos. O artista conta com 40 anos de carreira e 30 discos autorais lançados. Desde o final da década de 1980, enveredou no universo do Maracatu Cearense (uma das vertentes de seus múltiplos trabalhos) com a criação da música “Maculelê” em ritmo do maracatu solene e coroação, em parceria com Guaracy Rodrigues.

O artista foi ainda integrante do Maracatu Az de Ouro, de 1999 a 2007, e é o idealizador do Maracatu Solar (fundado em 2006) e um de seus fundadores. Ele também é autor de livros e projetos sobre o maracatu cearense e a história da música no Ceará, como “Pérolas do Centauro – 40 Anos da Música do Ceará”, “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense” e “Singular e Plural – A História e a Estética do Maracatu Cearense Contemporâneo.”

Patrimônio imaterial de Fortaleza, Maracatu só é lembrado durante o carnaval

Símbolo da resistência e ancestralidade negra, o Maracatu é a verdadeira representação do carnaval de rua em Fortaleza.

Amanda Sobreira
Brasil de Fato | Fortaleza - CE | 17 de Fevereiro de 2023 às 18:26



Maracatu Solar - Secult

Quando o som dos batuques e tambores ressoa, é o Maracatu tomando conta dos palcos e avenidas de Fortaleza. Mas apesar de ser considerado patrimônio imaterial da cidade, desde 2015, o Maracatu só é valorizado no período do carnaval.

As ações culturais dos grupos existentes em Fortaleza vão além da festa que está prestes a começar. Atualmente, Fortaleza tem 15 Maracatus oficiais. O multiartista Pingo de Fortaleza, um dos fundadores do Maracatu Solar, explica que os processos de formação duram o ano inteiro com oficinas culturais que fomentam a juventude, por meio da arte, da política e da história de luta e resistência do povo negro. “Nós precisamos avançar na discussão dos maracatus e o diálogo de políticas públicas de cultura. Os grupos precisam de um suporte de editais de manutenção com valores significativos para que a gente possa custear as sedes,

os professores e todos custos envolvidos na atividade”, defende o multiartista.

O Maracatu Solar é um programa de formação cultural continuada que funciona desde 2006. A agremiação participa dos desfiles da Avenida Domingos Olímpio, mas por escolha, não participa da competição. Há dez anos, o Maracatu Solar escolhe como tema, uma entidade ou orixá do universo das religiões de matriz afrobrasileira e através dele desenvolve o processo de discussão de temas correlatos contemporâneos e históricos. Este ano, o grupo faz uma homenagem à Oxumaré, o orixá dos ciclos e das mudanças. “É um Orixá que nos remete a várias mudanças, como o fim da pandemia que foi muito difícil para a cultura e o fim de um ciclo político autoritário e preconceituoso para um ciclo de esperança, de reconstrução do país e dos nossos sonhos, com a volta do Ministério da Cultura”, explica Pingo.

Notas Finais Solos dos Autores

Um Solar coletivo de ritmos no Maracatu Cearense

Embora esse livro, por uma questão de opção narrativa, às vezes esteja na primeira pessoa, ele é inequivocamente um fruto totalmente resultante de esforços coletivos, começando por sua autoria, pois foi escrito por duas pessoas (uma responsável pela construção dos seus textos e outra pela concepção de suas partituras e notas explicitavas dos seus conteúdos musicais).

Mas na realidade esse livro ele vem sendo escrito desde as primeiras experiências e lutas de Raimundo Alves Feitosa para criar e inserir o Maracatu Az de Ouro no carnaval da cidade de Fortaleza, na década de 1930 até o mais novo brincante que ingressa no Maracatu Solar para aprender e praticar alguma linguagem artística pertinente a esta manifestação.

Porque não se brinca maracatu sozinho. Brincar maracatu é na sua essência a comprovação de um ato

coletivo e da soma de múltiplas e diversas energias individuais. Elas se entrelaçam ancestralmente e, na contemporaneidade, se afirmam e recriam essa cultura e seus elementos constituídos.

No Ceará, especificamente na cidade de Fortaleza, o maracatu, há mais de cem anos (desde a citação dos maracatus do final do séc. XIX por alguns cronistas cearenses até hoje) tem sido um importante elemento de afirmação da força da coletividade do povo desse lugar e de suas características de formação étnica, religiosa, social e políticas e de suas lutas. Principalmente contra as discriminações raciais e as intolerâncias religiosas.

Fazer maracatu é essencialmente fazer festa, mas também é antes de tudo um ato de resistir, assim como resistiram os quilombos aos processos de injustiças e perseguições.

Os grupos de Maracatu Cearense (cada qual de acordo com suas diretrizes e características)



existentes principalmente em Fortaleza são demonstrações vivas desse persistente resistir, que em suas essências artísticas transformam suas difíceis realidades individuais e coletivas em energias de belezas e encantamentos.

O Maracatu Solar é um desses grupos que em sua construção coletiva inominável e de respeito aos outros grupos de maracatus vem produzindo seus saberes e fazeres de forma processual, sempre na perspectiva de propiciar melhorias aos seus brincantes (afirmativas, de identidade, de convivência

social, espirituais, de conteúdos artísticos...) e aos seus coletivos.

Esperamos que a narrativa expressa neste livro, sobre a existência do Maracatu Solar e a difusão de seus registros musicais em forma de partituras, possa contribuir de alguma forma para consolidar ainda mais a manifestação do maracatu no cenário da cultura cearense e também universal. Que esse brincar de maracatu continue a alumiar cada vez mais “Um cada um... Um cada Sol”, nesse “No Solar dos Ritmos – Maracatu Cearense”.

Pingo de Fortaleza



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa caminhada cósmica que é a diversidade rítmica do Maracatu Solar podemos perceber a construção de aproximadamente **20 toques** utilizados no repertório da Orquestra Solar de Tambores para uso das loas. Essas que são baseadas em concepções musicais e simbólicas referentes ao universo da cosmovisão africana, cultura dos povos originários (indígenas), ancestralidades, religiosidades, causas sociais, temas ambientais e inúmeras outras temáticas. Dentro dessa rica paisagem de som e cultura a diversidade rítmica da ala do batuque do Maracatu Solar passeia dentro de **03 concepções rítmicas**, entendidas como: **Toques de Coroação, Toques Festivos e Toque aos Orixás**. Essa amostragem de ritmos possibilita a utilização criativa dos participantes do maracatu, aprimorando seus conhecimentos técnicos dos instrumentos percussivos, experimentando a utilização de dois ou mais ritmos na mesma loa como também as mudanças de andamento, ampliando toda

possibilidade e percepção musical. Dentre os vários trabalhos essenciais à cultura do maracatu cearense é importante reforçar a iniciativa de oferecer trabalhos de formação artística, musical e de acesso à cultura para todes, por isso, a oportunidade de poder aprender a tocar um instrumento percussivo passa a ser rotina das atividades. Além disso, é pioneiro de **formação de regentes para batuque**, tendo iniciado a formação de várias **mulheres regentes**. Podemos considerar nessa trajetória que justamente por esse processo de criação e participação ser **dinâmico, inventivo, intenso e coletivo** é que marca o **diálogo entre tradição e contemporaneidade da música percussiva do maracatu cearense**.

Síntese dos toques baseadas nas 03 concepções rítmicas:

*Observação: Com o intuito de sinalizar os toques centrais que estruturam essa dinâmica do batuque optou-se por colocar os ritmos das alfaias e caixas como vetores que acolhem os toques dos outros instrumentos também essenciais ao batuque como um todo.



Toque de coroação ou toque solene (andamento lento):

1. Toque de coroação ou solene (alfaias)
2. Toque de caixa de coroação
3. Virada do toque de coroação ou solene
4. Toque do Ferro

Toques Festivos (andamento acelerado):

5. Baobab / 5 toques
6. Baião de maracatu
7. Coco de maracatu
8. Samba de cabula (kizomba)
9. Samba de Cabula
10. Congada mineira
11. Luanda
12. Imalê
13. Trovão
14. Solo do “Galo” - alfaias (Loa Maracatu Solar)
15. Solo das alfaias (Loa Griot e Tuxauas)
16. Virada de Baque
17. Virada do “Pá-ta-pá” (Gestual de Regência)
18. Toque de caixa do baião de maracatu (“calangotango”)

Toque aos orixás:

19. Ijexá
20. “Babalaô” (Babalú/Oxum)
21. “Patakuri” (Adarrum/Ogum)

As seguintes expressões utilizadas no repasse de alguns toques com a formação de frases, tais como: Toque de coroação na caixa: “e-tá-com-pul-ga-na-cueca” e “*eu nun-ca vi calango-tan-go no calan-go da lacraia*” como o toque do Baião de Maracatu na Caixa possui a autoria do artista Descartes Gadelha e, as seguintes frases: Toque de coroação: “*é ma-ra-ca-tu*”, virada de coroação: “*é-ma-ra-que-vi-ra-que-vi-ra-ca-tu-tum*”, Virada (Gestual de Regência): “*Pá-ta-Pá*” e Virada da Loa Griot: “*eu vim pra brincar com você / eu vim pra brincar com você / eu vim pra brincar com você lá no So lar eu vou te ver SO LAR*” são de autoria da Professora Catherine Furtado criadas a partir das aulas ministradas ao Batuque do Maracatu Solar

Catherine Furtado



Um Colorido Solar dos
Ritmos Ano a Ano



Fotos brincantes 2007



Desenho figurino 2007



Estampa camisa 2007

2008



Fotos brincantes 2008



Fotos brincantes 2008

178



Estampa camisa 2008



Fotos brincantes 2009



Desenho figurino 2009



Estampa camisa 2009

2010



Camisa projeto 2010



Fotos brincantes 2010

180



Estampa camisa oficial 2010



Desenho figurino 2010



Fotos brincantes 2011



Fotos brincantes 2011



Estampa camisa 2011



Desenho 2011

2012

182



Desenho figurino 2012



Estampa camisa 2012



Fotos brincantes 2012



Fotos brincantes 2012



Estampa camisa 2013



Fotos brincantes 2013



Fotos brincantes 2013



Fotos brincantes 2013



Desenho figurino 2014 Fotos brincantes 2014



Estampa camisa 2014





Fotos brincantes 2015



Desenho figurino 2015



Estampa camisa 2015



Catherine Furtado- Regência

2015



Fotos brincantes 2015

2016



Fotos brincantes 2016



Fotos brincantes 2016

186



Fotos brincantes 2016



Estampa camisa 2016

MARACATU SOLAR 2017: YANSA, OYA!
CALUNGUEIRA: OS 9 CAMINHOS DE OYA!



Desenho figurino 2017



Fotos brincantes 2017



Fotos brincantes 2017



Estampa camisa 2017

2018



Desenho figurino 2018



Estampa camisa 2018



Fotos brincantes 2018



Fotos brincantes 2018



Fotos brincantes 2018



Estampa camisa 2019



Fotos brincantes 2019



Fotos brincantes 2019

2019

2020

190



Fotos brincantes 2020



Estampa camisa 2020



Fotos brincantes 2020



Fotos brincantes 2023

MARACATU SOLAR : CARNAVAL 2023
"A MARE" MUDOU FOI OXUMARÉ!
Botuqueiras;
Botuque da
Transformação!



MARACATU SOLAR : CARNAVAL 2023
"A MARE" MUDOU FOI OXUMARÉ!
OXUMARÉ : Orixá mediadora entre o céu e a Terra.



Estampa camisa 2023

Desenho figurino 2023

Catherine Furtado dos Santos (Fortaleza - Ceará)

Professora de Percussão do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora e Mestre na área de Educação Musical pela Faculdade de Educação UFC. Graduada em Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Técnica em Música pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Percussionista, Baterista e Brincante da Cultura Popular. Professora-pesquisadora do Grupo de Pesquisa Coletivo Areia com estudos em dança. Regente e Coordenadora do projeto de extensão da UFC: Grupo de Música Percussiva Acadêmicos da Casa Caiada. Fundadora do Grupo Percussivo Ilê Anu. Regência do Maracatu Solar. Professora de música do Ponto de Cultura Fortaleza dos Maracatus (2009-2011). Editora das partituras do livro “Singular Plural - A História e a Estética do Maracatu Cearense Contemporâneo”. Professora das oficinas percussivas nos diversos espaços educacionais e da cultura popular tais como UNAM (México), Rio Pandeiro (RJ) e Maracatus de Fortaleza (CE). Possui Pesquisas na área de Educação Musical e Etnomusicologia com publicações sobre o Maracatu Cearense, Práticas percussivas em coletivo e Regência de Batuque. Gravação do DVD do Maracatu Solar, Gravação de CDs com o Guitarrista Djalma Barbosa, Percussionista do Grupo Tresillo, Diretora artística de 05 espetáculos percussivos do Grupo Casa Caiada.

Pingo de Fortaleza (Fortaleza - Ceará)

Pingo de Fortaleza é multiartista: cantor, compositor, músico, escritor, pesquisador cultural, roteirista e diretor de documentários. Com 40 anos de carreira, Pingo de Fortaleza é autor de 30 discos autorais com diversos timbres e conteúdos, que abordam desde a temática de Canudos pelo viés armorial aos batuques do maracatu cearense, passando pelo pop nos trabalhos “Prata 950” e “Além do Tempo Normal”, até a música instrumental e erudita em seus 4 discos desse gênero e atualmente está em processo de construção da obra erudita “Suíte do Caldeirão”. Pingo de Fortaleza, com especialização em arte educação e cultura popular é autor de 3 livros “Az de Ouro - 70 Anos de Memórias, Loas e Batuques”, “Singular Plural - A História e a Estética do Maracatu Cearense Contemporâneo” e “Pérolas - O Feminino no Cancioneiro Cearense”, que abordam a historicidade e a memória da música popular cearense, além de ter organizado a obra “Pérolas do Centauros”, que sintetiza a história da música cearense. O multiartista é autor dos documentários “Pérolas do Centauros” em parceria com Vinícius Alves e “Centauros e Canudos Redivivo” e “Mulheres na Noite - Música em Fortaleza”. Pingo de Fortaleza já atuou ao lado de grandes artistas brasileiros tais como Criolo, Beto Guedes, Ednardo, Fagner, Evaldo Gouveia, Patativa do Assaré, Cida Moreira etc. Atualmente é coordenador de programas e projetos da Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR, Maracatu Solar, Orquestra Solar de Tambores, Cia Solar de Dança entre outros.



Pingo de Fortaleza e Catherine Furtado

Adentrar no conteúdo desse livro propicia na sua essência o desvendar das historicidades, das características e das linguagens específicas do Maracatu Solar, mas também revela profundas impressões sobre a manifestação plena do Maracatu no âmbito universal e, principalmente, no seu formato coletivo de ser e existir na cidade de Fortaleza - CE, desde o final do séc. XIX até nossos dias. Sinto-me agraciado por ter tido a ideia inicial de criação do Maracatu Solar e por vivenciar no dia a dia, desde 2006, a história de luz desse grupo. Agradeço imensamente a possibilidade de tecer esse “No Solar dos Ritmos - Maracatu Cearense”, em parceria com a amiga Catherine Furtado.

Pingo de Fortaleza

Neste livro, “dançam as cores e os sons dos tambores” abraçados as escritas, as memórias e aos registros musicais de um universo artístico e percussivo do Maracatu Solar. Nesse contexto musical, as loas e os batuques, expressam a potência dinâmica e criativa das manifestações da cultura cearense. Assim, caminhando como batuqueira – pesquisadora deste trabalho expresso a minha profunda admiração à toda obra artística do Maracatu Solar e a oportunidade em contribuir à essa “gramática dos tambores” sempre pulsante nas ruas de Fortaleza. Agradeço ao parceiro de batuque Jean Brito pelas edições das partituras e ao grande artista e amigo Pingo de Fortaleza pela artesanaria das “linhas desse Axé”.

Catherine Furtado dos Santos

Produção

Apoio

Solar

Este projeto é aprovado
pela Secretaria de Cultura
do Estado do Ceará Lei nº 18.012
de 1º de abril de 2022

